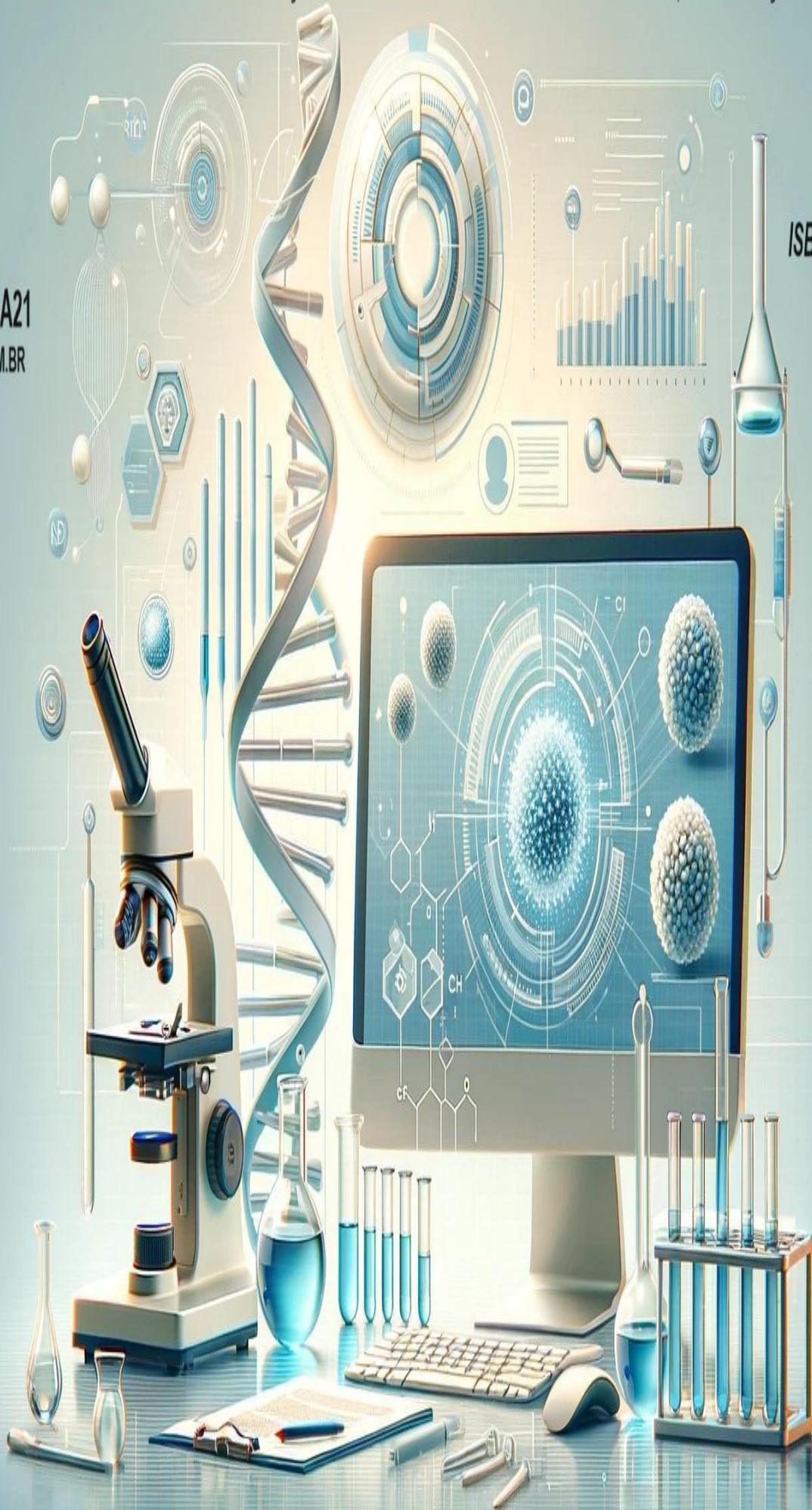


GUIA PRÁTICO PARA ELABORAÇÃO DE PROJECTO DE PESQUISA MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO E TESE

EDITORA RECIMA21
[HTTPS://RECIMA21.COM.BR](https://recima21.com.br)

ISBN -978-65-998033-5-2



Doutor Francisco Alberto Mafuani

**Guia Prático para
ELABORAÇÃO DE PROJECTO DE PESQUISA MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO E TESE**

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i1.4901>

PUBLICADO: 02/2024

ISBN: 978-65-998033-5-2

JUNDIAÍ, SÃO PAULO, BRASIL - 2024

“Há verdadeiramente duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; em crer que se sabe reside a ignorância.” **Hipócrates**

“O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano.” **Isaac Newton**

“Você não pode ensinar nada a ninguém, mas pode ajudar as pessoas a descobrirem por si mesmas.” **Galileu Galilei**

DEDICATÓRIA

A minha amada esposa Leopoldina Mafuani, aos meus queridos filhos e a família em geral, pela felicidade que todos me proporcionaram. Solicito a Deus que continue a abençoá - los.

Doutor Francisco Alberto Mafuani

PREFÁCIO

Este documento apresenta uma visão abrangente do livro 'Guia Prático para Elaboração de Projeto de Pesquisa, Monografia, Dissertação e Tese', de autoria do Doutor Francisco Alberto Mafuani. A obra é um recurso valioso para estudantes e pesquisadores nas áreas de metodologia de investigação científica, oferecendo orientações detalhadas para a elaboração de trabalhos acadêmicos. O livro se inicia com citações inspiradoras de Hipócrates, Isaac Newton e Galileu Galilei, estabelecendo o tom para a importância do conhecimento genuíno e da investigação científica. Segue-se uma dedicatória à família do autor, evidenciando a importância do suporte pessoal no processo de pesquisa. Na seção de agradecimentos, o autor expressa sua gratidão a Deus, familiares, amigos e colegas, refletindo a colaboração e o apoio recebidos durante a escrita do livro. O livro aborda principalmente a formação de profissionais, cientistas e cidadãos por meio do ensino superior. Destaca-se a necessidade de dominar metodologias de pesquisa científica, enfatizando a importância de projetos de pesquisa bem fundamentados. O autor oferece uma análise detalhada de como esses elementos contribuem para o desenvolvimento sociocultural e econômico, além de discutir a interação entre universidade, sociedade e conhecimento científico. O objetivo principal do livro é servir como um guia prático para a elaboração de projetos de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos. É direcionado a estudantes universitários, professores e pesquisadores que buscam aprofundamento teórico e metodológico no campo da investigação científica. Em resumo, o livro do Doutor Francisco Alberto Mafuani é uma contribuição significativa para o campo da metodologia de investigação científica. Com uma abordagem prática e teórica, o livro é um recurso indispensável para aqueles envolvidos na pesquisa acadêmica, oferecendo *insights* valiosos e orientações para o desenvolvimento de trabalhos científicos rigorosos e bem fundamentados.

Prof. Dr. Márcio Magera Conceição, PhD.

Economista pela PUC- Campinas. MBA de Marketing - ESAMC, Sorocaba. Mestrado em Administração pela UNG - Guarulhos. Mestrado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Sociologia pela PUC - São Paulo. Doutorado em Administração pela FCU - USA. Pós Doutor Unicamp - Campinas. Pós Doutor FCU - USA. Pós Doutor UC- Portugal. Jornalista e Escritor. Avaliador do MEC/INEP. Pró-reitor da Universidade Guarulhos, SP. Editor-chefe da RECIMA21 – REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR. Ph.D, UNG; CFE - U.C Portugal.

FOREWORD

This document presents a comprehensive overview of the book 'Practical Guide for the Elaboration of Research Project, Monograph, Dissertation and Thesis', authored by Dr. Francisco Alberto Mafuani. The book is a valuable resource for students and researchers in the areas of scientific research methodology, offering detailed guidelines for the preparation of academic papers. The book opens with inspirational quotes from Hippocrates, Isaac Newton, and Galileo Galilei, setting the tone for the importance of genuine knowledge and scientific inquiry. This is followed by a dedication to the author's family, highlighting the importance of personal support in the research process. In the acknowledgments section, the author expresses his gratitude to God, family, friends, and colleagues, reflecting the collaboration and support received during the writing of the book. The book mainly addresses the training of professionals, scientists, and citizens through higher education. The need to master scientific research methodologies is highlighted, emphasizing the importance of well-founded research projects. The author offers a detailed analysis of how these elements contribute to sociocultural and economic development, as well as discussing the interaction between university, society, and scientific knowledge. The primary purpose of the book is to serve as a practical guide for the elaboration of research projects and other scholarly work. It is aimed at university students, professors and researchers who seek theoretical and methodological deepening in the field of scientific investigation. In summary, Dr. Francisco Alberto Mafuani's book is a significant contribution to the field of scientific research methodology. With both a practical and theoretical approach, the book is an indispensable resource for those involved in academic research, offering valuable insights and guidance for developing rigorous and well-grounded scientific work.

Prof. Dr. Márcio Magera Conceição, PhD.

Economist from PUC-Campinas. MBA in Marketing - ESAMC, Sorocaba. Master's Degree in Business Administration from UNG - Guarulhos. Master's degree in Sociology from PUC - São Paulo. PhD in Sociology from PUC - São Paulo. PhD in Business Administration from FCU - USA. Post-Doctorate Unicamp - Campinas. Post-Doctorate FCU - USA. Post-Doctorate UC- Portugal. Journalist and Writer. Evaluator of MEC/INEP. Pro-Rector of the University of Guarulhos, SP. Editor-in-Chief of RECIMA21 – MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC JOURNAL. Ph.D, UNG; CFE - U.C Portugal.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus por ter me conduzido neste trabalho árduo, dando-me sabedoria, força e perseverança.

Aos meus familiares, em especial, a minha linda esposa Leopoldina Mafuani que tanto amo, aos meus filhos que tantas vezes me incentivaram e entenderam as minhas ausências, para que nesta fase desse prioridade máxima e maior dedicação a este projecto.

Aos meus amigos, particularmente, Dr. Miguel Avelino Narciso, Dr. Sílvio Kassangi, Dr. Kialanda Sungu e o Eng^o. Simão Guedes C. Ribeiro pelo apoio moral e os conselhos, para que me mantivesse firme na caminhada de forma a concluir mais este trabalho, mesmo enfrentando as situações difíceis no meu dia-a-dia.

Acredito que esta obra irá ajudar: pesquisadores, investigadores, estudantes e a sociedade em geral.

“Pouco conhecimento faz com que as pessoas se sintam orgulhosas. Muito conhecimento, faz com que se sintam humildes.” **Leonardo da Vinci**



DOUTOR FRANCISCO ALBERTO MAFUANI

Doutor em Filosofia de Administração de Negócios Internacionais, pela Florida Christian University, Mestre em Governação e Políticas Públicas pela Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto. Graduado em Administração opção Comércio Exterior pelo Instituto de Ensino Superior de Bauru, Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Luz Para as Nações, Pós-Graduado em Gestão Empresarial-Faculdade de Agudos, Pós-Graduado em Gestão de Recursos Humanos e Finanças-Faculdade Campo Limpo Paulista, Pós-Graduado em Metodologia de Investigação Científica-Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, Pós-Graduado em Agregação Pedagógica, Universidade Agostinho Neto. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato e Strito Sensu, tem experiência na área de Negócios, com ênfase em PEQUENOS NEGÓCIOS, actuando principalmente nos seguintes temas: educação profissional, Consultoria e Assessoria e administração de Negócios.

O autor já tem publicado um livro intitulado: As energias renováveis e a sua viabilidade para a inclusão social

E vários Artigos Publicados tais como:

1-Arte na Educação como Forma de Inclusão Social Feminino em Angola: Estudo de Caso da Província de Luanda, 2021

2-Políticas Públicas de Incentivos às Energias Renováveis e a sua Viabilidade para a Inclusão Social

3-O Papel das Organizações Internacionais dos Direitos Humanos em Angola

4-Análise da situação sócio-económica das zungueiras como consequência da pobreza na província de Luanda

5-Violência doméstica em Luanda no contexto da pandemia. Covid-19: estudo de caso município de Viana

RESUMO

O ensino superior, tal como se consolidou historicamente, na tradição ocidental, visa atingir três objectivos que são obviamente articulados entre si: o primeiro objectivo é o da formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o processo de ensino-aprendizagem de habilidades e competências técnicas; o segundo objectivo é o da formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e o terceiro objectivo é aquele, referente à formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social. Neste objectivo está em pauta levar o estudante a entender sua inserção, não só em sua sociedade concreta, mas também no seio da própria humanidade. Trata-se de despertar no estudante uma consciência social, o que se busca fazer mediante uma série de mediações pedagógicas presentes nos currículos escolares e na interação educacional que se espera que ocorra no espaço-tempo universitário. Um dos maiores desafios para o estudante universitário é o domínio das metodologias para desenvolvimento do trabalho científico. Para que o projecto de pesquisa tenha relevância científica é necessário que o aluno entenda e familiarize-se com a estrutura do trabalho a ser desenvolvido; para isso, faz-se necessário que o aluno deixe a sua zona de conforto e transite pelos caminhos do saber, fazendo o uso de instrumentos científicos para alcançar a originalidade acadêmica. O presente artigo tem como objectivo esclarecer dúvidas referentes ao processo de estruturação e abordagem das diferentes metodologias em pesquisas científicas desenvolvidas no Brasil. Para o efeito, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica exploratória e análise qualitativa. Os resultados alcançados com este trabalho servirão como subsídio e suporte no processo de desenvolvimento crítico e intelectual na formação de alunos universitários. Além de actuar como uma ferramenta de padronização e uniformização de documentos científicos.

ABSTRACT

Higher education, as it has been historically consolidated in the Western tradition, aims to achieve three objectives, which are obviously articulated with each other. The first objective is to train professionals in different applied areas, through the teaching/learning of skills and technical competences; the second objective is the training of scientists through the availability of methods and knowledge contents of the different specialties of knowledge; and the third objective is that referring to the formation of the citizen, by stimulating an awareness, on the part of the student, of the meaning of his historical, personal and social existence. In this objective, it is on the agenda to lead the student to understand his insertion not only in his concrete society but also in the bosom of humanity itself. It is about awakening a social conscience in students, which is sought through a series of pedagogical mediations present in school curricula and in educational interaction that, it is hoped, takes place in university space/time. One of the greatest challenges for university students it is the domain of methodologies for the development of scientific work. For the research project to have scientific relevance, it is necessary for the student to understand and become familiar with the structure of the work to be developed. scientific instruments to achieve academic originality. This article aims to clarify doubts regarding the process of structuring and approaching the different methodologies in scientific research carried out in Brazil. For that, as a methodology, exploratory bibliographical research and qualitative analysis were used. The results achieved with this work will serve as subsidy and support in the process of critical and intellectual development in the formation of university students. In addition to acting as a standardization and standardization tool for scientific documents.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

| | |
|--|-----|
| UNESCO..... | 27 |
| FMI, BM, OMC..... | 28 |
| ABNT, APA..... | 24 |
| NBR..... | 58 |
| IBGE..... | 44 |
| TFC..... | 69 |
| DOC, DOCX, PDF, HTML, PPT, XLS, AVI, JPG, GIF, TXT, MP3, MPEG..... | 111 |
| AACR..... | 130 |
| TCLE..... | 135 |

LISTAS DE FIGURAS

- Figura 1. Fluxograma da vida de estudo 45
- Figura 2. Esquema geral da comunicação humana 47
- Figura 3. Esquema de leitura analítica 53
- Figura 4. Formatação da folha de Texto 59
- Figura 5. Formatação de margens e espaçamento 59
- Figura 6 - Formatação de página, margens e número de páginas 60
- Figura 7 - Formatação de parágrafo – Espaçamento 61
- Figura 8 - Formatação de margens – alinhamento 62
- Figura 9 – Yale University 67
- Figura 10 – Estrutura para elaboração de monografia 70
- Figura 11. Biblioteca UFFS Campus Chapecó 73
- Figura 12. Modelo de lombada 83
- Figura 13. Modelo de capa 84
- Figura 14. Modelo de folha de rosto 85
- Figura 15. Exemplo elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais 86
- Figura 16. Projecto de pesquisa 88*
- Figura 17. Problema de pesquisa 89*
- Figura 18. Elaboração hipóteses 90*
- Figura 19. Justificação da pesquisa 91*
- Figura 20. Objectivos da Pesquisa 94*
- Figura 21. Revisão da literatura 95*
- Figura 22. Classificação da Ciência 98*
- Figura 23. A minha pergunta você sabe ler? Quem não lê 99*
- Figura 24. Tipos de Conhecimento 100*
- Figura 25. Tipos de pesquisa 101*
- Figura 26. Plano metodológico 101*
- Figura 27. Metodologia de pesquisa 102
- Figura 28. Modalidades de pesquisa 103
- Figura 29. Análise de dados 103
- Figura 30. Observação 104
- Figura 31. Projecto de pesquisa – Coleta de dados 106
- Figura 32. Método Científico 106
- Figura 33. Cronograma para projecto de investigação 107
- Figura 34. Aspectos a considerar para uma boa pesquisa 109
- Figura 35. Linguagem 109
- Figura 36. Exemplo de sites de buscas 111
- Figura 37. Fonte de busca digital 1 (sites) 112
- Figura 38. Fonte de busca digital 2 (sites) 112

- Figura 39. Fonte de busca digital 113
- Figura 40. Fases de estudo 113
- Figura 41. Esquema de plano de investigação 114
- Figura 42. Pesquisa Científica 115
- Figura 43. Tipos de pesquisa Científica 116
- Figura 44. Tipos de pesquisa Científica (critérios) 116
- Figura 45. Exemplos de pesquisa 117
- Figura 46. Modelo de folha de aprovação 131
- Figura 47. Modelo de apêndice 150
- Figura 48. Modelo de resumo em língua portuguesa 152
- Figura 49. Modelo de resumo de língua estrangeira 152
- Figura 50. Modelo de Sumário 155
- Figura 51. Modelo de Índice 156

Ficha catalográfica elaborada pelos editores-chefes da Revista

Revista RECIMA21 – v. 5.1 (2024)
Jundiaí , São Paulo, Brasil (2024).

Fluxo Contínuo Mensal
Endereço eletrônico: <https://recima21.com.br>
ISSN: 2675-6218
ISBN: 978-65-998033-5-2

1. Guia prático para teses 2. Dissertações 3. Competências Técnicas 4.
Formação do cientista e formação do cidadão 5. Metodologia Científica 6. Projeto de
pesquisa
7. Monografia 8. Tese

CDD. 300

Bibliotecária Responsável: Janaina Alves de Abreu – CRB 8/8034

APRESENTAÇÃO

O mundo inteiro se beneficia das descobertas dos cientistas e acadêmicos. Conhecemos melhor a natureza e como nossas ações a afetam. Ganhamos uma compreensão mais profunda das pessoas e por que elas agem da maneira que agem. E o melhor de tudo é que enriquecemos nossas vidas com os mais recentes conhecimentos de saúde, nutrição, tecnologia e negócios, entre inúmeros outros campos. Além disso, ler e acompanhar as descobertas científicas aguça nossas próprias habilidades analíticas e de julgamento. Ela nos obriga a aplicar o pensamento crítico e exercer um julgamento objectivo baseado em evidências, em vez de opiniões ou rumores. Durante todo esse processo, estamos coletando novas informações e estabelecendo novas conexões neurais, o que nos mantém alertas e atualizados. Basicamente, a pesquisa acadêmica faz bem para o cérebro.

O mundo acadêmico é formado por muitos termos, mas, às vezes, não é tão simples assim entender os seus reais significados. Por exemplo, você já ouviu falar sobre tese, monografia e dissertação? Sabe a diferença entre eles? Esses nomes remetem a diferentes tipos de trabalhos que podem ser pedidos durante um curso de pós-graduação, tanto *lato sensu*, quanto *stricto sensu*. Eles têm em comum o estilo com linguagem clara e concisa, impessoal e objetiva, além da estrutura, a qual conta com introdução, desenvolvimento e conclusão. As monografias são bastante comuns também durante a graduação, além das pós-graduações *lato sensu* e MBA. Normalmente é um trabalho de final de curso exigido para obtenção de grau que trata apenas sobre um tema ou caso específico visto durante o curso. O estudante deve fazer um estudo mais profundo sobre aquele tópico, pesquisando seus detalhes e refletindo sobre sua importância para a área. É possível fazer observações pessoais sobre o assunto. A dissertação de mestrado representa um passo um pouco mais elaborado do que a monografia. É o trabalho final próprio dos cursos de mestrado. O autor aqui deve utilizar método investigativo científico experimental, com materiais de pesquisa empírica (uso de entrevistas, coleta de dados, observação sistemática etc.) em seu estudo.

A dinâmica do conhecimento no mundo depende de pesquisas e técnicas que vêm sendo estudadas para o desenvolvimento físico e intelectual da sociedade. A partir de novas pesquisas e novas técnicas, os cientistas descobrem novos métodos de aprimoramentos essenciais para o desenvolvimento da vida e da sociedade. A capacidade do indivíduo descobrir como manipular os distúrbios causados pela saúde, pelos fatores ambientais, pela formação psicológica do indivíduo e principalmente fatores sociais, económicos e tecnológicos que podem dificultar o convívio em paz na humanidade, está ligada à ética que lhe foi dada durante sua formação social e profissional. De tal forma, é perceptível quanto deve ser valorizado e aprimorado cada vez mais o trabalho científico em Angola e no Mundo. O conhecimento de novas técnicas e de novos horizontes consegue dinamizar o mundo a reagir com novos paradigmas sociais. Quando mais técnicas são descobertas, mais capacidade o indivíduo tem acesso para desenvolver novos saberes. Essa cadeia do conhecimento contribui de forma significativa para o desenvolvimento da percepção do homem e para o progresso.

Apesar de fazer a análise sobre tópicos vistos durante o curso, a dissertação de mestrado não precisa trazer um ponto de vista novo ou uma contribuição inédita sobre uma área de conhecimento. A tese é um trabalho acadêmico próprio do doutorado. Ela é específica por trazer uma contribuição inédita por parte do aluno. Em resumo, o doutorando deve defender uma ideia ou um método que seja uma descoberta, algo que se concluiu após realizar um grande trabalho de pesquisa. A tese é ainda mais complexa do que a dissertação, além de ser muito aprofundada, trazendo aspectos e conclusões que contribuam de forma original para a especialidade em questão. Esse trabalho é necessário para que o

estudante possa, se aprovado, receber o título de doutor. Pesquisa, que em inglês é chamada de *research*, é a consideração cuidadosa do estudo sobre uma questão, uma preocupação ou um problema particular usando métodos científicos. De acordo com o sociólogo americano Earl Robert Babbie, “pesquisa é uma investigação sistemática para descrever, explicar, prever e controlar o fenômeno observado. Para isso, envolve métodos indutivos e dedutivos.” Os métodos de pesquisa indutivos analisam um evento observado, o raciocínio vai do menor ao maior ou de uma premissa singular ou particular para uma geral. Os métodos dedutivos verificam o evento observado; a conclusão está implícita nas premissas. As abordagens indutivas estão associadas à pesquisa qualitativa e os métodos dedutivos são mais comumente associados à análise quantitativa.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO..... | 24 |
| 1. A universidade e a sociedade..... | 24 |
| 1.1. A globalização..... | 28 |
| 1.2. Finalidades e compromisso social da universidade..... | 29 |
| 1.3. A universidade e o impacto público e social..... | 30 |
| 1.4. Universidade versus interação, diálogo e transformação..... | 31 |
| 1.5. Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão..... | 31 |
| 1.6. A universidade e a sociedade do conhecimento..... | 31 |
| 1.7. Impropriedade das universidades ao se dedicar apenas no ensino..... | 32 |
| 1.8. Educação Superior como Formação Científica, Profissional e Política..... | 33 |
| 1.8.1. A Produção de Conhecimento como Construção do Objecto..... | 34 |
| 1.9 A Necessidade do Envolvimento da Universidade com a Extensão..... | 35 |
| 1.9.1. O compromisso da Universidade com a Construção do Conhecimento..... | 35 |
| 1.9.2 A Extensão como Elemento de Formação Universitária..... | 36 |
| 1.9.3. A Extensão Como Instrumento Pedagógico..... | 37 |
| 1.9.4. O Impacto da Extensão Universitária na Formação..... | 38 |
| 1.9.5. Desafios para a Investigação da Extensão Enquanto Instrumento Pedagógico..... | 39 |
| 1.9.6. A Extensão e o Impacto na Formação do Estudante..... | 40 |
| 1.9.7. Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão..... | 40 |
| CAPÍTULO II: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE..... | 41 |
| 2.1. A Vida Universitária e a sua Organização..... | 41 |
| 2.2. Formação Universitária..... | 41 |
| 2.3. Material Didáctico Científico..... | 43 |
| 2.4. A Organização Sistemática..... | 44 |
| 2.4.1. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos..... | 46 |
| 2.4.2. Delimitação da Unidade de Leitura..... | 48 |
| 2.4.2.1. Análise do Texto..... | 48 |
| 2.4.2.2. Instrumentos de Expressão..... | 49 |
| 2.4.2.3. A Análise Interpretativa..... | 50 |
| 2.4.2.4. A Problematização..... | 52 |
| 2.4.2.5. Síntese Pessoal..... | 52 |
| 2.4.2.6. Documentação como método de estudo pessoal..... | 54 |
| 2.4.2.7. Prática da Documentação..... | 54 |
| 2.4.2.8. Documentação Temática..... | 55 |
| 2.4.2.9. Documentação Bibliográfica..... | 56 |
| 2.4.2.10. Documentação Geral..... | 56 |
| 2.4.2.11. Documentação em folhas de diversos tamanhos..... | 57 |
| CAPÍTULO III: ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA PARA ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES..... | 58 |
| 3.1. Produção de Trabalho Científico..... | 58 |
| 3.1.1. Regras Gerais de Formatação..... | 58 |
| 3.1.1.2. Papel..... | 58 |

| | |
|--|-----------|
| 3.1.1.3. Fontes..... | 58 |
| 3.1.1.4. Siglas..... | 58 |
| 3.1.1.5. Formato..... | 58 |
| 3.1.1.6. Margens e Espaçamento..... | 60 |
| 3.1.1.7. Margens..... | 60 |
| 3.1.1.8. Parágrafos, espaçamentos e alinhamentos..... | 60 |
| 3.1.1.9. Paginação..... | 62 |
| 3.2. Títulos e Indicativos Numéricos..... | 63 |
| 3.2.1. Títulos não numerados..... | 65 |
| 3.2.2. Itens..... | 65 |
| 3.2.3. Alíneas..... | 65 |
| 3.2.4. Negrito e Itálico..... | 66 |
| 3.2.5. Linguagem..... | 66 |
| 3.2.5.1. Ilustrações..... | 66 |
| 3.2.6. Figuras..... | 66 |
| 3.2.7. Gráficos e Quadros..... | 67 |
| 3.2.8. Tabelas..... | 67 |
| 3.2.9. Notas de rodapé..... | 68 |
| 3.2.10. Aspas, itálico e negrito..... | 68 |
| 3.2.11. Trabalhos Académicos..... | 69 |
| 3.2.12. Monografia..... | 69 |
| 3.2.13. Dissertação..... | 69 |
| 3.2.14. Tese..... | 69 |
| 3.2.15. Orientações para apresentação gráfica do artigo..... | 70 |
| 3.3. Trabalhos Profissionais (Artigos Científicos, Comunicação, Resenha e Investigador)..... | 75 |
| 3.3.1. Comunicação..... | 75 |
| 3.3.2. Resenha Crítica..... | 76 |
| 3.3.2.1. Diferença entre teses, dissertação, monografia, relatório, resenha (recensão crítica).. | 78 |
| CAPÍTULO IV - ESTRUTURA DE TRABALHO DE FIM DO CURSO..... | 80 |
| 4.1. Capa..... | 83 |
| 4.1.1. Folha de rosto..... | 84 |
| 4.1.2. Textuais..... | 85 |
| 4.1.3. Elementos essenciais para elaboração do Pré-Projecto..... | 88 |
| 4.1.4. Ciência e a Tecnologia..... | 96 |
| 4.1.4.1. Conceito da Ciência..... | 96 |
| 4.1.4.2. Objectivos da Ciência..... | 97 |
| 4.1.4.3. Aquisição do conhecimento..... | 98 |
| 4.1.4.4. Tipos de conhecimentos (Granja, 1997)..... | 99 |
| 4.1.5. Metodologia da Pesquisa..... | 101 |
| 4.1.6. Universo/ População e Amostra..... | 102 |
| 4.1.6.1. A importância de utilizar amostragens para pesquisas..... | 104 |
| 4.1.6.2. Diferença entre população e amostra..... | 104 |
| 4.1.6.3. Quatro motivos para utilizar uma amostra..... | 105 |

| | |
|---|------------|
| 4.2. Instrumentos de colectas de dados..... | 105 |
| 4.2.1. Método de análise..... | 105 |
| 4.2.2. Cronograma..... | 107 |
| 4.2.3. Conceito de Pesquisa..... | 108 |
| 4.2.3.1. O processo da pesquisa científica..... | 108 |
| 4.2.3.2. Como funciona a pesquisa científica..... | 110 |
| 4.2.4. O Papel das Universidades na participação de um Projecto de Pesquisa Científica..... | 115 |
| 4.2.5. Tipos de Pesquisa..... | 117 |
| 4.2.6. Métodos de Colecta de dados..... | 119 |
| 4.2.7. Métodos Científicos..... | 121 |
| 4.2.8. Métodos de Pesquisa..... | 121 |
| 4.2.9. Método Histórico..... | 122 |
| 4.3. Método Descritivo..... | 122 |
| 4.3.1. Tipos de Método Descritivo..... | 122 |
| 4.3.2 Método Correlacional..... | 123 |
| 4.3.3. Método Causal Comparativo..... | 123 |
| 4.3.4. Método Experimental..... | 123 |
| 4.3.5. Método Exploratório..... | 123 |
| 4.3.6. Tipos de Métodos Científicos..... | 124 |
| 4.3.7. Método Indutivo..... | 124 |
| 4.3.7.1. Método Hipotético-Indutivo..... | 125 |
| 4.3.7.2. Método Dialético..... | 125 |
| 4.3.8. Escolha do Tema de Pesquisa..... | 125 |
| 4.3.9. Características do pesquisador..... | 125 |
| 4.3.9.1. O que faz o investigador?..... | 126 |
| 4.3.9.2. Motivações para fazer pesquisa..... | 126 |
| 4.3.9.3. Requerimentos para boa pesquisa: qualidades mínimas do pesquisador..... | 126 |
| 4.3.9.4. Senso crítico do pesquisador..... | 126 |
| 4.3.9.5. A vantagem do exercício sistemático da dúvida..... | 126 |
| 4.3.9.6. Factores fundamentais ao estudo..... | 126 |
| 4.3.9.7. Tipos de trabalhos científicos..... | 129 |
| 4.3.9.8. Modelos de notas explicativas..... | 129 |
| 4.3.9.9. Ficha Catalográfica..... | 130 |
| 4.4. Folha de Aprovação..... | 131 |
| 4.4.1. Errata..... | 131 |
| CAPÍTULO V- CITAÇÕES DOS AUTORES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA NORMA APA - AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION..... | 132 |
| 5.1. Orientações Gerais..... | 132 |
| 5.1.1. Estruturas dos Trabalhos..... | 133 |
| 5.1.2. Projectos de Trabalho de Conclusão de Curso..... | 133 |
| 5.1.3. Justificativa..... | 133 |
| 5.1.3.1. Relevância..... | 133 |
| 5.1.4. Tema..... | 134 |

| | |
|---|------------|
| 5.1.5. Problema..... | 134 |
| 5.1.6. Objectivo Geral..... | 134 |
| 5.1.7. Objectivos Específicos..... | 134 |
| 5.1.8. Revisão da Literatura..... | 134 |
| 5.1.9. Método..... | 135 |
| 5.1.9.1. Delineamento..... | 135 |
| 5.1.9.2. Participantes ou Fontes..... | 135 |
| 5.1.9.3. Instrumentos..... | 135 |
| 5.1.9.4. Procedimentos..... | 135 |
| 5.1.9.5. Referencial de Análise..... | 135 |
| 5.1.10. Referências..... | 136 |
| 5.1.11. Anexos..... | 136 |
| 5.2. Resultados e Discussão..... | 136 |
| 5.2.1. Resultados..... | 136 |
| 5.2.2. Discussão..... | 137 |
| 5.3. Considerações..... | 137 |
| 5.4. Citações dos autores | 137 |
| 5.4.1. Citações de Páginas..... | 140 |
| 5.4.2. Referências..... | 141 |
| 5.4.3. Recurso tipográfico..... | 141 |
| CAPÍTULO VI - CITAÇÕES DOS AUTORES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA NORMA ABNT..... | 144 |
| 6.1. Referências..... | 144 |
| 6.1.1. Modelo livro no todo..... | 145 |
| 6.1.1.1. Modelo com dois ou três autores..... | 145 |
| 6.1.1.2. Modelo com mais de três autores..... | 145 |
| 6.1.1.3. Modelo com coletânea de vários autores..... | 145 |
| 6.1.1.4. Autoria repetida..... | 145 |
| 6.1.1.5. Obra sem autoria..... | 146 |
| 6.1.1.6. Código Comentado..... | 146 |
| 6.1.1.7. Com autoria específica..... | 146 |
| 6.1.1.8. Com autoria própria..... | 146 |
| 6.1.2. Legislação..... | 146 |
| 6.1.2.1. Jurisprudência..... | 147 |
| 6.1.2.2. Constituição..... | 147 |
| 6.1.3. Matéria de jornais..... | 147 |
| 6.1.3.1. Jornais considerados no todo..... | 147 |
| 6.1.3.2. Artigo ou matéria de jornal assinado..... | 147 |
| 6.1.3.3. Artigo ou matéria não assinado..... | 147 |
| 6.1.4. Revistas..... | 148 |
| 6.1.4.1. Revistas consideradas no todo..... | 148 |
| 6.1.4.2. Revista considerada em parte/fascículos..... | 148 |
| 6.1.4.3. Artigos de revistas..... | 148 |

| | |
|---|-----|
| 6.1.5. Meios eletrônicos..... | 148 |
| 6.1.5.1. Portais, sites e blogs..... | 148 |
| 6.1.5.2. Livro em meio eletrônico..... | 149 |
| 6.1.5.3. Artigos de revista em meio eletrônico..... | 149 |
| 6.1.5.4. DVD..... | 149 |
| 6.1.6. Entrevistas..... | 149 |
| 6.1.7. Apêndice(s)..... | 149 |
| 6.1.8. Anexos..... | 150 |
| 6.1.9. Citações..... | 150 |
| 6.2. Dedicatória..... | 151 |
| 6.3. Agradecimentos..... | 151 |
| 6.4. Epígrafe..... | 151 |
| 6.5. Resumo em língua portuguesa e estrangeira..... | 151 |
| 6.6. Palavras-chave / Keywords..... | 153 |
| 6.7. Listas de ilustrações..... | 153 |
| 6.8. Lista de abreviaturas e ou siglas..... | 153 |
| 6.9. Lista de símbolos..... | 154 |
| 6.10. Equações e fórmulas..... | 154 |
| 6.11. Sumário..... | 154 |
| 6.12. Elementos Pós-Textuais..... | 155 |
| 6.13. Referências..... | 155 |
| 6.14. Glossário..... | 155 |
| 6.15. Apêndice..... | 155 |
| 6.16. Anexo (s)..... | 156 |
| 6.17. Índice..... | 156 |
| 6.18. Elementos de apoio ao Texto..... | 156 |
| 6.19. Citações Padronizadas da ABNT..... | 157 |
| 6.20. Citação indirecta..... | 158 |
| 6.21. Citação de citação..... | 158 |
| 6.22. Citações com destaques, supressões e interpolações..... | 159 |
| 6.23. Citação de comunicação pessoal..... | 159 |
| 6.24. Tradução..... | 159 |
| 6.25. Refências Padronizadas da ABNT..... | 160 |
| 6.26. Autores, organizadores, editores, coordenadores &c..... | 160 |
| 6.27. Sobrenomes..... | 161 |
| 6.28. Sobrenomes constituídos de palavras que formem uma expressão..... | 161 |
| 6.29. Nomes franceses com prefixos..... | 161 |
| 6.30. Obra sem autoria..... | 161 |
| 6.31. Entidades como autoria / normas técnicas..... | 161 |
| 6.32. Título..... | 162 |
| 6.33. Edição..... | 162 |
| 6.34. Local..... | 162 |
| 6.35. Editora..... | 162 |

| | | |
|---------|--|-----|
| 6.36. | Data..... | 162 |
| 6.37. | Referências por tipo de Documento..... | 163 |
| 6.38. | Referência de livro com 1 (um) autor..... | 163 |
| 6.39. | Referência com até 3 (Três) autores..... | 163 |
| 6.40. | Obras com mais de 4 (quatro) autores..... | 163 |
| 6.41. | Parte do livro..... | 163 |
| 6.42. | Documentos diferentes do mesmo autor..... | 164 |
| 6.43. | Autores com a mesma opinião..... | 164 |
| 6.44. | Documento sem autoria..... | 164 |
| 6.45. | Correspondências (Carta, bilhete, cartão &c.)..... | 165 |
| 6.46. | Obras de responsabilidade jurídica..... | 165 |
| 6.47. | Trabalhos acadêmicos (TFC, Teses, Dissertações &c.)..... | 165 |
| 6.48. | Verbete de enciclopédia ou dicionário..... | 165 |
| 6.49. | Evento..... | 166 |
| 6.50. | Trabalho apresentado num evento..... | 166 |
| 6.51. | Artigo de periódico..... | 166 |
| 6.52. | Artigo de periódico em meio eletrônico..... | 166 |
| 6.53. | Periódico no todo..... | 167 |
| 6.54. | Suplemento..... | 167 |
| 6.55. | Artigo de jornal..... | 167 |
| 6.56. | Documentos jurídicos..... | 168 |
| 6.56.1. | Legislação..... | 168 |
| 6.56.2. | Jurisprudência (decisões judiciais)..... | 168 |
| 6.56.3. | Doutrina..... | 168 |
| 6.56.4. | Documentos civis e de cartórios..... | 168 |
| 6.56.5. | Documento jurídico em meio eletrônico..... | 169 |
| 6.57. | Outros materiais..... | 169 |
| 6.57.1. | Documento iconográfico..... | 169 |
| 6.57.2. | Documento cartográfico..... | 170 |
| 6.57.3. | Documento sonoro..... | 170 |
| 6.57.4. | Documentos audiovisuais..... | 170 |
| 6.57.5. | Patente..... | 170 |
| 6.57.6. | Partitura..... | 171 |
| 6.57.7. | Obra mediúnica..... | 171 |
| 6.58. | Documentos de acesso eletrônico..... | 171 |
| 6.59. | Modelos de referências em meio eletrônico..... | 171 |
| 6.60. | Base de dados..... | 172 |
| 6.61. | Website, webpage, facebook, twitter, linkedin, blog..... | 172 |
| 6.62. | E-mail..... | 172 |
| 6.63. | Programas de computador, jogos &c..... | 172 |
| | CONSIDERAÇÕES..... | 173 |
| | REFERÊNCIAS..... | 173 |
| | APÊNDICE..... | 178 |

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Neste livro são encontrados conceitos, métodos, formatação, normalizações de trabalhos acadêmicos, influenciando os acadêmicos a realizarem seus trabalhos a partir de uma visão crítica do método científico. Ainda apresentam-se normas técnicas de elaboração e formatação gráfica destes trabalhos. Tem-se como objectivo capacitar o académico a produzir monografias, dissertações, teses, artigos e resenhas científicas.

O livro visa também auxiliar professores e estudantes na escolha da metodologia mais adequada à elaboração e desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos. Neste sentido, busca-se normalizar a elaboração e apresentação dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos nos institutos superiores ou nas universidades.

Reconhece-se a inconclusão deste livro que, de uma forma, pode ser ampliado e aprofundado em questões relacionadas à teoria e método, entre outros assuntos abordados na disciplina de Metodologia do Trabalho Académico. Prioriza-se a actualização das normas técnicas da ABNT e APA.

O livro tem como objectivo apresentar aos estudantes universitários alguns subsídios teóricos e práticos para o enfrentamento das várias tarefas que lhes são solicitadas ao longo do processo ensino-aprendizagem de sua formação académica. Trata-se, pois, de uma iniciação teórica, metodológica e prática ao trabalho científico a ser desencadeado desde o limiar da frequência universitária. Mas, pela sua própria natureza, é uma eficiente ferramenta para o trabalho docente em sua interface com a aprendizagem dos alunos, podendo configurar-se como um bom roteiro para a intervenção didático-pedagógica dos professores em quaisquer que sejam suas áreas ou matérias de ensino. Além dos elementos conceituais que definem e explicam a natureza do conhecimento científico, são apresentadas diretrizes para o entendimento e a aplicação das actividades lógicas e técnicas relacionadas com a prática científica. Com estes instrumentos, os estudantes e professores podem conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes e na filosofia, o que torna o objectivo central do ensino e da aprendizagem na universidade.

O trabalho científico é tomado aqui num sentido abrangente, envolvendo múltiplas perspectivas. De modo geral, refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, actividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante; refere-se ainda ao relatório técnico que regista dissertativamente.

1. A universidade e a sociedade

Desde suas origens, a educação universitária tem perseguido a meta de criar, transmitir e disseminar conhecimento. Conforme vimos, se o conhecimento ocupa hoje lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea, as instituições que trabalham com e sobre o conhecimento participam também desta centralidade. Esta consideração levou a uma nova análise das relações entre a sociedade e as instituições de educação superior para fortalecer a relevância do papel estratégico da educação superior.

A Declaração Mundial sobre Educação Superior reconhece, no seu preâmbulo, a importância estratégica da educação do terceiro nível na sociedade contemporânea. A Declaração afirma que há uma maior consciência da importância fundamental que este tipo de educação tem para o desenvolvimento sociocultural e económico e para a construção do futuro. E afirma que: "Devido ao escopo e ao ritmo das mudanças, a sociedade cada vez mais tende a fundamentar-se no

conhecimento, de modo que a educação superior e a pesquisa actuem hoje como parte fundamental do desenvolvimento cultural, socioeconómico e ecologicamente sustentável dos indivíduos, comunidades e nações.

Portanto, sendo confrontados os desafios formidáveis, é preciso proceder à mudança e à renovação mais radicais que já foram obrigadas a fazer, para que a nossa sociedade, que passa hoje por uma profunda crise de valores, possa transcender meras considerações económicas e incorpore dimensões mais profundas de moralidade e espiritualidade. A análise das relações entre sociedade e universidade é um dos principais temas na agenda de estudos sobre a educação superior. Não há dúvida de que o mundo académico deva envolver-se mais com os processos sociais, económicos e culturais, mantendo as características que a distinguem como academia. É o que dizem os parágrafos da Declaração Mundial (Art. 2), que nos indicam que as instituições de educação superior devem “preservar e desenvolver suas funções fundamentais, submetendo suas actividades às exigências da ética e do rigor científico e intelectual.” O reconhecimento dado pela sociedade à autoridade intelectual das instituições de educação superior, conforme a Declaração, está intimamente associado à sua capacidade de se expressar sobre os problemas éticos, culturais e sociais de forma completamente independente e com plena consciência das suas responsabilidades (ALVES,2022).

Para o mesmo autor, nem a universidade enclausurada, de costas para a sociedade, nem a universidade militante, invadida pelos ruídos e o clamor das ruas, mas, sim, uma universidade participante, como José Medina Echavarría advogava há décadas. Uma universidade que participa em todos os aspectos da vida da sociedade, sem perder seu carácter de academia e que só afirma o que é apropriado afirmar na condição de academia.

Como a relação entre universidade e sociedade não se limita às aparências, não podemos considerar a universidade como entidade independente que encontrasse mecanismos ou instrumentos para se relacionar com a sociedade. Pelo contrário, a universidade é uma instituição social e, como tal, expressa de determinada maneira a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que, dentro da universidade como instituição, encontramos opiniões, projectos e atitudes conflitantes, que refletem as divisões e contradições da sociedade como um todo. Uma universidade enclausurada expressa o modo como uma determinada sociedade concebe o saber; uma universidade militante expressa o modo como uma parte de determinada sociedade pretende que o saber esteja ao serviço de determinadas políticas. Da mesma forma, uma universidade funcional e operacional, que forma mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho, espelha uma sociedade que considera o mercado como o último rácio da vida social. Por outro lado, uma universidade que considera o saber pelo prisma do direito do cidadão faz o que pode para refrear a despersonalização e valoriza a democratização, reflecte uma sociedade em que os valores democráticos da cidadania são imperativos, éticos e políticos da vida universitária. A relação interna ou expressiva entre a universidade e a sociedade é a que, ademais, explica o facto de que a universidade pública sempre foi, desde o início, uma instituição social. Isto é, uma acção social, uma prática social, baseada no reconhecimento público da sua legitimidade e das suas atribuições, fundada em um princípio de diferenciação que lhe assegura autonomia com respeito a outras instituições sociais. É estruturada de acordo com a legislação, normas, regras e valores de reconhecimento e legitimidade internos. A legitimidade da universidade moderna se fundamentava na ideia da autonomia do saber face ao Estado e à religião e, portanto, a ideia de um conhecimento guiado pela sua própria lógica, por necessidades inerentes, do ponto de vista, tanto da sua invenção, quanto da descoberta, como da sua transmissão.

Segundo Alves (2022), em outras palavras, especialmente a partir da Revolução Francesa, a universidade pública é vista como instituição secular (autónoma com respeito à religião) e republicana (autónoma com respeito à vontade do governante). Depois das revoluções sociais do século XX e com as lutas políticas e sociais que elas provocaram, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como parte integrante da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com que, além da sua vocação republicana, a universidade tenha se tornado também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber. Para preencher ou contestar essa ideia, a universidade não pôde, no curso do século XX, evitar a referência à democracia como uma ideia reguladora. Por outro lado, a contradição entre o ideal democrático da gualdade e a realidade social da divisão e da luta de classes, obrigou-a a tomar posição face ao ideal socialista. Ao considerar-se, a universidade instituição social cujas mudanças acompanham as transformações sociais, económicas e políticas, e como instituição social de carácter republicano e democrático, a relação entre universidade e Estado não pode ser vista como uma relação só de aparências, já que a natureza republicana e democrática da universidade pública é determinada pela presença ou ausência da prática republicana e democrática do Estado. Em outras palavras, como instituição social diferenciada e autónoma, a universidade só é possível em um Estado republicano e democrático. Vista desta forma, poder-se-ia supor que em vez de ser determinada pela estrutura da sociedade e do Estado, a universidade seria, no final das contas, seu reflexo. No entanto, não é o que acontece.

Precisamente, por ser uma instituição social diferenciada, definida pela sua autonomia intelectual, a universidade pode relacionar-se com o conjunto da sociedade e com o Estado, no âmbito de um debate aberto, limitado internamente entre os que são favoráveis e os que rejeitam a forma como sociedade e Estado promovem a divisão e a exclusão social, e impedem a materialização republicana da instituição universitária e do seu potencial democrático. Deste ponto de vista, o actual relacionamento entre universidade e sociedade reflete a “acumulação flexível de capital”, ou a globalização sob a hegemonia do capital financeiro, ao mesmo tempo em que reflete a presença da ideologia pós-moderna. Isto significa que a autonomia da universidade pública, que costumava ser definida em termos de rejeição da tutela pela religião e pelo Estado, precisa agora ser vista à luz da rejeição da tutela empresarial e das finanças (os quais, antidemocráticos, rejeitam a ideia e a prática da formação intelectual, conforme observamos acima). Enquanto no passado parecia impossível romper a tutela da religião e do Estado, agora parece impossível escapar da tutela empresarial e financeira, uma vez que o saber se transformou em força produtiva, inseparável dos fluxos mundiais de capitais.

Considerar este facto como obstáculo insuperável significa afirmar um determinismo economicista cego “não está em nosso poder mudar as coisas” e abandonar a perspectiva da acção política no sentido de que “podemos, sim, mudar as coisas”. Sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, a Declaração de Santo Domingo, aprovada pela Reunião Consultiva Latino-Americana e Caribenha para a Conferência Mundial sobre a Ciência (março 1999), afirmou que: “É indispensável aprimorar o conhecimento e a análise, e contribuir para a harmonização do inter-relacionamento complexo entre ciência, tecnologia e sociedade.” Por sua vez, a Declaração Mundial sobre a Educação Superior afirma que:

Em um contexto económico caracterizado por mudanças e pelo surgimento de novos paradigmas de produção baseados no conhecimento e suas aplicações, e no tratamento da informação, os vínculos entre educação

superior, mundo do trabalho e outros setores da sociedade deveriam ser fortalecidos e renovados (UNESCO, 1999).

A análise das relações entre universidade e sociedade está no centro do tema da relevância ou da pertinência da educação superior, um dos tópicos importantes do actual debate internacional. Quando se aborda o tema da relevância da educação superior, há uma tendência para reduzir este conceito ao das demandas da economia ou do sector empresarial. Não há dúvida de que a educação superior deve responder a estas demandas, mas sua relevância transcende a questão, e precisa ser examinada de uma perspectiva mais ampla, levando em conta os desafios, e as demandas que lhe são impostas pela sociedade como um todo. Trata-se de traduzir os objectivos gerais e os objectivos da sociedade em termos das tarefas que cabem à educação superior, nos seus aspectos quantitativo e qualitativo: formação de pessoal especializado de alto nível; pesquisa; tarefas de extensão e serviços a serem programados etc. Decidir sobre estas tarefas não é simples, e o exercício naturalmente não se limita a simples quantificação dos recursos humanos necessários, o que em si mesmo já é bastante difícil, mas precisa abranger a estimativa da contribuição potencial global da educação superior, por intermédio de suas várias funções, para o desenvolvimento humano sustentável da sociedade.

A educação superior é um fenómeno de alta complexidade, cuja análise exige instrumentos que superem as abordagens puramente economicistas ou parciais, e respeitem a necessidade de manter o equilíbrio entre as necessidades do sector produtivo e da economia, as da sociedade como um todo, e as não menos importantes necessidades do indivíduo como ser humano, tudo considerado dentro de um contexto particular, histórico, social e cultural. As tarefas das instituições da educação superior precisam ser relevantes, mas, quem define relevância? Em outras palavras, quem responde às perguntas: educação superior para quê? Para qual sociedade? Para que tipo de cidadania? Entre os aspectos que não podem ser desprezados, ao avaliar a relevância social dos sistemas de educação superior, estão os seguintes: em primeiro lugar, as instituições precisam ser pertinentes com o projecto educativo enunciado em seus objectivos e em sua missão institucional. A pertinência tem a ver, igualmente, com as responsabilidades da educação superior para com o resto do sistema educacional, do qual ela precisa ser a “cabeça”, e não simples “coroa”. O que se relaciona não só com a formação de pessoal docente dos níveis precedentes, mas também com a incorporação da sua agenda de pesquisa socioeducativa e a análise dos problemas mais sérios que afetam os sistemas educativos; as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias como meios de ampliar e aperfeiçoar os serviços no campo da educação, e propostas para aprimorar a qualidade e transformar os métodos de ensino em todo o sistema educativo. Conforme sugerido pela UNESCO, “a educação superior precisa assumir papel de liderança na renovação de todo o sistema educativo”.

De acordo Andrade (2021), o conceito de relevância social é, portanto, a noção de relevância que emerge das consultas regionais e do trabalho preparatório para a Conferência Mundial, que enfatizam 20 desafios da universidade na sociedade do conhecimento, a relação dialética que deve existir entre sociedade e educação superior. A Declaração Mundial sobre a Educação Superior para o Século XXI: visão e acção incluiu os seguintes conceitos com respeito à pertinência, os quais reflectem a complexidade e a abrangência da missão social da educação superior contemporânea: (a) A pertinência da educação superior deve ser avaliada em função da adequação entre o que a sociedade espera das instituições e o que estas fazem. Isto exige padrões éticos, imparcialidade política, capacidade crítica e, ao mesmo tempo, melhor articulação com os problemas da sociedade e do mundo do trabalho, baseando as orientações de longo prazo em objectivos e necessidades sociais,

compreendidos o respeito pelas culturas e a proteção ambiental. A preocupação é de abrir acesso tanto à educação geral ampla como à educação especializada, específica para determinadas carreiras, muitas vezes interdisciplinar, centrada nas competências e aptidões, pois ambas preparam os indivíduos a viver em situações diversas e a poder mudar de ocupação. (b) A educação superior deve reforçar seu papel de prestadora de serviço à sociedade, especialmente orientada a erradicar a pobreza, a intolerância, a violência, o analfabetismo, a fome, a doença e a degradação ambiental, sobretudo mediante uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar na análise dos problemas e das questões. (c) A educação superior deve fortalecer sua contribuição ao desenvolvimento de todo o sistema educacional, sobretudo para o aperfeiçoamento dos docentes, do desenvolvimento curricular e da pesquisa educacional. (d) Finalmente, a educação superior deve visar a criação de uma nova sociedade, não violenta e não-exploradora, formada por indivíduos altamente esclarecidos, motivados e integrados, inspirados pelo amor à humanidade e guiados pela sabedoria.

1.1. A globalização

Para Andrade (2021), o século XX será lembrado como um período complexo e paradoxal, uma vez que, ao mesmo tempo em que mostrou grandes progressos na ciência e na tecnologia, foi cenário das guerras mais destrutivas e sanguinárias da história. Segundo o Clube de Roma, é possível que as ambições tecnológicas e de poder tenham removido toda vontade de criar valores compartilhados pelo conjunto da humanidade. Dos paradoxos do século XX, o mais dramático é o aumento da produção de riqueza associado à sua distribuição cada vez mais desigual entre as nações e, no interior delas, entre seus sectores sociais. Além disso, as pessoas que continuam a acumular riqueza se sentem constantemente mais inseguras e com menos estabilidade.

Em todas as sociedades opulentas ou empobrecidas surgem no horizonte situações de ingovernabilidade. A estrutura do poder que governa o mundo, por meio da globalização, está concentrada no Grupo dos Sete, no Conselho de Segurança das Nações Unidas e no Fórum de Davos, Suíça. Esta estrutura hegemónica de poder pode ser vista também como incluindo: 1) As megaempresas: 96% delas têm sua sede em oito países, e só 2% dos membros da sua diretoria são estrangeiros; 85% do seu desenvolvimento tecnológico tem origem no país da empresa-sede (suas operações são transnacionais, mas sua propriedade e gerenciamento são inteiramente nacionais); 2) Os governos dos países centrais, especialmente seus ministérios da Economia e das Finanças, localizados no cume da estrutura de poder mundial, juntamente com as megaempresas; 3) As instituições criadas pelos acordos de Bretton Woods (FMI, BM, OMC); 4) As empresas de comunicação de massa, inclusive jornais, rádio e televisão; 5) Os economistas que legitimam a ordem neoliberal.

O debate sobre a essência desta estrutura de poder, peculiar ao capitalismo neoliberal na era da globalização, desapareceu da agenda pública: ela é vista como fenómeno natural, o que constitui a principal vitória ideológica do neoliberalismo, juntamente com o facto de que, no atrito entre os segmentos financeiro e industrial do capitalismo, o primeiro leva a melhor sob a forma da globalização neoliberal e do capitalismo especulativo (economia de cassino), diante da crise do keynesianismo e do colapso do campo socialista.

Andrade ressalta (p,12) que isso é uma falácia de certos analistas falar de mercado financeiro global como se fossem autómatos, quando o que existe, como responsáveis pelos problemas actuais, são nações e grupos – desde grandes entidades empresariais até o crime organizado, que opera com drogas e tráfico de armas — responsáveis pelos problemas actuais. Se somos incapazes de promover

uma alternativa às práticas políticas e económicas destes círculos de elite, que reflectem o poder de um punhado de nações e de empresas transnacionais, assistiremos ao advento (se conseguirmos alcançar paz, estabilidade e ordem para evitar que o atual sistema mundial mergulhe no caos) de um novo sistema mundial, por volta do ano 2050, que excluirá milhares de seres humanos de um planeta cada vez mais degradado ambientalmente.

A globalização tornou possível na esfera económica o carácter crescentemente especulativo – portanto não-proditivo – do capitalismo, mediante movimentos colossais de capital, de forma virtual, em busca de melhores oportunidades de lucro, retirando-se rapidamente diante de sinais de insegurança (o efeito Tequila, a crise asiática, el corralito – congelamento de depósitos – na Argentina etc.). Em meados da década de 1990, mais de 90% das transações mundiais de divisas corresponderam a movimentos de compra e venda em períodos de não mais de sete dias. A globalização tende a destruir as identidades culturais, transformando-as em cultura mundial, em processo de crescente modernização. O professor Cristovam Buarque, do Brasil, diz: *“O século XX superou todas as expectativas com respeito aos progressos tecnológicos e económicos, mas fracassou na construção de uma sociedade utópica para todos”*. O século XX permitiu-nos assumir a globalização, pela qual o planeta Terra deixou de ser conceito académico, e a universalidade passou a ser uma consciência e um modo de vida” (BUARQUE, 1997).

Ao mesmo tempo, desde que a sociedade humana passou a viver em uma “aldeia global”, ela está dividida e fragmentada. A informática e a telemática, a revolução nas comunicações, integraram a espécie humana em uma única sociedade universal que, no entanto, é dividida por uma cortina dourada “que separa os que usufruem de abundância, de riqueza e de luxo, dos que subsistem mergulhados na maior pobreza, na fome e na sujeira”, acrescenta Cristovam Buarque. Na América Latina, ainda se aplica a afirmação feita em 1995, pelo Banco Mundial, de que é a região com “a mais extrema polarização distributiva do mundo.” Na sua obra mais recente, *The World Ahead: Our Future in the Making*, o professor Federico Mayor afirma: O século XX deixou duas amplas transformações que alteraram profundamente nossa visão do mundo: a revolução científica que, mediante descobertas extraordinárias, nos conduziu de uma era de certeza e dogmatismo para um oceano de incertezas e dúvidas; e a terceira revolução industrial, que está transformando radicalmente a sociedade contemporânea por meio de progressos na informática e na telemática, o que paradoxalmente aproxima as nações por meio do fenómeno da mundialização e, ao mesmo tempo, as afasta umas das outras ao gerar desigualdades cada vez mais profundas entre elas, em termos do acesso aos benefícios da globalização, do conhecimento e da informação (MAYOR ZARAGOZA, 2013).

1.2. Finalidades e compromisso social da universidade

Victor (2022) compreende que as funções e objectivos da universidade fazem sentido a partir do pressuposto de que ela é uma instituição educativa. O autor ressalta que não há um conceito único e universalmente válido de universidade, nem suas funções são as mesmas em tempo e espaços diferentes, ou seja, a universidade e suas finalidades não se limitam a um único modelo, mas ajusta-se ao longo do tempo à realidade contextual. Neste breve contexto busca-se refletir sobre os objetivos e influências que a universidade vem enfrentando em seu desenvolvimento. Em meio a esta discussão, considera-se que há algumas características necessárias para compreender a universidade e suas funções, como a universalidade do conhecimento, indissociabilidade, ensino-pesquisa-extensão e, principalmente, sua relação com a sociedade.

Simpson (2019) destaca que a universidade tem variados objectivos considerados, antes de qualquer coisa social, dentre os quais enumera: a cultura, a pesquisa, o progresso, a actividade de extensão, o ensino e a educação permanente. Afirmo o autor que “deveria a universidade fazer trabalho cultural, transmitindo, criticando e criando cultura”, ligando o presente com o passado e projectando o futuro, no diz respeito aos valores culturais existentes e na responsabilidade de analisar, avaliar e propor novos e melhores valores.

Para que estes objectivos actuem adequadamente em qualquer ambiente ou actividade, é preciso conhecê-los e interpretá-los correctamente. Todavia, isto ocorre através da pesquisa realizada e promovida pela universidade, proporcionando ao ambiente um melhor planeamento das actividades e fornecendo dados para tomadas de decisões. A universidade precisa desenvolver actividades para que se abram novos campos e novas oportunidades de actuação e renovação da sociedade.

O mesmo autor, afirma que por meio da pesquisa se promove o progresso, resultante de esforços da comunidade, da universidade e das pessoas integrantes de ambas as instituições, o que resultará também em um espírito de responsabilidade e participação. Segundo o autor, “uma das formas mais práticas de cumprir o papel crítico e criativo na comunidade é a actividade de extensão”, onde a universidade, assim como através dos formados por ela, se tornam presentes na comunidade e na universidade, através da convivência, participação, apoio mútuo e a elaboração dos objectivos comuns. Afirmo ainda, que a extensão se dá de maneira concreta através da pesquisa, de cursos, encontros, actividades culturais, sociais, assistenciais, assessorias, participação em empreendimentos comuns e outras formas.

1.3. A universidade e o impacto público e social

Segundo Udelar *apud* Vitor (2022), a instituição universitária sempre foi pensada como o *locus* privilegiado para se pensar e construir soluções para as questões individuais, públicas ou sociais. A universidade não é uma instituição de caridade, mas sim uma instituição que produz conhecimentos. Nesse sentido, sua razão de existir é desvirtuada se suas práticas de extensão adquirirem o perfil meramente assistencialista, que essencialmente mitiga problemas sociais, mas não os resolve. Esse papel é do Estado, de Assistência Social e não da universidade. O papel profícuo da universidade é o de produzir conhecimentos e soluções. Uma vez produzidos, seu papel passa a ser o seguinte: fazer com que estes conhecimentos e soluções sejam conhecidos e colocados em prática, de forma que produzam as mudanças imaginadas ou, ao menos, possam ser testadas.

Para Cabral (2019), toda e qualquer interação da universidade com a comunidade, em consequência, se a universidade vive a sua missão específica, acaba por ser transformadora e emancipadora. A responsabilidade social da universidade assim se realiza, pelo viver adequadamente a sua própria missão constitutiva. É assim que a universidade deve participar da construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. A interação das práticas de extensão com as políticas públicas estatais, sempre associadas a grandes problemas sociais, passa a ser também uma decorrência natural da compreensão dos propósitos extensionistas.

O mesmo autor ainda ressalta que, se a extensão universitária é instrumento concretizador da missão pública e social da universidade, é útil que as práticas estejam vinculadas de alguma forma às políticas públicas estatais, no combate às desigualdades sociais e à extrema pobreza; geração de trabalho e renda por meio de apoio e fortalecimento de empreendimentos económicos solidários; preservação do património cultural; direitos humanos; promoção da igualdade racial; mulheres e

relações de género; desporto e lazer; comunicação; inclusão produtiva e desenvolvimento regional; justiça e direito do indivíduo de liberdade; ciência, tecnologia e inovação para a inclusão social; meio ambiente e recursos naturais; juventude; articulação e participação social.

1.4. Universidade versus interação, diálogo e transformação

Os autores Fonseca *et al.* (2020) entendem que não se trata mais de simplesmente “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade”, superando uma postura de dominação ou de superioridade do saber universitário diante do saber popular. Trata-se de produzir, em interação, em aliança com a sociedade, *organizações governamentais, organizações sociais, movimentos e sectores sociais*, um conhecimento novo. Pressupõe que as práticas de extensão sejam configuradas em mão dupla: da universidade para a sociedade e da sociedade para a universidade. É necessário que sejam configuradas em metodologias que estimulem a participação, que deem relevo a todas as contribuições, académicas e não académicas.

O diálogo que visa estabelecer não é um simples diálogo entre curiosos, mas um diálogo construtivo e transformador de todos os pólos. Se a interação diálogo é verdadeira, com o passar do tempo a sociedade e a própria universidade ver-se-ão transformadas. Ao mesmo tempo em que as suas actividades têm de transformar gradativamente a sociedade, a vivência extensionista tem de transformar a própria universidade, tornando-a um espaço diferenciado de aprendizado, despertando novas linhas de pesquisa, a criação de novas formas de estágio estudantil, a criação de novos projectos académicos, inclusive novos cursos.

1.5. Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão

As práticas de extensão, como elementos integrantes de um projecto pedagógico único, têm de estar intrinsecamente associadas às práticas de ensino e às práticas de pesquisa.

Para Carbonari (2019), a extensão é, na prática, a parte do processo educativo que articula o ensino e a pesquisa. Com relação ao ensino, por um lado, a extensão é complemento, pois as práticas de extensão permitem que o conhecimento adquirido em sala de aula seja vivenciado, testado e amadurecido na prática. Por outro, é fonte, pois as práticas de extensão continuamente oferecem novas questões que precisam ser incorporadas às práticas de ensino. Com relação à pesquisa, de um lado, a extensão é o *locus* privilegiado para a divulgação e a aplicação das descobertas científicas; de outro, a extensão é uma fonte inesgotável de novos problemas de pesquisa. As práticas de extensão traduzem-se num campo fértil para a pesquisa exatamente por sua aproximação com a realidade. Por outro lado, esta mesma proximidade traz enormes contribuições para o ensino, para a sala de aula, para as actividades académicas. Portanto, se bem articulados, ensino, pesquisa e extensão podem alterar o cenário do processo educativo.

1.6. A universidade e a sociedade do conhecimento

Uma das características da sociedade contemporânea é o papel central do conhecimento nos processos de produção, ao ponto do qualificativo mais frequente, hoje empregado ser o de sociedade do conhecimento. Estamos assistindo à emergência de um novo paradigma económico e produtivo no qual o factor mais importante deixa de ser a disponibilidade de capital, trabalho, matérias-primas ou energia, passando a ser o uso intensivo de conhecimento e informação. Actualmente, as economias mais avançadas se fundamentam na maior disponibilidade de conhecimento. A vantagem comparativa

é determinada cada vez mais pelo uso competitivo do conhecimento e das inovações tecnológicas. Esta centralidade faz do conhecimento um pilar da riqueza e do poder das nações, mas, ao mesmo tempo, encoraja a tendência de tratá-la meramente como mercadoria, sujeita às leis do mercado e aberta à apropriação privada. Ao se tornarem forças produtivas, o conhecimento e a informação se integram ao próprio capital, que começa a depender destes factores para a sua acumulação e reprodução. À medida que a hegemonia económica pertence ao capital financeiro e não ao capital produtivo, a informação prevalece sobre o conhecimento propriamente dito, pois o capital financeiro funciona com a riqueza puramente virtual, cuja existência corresponde à própria informação. Esta situação produz, entre outros efeitos, um conceito bastante preciso: o poder económico que se fundamenta na posse de informação que, em consequência, se torna secreta e, por fim, constitui um terreno de competição económica e militar sem precedente, bloqueando necessariamente, ao mesmo tempo, as forças democráticas, que se baseiam no direito à informação, tanto o direito a obtê-la como o de produzi-la e disseminá-la. Em outras palavras, do ponto de vista da informação, a sociedade do conhecimento é governada pela lógica do mercado (sobretudo o financeiro), de tal modo que não é propícia nem favorável à acção política da sociedade civil e à promoção efetiva da informação e do conhecimento necessários para a vida social e cultural. (ABNT, 2018).

1.7. Impropriedade das universidades ao se dedicar apenas no ensino

A implantação em nosso país de escolas superiores totalmente desequipadas das condições necessárias ao desenvolvimento de uma prática de pesquisa, destinadas, de acordo com a proclamação corrente, apenas a profissionalizar mediante o repasse de informações, de técnicas e habilitações pré-montadas, testemunha o profundo equívoco que tomou conta da educação superior no Brasil. Na realidade, tal ensino superior não profissionaliza, também não forma, nem mesmo transmite adequadamente os conhecimentos disponíveis no acervo cultural. Limita-se a repassar informações fragmentadas e a conferir uma certificação burocrática e legal de uma determinada habilitação, a ser, de facto, testada e amadurecida na prática. Sem dúvida, a habilitação profissional que qualifica, hoje, o trabalhador para a produção, no contexto da sociedade atravessada pela terceira revolução industrial, era da informatização generalizada, precisa ir além da mera capacitação para repetir os gestos do taylorismo clássico. Hoje, a actuação profissional, em qualquer sector da produção económica, exige capacidade de resolução de problemas, com criatividade e riqueza de iniciativas, em face da complexidade das novas situações (ABNT, 2016).

Deste modo, o ensino superior, entre nós, lamentavelmente, não está conseguindo cumprir nenhuma de suas atribuições intrínsecas. Desempenhando seu papel quase que exclusivamente no nível burocrático-formal, só pode mesmo reproduzir as relações sociais vigentes na sociedade pelo repasse mecânico de técnicas de produção e de valores ideologizados. O ensino superior, assim conduzido, está mesmo destinado a fracassar. Tudo indica que a grande causa da ineficácia do ensino universitário, no seu processo interno, com relação ao atingimento de seus objectivos, tem a ver fundamentalmente com esta inadequada forma de se lidar com o conhecimento, que é tratado como se fosse mero produto e não um processo.

Sem dúvida, a prática da pesquisa no âmbito do trabalho universitário contribuiria significativamente para tirar o ensino superior dessa sua actual irrelevância. É bem verdade que a ausência de tradição de pesquisa não é a única causa da actual situação do ensino universitário. Há causas mais profundas, decorrentes da própria política educacional desenvolvida no país que, aliás, já

explicam a pouca valorização da própria pesquisa como elemento integrante da vida universitária. Tem-se por hipótese, no entanto, que a principal causa intramuros do fraco desempenho do processo de ensino/aprendizagem do ensino superior brasileiro parece ser mesmo uma enviesada concepção teórica e uma equivocada postura prática, em decorrência das quais se pretende lidar com o conhecimento sem construí-lo efectivamente, mediante uma atitude sistemática de pesquisa, a ser traduzida e realizada mediante procedimentos apoiados na competência técnico-científica.

1.8. Educação Superior como Formação Científica, Profissional e Política

O ingresso no curso superior implica uma mudança substantiva na forma como professores e estudantes devem conduzir os processos de ensino e de aprendizagem. Mudança muito mais de grau do que de natureza, pois todo ensino e toda aprendizagem, em qualquer nível e modalidade, dependem das mesmas condições. No entanto, embora sendo estas condições comuns a todo acto de ensino/aprendizagem, a sua implementação no ensino superior precisa ser intencionalmente assumida e efectivamente praticada, sob pena de se comprometer o processo, fazendo-o perder sua consistência e eficácia (ABNT, 2015)..

O ensino superior, tal qual se consolidou historicamente, na tradição ocidental, visa atingir três objectivos que são obviamente articulados entre si. O primeiro objectivo é o da formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; o segundo objectivo é o da formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e o terceiro objectivo é aquele referente à formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social. Neste objectivo está em pauta levar o aluno a entender sua inserção não só em sua sociedade concreta mas também no seio da própria humanidade. Trata-se de despertar no estudante uma consciência social, o que se busca fazer mediante uma série de mediações pedagógicas presentes nos currículos escolares e na interação educacional que, espera-se, ocorra no espaço/tempo universitário.

Conforme Azevedo (2021), ao se propor atingir estes objectivos, a educação superior expressa sua destinação última que é contribuir para o aprimoramento da vida humana em sociedade. A universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionária do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade no contexto da qual ela se encontra situada. Este compromisso da educação, em geral, e da universidade, em particular, com a construção de uma sociedade na qual a vida individual seja marcada pelos indicadores da cidadania, e a vida colectiva pelos indicadores da democracia, tem sua gênese e seu fundamento na exigência ético-política da solidariedade que deve existir entre os homens. É a própria dignidade humana que exige que se garanta a todos eles o compartilhar dos bens naturais, dos bens sociais e dos bens culturais. O que se espera é que, no limite, nenhum ser humano seja degradado no exercício do trabalho, seja oprimido em suas relações sociais ao exercer sua sociabilidade, ou seja alienado no usufruto dos bens simbólicos, na vivência cultural.

O mesmo autor entende que, para dar conta deste compromisso, a universidade desenvolve actividades específicas, quais sejam, o *ensino*, a *pesquisa* e a *extensão*. Actividades estas que devem ser efectivamente articuladas entre si, cada uma assumindo uma perspectiva de prioridade nas diversas circunstâncias histórico-sociais em que os desafios humanos são postos. No entanto, no âmbito universitário, dada a natureza específica de seu processo, a educação superior precisa ter na pesquisa

o ponto básico de apoio e de sustentação de suas outras duas tarefas, o ensino e a extensão.

De modo geral, a educação pode ser mesmo conceituada como o processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza, disseminando seus resultados no seio da sociedade. E este tipo de situação caracteriza-se então, de modo radicalizado, no caso da educação universitária. No entanto, a tradição cultural brasileira privilegia a condição da universidade como lugar de ensino, entendido e sobretudo praticado como transmissão de conteúdos acumulados de produtos do conhecimento. Mas, apesar da importância dessa função, em nenhuma circunstância pode-se deixar de entender a universidade igualmente como lugar priorizado da produção do conhecimento. A distinção entre as funções de ensino, de pesquisa e de extensão, no trabalho universitário, é apenas uma estratégia operacional, não sendo aceitável conceber-se os processos de transmissão da ciência e da socialização de seus produtos, desvinculados de seu processo de geração.

É assim que a própria extensão universitária deve ser entendida como o processo que articula o ensino e a pesquisa, enquanto interação conjuntamente, criando um vínculo fecundante entre a universidade e a sociedade, no sentido de levar a esta a contribuição do conhecimento para sua transformação. Ao mesmo tempo que a extensão, enquanto ligada ao ensino, enriquece o processo pedagógico, ao envolver docentes, alunos e comunidade num movimento comum de aprendizagem, enriquece o processo político ao se relacionar com a pesquisa, dando alcance social à produção do conhecimento (AZEVEDO, 2021).

Na universidade, ensino, pesquisa e extensão efectivamente articulam-se, mas a partir da pesquisa, ou seja: só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem e se nutrirem da pesquisa.

1.8.1. A Produção de Conhecimento como Construção do Objecto

Mas o que vem a ser produzir conhecimento? O que se quer dizer é que conhecimento se dá como construção do objecto que se conhece, ou seja, mediante nossa capacidade de reconstituição simbólica dos dados de nossa experiência, apreendemos os nexos pelos quais os objectos manifestam sentido para nós, sujeitos cognoscentes... Trata-se, pois, de redimensionar o próprio processo cognoscitivo, até porque, em nossa tradição cultural e filosófica, estamos condicionados a entender o conhecimento como mera representação mental. O que se deve concluir é que o conceito é uma representação mental, mas esta não é o ponto de partida do conhecimento, e sim o ponto de chegada, o término de um complexo processo de constituição e reconstituição do sentido do objecto que foi dado à nossa experiência externa e interna (CERVO, 2019).

De acordo com o mesmo autor, a actividade de ensinar e aprender está intimamente vinculada a este processo de construção de conhecimento, pois ele é a implementação de uma equação de acordo com a qual educar (ensinar e aprender) significa conhecer; e conhecer, por sua vez, significa construir o objecto; mas construir o objecto significa pesquisar.

Em decorrência disto, o processo de ensino/aprendizagem no curso superior tem seu diferencial na forma de se lidar com o conhecimento. Aqui, o conhecimento deve ser adquirido não mais através de seus *produtos* mas de seus *processos*. O conhecimento deve se dar mediante a *construção* dos objectos a se conhecer, e não mais pela *representação* destes objectos. Ou seja, na universidade, o conhecimento deve ser construído pela experiência activa do estudante e não mais ser assimilado passivamente, como ocorre a maioria das vezes nos ambientes didático-pedagógicos

do ensino básico. Sendo o conhecimento a construção do objecto que se conhece, a actividade de pesquisa torna-se elemento fundamental e imprescindível no processo de ensino/aprendizagem. O professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento; e a universidade precisa da pesquisa para ser mediadora da educação.

1.9 A Necessidade do Envolvimento da Universidade com a Extensão

A universidade não é instituto de pesquisa, no sentido estrito, mas nem por isso pode desenvolver ensino sem adoptar uma exigente postura investigativa na execução do processo ensino/aprendizagem; também não é Instituição de Assistência Social, mas nem por isso pode desenvolver suas actividades de ensino e pesquisa sem se voltar de maneira intencional para a sociedade que a envolve. A única exigência é que tudo isso seja feito a partir de um sistemático processo de construção de conhecimento (PUCP, 2017).

A mesma instituição ressalta que, a extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objectivos da população como um todo. O que se desenrola no interior da universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver directamente com os interesses da sociedade.

À medida que privilegia o ensino transmissivo, a universidade desprioriza, não só a pesquisa, mas também a extensão. Na verdade, este centralismo no ensino comete dois graves equívocos: um, epistemológico, ao negligenciar a exigência da postura investigativa, e outro, social, ao negligenciar a extensão. Mas o pedagógico não se sustenta sem estes dois pilares.

Com efeito, é graças à extensão que o pedagógico ganha sua dimensão política, porque a formação do universitário pressupõe também uma inserção no social, despertando-o para o entendimento do papel de todo saber na instauração do social. E isto não se dá apenas pela mediação do conceito, em que pese a imprescindibilidade do saber teórico sobre a dinâmica do processo e das relações políticas. É que se espera do ensino superior não apenas o conhecimento técnico-científico, mas também uma nova consciência social por parte dos profissionais formados pela universidade. A formação universitária, com efeito, é o *locus* mais apropriado, especificamente destinado para esta tomada de consciência. Só a pedagogia universitária, em razão de suas características especiais, pode interpelar o jovem quanto ao necessário compromisso político. Esta interpelação se dá pelo saber, eis que cabe agora ao saber equacionar o poder. Deste modo, a extensão tem grande alcance pedagógico, levando o jovem estudante a vivenciar sua realidade social. É por meio dela que o sujeito/aprendiz irá formando sua nova consciência social. A extensão cria então um espaço de formação pedagógica, numa dimensão própria e insubstituível (PUCP, 2017).

1.9.1. O compromisso da Universidade com a Construção do Conhecimento

Para Silva (2019), o conhecimento é o referencial diferenciador do agir humano em relação ao agir de outras espécies. O conhecimento é a grande estratégia da espécie. Sem dúvida, refire-se aqui ao conhecimento ainda em sua generalidade, antecipando-se assim a uma crítica que levantasse a efectiva determinação de nosso agir a partir de formas ambíguas e de intencionalizações deficientes e precárias, como ocorre nos casos do senso comum, da ideologia etc. Mas mesmo nestas suas formas

enviesadas, o conhecimento já se revela como o grande instrumento estratégico dos homens, testemunhando sua imprescindibilidade e sua irreversibilidade em nossa história.

O mesmo autor explica que, o conhecimento é, pois, elemento específico fundamental na construção do destino da humanidade. Daí sua relevância e a importância da educação, uma vez que sua legitimidade nasce exactamente de seu vínculo íntimo com o conhecimento. De modo geral, a educação pode ser mesmo conceituada como o processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza. E este tipo de situação se caracteriza então, de modo radicalizado, no caso da educação universitária.

A pesquisa é coextensiva a todo o tecido da instituição universitária: ela aí se desenvolve capilarmente. Mas, ao mesmo tempo, impõe-se que seja integrada num sistema articulado. Tanto quanto o ensino, a pesquisa precisa ser organizada no interior da universidade. Cabe assim aplaudir as universidades que ultimamente vêm buscando oferecer condições objectivas para a instauração de uma tradição de pesquisa, seja mediante alguma forma mais sistemática de efectivo apoio à formação pós-graduada de seus docentes em outras instituições, seja mediante a criação de instâncias internas de incentivo, planejamento e coordenação da pesquisa, seja mediante a implantação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* e de Programas de Iniciação Científica, seja ainda tornando exigência curricular a actividade de elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso.

Uma universidade efectivamente comprometida com a proposta de criação de uma tradição de pesquisa não pode mesmo deixar de investir na formação continuada de seus docentes como pesquisadores. Por outro lado, não poderá deixar de colocar os meios necessários em termos de condições objectivas e de infraestrutura técnica, física e financeira, para que possa atingir este fim. Na verdade, cabe-lhe delinear uma política de pesquisa no âmbito da qual possam ser elaborados e desenvolvidos planos, programas e projectos de pesquisa.

Por outro lado, pesquisa básica ou aplicada, não se pode perder de vista que ela precisa ser relevante: daí a necessária atenção ao campo de seus objectos. De modo especial, a identificação dos problemas que possam dizer respeito à comunidade próxima, de modo que os resultados das investigações possam se traduzir em contribuições que irão se realizar através das actividades de extensão (TAFNER, 2020).

1.9.2 A Extensão como Elemento de Formação Universitária

A conquista da interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão representa, hoje, um dos maiores desafios das universidades angolanas, e a discussão sobre tal tema assume renovada importância neste momento em que se propõe uma reforma universitária. Enquanto a pesquisa e o ensino têm sido alvo de discussões que originaram elaborados sistemas de avaliação da produção científica e da qualidade dos cursos, a extensão universitária, por outro lado, não recebeu o mesma ênfase, nem sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade pertinentes para acompanhar a evolução do ensino superior, (UDELAR, 2010).

Para o autor, a nova visão de extensão universitária passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e estudantes de forma de diálogo, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. Percebe-se, com isto, que a formação do estudante vai além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque estes se esvaziam quando não integrados à realidade. Para uma abordagem inovadora, a aprendizagem

deve ir além da aplicação imediata, impulsionando o sujeito a criar e responder a desafios, a ser capaz de gerar tecnologias e de manter a habilidade de aprender e recriar permanentemente; ou seja, a graduação deve se transformar no *locus* de construção/produção do conhecimento, em que o estudante actue como sujeito da aprendizagem. Como defende o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras, na formação do profissional, é imprescindível sua interação com a sociedade para situá-lo historicamente, identificá-lo culturalmente e referenciar a sua formação técnica à realidade (MADEIROS *et al.*, 2019).

1.9.3. A Extensão Como Instrumento Pedagógico

Simpson (1998) explica que o reconhecimento da extensão como instrumento pedagógico na formação universitária e a consequente formalização da extensão na estrutura curricular, são processos relativamente recentes que, grosso modo, passam a acontecer a partir dos anos de 1980. Não obstante, alguns indicativos teóricos, neste sentido, são apontados em autores mais antigos. A sugestão de John Dewey de que acções voltadas à promoção do bem-estar de outros promovem o desenvolvimento académico e social e a proposição de William H. Killpatrick que cunhou o termo “método por projectos”, sugerindo que o conhecimento deveria ocorrer fora da escola, envolvendo esforços para atender às reais necessidades da comunidade, iniciativas que são consideradas precursoras do conceito.

Para Virgilio (2019), em geral, a extensão é entendida como um instrumento pedagógico complementar ou acessório e, portanto, opcional. Porém, cresce a tese de que a extensão universitária é essencial para promover uma educação de qualidade. O processo educacional proposto nas universidades, além de formar um profissional com conhecimentos técnicos, deve dar oportunidade ao estudante a “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Sem isso, o ensino tradicional, centrado no aprendido e na transmissão exclusiva do conhecimento do professor não contemplará a integralidade da formação.” Em sua dimensão pedagógica a extensão constitui uma metodologia de aprendizagem integral e humanizadora. A extensão e a investigação deveriam ser parte da metodologia de ensino universitário, o que faria com que o processo formativo fosse *integral*, com um contacto directo com a realidade social.

A participação da extensão, como actividade formadora, desloca o eixo pedagógico clássico professor-estudante para o eixo estudante-comunidade, com a actuação do professor como coparticipante, orientador, educador, tutor e pedagogo (CORRÊA, 2016). As actividades extensionistas permitem aos estudantes, por um lado, aumentar seu engajamento social e desenvolver cidadania e, por outro, qualificar-se profissionalmente, tendo, na interação com a sociedade, fonte de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, sentindo-se, desta forma, mais seguros para o exercício profissional após a graduação. Certas habilidades adquiridas na extensão não são usualmente assimiladas na experiência do ensino formal *por meio de disciplinas*, tais como: capacidade de interagir e organizar o trabalho em equipas *especialmente as multidisciplinares*; saber ouvir e saber comunicar diante de públicos diversos e diferentes daqueles que circulam no meio académico.

Mesmo dentro do universo dos temas específicos, a experiência extensionista proporciona oportunidade ímpar de contacto com a acção profissional (CONTO, 2013), além de ampliar ou reforçar a aprendizagem de habilidades que o estudo disciplinar ou mesmo os estágios não contemplam de forma suficiente, na medida em que promove conhecimentos e temas *sui generis*, em diferentes áreas. Pela diversidade de acções que a extensão oferece, ampliando o restrito universo profissional contemplado pelo ensino disciplinar, ela pode, muitas vezes, reforçar o interesse pelo exercício

profissional futuro na profissão escolhida ou redirecionar o futuro exercício profissional para papéis antes pouco cogitados ou valorizados.

Fonseca *et al.* (2020) exemplificam, apontando a educação de jovens e adultos, como uma destas áreas usualmente pouco ou não contempladas na formação de graduação e pouco valorizadas enquanto escolha profissional, mas que passam a ter mais valor por ex-participantes de trabalhos extensionistas nesta linha temática. A extensão também pode contribuir para a construção de valores sociais, como o desenvolvimento da cidadania e a redução de estereótipos étnicos. Na medida em que cresceu a interação com o ensino, a efectividade e a importância da extensão como qualificadora do ensino de graduação e como actividade pedagógica e formativa também passaram a ser objectos de investigação. A pesquisa científica sobre os impactos da extensão pode contribuir para o aperfeiçoamento teórico e prático nas dimensões do ensino e da extensão e orientar as políticas públicas que a fomentam. Entre os estudos publicados, em muitos países, dedicados em avaliar as consequências da actividade de extensão universitária na formação académica, a grande maioria se restringe ao impacto da participação em acções extensionistas, sem a preocupação com a comparação em relação aos não participantes /*grupos controlo*.

1.9.4. O Impacto da Extensão Universitária na Formação

Aqui se quer apresentar estudos dedicados à análise dos impactos da actividade extensionista no nível superior de formação, selecionados entre aqueles que apresentam abordagens qualitativas ou quantitativas, ou ambas, com especial atenção aos que, como método, compararam estudantes com e sem participação em actividades extensionistas. Medeiros *et al.* (2019) verificaram, por meio de uma abordagem quantitativa, que os estudantes que participaram de uma actividade de extensão de apoio a jovens em situação de risco, quando comparados com estudantes que não passaram de experiência equivalente, apresentam maior confiança em sua própria capacidade de contribuir para a comunidade, maior auto estima, maior valorização de acções de valor cívico, e maior capacidade de resolver problemas e de solucionar questões de relacionamento interpessoal.

Osborne *et al.* (2012) verificaram que estudantes de Farmácia, participantes de experiências de extensão, comparados a um grupo controlo, obtiveram crescimento maior em termos de capacidade cognitiva (habilidade de escrever, relacionar temas e conceitos de forma complexa e descrever em profundidade suas ideias), perceberam em si próprios um aumento de habilidades em trabalhos sociais e autoconfiança.

Seider *et al.* (2013) verificaram que estudantes participantes de actividades de extensão, quando comparados a um grupo controlo, apresentam uma disposição maior para um engajamento cívico, definido como um conjunto de atitudes que incluem: assumir um papel activo em processos políticos na vida pública; solucionar problemas públicos; e participar de serviços à comunidade.

Muitos participantes revelaram que seu maior engajamento cívico (subproduto da participação extensionsista) derivou do aprofundamento, em sua compreensão, das questões sociais e políticas contemporâneas. Além disso, muitos reportam uma reorientação de seu futuro exercício profissional, em direcção a uma actuação com maior significado social.

As capacidades adquiridas em conhecimentos práticos de extensão universitária, detectadas nos estudos até aqui apresentados, podem ser categorizadas em grupos (Quadro 1). Tal classificação é certamente arbitrária, ocorrendo sobreposição entre as categorias em maior ou menor grau, no entanto, pode ser útil para orientar e avaliar instrumentos de pesquisa.

Quadro 1 – Categorias para a avaliação de impactos de actividades extensionistas como instrumento de aprendizado universitário, de acordo com a literatura

| Categorias | Itens de avaliação |
|--------------------------|---|
| Profissional | Aquisição de conhecimentos que favorecem o desempenho da actividade profissional; desenvolvimento de atitudes e comportamentos adequados à profissão. |
| Afectivo-comportamentais | Autoconfiança; autoestima; capacidade de relacionamento interpessoal; confiança na sua escolha profissional; auto-realização; valorização da formação, participação em eventos e outras actividades académicas de formação. |
| Cívico - políticas | Capacidade de participar e interferir em questões da esfera política e social; compreensão sobre estas esferas; empatia. |
| Cognitivas | Aprender a aprender; capacidade de expressão escrita; desenvolvimento da memória, capacidade de articular diferentes dimensões de conhecimento. |

Fonte: Adaptado pelo Autor (2022)

1.9.5. Desafios para a Investigação da Extensão Enquanto Instrumento Pedagógico

De acordo com Mlodinov (2013), avaliar impactos sobre a trajectória pessoal, seja de estudantes ou de professores, implica analisar impressões subjectivas. O resultado de tais análises pode facilmente ser distorcido pelos instrumentos de avaliação (uso de questionários e sua estrutura, entrevistas, entre outros) ou pelas circunstâncias da avaliação. Por exemplo, bolsistas de extensão tenderiam a supervalorizar a própria participação em actividades de extensão e os benefícios que ela promove para o desenvolvimento pessoal; estudantes que tenham tido experiências de extensão universitária podem apresentar uma opinião mais favorável ao engajamento da universidade com questões da comunidade ou ter maior clareza sobre o que é cidadania; estudantes que optam por oportunidade de extensão universitária podem ter um interesse prévio maior em qualificar seus estudos que outros que não buscam oportunidade deste relacionamento mais directo com a comunidade.

Por outro lado, o mesmo autor ressalta que, experiências e motivações anteriores podem ser causas que favorecem a participação em programas de extensão. Assim, estudantes previamente mais motivados para o engajamento comunitário e acções de cidadania tenderiam a ter mais participação voluntária em acções de extensão e a distorcer os resultados de uma avaliação *a posteriori*, especialmente quando comparados a um grupo controlo sem as mesmas inclinações. Sousa (2018) verifica que estudantes com experiências de serviços voluntários à comunidade tinham sido monitores durante o ensino médio; ou estudantes que não expressaram interesses financeiros na escolha da carreira tinham maior tendência à participação em actividades de extensão. Diferenças de género também foram observadas: estudantes do sexo feminino apresentavam maior tendência à

participação em actividades universitárias junto à comunidade.

1.9.6. A Extensão e o Impacto na Formação do Estudante

As actividades extensionistas são, ao lado das actividades de ensino e de pesquisa, partes estruturais do projecto pedagógico institucional e dos projectos pedagógicos dos cursos. A extensão constitui um dos suportes decisivos para a formação do estudante, pois o contacto directo com as questões e os problemas sociais contemporâneos, além de ampliar o universo de referência estudantil, permite que os alunos vivenciem, experimentem e enriqueçam seus conhecimentos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abre espaço para a formação humanista. A dimensão ensino da estrutura curricular apresenta-se, em regra, pronta e acabada para o estudante. A dimensão extensão e a dimensão pesquisa, por sua vez, são colocadas à disposição do estudante para que ele mesmo construa o seu processo de formação. A flexibilidade curricular proporcionada pela extensão e pela pesquisa exige, no entanto, que a universidade prepare o estudante para o exercício dessa autonomia. (SEIDER ET AL, 2018).

1.9.7. Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão

Segundo Correa (2016), as práticas de extensão, como elementos integrantes de um projecto pedagógico único, têm de estar intrinsecamente associadas às práticas de ensino e às práticas de pesquisa. A extensão é, na prática, a parte do processo educativo que articula o ensino e a pesquisa. Com relação ao ensino, por um lado, a extensão é complemento, pois as práticas de extensão permitem que o conhecimento adquirido em sala de aula seja vivenciado, testado e amadurecido na prática. Por outro, é fonte, pois as práticas de extensão continuamente oferecem novas questões que precisam ser incorporadas às práticas de ensino. Com relação à pesquisa, de um lado, a extensão é o *locus* privilegiado para a divulgação e a aplicação das descobertas científicas; de outro, a extensão é uma fonte inesgotável de novos problemas de pesquisa. As práticas de extensão traduzem-se num campo fértil para a pesquisa exactamente por sua aproximação com a realidade. Por outro lado, esta mesma proximidade traz enormes contribuições para o ensino, para a sala de aula, para as actividades académicas. Portanto, se bem articulados, ensino, pesquisa e extensão podem alterar o cenário do processo educativo.

CAPÍTULO II: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE

2.1. A Vida Universitária e a sua Organização

Para Sousa (2010), ao iniciar esta nova etapa de sua formação escolar, a etapa do ensino superior, o estudante dar-se-á conta de que se encontra diante de exigências específicas para a continuidade de sua vida de estudos. Novas posturas diante de novas tarefas ser-lhe-ão logo solicitadas. Daí a necessidade de assumir prontamente esta nova situação e de tomar medidas apropriadas para enfrentá-la. É claro que o processo pedagógico-didático continua, assim como a aprendizagem que dele decorre. No conjunto, porém, as suas posturas de estudo devem mudar radicalmente, embora explorando tudo o que de correcto aprendeu em seus estudos anteriores.

Em primeiro lugar, é preciso que o estudante se conscientize de que o resultado do processo depende fundamentalmente dele mesmo, seja pelo seu próprio desenvolvimento psíquico e intelectual, seja pela própria natureza do processo educacional desse nível, as condições de aprendizagem transformam-se no sentido de exigir do estudante maior autonomia na efetivação da aprendizagem, maior independência em relação aos subsídios da estrutura do ensino e dos recursos institucionais que ainda continuam sendo oferecidos. O aprofundamento da vida científica passa a exigir do estudante uma postura de autoactividade didáctica que precisa ser crítica e rigorosa. Todo o conjunto de recursos que está na base do ensino superior não pode ir além de sua função de fornecer instrumentos para uma actividade criadora.

Em segundo lugar, convencido da especificidade desta situação, deve o estudante empenhar-se num projecto de trabalho altamente individualizado, apoiado no domínio e no manejo de uma série de instrumentos que devem estar permanentemente ao alcance de suas mãos. É com o auxílio destes instrumentos que o estudante se organiza na sua vida de estudo e disciplina sua vida científica. Este material didático e científico serve de base para o estudo pessoal e para a complementação dos elementos adquiridos no decurso do processo colectivo de aprendizagem em sala de aula. Dado o novo estilo de trabalho a ser inaugurado pela vida universitária, a assimilação de conteúdos já não pode mais ser feita de maneira passiva e mecânica como costuma ocorrer, muitas vezes, nos ciclos anteriores. Já não basta a presença física às aulas e o cumprimento forçado de tarefas mecânicas: é preciso dispor de um material de trabalho específico de sua área e explorá-lo adequadamente.

2.2. Formação Universitária

Segundo Unisul (2020), a formação universitária acarreta quase sempre actividades práticas, de laboratório ou de campo, culminando no fornecimento de algumas habilidades profissionais próprias de cada área. Naturalmente, as várias áreas exigem, umas mais, outras menos, esta prática profissional. Contudo, antes de aí chegar, faz-se necessário um embasamento teórico pelo qual responde, fundamentalmente, o ensino superior. A assimilação destes elementos é feita através do ensino em classe propriamente dito, nas aulas, mas é garantida pelo estudo pessoal de cada estudante. E é por isso que precisa ele dispor dos devidos instrumentos de trabalho que, em nosso meio, são fundamentalmente bibliográficos.

Ao dar início a sua vida universitária, o estudante precisa começar a formar sua biblioteca pessoal, adquirindo paulatinamente, mas de maneira bem sistemática, os livros fundamentais para o desenvolvimento de seu estudo. Essa biblioteca deve ser especializada e qualificada. As obras de referência geral, os textos clássicos esgotados, são encontrados nas bibliotecas das universidades, das várias faculdades ou de outras instituições. E, no momento oportuno, essas bibliotecas devem ser

devidamente exploradas pelo estudante. O estudante precisa munir-se de *textos básicos* para o estudo de sua área específica, tais como um *dicionário*, um *texto introdutório*, um texto de *história*, algum possível *tratado* mais amplo, algumas *revistas especializadas*, todas obras específicas à sua área de estudo e a áreas afins. Posteriormente, à medida que o curso for avançando, deve adquirir os textos monográficos e especializados referentes à matéria (UNISUL, 2020).

A mesma Instituição entende que, estes textos básicos aqui assinalados têm por finalidade única criar um contexto, um quadro teórico geral a partir do qual se pode desenvolver a aprendizagem, assim como a maturação do próprio pensamento. Estes textos exercem, portanto, papel meramente propedêutico, situando-se numa etapa provisória de iniciação. Não se trata de maneira alguma de restringir o estudo aos *manuais* ou, pior ainda, às *apostilas*. Eles se fazem necessários, contudo, neste momento de iniciação, sobretudo para complementar as exposições dos professores em classe, para servir de base de comparação com algum texto porventura utilizado pelos professores, enfim, para fornecer o primeiro instrumental de trabalho nas várias áreas, o vocabulário básico, os elementos do código das várias disciplinas. Estes textos desempenham, pois, o papel de fontes de consultas das primeiras categorias a partir das quais se desenvolverão os vários discursos científicos. Naturalmente, à medida do avanço e do aprofundamento do estudo, serão progressivamente substituídos pelos textos especializados, pelos estudos monográficos resultantes das pesquisas elaboradas pelos vários especialistas com os quais o estudante deverá conviver por muito tempo.

De acordo com a Unisul, numa fase mais avançada de seus estudos, e sobretudo, durante sua vida profissional, estes textos formarão a biblioteca do estudante, lançando as linhas mestras do seu pensamento científico organicamente estruturado. Neste momento, os textos introdutórios só serão utilizados para cobrir eventuais lacunas do processo sequencial de aprendizagem. Frise-se, porém, que, na universidade, não se pode passar o tempo todo estudando apenas textos genéricos, comentários e introduções, embora, pelo menos nas actuais condições, iniciar o curso superior, única e exclusivamente, com textos especializados, sem nenhuma propedêutica teórica, seja um empreendimento de resultados pouco convincentes. Embora esta concepção de muitos professores universitários decorra do esforço para criar maior rigor científico, tal prática não se recomenda como norma geral. Seus resultados históricos são, em alguns casos, brilhantes, mas foram obtidos com sacrifício de muitas potencialidades que se perderam neste salve-se-quem-puder que acaba agravando a situação de discriminação e de selecção de nosso ensino superior. O universitário deve poder passar por um *encaminhamento lógico* que o inicie ao pensar, por mais que o professor não goste de executar esta tarefa. Ao professor não basta ser um grande especialista: é preciso dar-se conta de que é também um *professor e mestre*, conseqüentemente, um educador inserido numa situação histórico-cultural de um país que não pode desconhecer. Isto não quer dizer que o professor sabe tudo: mas que deve saber, pelo menos, conduzir os alunos a descobrirem as vias de aprendizagem. O uso inteligente destes textos auxiliares não prejudicará, em hipótese alguma, a qualificação do ensino.

A esta altura das considerações sobre os instrumentos de trabalho de que o estudante universitário deve munir-se, é preciso dar ênfase às *revistas*, as grandes ausentes do dia-a-dia do trabalho académico em nosso meio universitário. A assinatura de periódicos especializados é hábito elementar para qualquer estudante exigente. Tais revistas mantêm actualizada a informação sobre as pesquisas que se realizam nas várias áreas do saber, assim como sobre a bibliografia referente ao tema de estudo. Em algumas áreas, acompanham estas revistas *repertórios bibliográficos*, outro indispensável instrumento do trabalho científico. A função da revista enquadra-se na vida intelectual do

estudante enquanto lhe permite acompanhar o desenvolvimento de sua ciência e das ciências afins.

Com efeito, ao fazer o curso superior, o estudante é levado a tomar conhecimento de todas as aquisições da ciência de sua especialidade, obtidas durante toda sua formação. Este acervo cultural acumulado, porém, continua desenvolvendo-se dinamicamente. Por isso, além de assimilar estas aquisições, deve passar a seguir sua solução, que estaria a cargo destas publicações periódicas. O mínimo que uma revista fornece são informações bibliográficas preciosas, além de resenhas e de outros dados sobre a vida científica e cultural. Deve ser igualmente estimulada entre os universitários, de maneira incisiva, a participação em acontecimentos extraescolares, tais como simpósios, congressos, encontros, semanas (UNISUL, 2020).

Graças às informações trazidas pelo curso, às indicações dos professores, ao intercâmbio acadêmico e aos programas de busca na Internet, os estudantes poderão conhecer os periódicos, nacionais e estrangeiros, representativos de sua área de estudo. É de todo recomendável a assinatura de algum periódico específico de seu campo de conhecimento e formação.

Quando se fala aqui destes instrumentos teóricos especializados, livros ou revistas, considerados como base para o estudo e pesquisa dos factos e categorias fundamentais do saber actual, não se quer fazer apologia da hiperespecialização, hermética e isolada. Pelo contrário, a interdisciplinaridade é um pressuposto básico de toda formação teórica. As disciplinas não se isolam no contexto teórico: se o curso do aluno define o núcleo central de sua especialização, é de se notar que sua formação exigirá igualmente abertura de complementação para áreas afins com o objectivo de ampliar o referencial teórico. Por isso é importante familiarizar-se com o material relativo a estas disciplinas afins. Assim, não só textos básicos, mas também revistas de áreas complementares à da sua especialização, devem, paulatina e sistematicamente, ser adquiridos, na medida do possível (VIRGILIO, 2019).

Dentre os instrumentos para o trabalho científico disponíveis actualmente, cabe dar especial destaque aos recursos eletrônicos gerados pela tecnologia informacional. De modo especial, cabe referir à rede mundial de computadores, a Internet, e aos muitos recursos comunicacionais da multimídia, como os disquetes e CD-ROMs. Também sobre o uso destes recursos se falará adiante, subsidiando o estudante para utilizá-los adequadamente.

2.3. Material Didáctico Científico

O material didáctico científico deve ser considerado e tratado pelo estudante como base para seu estudo pessoal, que complementarará os dados adquiridos através das actividades de classe. Uma vez *documentada* a matéria abordada em aula, devem ser igualmente *documentados* os elementos complementares a esta matéria e que são levantados mediante a pesquisa feita sobre este material de base. É que muitos esclarecimentos só se encontram através destes estudos pessoais extraclasse. As técnicas e a prática da documentação são expostas na próxima secção. A documentação como prática do trabalho científico é a maneira mais adequada e sistemática de “tomar apontamentos”. As informações colhidas nas aulas expositivas, nos debates em grupo, nos seminários e conferências são assinaladas, num primeiro momento, de maneira precária e provisória, nos cadernos de anotações. Ao retomar, em casa, as anotações, o estudante submetê-las-á a um processo de correcção, de complementação e de triagem após o qual serão transcritas nas *fichas de documentação*. Com efeito, ao tomar notas durante uma exposição, muitas ideias acabam ficando truncadas: é preciso reconstruí-las. O contexto ajudará tanto mais que o que importa reter não é o *texto* da exposição do professor,

mas as ideias principais (ESPÍRITO SANTO, 2019).

De acordo com o mesmo autor, cabe lembrar que para tomar notas de uma aula, de uma palestra, de um debate, não é preciso gravar a exposição nem taquigrafar o discurso feito, palavra por palavra. Não há, nestes casos, necessidade de registrar o texto integral da fala, pois tal tarefa, além de difícil tecnicamente, atrapalha a concentração do ouvinte para pensar no que está sendo dito. O que melhor se faz é ir registrando palavras ou expressões que traduzam conteúdos conceituais, geralmente categorias substantivas ou verbais. Portanto, vai-se registrando uma sequência de categorias, sem a estruturação lógico-redacional explícita da frase. Não é preciso preocupar-se com a falta do texto completo nem com a ausência de muitos dos detalhes da exposição do professor ou do palestrante. É preferível e mais eficiente concentrar-se nas ideias fundamentais, procurando expressá-las mediante algumas categorias básicas e investir na compreensão, na apreensão das ideias do orador. Ao ir registrando estas categorias, deve-se separá-las por barra transversal. Ao retomar, em momento posterior, estes apontamentos, o ouvinte que esteve atento conseguirá recompor a síntese relevante do discurso, bem em cima do eixo essencial da reflexão.

Tratando-se de dados objectivos ou de conceitos precisos que ficaram incompletos, é hora de recorrer aos instrumentos pessoais de pesquisa, às obras básicas de referência. Procura-se assim recompor o texto, complementando-o com esclarecimentos pertinentes que vão ajudar a compreender melhor as informações prestadas. Recuperadas as informações, os elementos fundamentais, aqueles que merecem ser assimilados são passados para as fichas de documentação, sintetizados pessoalmente pelo estudante (IBGE, 2018).

Observe-se que ao proceder assim o aluno está trabalhando de maneira inteligente e racional, realizando simultaneamente todas as dimensões da aprendizagem. Em nenhum momento está preocupando-se com o “decorar”, com o “memorizar”. Está tão-somente pensando nas ideias que está manipulando. Está pensando à medida que se esforça para construir o sentido dos conceitos ou das ideias em jogo. Está ainda pesquisando, comparando, informando-se. Através deste conjunto de actividades que envolve com o pensamento, facilitando as tarefas físicas e psíquicas do estudo, o aluno adquire maior familiaridade com o assunto por mais difícil e estranho que possa parecer à primeira vista. Ademais, não é preciso esperar que domine já desta feita todo o conteúdo e seus desdobramentos. O próprio desenvolvimento do curso e este sistema de documentação irão lhe proporcionar outras oportunidades para a retomada destes temas que, nas sucessivas apresentações, já estarão cada vez mais familiares.

A orientação para a revisão da matéria vista em aula pode ser adaptada às outras situações criadas para o estudante no caso da participação do trabalho em grupo, da preparação do seminário e da elaboração do trabalho de pesquisa. Nessas situações, o procedimento básico de estudo é o mesmo, apesar das diferenças de objetivo. O estudante analisa o material proposto fazendo as devidas anotações sob forma de documentação.

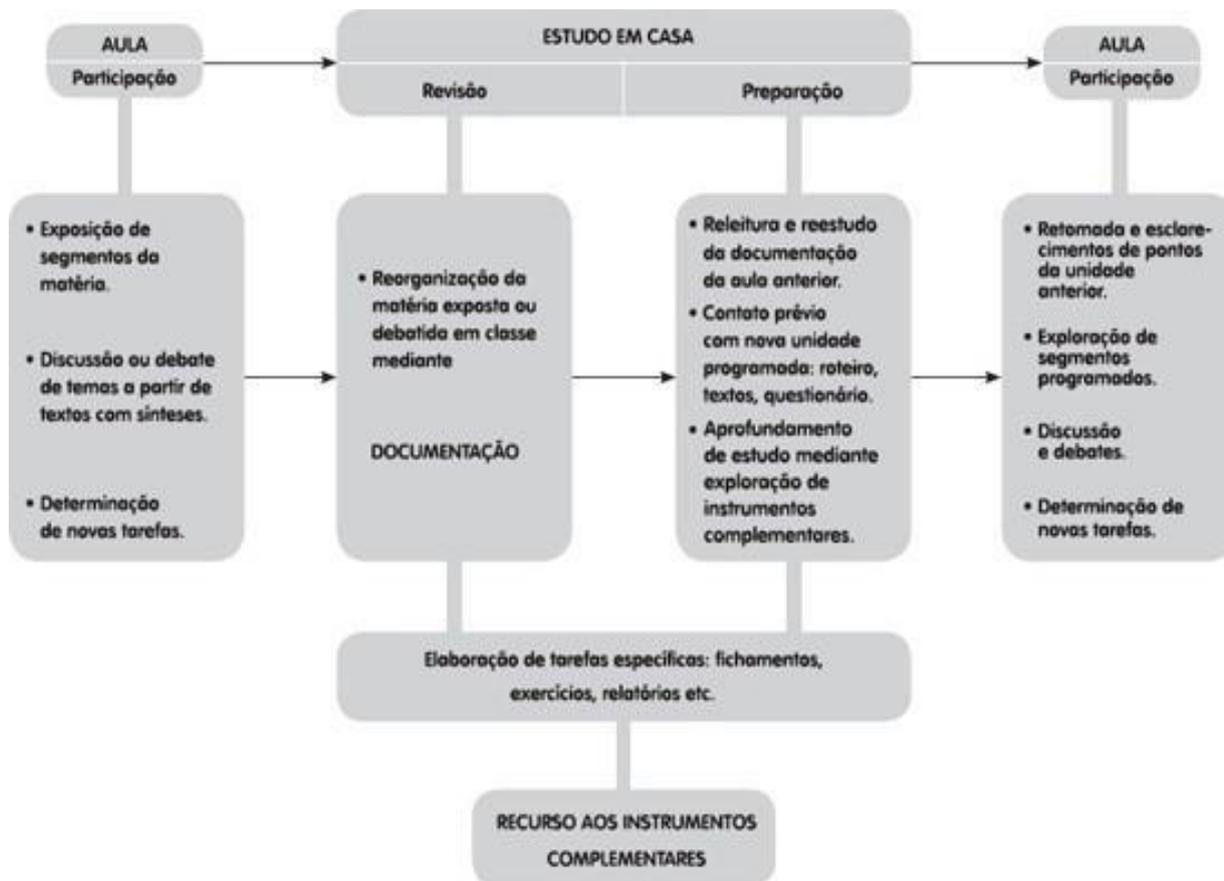
2.4. A Organização Sistemática

Costa (2019) explica que, apesar da aparente rigidez desta proposta de metodologia de estudo, ela é, sem dúvida, a mais eficiente. Pressupõe um mínimo de organização da vida de estudos, mas, em compensação, torna-se sempre mais produtiva. Em virtude de os universitários angolanos, na sua grande maioria, disporem de pouco tempo para seus cursos e exercerem funções profissionais concomitantes ao curso superior, exige-se deles organização sistemática do pouco tempo disponível

para o estudo em casa, indispensável para um aproveitamento mais inteligente do seu curso de graduação, com um mínimo de capacitação qualitativa para as etapas posteriores tanto numa eventual sequência de seus estudos, como na continuidade de suas atividades profissionais definidas e oficializadas pelo seu curso.

O mesmo autor entende que, não se trata de estabelecer uma minuciosa divisão do horário de estudo: o essencial é aproveitar sistematicamente o tempo disponível, com uma ordenação de prioridades. Também não vem ao caso discutir as condições de ordem física e psíquica que sejam melhores para o estudo, muito dependentes das características pessoais de cada um, sendo difícil estabelecer normas gerais que acabam caindo numa tipologia artificial.

Figura 1. Fluxograma da vida de estudo



Fonte: Alves, 2021

Feito o levantamento do tempo disponível, determina um horário para o estudo em casa. E uma vez estabelecido o horário, é necessário começar sem muitos rodeios e cumpri-lo rigorosamente, mantendo um ritmo de estudo. Vencida a fase de aquecimento e seguindo as diretrizes apresentadas para a exploração do material neste e nos próximos capítulos, a produção do trabalho torna-se eficiente, fluente e até mesmo agradável. Tais diretrizes são aplicáveis igualmente ao estudo em grupo. Uma vez reunidos no horário combinado, os elementos do grupo devem desencadear o trabalho sem maiores rodeios, definindo-se as várias tarefas, as várias etapas a serem vencidas e as várias formas de procedimento. Quando o período de estudo ultrapassar duas horas, faz-se em regra geral um intervalo de meia hora para alteração do ritmo de trabalho. Este intervalo também precisa ser seguido à risca (BUARQUE, 1997).

O mesmo autor recomenda distribuir um tempo de estudo para os vários dias da semana, com objectivo de revisar a matéria ou preparar aulas das várias disciplinas nos períodos imediatamente mais

próximos às suas aulas. Caso haja necessidade de um período maior de concentração, a distribuição do tempo, para as várias matérias, levará em conta a carga de trabalho de cada uma e seu grau de dificuldade. *Resumindo*: Para acompanhar o desenvolvimento do seu curso, o aluno deve preparar e rever aulas. O cronograma de estudo possibilita ao aluno maior proveito da aula, seja ela expositiva, um debate ou um seminário. Tratando-se de aula expositiva, até a tomada de apontamentos torna-se mais fácil, dada a familiaridade com a matéria que está sendo exposta; conseqüentemente, há melhores condições de seleccionar o que é essencial e que deve ser anotado, evitando-se a sensação de “estar perdido” no meio de informações aparentemente dispersas. Tratando-se de seminários ou debates, mais necessária se faz ainda a preparação prévia do que se falará ulteriormente.

A revisão da aula situa-se como a primeira etapa de personalização da matéria estudada. É o momento em que se retomam os apontamentos feitos apressadamente durante a aula e se dá acabamento aos informes, recorrendo-se aos instrumentos complementares de pesquisa, após uma triagem dos elementos que passarão definitivamente para as fichas de documentação. Não há necessidade de decorar os apontamentos: basta transcrevê-los, pensando detidamente sobre as ideias em causa e buscando uma compreensão exacta dos conteúdos anotados. Rever estas fichas como preparação da aula seguinte é medida inteligente para o paulatino domínio de seu conteúdo.

2.4.1. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos

Asti (2017), na sua visão, descreve que, em verdade, os textos de ciência e de filosofia apresentam obstáculos específicos, mas nem por isso insuperáveis. É claro que não se pode contar com os mesmos recursos disponíveis no estudo de textos literários, cuja leitura revela uma sequência de raciocínios e o enredo é apresentado dentro de quadros referenciais fornecidos pela imaginação, onde se compreende o desenvolvimento da acção descrita e percebe-se logo o encadeamento da história. Por isso, a leitura está sempre situada, tornando-se possível entender, sem maiores problemas, a mensagem transmitida pelo autor. No caso de textos de pesquisa positiva, acompanha-se o raciocínio já mais rigoroso seguindo a apresentação dos dados objectivos sobre os quais tais textos estão fundados. Os dados e factos levantados pela pesquisa e organizados conforme técnicas específicas às várias ciências permitem ao leitor, devidamente iniciado, acompanhar o encadeamento lógico destes factos. Diante de exposições teóricas, como em geral são as encontradas em textos filosóficos e em textos científicos relativos a pesquisas teóricas em que o raciocínio é quase sempre dedutivo, a imaginação e a experiência objectiva não são de muita valia. Nestes casos, conta-se tão somente com as possibilidades da razão reflexiva, o que exige muita disciplina intelectual para que a mensagem possa ser compreendida com o devido proveito e para que a leitura se torne menos insípida.

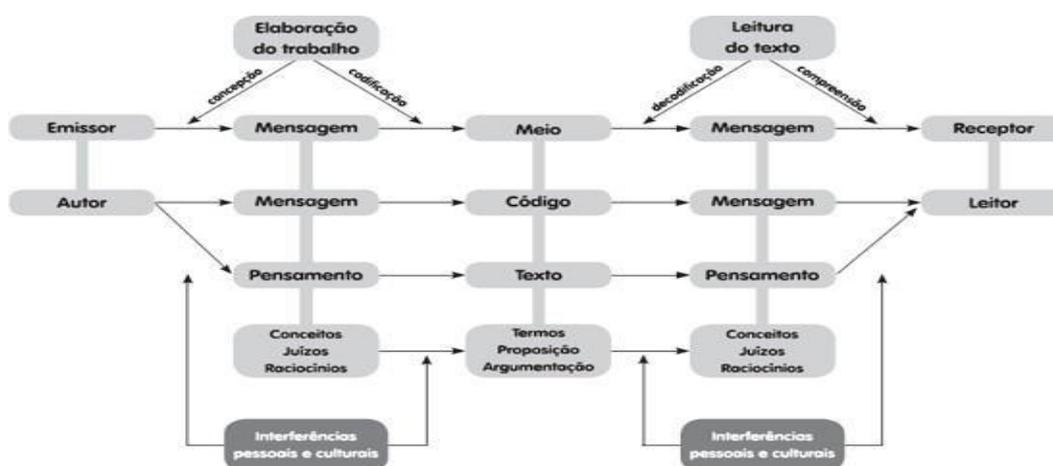
Na realidade, mesmo tratando-se de assuntos abstratos, para o leitor em condições de “seguir o fio da meada” a leitura torna-se fácil, agradável e, sobretudo, proveitosa. Por isso é preciso criar condições de abordagem e de inteligibilidade do texto, aplicando alguns recursos que, apesar de não substituírem a capacidade de intuição do leitor na apreensão da forma lógica dos raciocínios em jogo, ajudam muito na análise e interpretação dos textos.

Antes de abordar as diretrizes para a leitura e análise de textos, recomenda-se atentar para sua função em termos de uma teoria geral da comunicação, estabelecendo-se assim algumas justificativas psicológicas e epistemológicas fundamentais para a adopção destas normas metodológicas e técnicas, tanto para a leitura como para a redacção de textos. Embora sem aprofundar

a questão do significado e função do texto neste nível, que ultrapassaria os objectivos deste trabalho, serão apresentadas aqui algumas considerações para encaminhar a compreensão dos vários momentos do trabalho científico. Pode-se partir da consideração de que a comunicação se dá quando da transmissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor. O emissor transmite uma mensagem que é captada pelo receptor. Este é o esquema geral apresentado pela teoria da comunicação (ASTI, 2017).

Segundo o mesmo autor relata, para fins didácticos, pode-se desdobrar este esquema, o que fornecerá mais elementos para a compreensão da origem e finalidade de um texto. Com efeito, considera-se o emissor como uma consciência que transmite uma mensagem para outra consciência que é o receptor. Portanto, a mensagem será elaborada por uma consciência e será igualmente assimilada por outra consciência. Deve ser, antes de mais nada, pensada e depois transmitida. Para ser transmitida, porém, deve ser antes mediatizada, já que a comunicação entre as consciências não pode ser feita diretamente; ela pressupõe sempre a mediatização de sinais simbólicos. Tal é, com efeito, a função da linguagem. Assim sendo, o texto-linguagem significa, antes de tudo, o meio intermediário pelo qual duas consciências se comunicam. Ele é o código que cifra a mensagem.

Figura 2: Esquema geral da comunicação humana



Fonte: Becker, 2022

Ao escrever um texto, portanto, o autor (o emissor) codifica sua mensagem que, por sua vez, já tinha sido pensada, concebida e o leitor (o receptor), ao ler um texto, descodifica a mensagem do autor, para pensá-la, assimilá-la, personalizá-la e compreendê-la; assim se completa a comunicação. Em todas as fases deste processo, o homem, dada sua condição existencial de empiricidade e liberdade, sofre uma série de interferências pessoais e culturais que põe em risco a objectividade da comunicação. É por isso que são necessárias certas precauções que garantam maior grau de objectividade na interpretação desta comunicação.

Na visão do autor, as diretrizes metodológicas que são apresentadas a seguir têm apenas objectivos práticos. Esta secção visa fornecer elementos para uma melhor abordagem de textos de natureza teórica, possibilitando uma leitura mais rica e mais proveitosa. Frise-se ainda que tais recursos metodológicos não podem prescindir de certa preparação geral relativa à área em que o texto se situa e ao domínio da língua em que é escrito.

2.4.2. Delimitação da Unidade de Leitura

A primeira medida a ser tomada pelo leitor é o estabelecimento de uma unidade de leitura. Unidade é um sector do texto que forma uma totalidade de sentido. Assim, pode-se considerar um capítulo, uma secção ou qualquer outra subdivisão. Toma-se uma parte que forme certa unidade de sentido para que se possa trabalhar sobre ela. Desta maneira, determinam-se os limites no interior dos quais se processará a disciplina do trabalho de leitura e estudo, em busca da compreensão da mensagem. De acordo com esta orientação, a leitura de um texto, quando feita para fins de estudo, deve ser feita por etapas, ou seja, apenas terminada a análise de uma unidade é que se passará à seguinte. Terminado o processo, o leitor se verá em condições de refazer o raciocínio global do livro, reduzindo a uma forma sintética. A extensão da unidade será determinada proporcionalmente à acessibilidade do texto, a ser definida por sua natureza, assim como pela familiaridade do leitor com o assunto tratado. O estudo da unidade deve ser feito de maneira contínua, evitando-se intervalos de tempo muito grandes entre as várias etapas da análise. (AZEVEDO, 2019)

2.4.2.1. Análise do Texto

A análise textual: primeira abordagem do texto com vistas à preparação da leitura. Determinada a unidade de leitura, o estudante-leitor deve proceder a uma série de actividades ainda preparatórias para a análise aprofundada do texto. Procede-se inicialmente a uma leitura seguida e completa da unidade do texto em estudo. Trata-se de uma leitura atenta mas ainda corrida, sem buscar esgotar toda a compreensão do texto. A finalidade da primeira leitura é uma tomada de contacto com toda a unidade, buscando-se uma visão panorâmica, uma visão de conjunto do raciocínio do autor. Além disto, o contacto geral permite ao leitor sentir o estilo e método do texto. Durante o primeiro contacto deverá ainda o leitor fazer o levantamento de todos aqueles elementos básicos para a devida compreensão do texto. Isto quer dizer que é preciso assinalar todos os pontos passíveis de dúvida e que exijam esclarecimentos que condicionam a compreensão da mensagem do autor. (BANASS, 2020)

Os primeiros esclarecimentos a serem buscados são os dados a respeito do *autor* do texto. Uma pesquisa atenta sobre a vida, a obra e o pensamento do autor da unidade fornecerá elementos úteis para uma elucidação das ideias expostas na unidade. Observe-se, porém, que estes esclarecimentos devem ser assumidos com certa reserva, a fim de que as interpretações dos comentadores não venham prejudicar a compreensão objectiva das ideias expostas na unidade estudada. Deve-se assinalar, a seguir, o *vocabulário*: trata-se de fazer um levantamento dos conceitos e dos termos que sejam fundamentais para a compreensão do texto ou que sejam desconhecidos do leitor. Em toda unidade de leitura há sempre alguns conceitos básicos que dão sentido à mensagem e, muitas vezes, seu significado não é muito claro ao leitor numa primeira abordagem. É preciso eliminar todas as ambiguidades destes conceitos para que se possa entender univocamente o que se está lendo. (BANASS, 2020)

Por outro lado, o mesmo autor explica que o texto pode fazer referências a *factos históricos*, a outros autores e especialmente a outras doutrinas, cujo sentido no texto é pressuposto pelo autor, mas nem sempre conhecido do leitor. Todos estes elementos devem ocorrer durante a primeira abordagem, transcritos para uma folha à parte. Percorrida a unidade e levantados todos os elementos carentes de maiores esclarecimentos, interrompe-se a leitura do texto e procede-se a uma pesquisa prévia no sentido de se buscar estes informes.

Estes esclarecimentos são encontrados em: dicionários, textos de história, manuais didácticos

ou monografias especializadas, enfim, em obras de referência das várias especialidades. Pode-se também recorrer a outros estudiosos e especialistas da área. Note-se que a busca de esclarecimentos tem tríplice vantagem: em primeiro lugar, diversificando as actividades no estudo, torna-o menos monótono e cansativo; em segundo lugar, propicia uma série de informações e conhecimentos que passariam despercebidos numa leitura assistemática; em terceiro lugar, tornando o texto mais claro, sua leitura ficará mais agradável e muito mais enriquecedora. A análise textual pode ser encerrada com uma esquematização do texto cuja finalidade é apresentar uma visão de conjunto da unidade. O *esquema* organiza a estrutura redacional do texto que serve de suporte material ao raciocínio.

Segundo Banass (2020), muitos confundem esta esquematização com o resumo do texto. De facto, a apresentação das ideias mais relevantes do texto não deixa de ser uma síntese material da unidade, mas ainda não realiza todas as exigências para um resumo lógico do pensamento expresso no texto, que é atingido pela análise temática, como se verá no item seguinte. A utilidade do esquema está no facto de permitir uma visualização global do texto. A melhor maneira de se proceder é dividir inicialmente a unidade nos três momentos redacionais: introdução, desenvolvimento e considerações finais. Toda unidade completa comporta necessariamente estes três momentos. Depois são feitas as divisões exigidas pela própria redação, no interior de cada uma destas etapas. Tratando-se de unidades maiores, retiradas de livros ou revistas, cada subdivisão é referida ao número da página em que se situa; tratando-se de textos não paginados, deve-se numerar previamente os parágrafos para que se possa fazer as devidas referências.

2.4.2.2. Instrumentos de Expressão

De acordo com Banass (2020), os instrumentos de expressão usados pelo autor, do sentido de todos os conceitos e conhecedor de todas as referências e alusões utilizadas por ele, o leitor passará, numa segunda abordagem, à etapa da compreensão da mensagem global veiculada na unidade. A análise temática procura ouvir o autor, apreender, sem intervir nele, o conteúdo de sua mensagem. Praticamente, trata-se de fazer ao texto uma série de perguntas cujas respostas fornecem o conteúdo da mensagem.

Carbonari (2019) ressalta que, em primeiro lugar, busca-se saber do que fala o texto. A resposta a esta questão revela o *tema* ou *assunto* da unidade. Embora aparentemente simples de ser resolvida, esta questão ilude muitas vezes. Nem sempre o título da unidade dá uma ideia fiel do tema. Às vezes apenas o insinua por associação ou analogia; outras vezes não tem nada que ver com o tema. Em geral, o tema tem determinada estrutura: o autor está falando não de um objecto, de um facto determinado, mas de relações variadas entre vários elementos; além desta possível estruturação, é preciso captar a perspectiva de abordagem do autor: tal perspectiva define o âmbito dentro do qual o tema é tratado, restringindo-o a limites determinados. Avançando um pouco mais na tentativa da apreensão da mensagem do autor, capta-se a *problematização* do tema, porque não se pode falar coisa alguma a respeito de um tema se ele não se apresentar como um *problema* para aquele que discorre sobre ele. A apreensão da problemática, que por assim dizer “provocou” o autor, é condição básica para se entender devidamente um texto, sobretudo em se tratando de textos filosóficos.

Pergunta-se, pois, ao texto em estudo: como o assunto está problematizado? Qual dificuldade deve ser resolvida? Qual o problema a ser solucionado? A formulação do problema nem sempre é clara e precisa no texto, em geral é implícita, cabendo ao leitor explicitá-la. Captada a problemática, a terceira questão surge espontaneamente: o que o autor fala sobre o tema, ou seja, como responde à

dificuldade, ao problema levantado? Que posição assume, que ideia defende, o que quer demonstrar? A resposta a esta questão revela a *ideia central*, *proposição fundamental* ou *tese*: trata-se sempre da ideia mestra, da ideia principal defendida pelo autor naquela unidade. Em geral, nos textos logicamente estruturados, cada unidade tem sempre uma única ideia central, todas as demais ideias estão vinculadas a ela ou são apenas paralelas ou complementares. Daí a percepção de que ela representa o núcleo essencial da mensagem do autor e a sua apreensão torna o texto inteligível. Normalmente, a tese deveria ter formulação expressa na introdução da unidade, mas isto não ocorre sempre, estando, às vezes, difusa no corpo da unidade.

Na explicitação da tese sempre deve ser usada uma *proposição*, uma *oração*, um *juízo completo* e nunca apenas uma *expressão*, como ocorre no caso do tema. A ideia central pode ser considerada inicialmente como uma hipótese geral da unidade, pois que é justamente esta ideia que cabe à unidade demonstrar mediante o *raciocínio*. Por isso, a quarta questão a se responder é: como o autor demonstra sua tese, como comprova sua posição básica? Qual foi o seu raciocínio, a sua *argumentação*?

Carbonari (2020) narra que, é através do raciocínio que o autor expõe, passo a passo, seu pensamento e transmite sua mensagem. O raciocínio, a argumentação, é o conjunto de ideias e proposições logicamente encadeadas, mediante as quais o autor demonstra sua posição ou tese. Estabelecer o raciocínio de uma unidade de leitura é o mesmo que reconstituir o processo lógico, segundo o qual o texto deve ter sido estruturado: com efeito, o raciocínio é a estrutura lógica do texto. A esta altura, o que o autor quis dizer de essencial já foi apreendido. Ocorre, contudo, que os autores geralmente tocam em outros temas paralelos ao tema central, assumindo outras posições secundárias no decorrer da unidade. Estas ideias são como que intercaladas e não são indispensáveis ao raciocínio, tanto que poderiam ser até eliminadas sem truncar a sequência lógica do texto. Associadas às *ideias secundárias*, de conteúdo próprio e independente, complementam o pensamento do autor: são subtemas e subteses.

Para levantar tais ideias, basta ler o texto perguntando se a unidade ainda é questão de outros assuntos. Note-se que é esta análise temática que serve de base para o *resumo* ou *síntese* de um texto. Quando se pede o resumo de um texto, o que se tem em vista é a síntese das ideias do raciocínio e não a mera redução dos parágrafos. Daí poder o resumo ser escrito com outras palavras, desde que as ideias sejam as mesmas do texto. É também esta análise que fornece as condições para se construir tecnicamente um *roteiro de leitura* como, por exemplo, o resumo orientador para seminários e estudo dirigido. Finalmente, é com base na análise temática que se pode construir o *organograma lógico* de uma unidade: a representação geometrizada de um raciocínio. (CARBONARI, 2020)

2.4.2.3. A Análise Interpretativa

Barros (2018) explique que, a análise interpretativa é a terceira abordagem do texto com vistas à sua interpretação, mediante a situação das ideias do autor. A partir da compreensão objectiva da mensagem comunicada pelo texto, o que se tem em vista é a síntese das ideias do raciocínio e a compreensão profunda do texto não traria grandes benefícios. *Interpretar*, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cortejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor. Bem se vê que esta última etapa da leitura analítica é a mais difícil e delicada, uma vez que os riscos de interferência da subjectividade do leitor são maiores,

além de pressupor outros instrumentos culturais e formação específica.

Para o mesmo autor entende que, a primeira etapa de interpretação consiste em situar o pensamento desenvolvido na unidade na esfera mais ampla do pensamento geral do autor, e em verificar como as ideias expostas na unidade se relacionam com as posições gerais do pensamento teórico do autor, tal como é conhecido por outras fontes. A seguir, o pensamento apresentado na unidade permite situar o autor no contexto mais amplo da cultura filosófica em geral, situá-lo por suas posições aí assumidas, nas várias orientações filosóficas existentes, mostrando-se o sentido de sua própria perspectiva e destacando-se tanto os pontos comuns como os originais. Nas duas primeiras etapas, busca-se ao mesmo tempo o relacionamento lógico-estático das ideias do autor no conjunto da cultura daquela área, assim como o relacionamento lógico-dinâmico de suas ideias com as posições de outros autores que eventualmente o influenciaram ou que foram por ele influenciados. Em ambos os casos, trata-se de uma abordagem genérica.

O mesmo autor relata que, depois disto, já de um ponto de vista estrutural, busca-se uma compreensão interpretativa do pensamento exposto e explicitam-se os *pressupostos* que o texto implica. Tais pressupostos são ideias nem sempre claramente expressas no texto, são princípios que justificam, muitas vezes, a posição assumida pelo autor, tornando-a mais coerente dentro de uma estrutura rigorosa. Em outro momento, estabelece-se uma aproximação e uma associação das ideias expostas no texto com outras ideias semelhantes que eventualmente tenham recebido outra abordagem, independentemente de qualquer tipo de influência. Faz-se uma comparação com ideias temáticas afins, sugeridas pelos vários enfoques e colocações do autor. Uma leitura é tanto mais fecunda quanto mais sugere temas para a reflexão do leitor.

O próximo passo da interpretação é a *crítica*. Não se trata aqui do trabalho metodológico da crítica externa e interna, adoptado na pesquisa científica. O que se visa, durante a leitura analítica, é a formulação de um juízo crítico, de uma tomada de posição, enfim, de uma avaliação cujos critérios devem ser delimitados pela própria natureza do texto lido.

Bastos (2019) frisa que tal avaliação tem duas perspectivas: de um lado, o texto pode ser julgado levando-se em conta sua coerência interna; de outro lado, pode ser julgado levando-se em conta sua originalidade, alcance, validade e a contribuição que dá à discussão do problema. Do primeiro ponto de vista, busca-se determinar até que ponto o autor conseguiu atingir, de modo lógico, os objectivos que se propusera alcançar; pergunta-se até que ponto o raciocínio foi eficaz na demonstração da tese proposta e até que ponto a conclusão a que chegou está realmente fundada numa argumentação sólida e sem falhas, coerente com as suas premissas e com várias etapas percorridas.

De acordo com o mesmo autor, sublinha que, a partir do segundo ponto de vista, formula-se um juízo crítico sobre o raciocínio em questão: até que ponto o autor consegue uma colocação original, própria, pessoal, superando a pura retomada de textos de outros autores, até que ponto o tratamento dispensado por ele ao tema é profundo e não superficial e meramente erudito; trata-se de se saber ainda qual o alcance, ou seja, a relevância e a contribuição específica do texto para o estudo do tema abordado.

Resta aludir aqui a uma possível crítica pessoal às posições defendidas no texto. Porque exige maturidade intelectual, esta é a fase mais delicada da interpretação de um texto; é viável desde o momento em que a vivência pessoal do problema tenha alcançado níveis que permitam o debate da questão tratada. Observa-se ainda que o objectivo último da formação filosófica é o amadurecimento

da reflexão pessoal para o tratamento autônomo destas questões. A actividade filosófica começa no momento em que se explica a própria experiência. Para alcançar tal objectivo esbarra-se na abordagem dos textos deixados pelos autores. É por isso que a leitura analítica metodologicamente realizada é instrumento adequado e eficaz para o amadurecimento intelectual do estudante.

2.4.2.4. A Problematização

A *problematização* é a quarta abordagem da unidade com vistas ao levantamento dos problemas para a discussão, sobretudo quando o estudo é feito em grupo. Retoma-se todo o texto, tendo em vista o levantamento de problemas relevantes para a reflexão pessoal e principalmente para a discussão em grupo. Os problemas podem situar-se no nível das três abordagens anteriores; desde problemas textuais, os mais objectivos e concretos, até os mais difíceis problemas de interpretação, todos constituem elementos válidos para a reflexão individual ou em grupo. O debate e a reflexão são essenciais à própria actividade filosófica e científica. Cumpre observar a distinção a ser feita entre a tarefa de *determinação do problema* da unidade, segunda etapa da análise temática, e a *problematização geral* do texto, última etapa da análise de textos científicos. No primeiro caso, o que se pede é o desvelamento da situação de conflito que provocou o autor para a busca de uma solução. No presente momento, *problematização* é tomada em sentido amplo e visa levantar, para a discussão e a reflexão, as questões explícitas ou implícitas no texto (BASTOS, 2019).

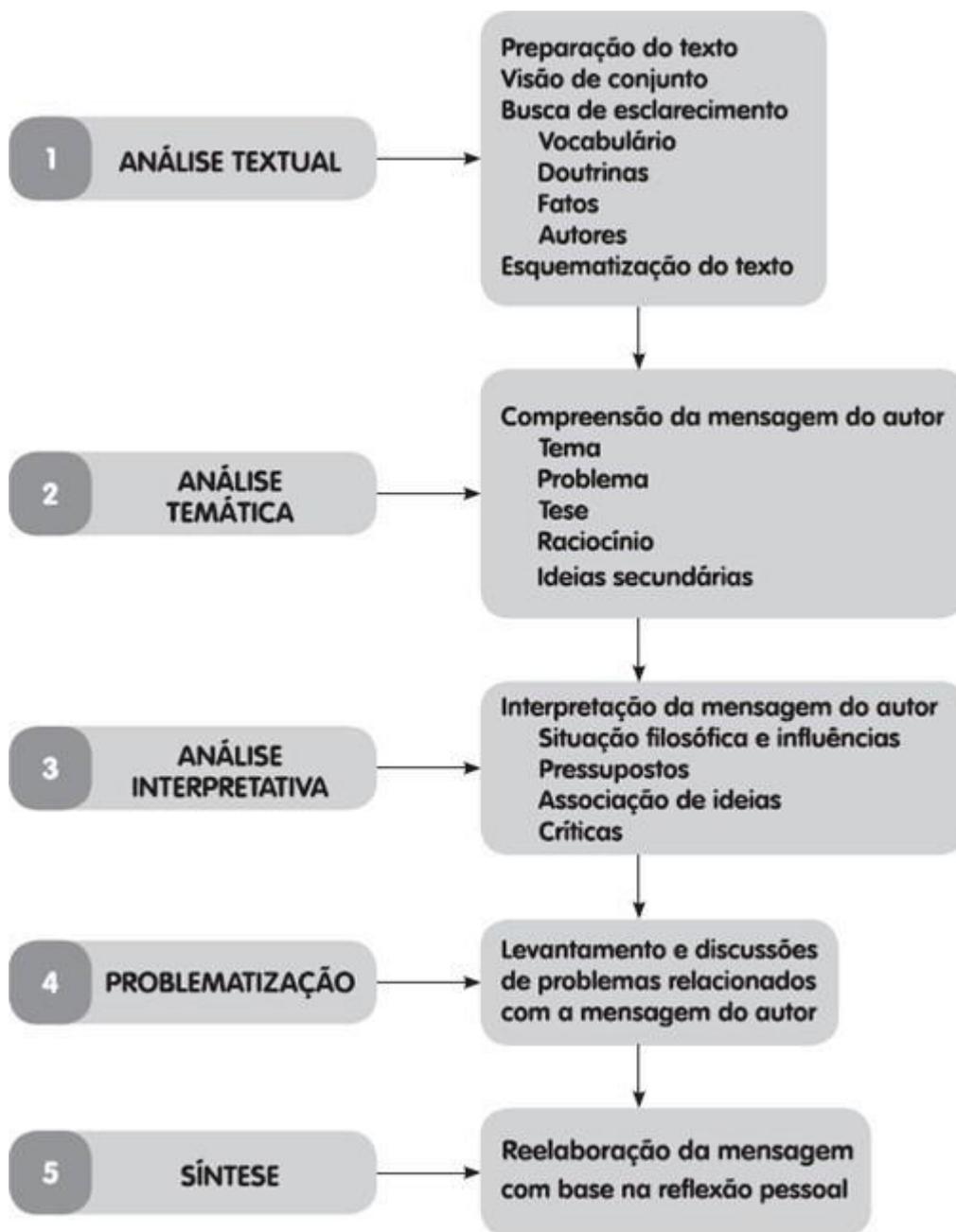
2.4.2.5. Síntese Pessoal

Para o Becker *et al.* (2020), a discussão da problemática levantada pelo texto, bem como a reflexão a que ele conduz, devem levar o leitor a uma fase de elaboração pessoal ou de síntese. Trata-se de uma etapa ligada antes à construção lógica de uma redação do que à leitura como tal. De qualquer modo, a leitura bem feita deve possibilitar ao estudioso progredir no desenvolvimento das ideias do autor, bem como daqueles elementos relacionados com elas. Ademais, o trabalho de síntese pessoal é sempre exigido no contexto das actividades didácticas, quer como tarefa específica, quer como parte de relatórios ou de roteiros de seminários. Significa também valioso exercício de raciocínio – garantia de amadurecimento intelectual. Como a problematização, esta etapa se apoia na retomada de pontos abordados em todas as etapas anteriores. *Resumindo*, a leitura analítica desenvolve no estudante-leitor uma série de posturas lógicas que constituem a via mais adequada para sua própria formação, tanto na sua área específica de estudo quanto na sua formação filosófica em geral. Com o objectivo de fornecer uma representação global da leitura analítica, assim como permitir uma recapitulação de todo o processo, são apresentados a seguir um esquema pormenorizado com suas várias actividades e um fluxograma com suas principais etapas.

Recapitulando: a leitura analítica é um método de estudo que tem como objectivos:

1. Favorecer a compreensão global do significado do texto;
2. Treinar para a compreensão e interpretação crítica dos textos;
3. Auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico;
4. Fornecer instrumentos para o trabalho intelectual desenvolvido nos seminários, no estudo dirigido, no estudo pessoal e em grupos, na confecção de resumos, resenhas, relatórios etc. Seus processos básicos são os seguintes:

Figura 3. Esquema de leitura analítica



Fonte: Banass, 2022

1. **Análise textual:** preparação do texto; trabalhar sobre unidades delimitadas (um capítulo, uma secção, uma parte etc., sempre um trecho com um pensamento completo); fazer uma leitura rápida e atenta da unidade para se adquirir uma visão de conjunto do assunto; levantar esclarecimentos relativos ao autor, ao vocabulário específico, aos factos, doutrinas e autores citados, que sejam importantes para a compreensão da mensagem; esquematizar o texto, evidenciando sua estrutura redacional.

2. **Análise temática:** compreensão do texto; determinar o tema-problema, a ideia central e as ideias secundárias da unidade; refazer a linha de raciocínio do autor, ou seja, reconstruir o processo lógico do pensamento do autor; evidenciar a estrutura lógica do texto, esquematizando a sequência das ideias.

3. **Análise interpretativa:** interpretação do texto; situar o texto no contexto da vida e da obra do autor, assim como no contexto da cultura de sua especialidade, tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista teórico explicitar os pressupostos filosóficos do autor que justifiquem suas posturas teóricas; aproximar e associar ideias do autor expressas na unidade com outras ideias relacionadas à mesma temática; exercer uma atitude crítica diante das posições do autor em termos de:

- a) Coerência interna da argumentação;
- b) Validade dos argumentos empregados;
- c) Originalidade do tratamento dado ao problema;
- d) Profundidade de análise ao tema;
- e) Alcance de suas conclusões e consequências;
- f) Apreciação e juízo pessoal das ideias defendidas.

4. **Problematização:** discussão do texto; levantar e debater questões explícitas ou implícitas no texto; debater questões afins sugeridas pelo leitor.

5. **Síntese pessoal:** reelaboração pessoal da mensagem; desenvolver a mensagem mediante retomada pessoal do texto e raciocínio personalizado; elaborar um novo texto, com redação própria, com discussão e reflexão pessoais.

2.4.2.6. Documentação como método de estudo pessoal

Segundo Becker *et al.* (2020), a grande dificuldade encontrada pelos estudantes, cada dia mais confrontados com uma cultura que não cessa de complexificar-se e se utilizar de acanhados métodos de estudo que não acompanham, no mesmo ritmo, a evolução global da cultura e da ciência. Alguns acreditam que é possível encontrar na própria tecnologia os recursos que possibilitem superar tais dificuldades da aprendizagem. Os recursos milagrosos da tecnologia, no entanto, estão ainda para serem criados e testados; os métodos acadêmicos tradicionais, baseados na assimilação passiva, já não fornecem nenhum resultado eficaz. O estudante tem de se convencer de que sua aprendizagem é uma tarefa eminentemente pessoal; tem de se transformar num estudioso que encontra no ensino escolar não um ponto de chegada, mas um limiar a partir do qual constitui toda uma actividade de estudo e de pesquisa, que lhe proporciona instrumentos de trabalho criativo em sua área. É inútil retorquir que isto já é óbvio para qualquer estudante. De facto, nunca se agregou tanto como hoje a importância da criatividade nos vários momentos da vida escolar. Mas o facto é que os hábitos correspondentes não foram instaurados e, na prática de ensino, os resultados continuam insatisfatórios.

2.4.2.7. Prática da Documentação

De acordo Becker *et al.* (2020), as considerações que seguem visam tão-somente sugerir formas concretas para o estudo pessoal, sem se preocupar em delinear uma teoria e uma técnica muito sofisticada de documentação. Ressaltar a importância da técnica da documentação como forma de estudo (talvez já conhecida e praticada por muitos, mas nem sempre com a devida correcção) é o único objectivo aqui visado. O saber constitui-se pela capacidade de reflexão no interior de determinada área do conhecimento. A reflexão, no entanto, exige o domínio de uma série de informações. O acto de filosofar, por exemplo, reclama um pensar por conta própria que é atingido mediante o pensamento

de outras pessoas. A formação filosófica pressupõe, dialética e não mecanicamente, a informação filosófica. Do mesmo modo alguém se torna grande poeta ou escritor e, como tal, altera com seu gênio sua língua e sua cultura. Antes, porém, de aí chegar será influenciado por esta cultura e se comunicará através da língua que aprendeu submissamente. Afinal, o homem é um ser culturalmente situado.

Assim sendo, a posse de informação completa de sua área de especialização é razoável nas áreas afins, assim como certa cultura geral é uma exigência para qualquer estudante universitário cujos objectivos signifiquem algo mais que um diploma. Esta informação só se pode adquirir através da documentação realizada criteriosamente. O didactismo tem criado uma série de vícios que se arraigaram na vida escolar dos estudantes desde a escola primária, esterilizando os resultados do ensino. Não traz resultados positivos para o estudo ouvir aulas, por mais brilhantes que sejam, nem adianta ler livros clássicos e célebres. Isto só tem algum valor à medida que se traduzir em documentação pessoal, ou seja, à medida que estes elementos puderem estar à disposição do estudante, a qualquer momento de sua vida intelectual. A prática da documentação pessoal deve, pois, tornar-se uma constante na vida do estudante: é preciso convencer-se de sua necessidade e utilidade, colocá-la como integrante do processo de estudo e criar um conjunto de técnicas para organizá-la. A documentação de tudo o que for julgado importante e útil em função dos estudos e do trabalho profissional deve ser feita em fichas. Tomar notas em cadernos é um hábito desaconselhável devido à sua pouca funcionalidade (BECKER *et al.*, 2020).

2.4.2.8. Documentação Temática

A documentação temática visa colectar elementos relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular, sempre dentro de determinada área. Na documentação temática, estes elementos são determinados em função da própria estrutura do conteúdo da área estudada ou do trabalho em realização. Tal documentação é feita, portanto, seguindo-se um plano sistemático, constituído pelos temas e subtemas da área ou do trabalho em questão. A estes temas e subtemas correspondem os títulos e subtítulos que encabeçam as fichas e formam um conjunto geral de fichas ou fichário. Os elementos a serem transcritos nas fichas de documentação temática não são tirados apenas das leituras particulares, mas também das aulas, das conferências e dos seminários. As ideias pessoais importantes para qualquer projecto futuro também devem ser transcritas nas fichas, para não se perderem com o passar do tempo (BECKER *et al.*, 2020).

Conforme o mesmo autor, quando se transcreve na ficha uma citação literal, esta citação virá entre aspas, terminando com a indicação abreviada da fonte; quando a transcrição contiver apenas uma síntese das ideias da passagem citada, dispensam-se as aspas, mantendo-se a indicação da fonte; quando são transcritas ideias pessoais, não é necessário usar nem aspas nem indicações de fonte, nem sinais indicativos, pois a ausência de qualquer referência revela que são ideias elaboradas pelo próprio autor.

O fichário é constituído primeiramente pelas Fichas de Documentação Temática. Baseia-se nos conceitos fundamentais que estruturam determinada área de saber. Cada estudante pode formar seu fichário de documentação temática relacionado ao curso que está seguindo, a partir da sua estrutura curricular. Neste caso, cada disciplina corresponderia a um sector do fichário e suas partes essenciais determinariam os títulos das fichas, enquanto os conceitos e elementos fundamentais destas partes corresponderiam aos subtítulos das fichas. Concretamente, no que diz respeito às aulas, os estudantes, ao reverem seus apontamentos de classe, nos cadernos de rascunho, passariam os tópicos mais

importantes para as fichas, sistematizando as ideias a serem retidas. Também assim deveriam ser estudadas as “apostilas” – enquanto durarem: far-se-ia uma documentação temática dos principais conceitos da matéria em pauta. Mesmo procedimento a ser adoptado em relação aos livros cujo conteúdo tem interesse directo ou complementar para o curso. Igualmente, todas as leituras complementares devem traduzir-se em documentação, assim como todas as demais actividades escolares (BECKER *et al.*, 2020).

2.4.2.9. Documentação Bibliográfica

É por isso que a documentação temática se completa pela documentação bibliográfica: as Fichas de Documentação Bibliográfica organizam-se de acordo com um critério de natureza temática. Assim, o livro é fichado tendo em vista a área geral e específica dentro da qual se situa. O fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente feito, proporciona ao estudante rica informação para seus estudos. A documentação bibliográfica deve ser realizada paulatinamente, à medida que o estudante toma contacto com os livros ou com seus informes. Assim, todo livro que cair em suas mãos será imediatamente fichado. Igualmente, todos os informes sobre algum livro pertinente à sua área possibilitam a abertura de uma ficha. Os informes sobre os livros são encontrados principalmente nas revistas especializadas, nas resenhas, nos catálogos (CARVALHO, 2018).

Segundo o mesmo autor, as informações transcritas na Ficha de Documentação Bibliográfica são compostas em níveis cada vez mais aprofundados. Primeiramente, apresenta-se uma visão de conjunto, um apanhado amplo, o que pode ser feito após um primeiro e superficial contacto com o livro, lendo-se apenas o sumário, as orelhas, o prefácio e a introdução. Depois, mediante leituras mais aprofundadas, são feitos apontamentos mais rigorosos. A melhor informação para este tipo de ficha seria aquela que sintetizasse a própria análise temática do texto.

Cabe observar que os diversos níveis não precisam ser feitos de uma só vez. À medida em que os contactos com os textos se forem repetindo e aprofundando, em cada oportunidade, serão lançados novos elementos. Tal documentação pode ser feita também a respeito de artigos, resenhas, capítulos isolados etc. As várias informações devem ser seguidas pela indicação, entre parênteses, das páginas a que se referem. Do ponto de vista técnico, coloca-se no alto, à esquerda, a citação bibliográfica completa do texto fichado; no alto, à direita, ficam o título e os eventuais subtítulos. Não há um tamanho padronizado para estas *fichas de documentação*, ficando a critério de cada um o seu formato. Tanto mais que agora elas podem ser digitadas em micro, formando documentos/arquivos, directórios e pastas. Quando precisar de cópia, o estudante as imprime em folhas comuns tamanho A4 ou Letter (CARVALHO, 2018).

2.4.2.10. Documentação Geral

A documentação geral é aquela que organiza e guarda documentos úteis retirados de fontes perecíveis. Trata-se de passar para pastas, sistematicamente organizadas, documentos cuja conservação seja julgada importante. Assim, recortes de jornais, xerox de revistas, apostilas etc. são fontes que nem sempre são encontradas disponíveis fora da época de sua publicação. Tais documentos são arquivados sob títulos classificatórios de seu conteúdo, formando um conjunto de textos relacionados com a área de interesse do estudante.

Quando, eventualmente, vierem a ser estudados em função de algum trabalho, estes documentos podem servir de base para a documentação temática ou mesmo bibliográfica, em se tratando de um texto de maior valor científico. É sob a forma de documentação geral que os estudantes deveriam guardar, de maneira sistemática e organizada, as apostilas, os textos-roteiros dos seminários, os trabalhos didáticos, os textos de conferências etc. Para este tipo de documentação são utilizadas as folhas de tamanho ofício, sobre as quais são colados os recortes, deixando-se margens suficientes para os títulos e demais referências bibliográficas, como o nome do jornal ou revista de onde foram tirados, a data e a página. (CASTRO, 2016).

2.4.2.11. Documentação em folhas de diversos tamanhos

Embora a documentação temática e bibliográfica utilize as fichas de cartolina acima citadas, podem ser usadas igualmente as folhas comuns de papel sulfite, de diversos tamanhos, ou ainda as *folhas pautadas*, feitas para classificadores escolares (“monobloco”). Embora dificulte a manipulação, a grande vantagem deste tipo de ficha é permitir a substituição do fichário tipo caixa por pastas-arquivos, classificadores, que facilitam o transporte. Há ainda a vantagem de facilitar o trabalho de datilografia, quando se prefere fazer a documentação à máquina. A opção entre os vários tipos de fichas fica a critério do aluno, que levará em conta sua maior adaptação a estes vários modelos.

Castro (017) explica que, adoptando-se as folhas, deve-se proceder de acordo com o mesmo esquema: no alto, à direita, uma *chamada geral*, com um título mais amplo que indique o tema principal, seguido, logo abaixo, por uma *chamada secundária*, com um título mais específico que indique o subtema abordado, a perspectiva, o enfoque sob o qual o tema é tratado ou o critério sob o qual o assunto está sendo documentado. O universitário pode seguir como estrutura geral de seu fichário a própria estrutura curricular de seu curso. Para cada disciplina, abre uma *pasta*, um *classificador*. Cada secção é determinada pelos vários tópicos principais da referida disciplina e cada ficha traz, sistematicamente, o tema e o subtema das várias unidades que estão sendo anotados e documentados e que devem ser estudados. O procedimento técnico de anotação é o mesmo utilizado para o outro tipo de ficha. Ressalve-se, contudo, que neste caso o verso da folha não deve ser utilizado. Igualmente é possível fazer o mesmo tipo de *fichário bibliográfico*. A classificação dos livros pode acompanhar também a estruturação curricular do seu curso.

Todo este trabalho de documentação deve ser feito à medida em que o estudante desenvolve seus estudos. Como se viu no segundo capítulo, ao fazer a revisão da aula anterior, os elementos seleccionados entre o material visto em classe são transcritos para as fichas. O mesmo será feito com eventuais elementos colhidos de pesquisas complementares ou paralelas referentes aos temas estudados. Procede-se igualmente com os livros: começando com os indicados pelo próprio curso e com aqueles assinalados como bibliografia complementar. Para os demais livros de interesse para seus estudos, inclusive informações colhidas de informes de revistas, repertórios, catálogos, ele *abre* uma *Ficha de Documentação Bibliográfica* que não só fornece informação sobre a existência de textos interessantes como também aguarda a oportunidade de um estudo mais aprofundado, ocasião em que os resultados do estudo são progressivamente transcritos numa ficha.

Tratando-se de autores cujo pensamento é relevante para o estudo da área de especialização, deve-se abrir igualmente uma *Ficha de Documentação Biográfica* só para o autor.¹⁸ Nesta ficha são anotados progressivamente, à medida que se tornarem disponíveis, os dados biobibliográficos do autor, bem como os pontos mais importantes de seu pensamento.

CAPÍTULO III: ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA PARA ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

3.1. Produção de Trabalho Científico

Para apresentação de trabalhos acadêmicos ou científicos é imprescindível destacar algumas considerações quanto aos aspectos referentes à digitação, forma de redação, formatação de tópicos, estrutura de apresentação e numeração de páginas. O projecto gráfico de um trabalho acadêmico é de responsabilidade do seu autor. Entretanto, algumas normas gerais devem ser seguidas, como prescreve a norma ABNT e APA. Os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos (monografias, dissertação, teses, artigos científicos e resenhas), visando a sua apresentação à Instituição (banca ou mesa de júri, comissão examinadora de professores, especialistas designados e/ou outros); (ABNT, 2018).

3.1. 1. Regras Gerais de Formatação

Segundo Cervo (2019), para a apresentação de trabalhos acadêmicos, observe os itens a seguir:

3.1.1.2. Papel

Papel branco, formato A4 (21 cm x 29,7 cm).

3.1.1.3. Fontes

Arial ou Times New Roman, sem detalhes estéticos para facilitar a leitura (tamanho 12 para texto e títulos), na cor preta para o texto, podendo ser utilizada outras cores para as ilustrações. Tamanho de fonte 10 para, citações com mais de três linhas, notas de rodapé, paginação, legendas das ilustrações e tabelas.

Recomenda-se a utilização da fonte Times New Roman ou arial para facilitar a apresentação de partes do texto em artigos e em eventos. Porém, os trabalhos a serem entregues encadernados (com capa dura) devem utilizar fonte Times New Roman ou Arial para a gravação dos dados da capa. Outros recursos tipográficos (como negrito, itálico, maiúsculas e versal, versalete no Word) poderão ser utilizados nos títulos para diferenciar as diferentes seções do trabalho. O recurso de itálico deve ser utilizado no texto para indicar palavras em outros idiomas.

3.1.1.4. Siglas

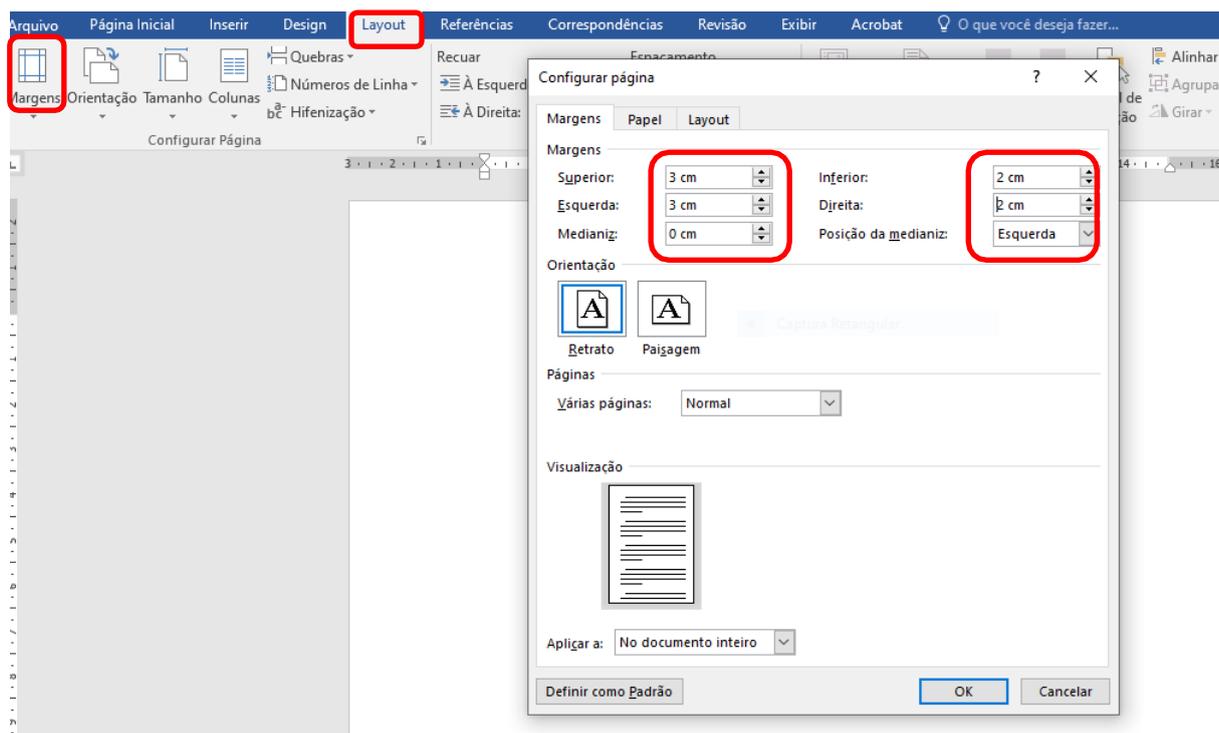
Na primeira ocorrência do texto, as siglas devem ser colocadas entre parênteses, junto à forma completa do nome. Exemplo: Instituto Nacional de Estatística (INE).

3.1.1.5. Formato

De acordo com a NBR 14724, os textos devem ser digitados a frente da folha, com exceção da Ficha Catalográfica, que deve vir no verso da folha de rosto, em cor preta, podendo utilizar outras cores somente para ilustrações (ABNT, 2020). O texto deve ser digitado em papel branco, formato A4 (21 x 297 mm); as margens devem ser: 3 cm esquerda e superior, e 2 cm direita e inferior. A fonte deve ser Arial tamanho 12 sem detalhes estéticos para facilitar a leitura (tamanho 12 para texto e títulos).

Tamanho de fonte 10 para citações com mais de três linhas, notas de rodapé. Não se utiliza aspas, paginação, legendas das ilustrações e tabelas.

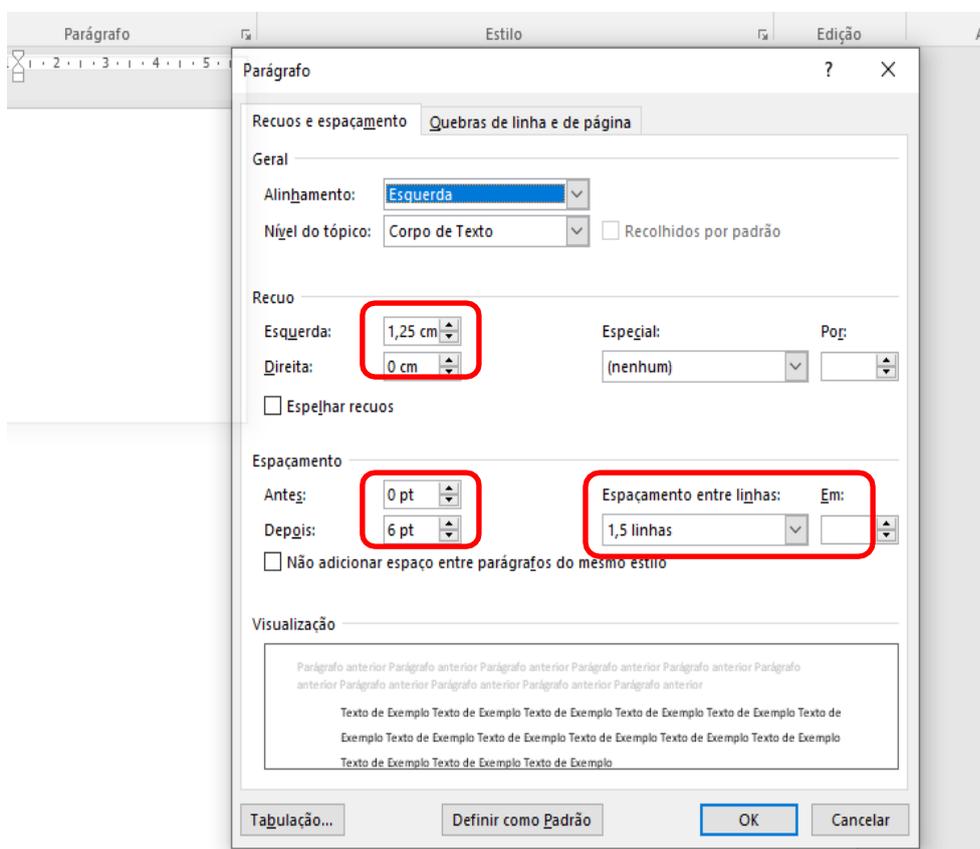
Figura 4: Formatação da folha de Texto



Fonte: Fenelon, 2014

O texto deve ser digitado em parágrafos, deslocando a primeira linha em 1,25 cm da margem esquerda e justificado, espaçamento de 6 pt após a última linha e parágrafo justificado.

Figura 5: Formatação de margens e espaçamento



Fonte: Virgílio, 2019

3.1.1.6. Margens e Espaçamento

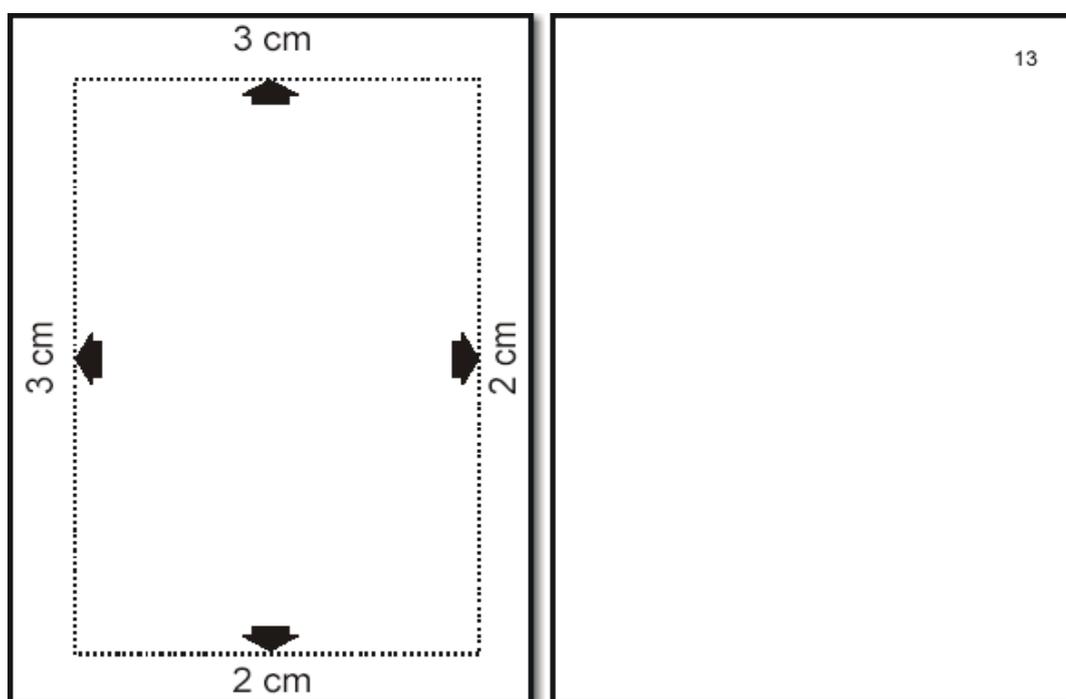
a) O texto deve ser digitado com espaço 1,5 entre linhas; devem ser digitadas em espaço simples as citações longas (com mais de três linhas), notas de rodapé, referências, legendas de ilustrações e de tabelas;

b) Os títulos das secções e subsecções devem começar na parte superior da folha a ser separado do texto que os sucede por dois espaços de 1,5 (2 linhas); para separar o texto de uma citação longa, utiliza-se um espaço simples (1,0);

c) O texto deve ser justificado; o recuo de parágrafo é de 1,5 cm da margem;

d) As folhas devem apresentar margens esquerda e superior 3.0 cm; direita e inferior 2.0 cm (item 5.2, NBR, 14724:2020), conforme **Figura 6**.

Figura 6: Formatação de página, margens e número de página



Fonte: Sousa, 2018

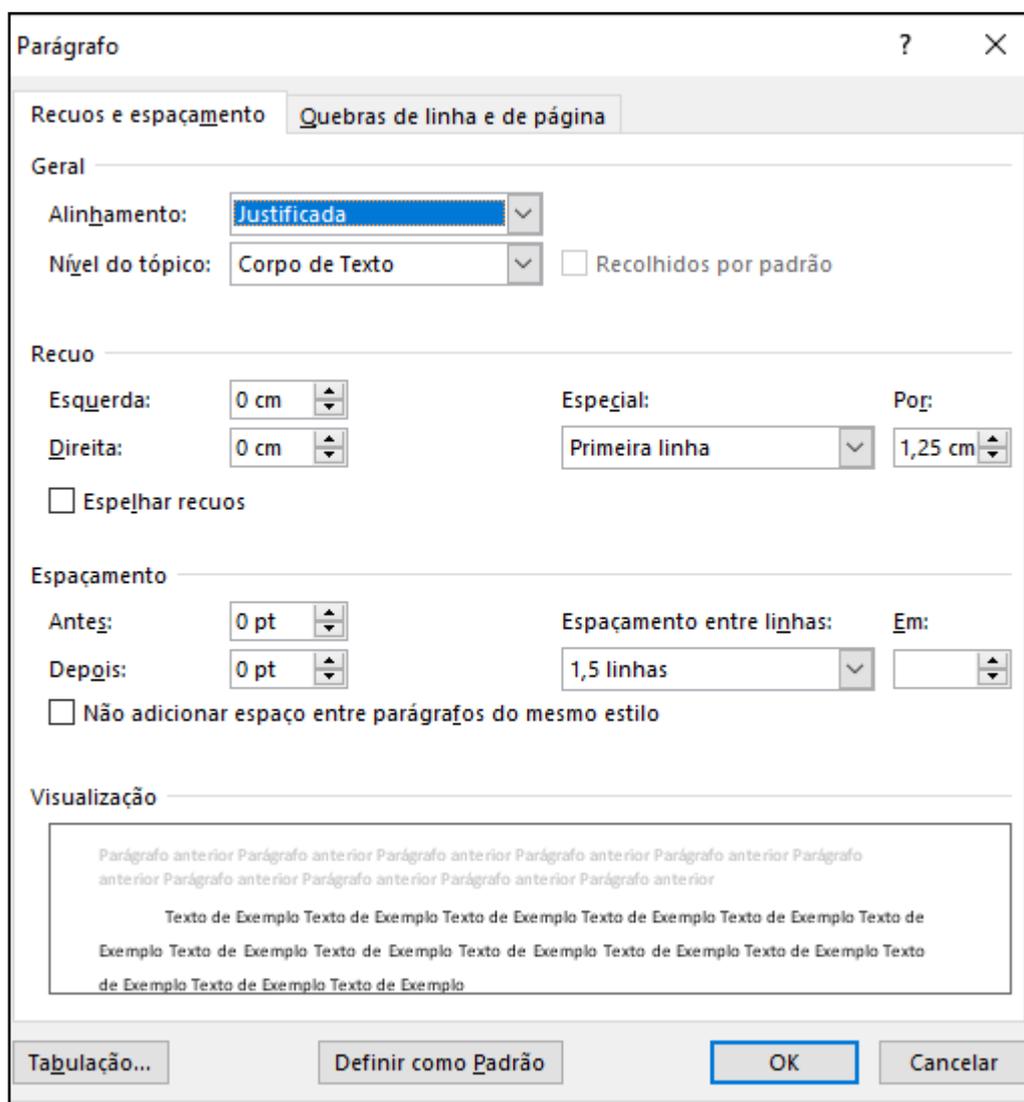
3.1.1.7. Margens

Margem esquerda e superior de 3 cm (centímetros); direita e inferior de 2 cm.

3.1.1.8. Parágrafos, espaçamentos e alinhamentos

Todo o texto deve ser digitado com espaçamento 1,5 entre linhas, com excepção para a ficha catalográfica, natureza do trabalho (exemplo: tese, dissertação, monografia, trabalho de conclusão de curso e outros), objectivo (exemplo: aprovação em disciplina, grau pretendido: mestre, especialista, bacharel etc.); nome da instituição à qual o trabalho é apresentado, citações directas de mais de 3 linhas, nota de rodapé, legendas das ilustrações e das tabelas que devem ser digitados em espaço simples (CINTRA, 2018).

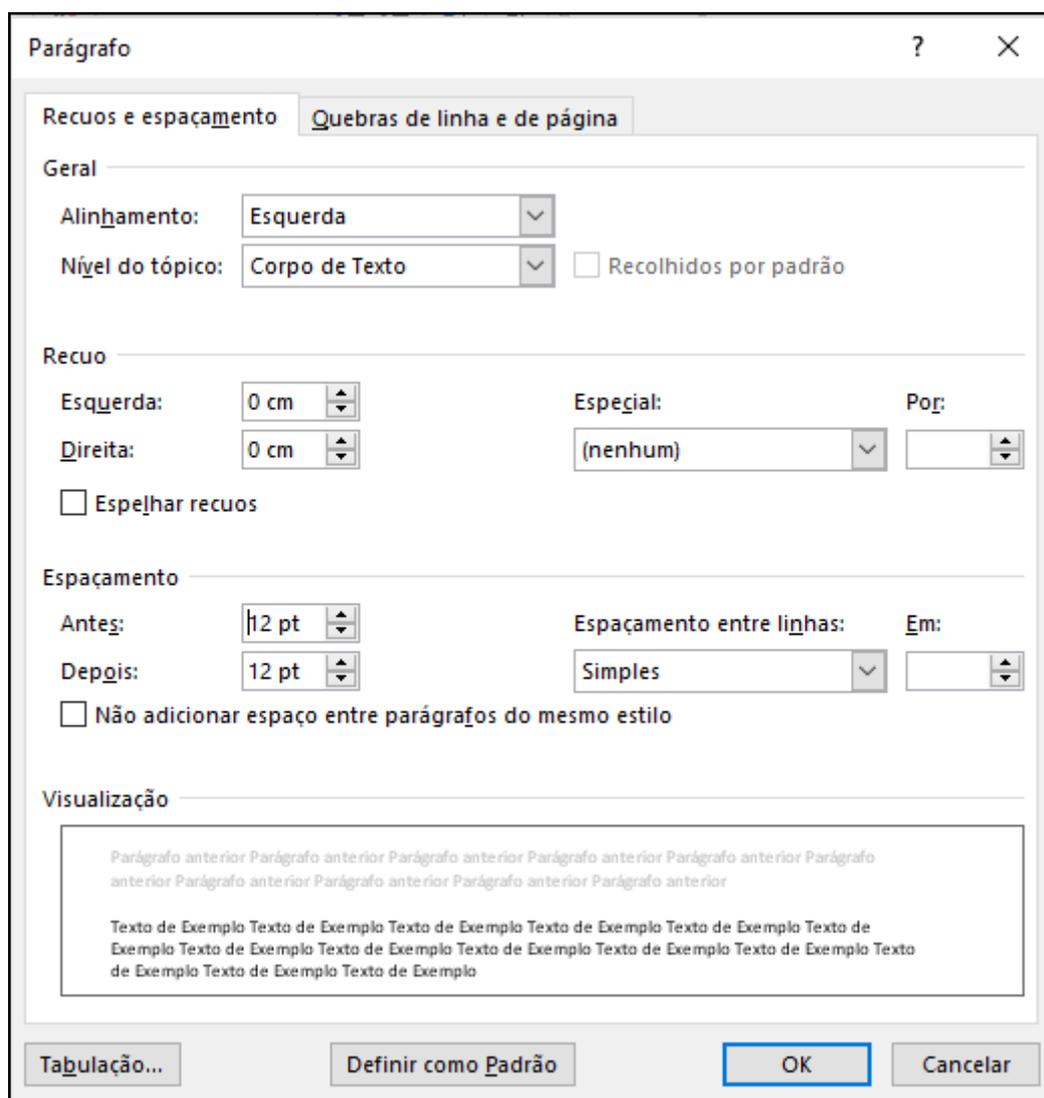
Figura 7: Formatação de parágrafo - Espaçamento



Fonte: Castro, 2016

As referências devem ser apresentadas com espaçamento simples entre linhas, porém separadas entre si por um “enter” simples ou 12 pt., margem à esquerda do texto. Acesse esta ferramenta do Word, através do botão direito do mouse – Parágrafo.

Figura 8: Formatação de margens - alinhamento



Fonte: Fonseca, 2020

O texto deve ser digitado em parágrafos, deslocando a primeira linha em 1,25 cm da margem esquerda e justificado. Na folha de rosto a natureza do trabalho (tese, dissertação, monografia, trabalho de conclusão de curso e outros), objectivo do trabalho (aprovação em disciplina, grau pretendido: mestre, especialista, bacharel etc.) bem como o nome da instituição à qual o trabalho é apresentado devem ser alinhados do meio da mancha para a margem direita (Apêndice C). O texto do trabalho deve ser justificado, ou seja, o texto deverá estar alinhado às margens direita e esquerda, promovendo uma aparência organizada nas laterais da página (CINTRA, 2018).

3.1.1.9. Paginação

Todas as folhas dos elementos pré-textuais do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada, a partir da primeira folha da parte textual (INTRODUÇÃO), em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, tamanho do corpo 10; nas páginas que iniciam um novo capítulo o número da página não aparece, porém, ela

é contada. Havendo apêndice e anexo, as suas folhas não devem ser numeradas porque a numeração termina nas Referências Bibliográficas. Actualmente, de acordo com as novas normas metodológicas, coloca-se o número da páginas nas referências bibliográficas e não no meio do texto.

3.2. Títulos e Indicativos Numéricos

Segundo Eco (1997), os títulos dos capítulos e subcapítulos devem começar na parte superior da folha e alinhados à margem esquerda e devem ser antecidos por seu indicativo em algarismos arábicos e dele separado por apenas um espaço de caracteres, não deve ser utilizado ponto, hífen, travessão ou qualquer sinal após o indicativo de secção ou de seu título.

Devem ser separados do texto que os prossegue por um espaço de 1,5 entrelinhas, ou seja, sem uma linha em branco. Da mesma forma, os títulos das subsecções devem ser separados do texto que os antecede por dois espaços de 1,5, sendo um espaço em branco. Títulos extensos que não cabem em uma só linha devem ter sua continuação, a partir da segunda linha, sob a primeira letra da primeira palavra do título. Títulos sem indicativo numérico como: errata, agradecimentos, lista de ilustrações (figuras, quadros, gráficos etc), lista de tabelas, lista de abreviaturas e siglas, lista de símbolos, resumos, sumário, referências, glossário, apêndices, anexos e índices devem ser centralizados e com a mesma tipologia da fonte utilizada para as secções primárias. São elementos sem título e, portanto, sem indicativo numérico: folha de aprovação, dedicatória e epígrafe. (ABNT, 2018).

São denominadas secções as partes do trabalho em que é dividido o texto de um documento, contendo a exposição ordenada do assunto. A principal divisão do texto de um documento é denominada secção primária, a qual, por sua vez, pode se dividir em secções secundária, terciária, quaternária etc.

Empregam-se algarismos arábicos para numerar as secções de um texto. Este indicativo numérico, alinhado à margem esquerda, precede o título da secção, sendo dele separado por um espaço conforme exemplo a seguir:

Quadro 2: Exemplos de secções e Fonte

| Secção primária | Secção secundária | Secção terciária | Secção quaternária |
|-----------------|-------------------|------------------|--------------------|
| 1 | 1.1 | 1.1.1 | 1.1.1.1 |
| 2 | 2.1 | 2.1.1 | 2.1.1.1 |
| | | 2.1.2 | 2.1.2.1 |
| | | 2.1.3 | |
| 3 | 3.1 | | |
| | 3.2 | | |

Fonte: Fonseca, 2020

Toda secção primária deve começar em página nova, não valendo esta regra para as demais secções. O **quadro 3** resume as regras para a construção dos títulos das secções e subsecções.

Quadro 3: Exemplos de secções e Formatação

| Ordem da secção e título | Exemplo de Formatação | Como fazer |
|--------------------------|--------------------------------|---|
| Secção Primária | 1. ADMINISTRAÇÃO | Letras maiúsculas, tamanho de fonte 12, <u>negrito</u> e alinhamento à esquerda |
| Secção Secundária | 1.1. ADMINISTRAÇÃO PORTUÁRIA | Letras maiúsculas, tamanho de fonte 12, <u>sem negrito</u> e alinhamento à esquerda. |
| Secção Terciária | 1.1.1. Portos Angolanos | Tamanho de fonte 12, e alinhamento à esquerda, não negritados. Apenas primeira letra do título é que deve estar em maiúscula. |
| Secção Quaternária | 1.1.1.1. Tipos de portos Secos | Tamanho de fonte 12, e alinhamento à esquerda. Apenas a primeira letra do título é que deve estar em maiúscula. |

Fonte: Osbone, 2016

Para Espírito Santo (2019) existem outros exemplos:

Secção primária:

1. **Elaboração de Referências Bibliográficas**

(Recurso utilizado: negrito, justificado, iniciais das palavras significativas do título em maiúsculas)

Secção secundária:

1.2. **Modelos de referências**

(Recurso utilizado: fonte negrito, justificado e somente a primeira letra da primeira palavra do título maiúsculas)

Secção terciária:

1.2.1. **Monografias**

(Recurso utilizado: fonte negrito, itálico e justificado)

Secção quaternária:

1.2.1.1. *Livros, folhetos, enciclopédias, dicionários e bíblias*

(Recurso utilizado: itálico e justificado)

Secção quinária:

1.2.1.1.1. Capítulos de livros

(Recurso utilizado: fonte regular e justificado, sem nenhum destaque)

3.2.1. Títulos não numerados

Os títulos: agradecimento, resumo, abstract, listas de ilustrações, lista de tabelas, listas de abreviaturas e siglas, listas de símbolos e sumário, devem ser centralizados sem numeração, digitados em negrito e em letras maiúsculas. Já o título das referências, apêndices e anexos seguem as mesmas normas das secções primárias – negrito e alinhado à esquerda – porém não são precedidas por números arábicos.

3.2.2. Itens

Deve-se evitar o excesso de itens, sejam eles numerados (4 / 4.1 / 4.1.1 / 4.1.1.1 / 4.1.1.1.1 / 4.1.1.1.1.1 / 4.1.1.1.1.1.1) ou indicados por letras ou símbolos a), b), c), *, # , etc) restringindo seu uso, ao estritamente necessário. Muitas vezes, um bom parágrafo é muito mais elucidativo do que uma sequência de símbolos.

3.2.3. Alíneas

Quando você preferir enumerar diversos assuntos, em uma determinada secção, estes podem ser listados utilizando-se de alíneas, seguindo as seguintes normas:

- ✓ Deve ser com recuo de 1,5 cm;
- ✓ Texto justificado;
- ✓ O texto que a antecede deve terminar em dois pontos;
- ✓ O texto começa em letra minúscula e termina em ponto e vírgula, excepto a última que termina em ponto;
- ✓ Devem ser ordenadas em ordem alfabética: a), b), c);
- ✓ A segunda e as seguintes linhas do texto da alínea começam sob a primeira letra do texto da

própria alínea;

- ✓ Deve-se evitar a conclusão de uma secção ou subsecção com uma alínea.

3.2.4. Negrito e Itálico

Deve-se evitar o emprego indiscriminado de negrito ou itálico, reservando-se o uso do negrito para os títulos e o do itálico para palavras estrangeiras.

3.2.5. Linguagem

Usar sempre a terceira pessoa do verbo: “espera-se”, “verificou-se”, “analisou-se”, “considera-se”, “define-se”, “pretende-se”, “obteve-se” etc. Não usar as expressões “eu” e “nós”, as quais devem ser substituídas por termos como: “o (a) estagiário (a) académico (a)”, “a empresa”, “o orientador e o estagiário” etc. Não iniciar secções directamente com citações, tabelas, quadros, figuras ou gráficos, sem nenhuma frase explicativa antes. Usar linguagem clara, precisa, objectiva e revisar o texto (ortografia, pontuação, concordância, uso de vocabulário adequado, organização das frases, ligação entre as ideias etc.) antes de entregar o trabalho. A redacção deve obedecer ao critério da objectividade e clareza sem termos pouco conhecidos nem tão pouco vulgares – simplicidade é a melhor medida.

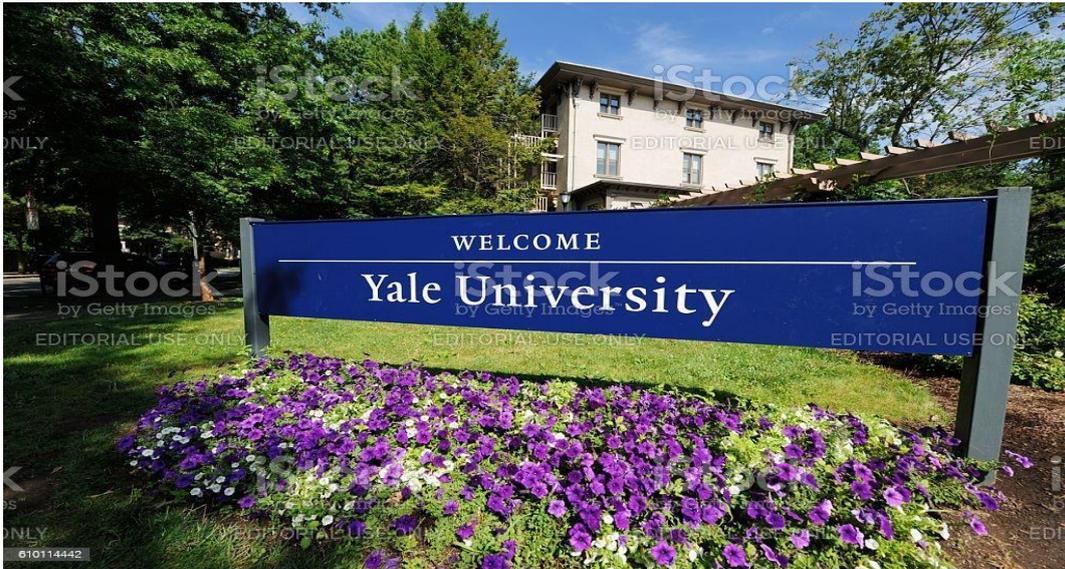
3.2.5.1. Ilustrações

De acordo com a NBR, 14724 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2019) às ilustrações correspondem “[...] desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros [...]”. Toda ilustração deve ter fonte, mesmo no caso em que a ilustração foi produzida pelo autor do trabalho. Ressalta-se que para fonte de outros autores estas devem constar nas referências

3.2.6. Figuras

A identificação das figuras deve ser feita utilizando fonte de tamanho 10 e espaçamento simples, na sua parte inferior, com os itens: palavra designativa, número de ordem em algarismo arábico e título, separados por um hífen. Logo após deve-se identificar a fonte da figura seguida do ano da sua elaboração, utilizando-se fonte de tamanho 10 e espaçamento simples. O texto deve ser alinhado à margem esquerda conforme o modelo abaixo:

Figura 9: Yale University

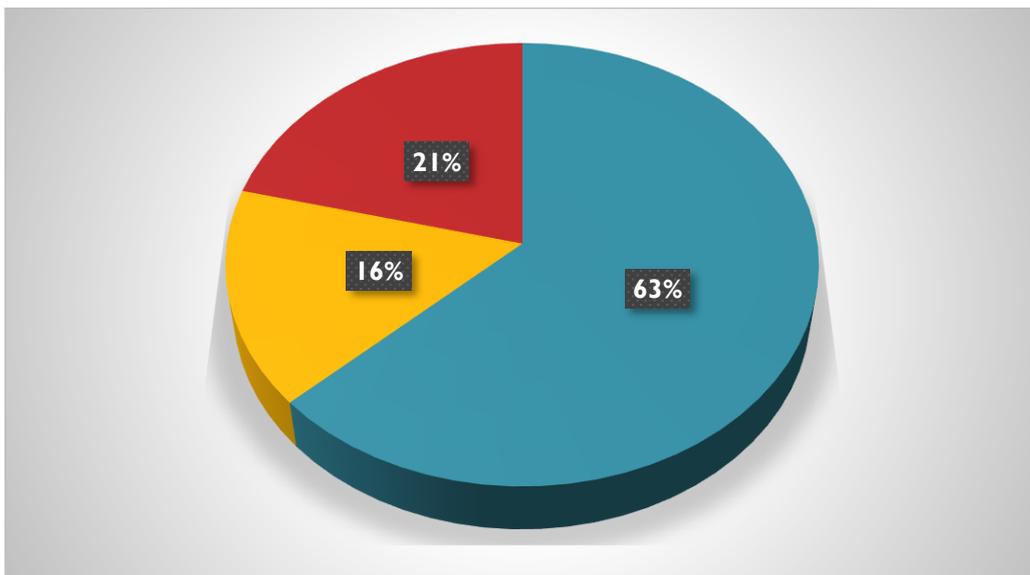


Fonte: Cabral, 2019

3.2.7. Gráficos e Quadros

A identificação dos gráficos e dos quadros deve ser feita utilizando a fonte de tamanho 10 e espaçamento simples, na sua parte inferior, com os itens: palavra designativa, número de ordem em algarismo arábico e título, separados por um hífen. Logo após deve-se identificar a fonte do gráfico e/ou do quadro, seguida do ano da sua elaboração, utilizando a fonte de tamanho 10 e espaçamento simples. O texto deve ser alinhado à margem esquerda conforme o modelo abaixo:

Gráfico 1: Relação entre Gestor e Funcionários



Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

3.2.8. Tabelas

As tabelas são apresentadas conforme recomendado pelas Normas de Apresentação Tabular da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1993). Deve constar no topo de cada tabela, o título indicando a natureza, abrangência geográfica e temporal dos dados numéricos

apresentados, precedidos da palavra TABELA, o número de ocorrência no texto. O título da tabela deve ser fonte de tamanho 12, espaçamento 1,5, alinhamento justificado. Na parte inferior da tabela deve ser indicada a fonte, seguida do ano da sua elaboração, utilizando a fonte de tamanho 10 e espaçamento simples. Toda tabela deve ter fonte. A fonte pode ser do próprio autor ou de outros autores, neste caso deve constar nas referências. As laterais devem ficar abertas sem linhas verticais, conforme o modelo a seguir:

TABELA 1: Relação entre Gestor e Profissionais

| Respostas dos inquiridos | Frequência | Percentagem |
|---------------------------------|-------------------|--------------------|
| Excelente | 60 | 63% |
| Boa | 15 | 21% |
| Muito Boa | 20 | 16% |
| Total | 95 | 100% |

3.2.9. Notas de rodapé

Notas de rodapé aparecem na parte inferior da página e são indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor (ABNT, 2018).

Devem ser digitadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaçamento simples (1,0) entre as linhas. Fonte de tamanho 10, numeração indo- arábica e sequência única e crescente.

Exemplo da nota de rodapé:

No texto: Os pais estão sempre confrontados ante duas alternativas:
vinculação escolar ou vinculação profissional¹.

No rodapé da página:

¹ Sobre essa opção dramática, ver também Morice (1996, p. 269–290).

3.2.10. Aspas, itálico e negrito

✓ **Aspas** (“”):

- Usam-se em citação directa com até 3 linhas;
- Em apelidos, gírias ou sentido de ironia;
- Para definir um conceito ou um termo.

✓ **Itálico:**

Usa-se em palavras de língua estrangeira.

✓ **Negrito:**

Usa-se para destacar títulos e subtítulos.

3.2.11. Trabalhos Académicos

Fenelon (2014) apresenta os Trabalhos de Fim de Cursos (TFC) e seus diversos formatos.

3.2.12. Monografia

Considera-se, neste tópico, Monografia, Dissertação, Tese, Artigo Científico e Projecto Integrador que expressam conhecimento de um assunto escolhido, conforme a NBR, 14724: documento que apresenta o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa, e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.

3.2.13. Dissertação

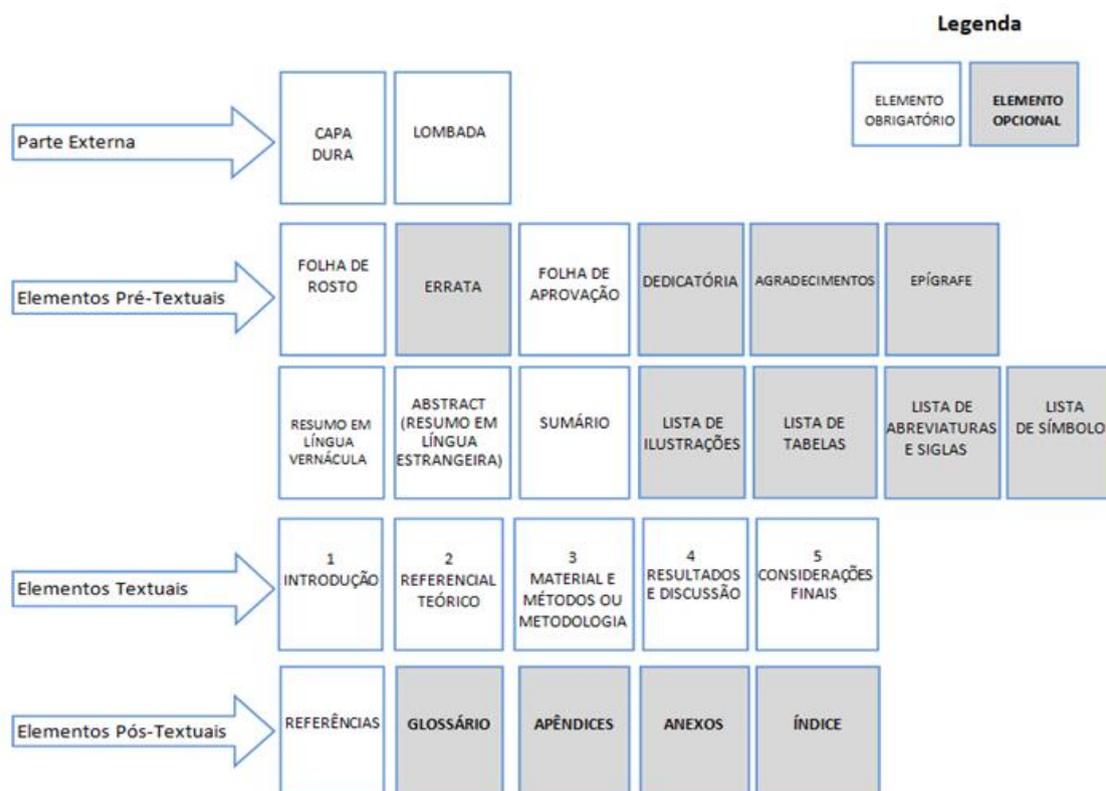
A dissertação é resultado de um estudo que visa a obtenção do título de Mestre nos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*, sendo um: documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objectivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando à obtenção do título de mestre.

3.2.14. Tese

De acordo com o mesmo autor, sublinha que, a tese é um documento escrito visando à obtenção do título de Doutor ou de livre-docente, nos cursos de pós-graduações *Stricto Sensu*, sendo um documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (Doutor) e visa à obtenção do título de Doutor, ou similar.

Após elaborar o projecto de pesquisa, a produção da monografia, Dissertação e da Tese torna-se bem mais fácil, pois parte do texto de projecto compõe o corpo da mesma, mudando o tempo dos verbos e acrescentando os **RESULTADOS E DISCUSSÃO** e as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**. Veja, abaixo, a figura que mostra a estrutura para a elaboração da Monografia:

Figura 10: Estrutura para elaboração de monografia



Fonte: Fonseca et al, 2020

3.2.15. Orientações para apresentação gráfica do artigo

Estas orientações referem-se à forma de organizar, de apresentar o artigo; para tanto, observam-se as seguintes recomendações para configuração: o tamanho do papel deve ser em formato A4 (210x297mm). Deve ser escrito em laudas. As páginas devem possuir margens padronizadas da seguinte maneira (FERRARI, 2020):

- a) Margem superior (MS) – 2 cm;
- b) Margem inferior (MI) – 2 cm;
- c) Margem direita (MD) – 2 cm;
- d) Margem esquerda (ME) – 2 cm.

Todas as páginas devem ser numeradas, partindo de 1 com algarismos arábicos. A numeração das páginas fica localizada à direita, superior, corpo tamanho de 10. A primeira página é contada, porém não numerada. Outras informações acerca da formatação gráfica são assim resumidas:

- a) O título do trabalho deve estar centralizado e escrito em fonte tamanho de 14, letras maiúsculas e negrito, espaçamento simples. O subtítulo, se houver, deve vir imediatamente na linha inferior do título precedido por dois pontos. O subtítulo deve ser em tamanho de 12, espaçamento simples, com todas as letras minúsculas e sem negrito. Após o subtítulo deixam-se duas linhas (fonte tamanho de 12) em branco.
- b) O autor deve ser mencionado após o título e centralizado, tamanho 12, em negrito,

sendo só a primeira letra do nome em letra maiúsculas. A filiação, não negritadas e em fonte tamanho 12, é composta pelo nome da instituição de origem, seguida pelo curso, disciplina e data de realização do trabalho.

- c) O texto do Resumo deve ter alinhamento justificado, com fonte tamanho de 10, espaçamento simples, parágrafo único, sem recuo.
- d) O espaçamento utilizado para parágrafos de texto deve ser 1,5 excepto em citações longas, notas de rodapé, elementos pré-textuais e referências, onde se usa a opção “simples”.
- e) O tipo de letra pode ser optado entre *Times New Roman* ou Arial.
- f) Para a digitação dos parágrafos, deve-se afastar a primeira linha em 1,5 cm da margem esquerda.
- g) Nas palavras-chave, a separação de palavras deve ser entre pontos e a expressão Palavras-chave negritada. Texto com alinhamento justificado, fonte tamanho 12, espaçamento simples e parágrafo único, sem recuo.
- h) O resumo, as palavras-chave e as referências não recebem numeração.
- i) Entre um título e o início do texto; entre o final do texto e outro título ou subtítulo deixar 2 linhas em branco, com espaçamento 1,5.
- j) Os títulos das secções representam uma unidade do assunto estudado no trabalho. São criados conforme a necessidade por parte do autor do trabalho. É necessário lógica, criatividade e um certo grau de domínio do tema/assunto.

Ferrari (2020) apresenta um dos exemplos do artigo científico:

TÍTULO DO ARTIGO:
SUBTÍTULO

Nome e sobrenome do primeiro autor^{1*}
Nome e sobrenome do segundo autor^{2**}

RESUMO

Introduzem-se os conceitos de Informação e de Gestão da informação no âmbito da Ciência da Informação e o seu valor operativo quando aplicado a Sistemas de Informação com um elevado nível de complexidade. Desenvolve-se o conceito de Sistema de Informação e o pensamento sistémico a partir dos estudos da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy e da relação estabelecida por Piero Mella entre estrutura ou unidade e sistema de informação. Abordam-se, genericamente, as possíveis classificações e tipologias de sistemas. Analisa-se o conceito de Sistema Tecnológico de Informação e as suas relações com a Gestão da Informação das Organizações. Conclui-se com a análise das implicações e dos desafios da Gestão do Conhecimento na criação da Inteligência Competitiva e da Gestão da Inovação nas organizações. Exemplo de resumo retirado de Marques (2019).

PALAVRAS-CHAVE: palavra 1. palavra 2. palavra 3. palavra 4.

ABSTRACT

Resumo em outro idioma.

Keywords: keyword 1. keyword 2. keyword 3. keyword 4.

INTRODUÇÃO

“A introdução é a parte inicial do artigo na qual devem constar a delimitação do assunto tratado, os objectivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018).

Exemplo de citação directa - as citações directas, no texto, com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem as aspas.

TÍTULO DO CAPÍTULO

Desenvolvimento é a parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado. Divide-se em secções e subsecções, conforme ABNT – NBR, 6024.”

Exemplo de ilustrações e tabelas:

As figuras devem ser apresentadas conforme o exemplo:

^{1*} Pequeno currículo dos autores, contendo a vinculação institucional e endereço de e-mail. Para artigos entregues em disciplinas de cursos, este espaço pode ser utilizado para informações institucionais como o nome da Universidade, do curso, da disciplina e do professor responsável.

^{2**} Profissão – Instituição a que está vinculado. Titulação. E-mail: xxx@xxx.com.br.

Figura 11: Biblioteca UFFS Campus Chapecó



Fonte: Sousa, 2018

A formatação das tabelas deve seguir a Norma de Formatação Tabular das normas científicas. A Tabela 1 é um exemplo de como deve ser apresentada uma tabela em um trabalho acadêmico:

Tabela 1 – Variação IGPM

| Mês/Ano | % |
|----------------|----------|
| 07/2020 | 0,49 |
| 08/2020 | 0,53 |
| 09/2020 | 0,82 |
| 10/2020 | 0,65 |

Fonte: Banass, 2022

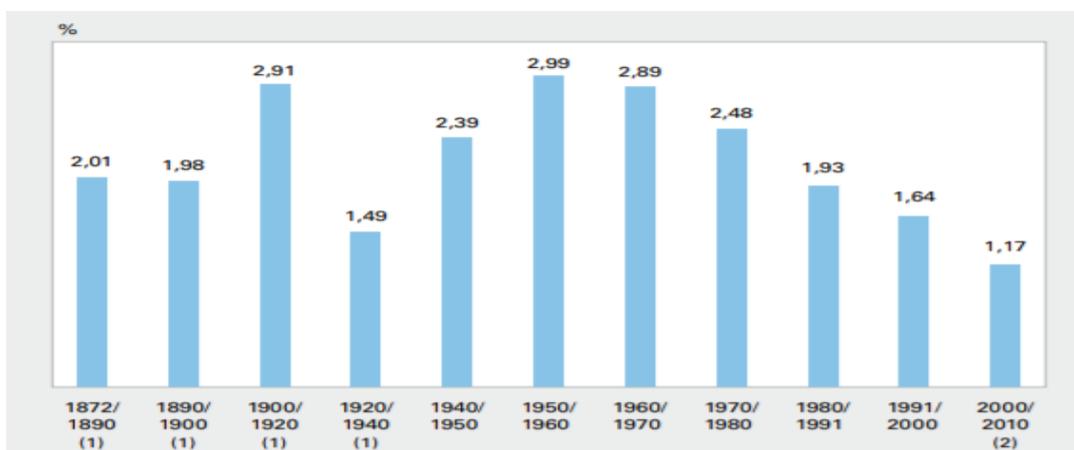
A principal diferença entre um quadro e uma tabela é o seu conteúdo: uma tabela contém números e um quadro contém texto. O Quadro 1 mostra como um quadro deve ser apresentado em um trabalho acadêmico. As normas da ABNT não informam sobre a formatação dentro do quadro, ficando ela a critério estético do autor. Ela versa apenas sobre o título e a fonte, que devem seguir o exemplo mostrado:

Quadro 4: Ciclo PDCA

| ETAPAS | ACÇÕES |
|-----------|--|
| P (PLAN) | Planejar o trabalho a ser realizado por meio de um plano de acção após a identificação, reconhecimento das características e descoberta das causas principais do problema (projecto da garantia da qualidade). |
| D (DO) | Realizar o trabalho planejado de acordo com o plano de acção (execução da garantia da qualidade, cumprimento dos padrões). |
| C (CHECK) | Medir ou avaliar o que foi feito, identificando a diferença entre o realizado e o que foi planejado no plano de acção (verificação do cumprimento dos padrões da qualidade). |
| A (ACT) | Actuar correctivamente sobre a diferença identificada (caso houver); caso contrário, haverá a padronização e a conclusão do plano (acções correctivas sobre os processos de planeamento, execução e auditoria; eliminação definitiva das causas, revisão das actividades e planeamento). |

Fonte: Azevedo, 2021

Gráfico 2: Taxa média geométrica de crescimento anual



Fonte: Andrade, 2022

CONSIDERAÇÕES: “Considerações compõe a parte final do artigo, na qual se apresentam as considerações correspondentes aos objectivos e/ou hipóteses.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT-NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica técnica e/ou científica: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

CALCULAR, correção monetária IPC do IGP (FGV). [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.ecalculos.com.br/utilitarios/ipc-do-igp-fgv.php>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2004.

APÊNDICE A – Título [Inserir apêndice, se houver].

ANEXO A – Título (elemento opcional) [Inserir anexo, se houver].

AGRADECIMENTOS (Texto em que o autor faz agradecimentos dirigidos àqueles que contribuíram de maneira relevante à elaboração do artigo).

Obs.: Os artigos científicos variam de acordo a exigência de cada Revista.

3.3. Trabalhos Profissionais (Artigos Científicos, Comunicação, Resenha e Investigador)

3.3.1. Comunicação

Para Berlo (2021), a comunicação é importante em todos os aspectos das nossas vidas. Seja entre familiares ou colegas de trabalho, uma boa comunicação ajuda a melhorar o ambiente e facilita a vida de todos... e na ciência não é diferente! O primeiro passo para a disseminação do conhecimento é a comunicação entre pesquisadores, a chave para o desenvolvimento da ciência moderna. E, quando se trata de cientistas, esta comunicação é feita principalmente por meio de *artigos científicos*. Artigos científicos são usados para compartilhar o trabalho realizado pelos diferentes grupos de pesquisa, permitindo que cientistas de todo o mundo saibam o que está sendo estudado. Estes artigos são publicados em **revistas científicas ou periódicos científicos**.

Além de revistas muito conhecidas (como Science e Nature), cada área do conhecimento tem periódicos específicos que publicam artigos sobre assuntos pertinentes a ela, independentemente de qual revista um pesquisador queira publicar seus resultados de experimentos, todos os artigos passam por um processo de “revisão por pares” antes de ser publicado. Isso quer dizer que, ao enviar um artigo para uma revista, ele será revisado por outros pesquisadores especialistas antes de ser aceito para publicação. Este é um jeito de tentar garantir que a pesquisa esteja bem executada e o texto bem escrito, de acordo com o rigor científico adotado pela comunidade e conhecimento existente sobre aquela área de estudo (CAHEN, 2020).

O principal papel do artigo científico é informar, e para isso ele deve ser directo e conciso. Apesar de se tratar de um texto técnico, também é importante que sua leitura seja agradável, afinal queremos que o máximo de colegas leiam e entendam o que foi feito. Em geral, dois pontos são enfatizados para destacar a importância de um trabalho científico: a motivação da pesquisa e os resultados. O restante do seu conteúdo deve conter a descrição do que ocorreu entre estes dois pontos,

contendo, é claro, evidências científicas suficientes para justificar os resultados obtidos. Um artigo que descreve um trabalho experimental é comumente dividido em cinco seções, são elas: Introdução: prepara o leitor para o conteúdo principal que será abordado na pesquisa, e traz a pergunta que motivou o desenvolvimento daquele estudo; Materiais e métodos: descrição de como os experimentos foram realizados, contendo detalhes suficientes para que possam ser reproduzidos por qualquer outro pesquisador;

Resultados: apresentação do que foi encontrado após a realização dos experimentos;

Discussão: explicação dos resultados para o leitor mostrando a importância do que foi encontrado, que pode fortalecer ou contrariar estudos anteriores;

Considerações Finais: a última seção responde a pergunta levantada na introdução, finalizando o assunto e mostrando como a pesquisa enriqueceu o tema em estudo. Estas seções geralmente são apresentadas nesta ordem, de forma cronológica, mas é comum que haja mudanças (ex: seção de materiais e métodos apresentados no final ou Resultados e Discussão apresentados juntos). A língua oficial de um artigo científico, resenha é o inglês, porém revistas nacionais também apresentam os textos em suas línguas nativas (FIGUEIREDO, 2021).

O autor ainda ressalta que além dos artigos científicos experimentais, também chamados de originais, existem vários outros tipos de artigos que também são publicados por revistas científicas. Os diferentes tipos de artigo tem a mesma função de comunicação de resultados, mas algumas vezes servem propósitos mais específicos. São alguns deles: *Artigos de revisão:* os artigos de revisão reúnem as informações mais relevantes de uma determinada área de estudo. Geralmente não apresentam nenhum dado novo ou opiniões dos autores, e por isso não apresenta as seções “Resultados e Discussão”. A seção “Materiais e Métodos” também é comumente omitida ou substituída por uma seção descrevendo os critérios de busca utilizados para encontrar as informações apresentadas. *Estudos clínicos ou de caso:* este tipo de artigo é bastante comum na medicina, mas também são escritos em outras áreas. Eles são usados para detalhar acontecimentos específicos que possam ter relevância científica (p. ex. um paciente com uma doença nunca relatada antes) e demonstrar que tais acontecimentos são possíveis naquele contexto. *Cartas ou comunicações breves:* como o nome sugere, são artigos de comunicação e veiculação rápidas que tem como objectivo relatar um achado interessante e, assim, despertar o interesse em determinado assunto para pesquisas futuras. *Artigos técnico-científicos:* este tipo de artigo detalha uma técnica nova ou modificada que apresenta melhores resultados a uma técnica utilizada previamente

3.3.2. Resenha Crítica

A Resenha Crítica é uma síntese de uma obra onde se realiza uma apreciação crítica da mesma. De forma geral, a resenha busca incentivar a leitura do livro comentado. A resenha admite o juízo valorativo, o comentário, a crítica, desde que seja feita à obra e não à pessoa do autor. Na resenha faz-se uma introdução ao tema, seguida do resumo e no último parágrafo apresenta-se a crítica valorativa, podendo até mesmo recomendar a leitura da obra resenhada. Para Lakatos e Marconi (1995, *apud* MEDEIROS, 2019) pode-se usar o seguinte modelo para a prática de resenhas científicas:

a) Referência bibliográfica:

- Autor. / Título da obra. / Elementos da impressão (local da edição, editora, data). / Número

de páginas. / Formato.

b) Credenciais do autor:

- Informações sobre o autor, nacionalidade, formação universitária, títulos, livro ou artigo publicado.

c) Resumo da obra:

- Resumo das ideias principais da obra. De que trata o texto? Qual a sua característica principal? Exige algum conhecimento prévio para entendê-la? Descrição do conteúdo dos capítulos ou partes da obra.

d) Conclusões da autoria:

- Quais as conclusões a que o autor chegou?

e) Metodologia da autoria:

- Que métodos utilizou? Dedutivo? Indutivo? Histórico? Comparativo? Estatístico?
- Que técnicas utilizou? Entrevista? Questionários?

f) Quadro de referência do autor:

- Que teoria serve de apoio ao estudo apresentado? Qual o modelo teórico utilizado?

g) Crítica do resenhista (Avaliação):

Julgamento da obra. Qual a contribuição da obra? As ideias são originais? Como é o estilo do autor: conciso, objectivo, simples? Idealista? Realista?

h) Indicações do resenhista:

- A quem é dirigida a obra? A obra é endereçada a que disciplina? Pode ser adoptada em algum curso? Qual?

Cabral (2019) entende que a resenha não é um resumo. Este é apenas um elemento da estrutura da resenha. Além disto, acrescente-se: se, por um lado, o resumo não admite o juízo valorativo, o comentário, a crítica; a resenha, por outro, exige tais elementos. Abaixo é apresentado um modelo de resenha, com os elementos citados.

O mesmo autor salienta que, o *resumo* busca apresentar as principais informações do texto, contudo, esta apresentação é feita de forma mais sucinta. Desta forma, ela se limita a resumir a mensagem principal desta obra. Assim, o resumo consiste em uma síntese mais objectiva do assunto apresentado, em que destacamos quais são os principais temas das obras estudadas, sejam elas livros, documentos ou filmes. Com isto, os leitores conseguem compreender antecipadamente se aquele tema é relevante para eles. Resenha crítica: Neste documento, o que acontece é a exposição de um tema. O autor apresenta uma série de informações sobre o assunto, no formato informativo-argumentativo, e há espaço para que haja opinião na obra.

Já a resenha apresenta as principais informações, uma profunda descrição da obra de forma mais detalhada. Quem utiliza este tipo de género textual pode realizar a análise sobre o texto-base ao longo do conteúdo, ou seja, há o acréscimo de juízo de valor. Outro ponto é que existe uma restrição quanto ao uso da primeira pessoa do singular, “eu”. No geral, é utilizada a terceira pessoa do singular ou do plural, “ele” ou “eles”. Desta forma, os textos ficam mais impessoais. Temos duas modalidades de resenha, a crítica e a descritiva. Resenha descritiva, o autor descreve e aborda temas que estão relacionados com obra resenhada. Também pode trazer elementos de fora do texto-base para

complementar a produção escrita. Contudo, o redator não tem a liberdade para dar a opinião sobre o que foi escrito, e forma apenas uma composição informativa.

Sousa (2018) explica que resenha crítica é um trabalho profundo, funcionando como uma análise interpretativa de um texto ou livro. Ela é muito mais do que um mero resumo informativo, pois as expectativas do autor vai muito além disto. Na verdade, o autor precisa relacionar o texto com outros autores, textos e ideias sobre o mesmo tema. Tudo isso de forma bem directa e sem rodeios, explorando o que foi lido e as críticas elencadas. Ou seja, uma resenha crítica traz um resumo do assunto, mas não para por aí. O autor também deve explorar deficiências, concordâncias e pontos que poderiam ser mais bem-trabalhados, assim como evidenciar os pontos fortes, mas sempre com muito cuidado para não bajular demais o autor. O ideal é que as impressões do autor não sejam percebidas, pois ele deve explorar os pontos positivos e negativos de maneira neutra e concisa, apresentando argumentos e não opiniões. Confira abaixo o que uma resenha crítica precisa ter.

O mesmo autor descreve que, antes de partir para a escrita em si, recapitule tudo que leu e aprendeu neste momento. Acredite: a organização é o primeiro passo para elaborar uma resenha de forma embasada. Para isto, recapitule tudo mentalmente e depois anote os principais pontos. Pontue qual é o tema explorado pelo autor, o tipo de argumentação, o que ele realmente quis comunicar e todos os detalhes da leitura. Embora não seja somente isso, uma resenha tem sempre o objectivo de falar de um outro assunto de forma mais resumida e sucinta. Pois bem, neste caso não é diferente: explore o trecho ou o livro lido, considere os principais pontos e faça com que seu leitor entenda tudo que foi abordado de forma rápida e objectiva. O texto deve ser uniforme, de fácil leitura e agradável. Deste modo, as pessoas lêem com mais facilidade e se interessam pelo assunto. Para atingir isto sem muitos problemas, aposte em um estilo de escrita simples e claro, pois isto é um diferencial e faz com que as pessoas compreendam seu texto sem grande esforço. Depois de ler um texto ou livro, naturalmente entendemos um pouco mais dos posicionamentos e ideologias de um autor. Por outro lado, quem lê apenas uma resenha crítica não tem todo este conhecimento por trás. Como você deve imaginar, este ponto é muito determinante e faz com que tudo seja compreendido com mais facilidade. Portanto, compartilhe informações sobre a vida do autor, sua cultura, tipo de escrita, teorias das quais ele é adepto e outros detalhes que considerar pertinentes e deve compartilhar isso em seu texto.

3.3.2.1. Diferença entre teses, dissertação, monografia, relatório, resenha (recensão crítica)

Osborne et al (2012) reforçam a ideia no que já foi narrado na página anterior, a tese de doutorado é um trabalho de carácter monográfico, onde se exige originalidade. Ou seja, exige-se que do problema tratado resulte contribuição original, inédito, acrescentando-se dados novos àquele rumo da ciência em que é feita a investigação. Utilizam-se raciocínios e instrumentos metodológicos específicos e rigorosos, apoiados na documentação empírica e bibliográfica.

A dissertação de mestrado, também é de carácter monográfico que demonstra os resultados de uma investigação científica, entretanto, dela não é exigido o carácter de originalidade. Utilizam-se raciocínios e instrumentos metodológicos específicos e rigorosos, apoiados na documentação empírica e bibliográfica.

Monografia é um trabalho académico com processo de investigação sistemática, caracterizado pela abordagem de um só tema ou problema específico, de forma delimitada e profunda, contendo no mínimo 50 páginas. É utilizado por professores e académicos. **Relatório** é um documento

que se expõem os resultados de um trabalho de qualquer assunto, estes, são apresentados de forma altamente organizada.

Segundo Vitor (2022), ressalta que, na elaboração do relatório, existem etapas a serem alcançadas.

- Planeamento;
- Selecção e colecta de dados;
- Análise;
- Introdução: Apresenta as justificativas.

Autor explica que no texto principal deve constar: Descrição do trabalho, com uma apresentação eficiente, funcional, possibilitando uma compreensão fácil e rápida. Considerações finais: Finaliza o relatório, mostrando claramente os resultados. Serve para retificar o que foi apresentado e conduzir o leitor aos resultados práticos.

Resenha Crítica é um resumo crítico. Sua importância e utilidade estão no auxílio que prestam aos leitores com relação a algum material bibliográfico. A resenha não se limita em sintetizar uma obra, mas apresenta comentários sobre ela ao mesmo tempo que a interpreta, sustentando a avaliação com evidências extraídas do próprio texto.

Resumo é a apresentação concisa de um texto seja ele da natureza que for, ou seja, há limitação e em nenhum momento pode-se emitir julgamento pessoais. Deve-se buscar ideias-chaves que estruturam o pensamento do autor do texto em que se está fazendo o resumo. **Ensaio** trata-se de um texto breve, com carácter científico, que assume o papel de um estudo conclusivo sobre determinado tema, expondo seu pensamento com mais liberdade, podendo afastar-se da documentação bibliográfica.

CAPÍTULO IV - ESTRUTURA DE TRABALHO DE FIM DO CURSO

Para Fragata (2017), a estrutura de trabalhos acadêmico-científicos, como o Relatório de Estágio e Trabalho de Fim de Curso, (Monografia, Dissertação e Tese), devem seguir as normas orientadas pela, ABNT ou APA, que define os princípios deste tipo de trabalhos científicos. A estrutura dos diversos tipos de trabalhos acadêmicos compreende os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, apresentados nos quadros a seguir:

Quadro 5: Elementos pré-textuais

| Elementos | | Observações/descrição |
|----------------|---|---|
| Capa | o b r i g a t ó r i o | <p>Identifica o trabalho, deve conter as informações na ordem estabelecida.</p> <p>Logomarca da Instituição: colorida, centralizada e no tamanho 2 x 4,25 cm.</p> <p>Nome do autor: localizado na margem superior, centralizado, letras maiúsculas, fonte 12, espaçamento 1,5 e em negrito.</p> <p>Título do trabalho: deve ser centralizado na mancha, em letras maiúsculas, centralizado, fonte 14, espaçamento 1,5, negrito.</p> <p>Subtítulo do trabalho: (se houver; sua subordinação ao título principal é demonstrada pelos dois pontos (:) que o precedem, em letras minúsculas, corpo 12, centralizado e espaçamento 1,5.</p> <p>Local e ano: com fonte tamanho 12, primeira letra em maiúscula, centralizado e com espaçamento 1,5. Ano, na linha abaixo do local e em números arábicos.</p> |
| Lombada | | Consiste na parte da capa do trabalho que reúne as margens internas das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira. |

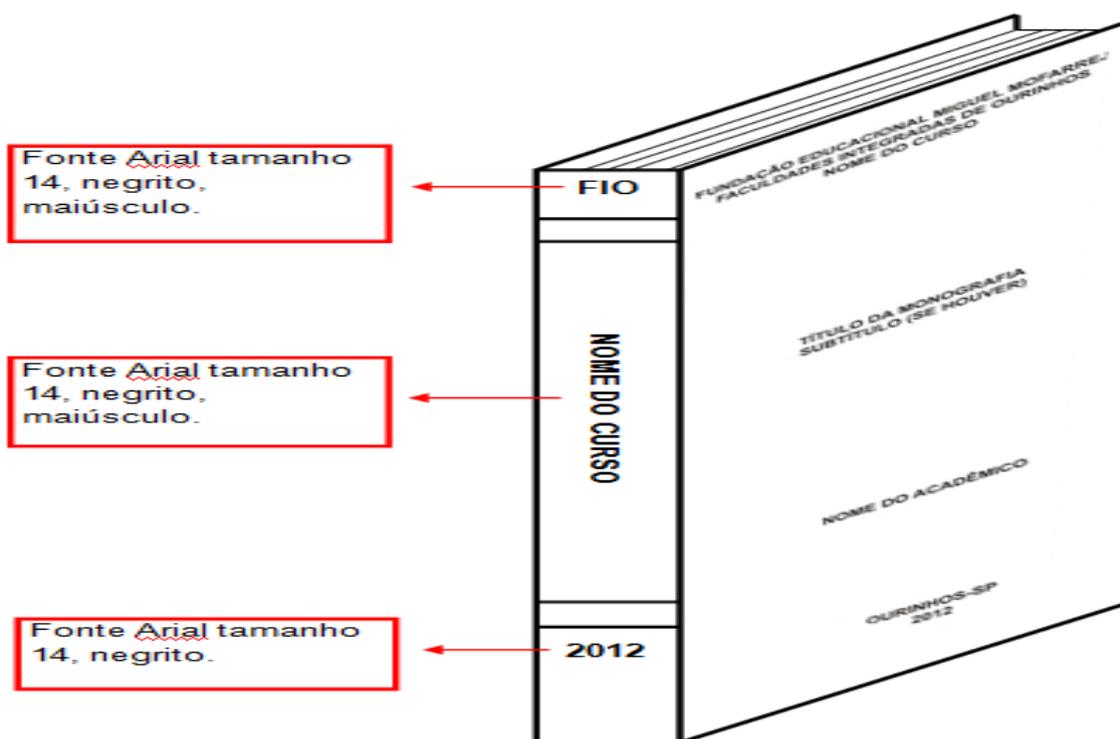
| | | |
|---------------------------|--|---|
| Folha de Rosto | | <p>É a primeira folha após a capa, onde aparecem todos os elementos para identificação do trabalho. Os elementos devem se configurar na seguinte ordem:</p> <p>Nome do autor: nome e sobrenome do autor, em letras maiúsculas, centralizado, em negrito, corpo 12, espaçamento 1,5.</p> <p>Título: deve ser colocado no meio da folha, em letras maiúsculas, centralizado, negrito, fonte 14, espaçamento 1,5.</p> <p>Subtítulo: (se houver; sua subordinação ao título principal é demonstrada pelos dois pontos (:) que o procedem, em letras minúsculas, corpo 12, centralizado e espaçamento 1,5.</p> <p>Nota contendo a natureza do trabalho (trabalho, relatório, projecto, trabalho de conclusão de curso etc.) e o seu objectivo. Deve ser impresso em espaço simples, fonte 10 e com o texto alinhado do meio da mancha para a direita (8 cm), justificado, espaçamento simples.</p> <p>Nome do orientador: O nome do professor, com sua respectiva titulação, é separado por dois espaços simples. Fonte tamanho 12, alinhado do meio da mancha para a direita e espaçamento simples. As abreviaturas das titulações são: Especialista (Esp.); Mestre (Msc.); Doutor (DR.).</p> <p>Local: com fonte tamanho 12, primeira letra em maiúscula, centralizado e com espaçamento 1,5.</p> <p>Ano: Em números arábicos, corpo 12, centralizado, espaçamento 1,5.</p> |
| Errata | | Opcional |
| Folha de Aprovação | Obrigatório para os trabalhos e relatórios de conclusão de curso e/ou estágio | <p>Nome do autor, título e subtítulo: corpo 12, centralizado, espaçamento 1,5.</p> <p>Natureza do trabalho: o seu objectivo; nome da instituição a que é submetido. Fonte 10, alinhado do meio da mancha para a direita, justificado, espaçamento simples.</p> <p>Data de aprovação, nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e do coordenador do curso: Fonte 12, centralizado, espaçamento 1,5.</p> |
| Dedicatória | opcional | A dedicatória deve estar localizada na parte inferior direita da folha, utilizando-se fonte 12, espaçamento 1,5, alinhado a partir do meio da mancha (8 cm) para a margem direita. |
| Agradecimento | opcional | Deve aparecer o título centralizado, corpo 12, espaçamento 1,5, negrito e em letras maiúsculas. O texto deve ser justificado com espaçamento de 1,5, fonte 12, e dois espaços 1,5 entre o título e o texto. |

| | | |
|---------------------------------------|--------------------|--|
| | | Segue as normas do item 2.5 deste Manual. |
| Epígrafe | opcional | Apesar de ser escrita por outra pessoa, não deve vir entre aspas . Deve estar localizada na parte inferior direita da folha, utilizando-se fonte 10, espaçamento simples, alinhado a partir do meio da mancha (8 cm) para a margem direita. Referenciar o autor e ano sem parênteses. |
| Resumo na língua vernácula | Obrigatório | A palavra RESUMO deve ser em fonte tamanho 12, letras maiúsculas, negrita e centralizada. Dois espaços simples entre o título e o texto. O texto deve ter alinhamento justificado, com fonte tamanho 10. Espaçamento simples e parágrafo único, sem recuo. O termo Palavras-chave deve ser negrito e em tamanho 12. As Palavras-chave devem ser separadas por ponto. Texto com alinhamento justificado, com fonte tamanho 12. Espaçamento simples e parágrafo único, sem recuo. |
| Resumo em língua estrangeira | Obrigatório | Com as mesmas características do resumo em língua vernácula, digitado em folha separada (em inglês <i>ABSTRACT</i> , em espanhol <i>RESUMEN</i> , em francês <i>RÉSUMÉ</i>). |
| Lista de ilustrações | Opcional | Deve ser elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página. Quando necessário, recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo de ilustração (figuras, desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros e outros). A expressão LISTA DE ILUSTRAÇÕES deve ser em fonte tamanho 12, letras maiúsculas, negrito e centralizado. Dois espaços 1,5 entre o título e o texto. |
| Lista de tabelas | opcional | Elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página. |
| Lista de abreviaturas e siglas | opcional | Elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico. |
| Lista de símbolos | opcional | Deve ser elaborado de acordo com a ordem apresentada no texto, com o devido significado. |

| | |
|-----------------------|---|
| <p>Sumário</p> | <p>Enumeração das principais divisões, secções e outras partes do trabalho, na mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede no texto (ou seja, deve conter exactamente os mesmos títulos, subtítulos que constam no trabalho e as respectivas páginas em que aparecem). Na elaboração do Sumário devem-se observar os seguintes aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O sumário tem o título centralizado, letras maiúsculas, negrito, sem indicativo numérico, em espaço 1,5; • A subordinação dos itens do sumário é destacada, usando-se os mesmos tipos de fonte utilizados no texto; <p>Os elementos pré-textuais não devem aparecer no Sumário;</p> <p>As Referências, Glossário, Apêndice(s), Anexo(s) e Índice(s) são elementos pós-textuais, que não possuem número de secção porém devem fazer parte do Sumário.</p> |
|-----------------------|---|

Fonte: Castro, 2016

Figura 12: Modelo de lombada



Fonte: Tafner, 2020

Seguidamente, Fragata (2017) apresenta alguns elementos obrigatórios que devem constar no trabalho científico:

4.1. Capa

É elemento obrigatório, que tem por objectivo proteger e dar melhor apresentação ao trabalho, sendo representado pelos seguintes elementos, na ordem apresentada:

Nome da Instituição: centralizado, em letras maiúsculas (Arial 16), em negrito e junto à margem superior da página;

Nome do Curso ou Programa de Pós-Graduação: centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Arial 16), em negrito e localizado abaixo do nome do hospital;

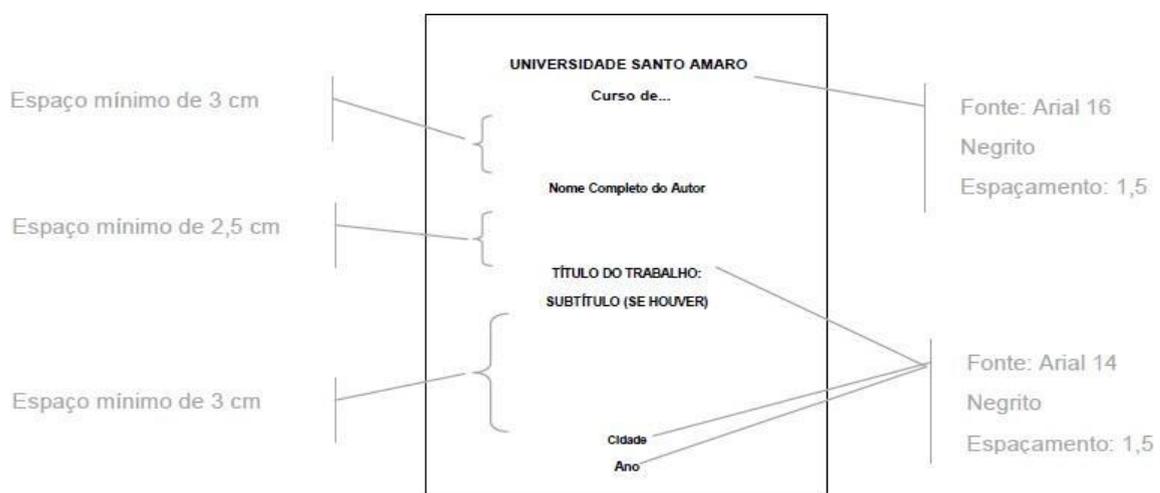
Nome do Autor: centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Arial 14), em negrito e abaixo do nome do curso;

Título do Trabalho e Subtítulo (se houver): centralizado, em letras maiúsculas (Arial 14), em negrito e abaixo do nome do (s) autor (es); o subtítulo será precedido de dois pontos;

Local (cidade onde o trabalho foi apresentado): centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Arial 14), em negrito e junto à margem inferior da página;

Ano (de entrega/depósito): (Arial 14), centralizado, em negrito e abaixo do nome do Local.

Figura 13: Modelo de capa



Fonte: Madeiros, 2021

4.1.1. Folha de rosto

A folha de rosto é obrigatória e é composta por elementos essenciais à identificação da obra, apresentados na seguinte ordem:

Nome do Autor: centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Arial 14), e em negrito;

Título do Trabalho e Subtítulo (se houver): centralizado, em letras maiúsculas (Arial 14), em negrito e abaixo do nome do(s) autor(es); o subtítulo será precedido de dois pontos;

Nota explicativa: Indicação da natureza do trabalho, letra inicial maiúscula (Times New Roman ou Arial 11), com recuo de 8 cm da margem esquerda da página, espaço simples e parágrafo justificado;

Orientador e, se houver, co-orientador: letras iniciais maiúsculas (Times New Roman ou Arial 11), abaixo da Nota Explicativa;

Local (cidade onde o trabalho foi apresentado): centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Times New Roman ou Arial 14), em negrito e junto à margem inferior da página;

Ano (de entrega/depósito): centralizado, (Times New Roman ou Arial 14), em negrito e abaixo do nome do Local.

Figura 14: Modelo de folha de rosto



Fonte: Madeiros, 2021

4.1.2. Textuais

Neste caso, deve conter o conteúdo central do que está sendo abordado no trabalho, sendo assim composto por: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. É importante frisar que é nesta etapa que o autor/escritor deve abordar a sua problemática sugerida como trabalho, colhendo as informações por vias acadêmicas e complementares.

▪ **Introdução**

Introdução é a apresentação rápida do assunto abordado e seu mérito. É uma seção na qual se aguça a curiosidade do leitor, na qual se tenta vender-lhe o projecto. É adequado terminar com a formulação do problema, sob a forma de pergunta. Problematização é a transformação de uma necessidade humana em problema. Segundo Popper (1975), toda discussão científica deve surgir com base em um problema ao qual se deve oferecer uma solução. (Tamanho 12cm, Fonte Times ou Arial) todos os títulos em negrito.

▪ **Desenvolvimento**

Perfil ideal para o tema do trabalho. Ambiente ideal de trabalho. Objectivo Geral, Métodos. O desenvolvimento do conteúdo obedece à organização em introdução, desenvolvimento e considerações finais, observando requisitos como a gradualidade, a coesão, a coerência e a unidade.

▪ **Considerações**

Ponto de vista dos autores sobre o tema e as considerações finais do trabalho realizado. É a parte final do texto, na qual se apresentam conclusões correspondentes aos objectivos ou hipóteses. Como parte final do texto, consiste na revisão sintética dos resultados e da discussão do estudo realizado. Tem como objectivo destacar as principais questões tratadas no trabalho acerca do estudo desenvolvido. A conclusão deve apresentar deduções lógicas correspondentes aos propósitos

previamente estabelecidos do trabalho, apontando-se o alcance e o significado de suas atribuições. Pode também indicar questões dignas de novos estudos, além de sugestões para outros trabalhos. Nesta secção o académico deve abordar sobre aquilo que realizou e apurou como resultados, apresentando somente o que foi discutido no decorrer do trabalho, considerando que tudo que foi estudado deve proporcionar uma conclusão. As considerações finais sempre devem responder aos questionamentos ou estar coerentes com o que foi apresentado na introdução do trabalho.

Sugestões

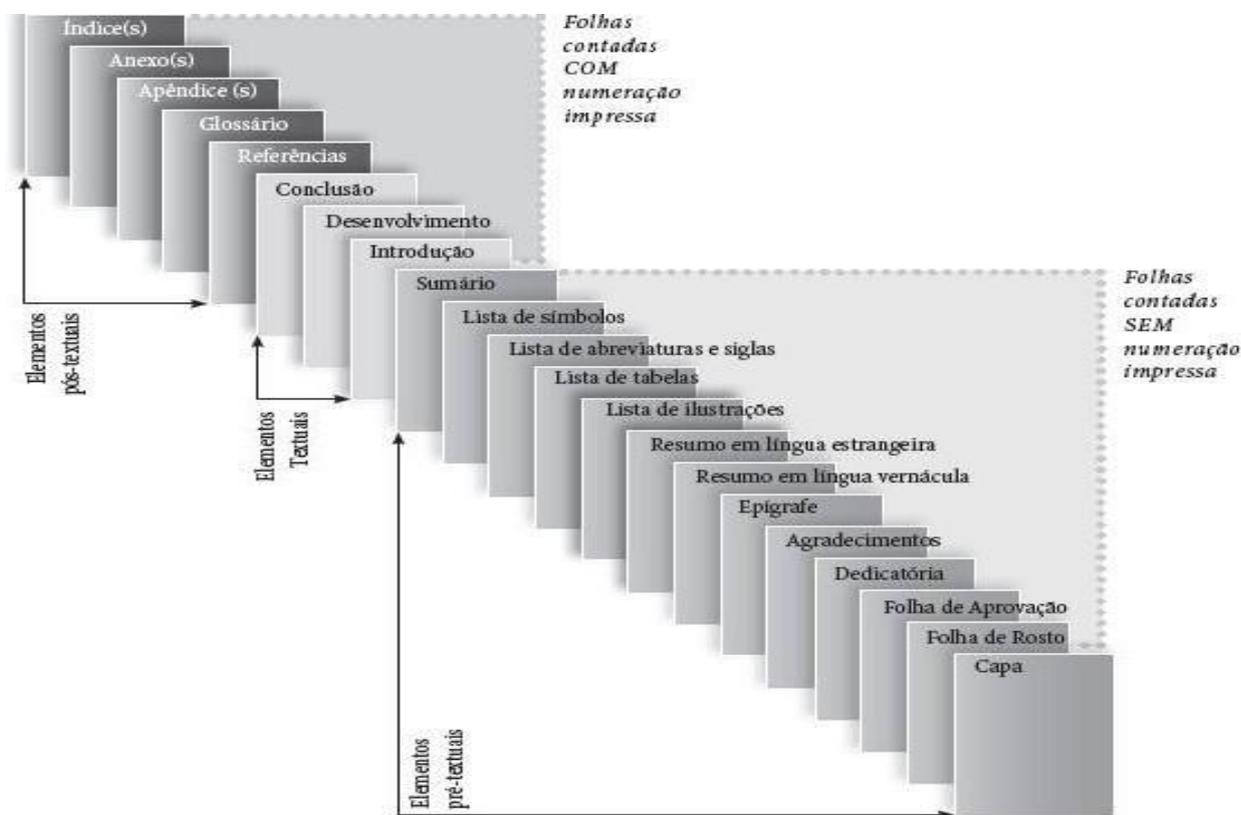
Sugestões são ideias que o investigador apresenta para empresa em estudo depois das considerações, mencionar quais são as mudanças que devem ser feitas após a identificação do problema.

Pós-Textuais

Após o primeiro e o segundo passo dado, neste momento deve conter o que vem após o conteúdo, ou seja, quais foram as formas de obter a referência para o conteúdo. Este deve ser composto por: Referências, Apêndices, Anexos e Índices.

- As referências bibliográficas são colocadas depois das considerações finais e apresentam a relação dos documentos consultados para a elaboração do trabalho científico. São listadas as obras citadas no corpo do texto e obras consultadas como apoio.

Figura 15: Exemplo elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais



Fonte: Cahen, 2020

Exemplo 2: Elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais

| ELEMENTOS | | OBRIGATORIO | OPCIONAL |
|------------------------|---|---|----------|
| PARTE EXTERNA | Capa | X | |
| | Lombada | | X |
| ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS | Folha de rosto | X | |
| | Ficha catalográfica | X | |
| | Errata | | X |
| | Folha de aprovação | X | |
| | Dedicatória | | X |
| | Agradecimentos | | X |
| | Epígrafe | | X |
| | Resumo em língua Portuguesa | X | |
| | Resumo em língua estrangeira (Inglês) | X | |
| | Listas: ilustrações, tabelas, gráficos quadros etc. | Opcional, se cada tipo de item for inferior a 5, ultrapassando passa a ser obrigatório | |
| | Lista de abreviaturas e / ou siglas | | |
| Lista de símbolos | | | |
| Sumário | X | | |
| ELEMENTOS TEXTUAIS | Introdução | X | |
| | Desenvolvimento | X | |
| | Conclusão | X | |
| ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS | Referências | X | |
| | Glossário | | X |
| | Apêndice | | X |
| | Anexo | | X |
| | Índice | | X |

Fonte: Morgan, 2020

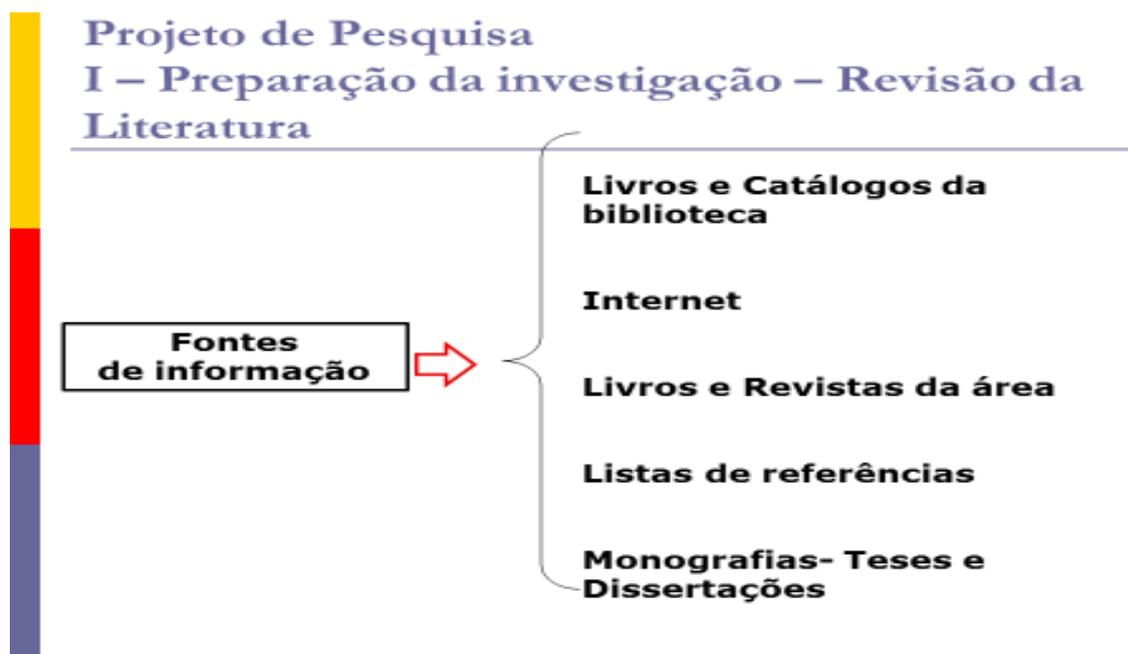
Resumindo

Os itens pré-textuais de um trabalho académico, a saber: capa, lombada, folha de rosto, composição institucional e ficha catalográfica, errata, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo, abstract, lista de ilustrações, tabelas e símbolos e sumário.

- A capa é o primeiro elemento identificador do trabalho científico. Deve conter os dados identificadores da instituição de ensino, o título do trabalho e o local e o ano de produção. Não é numerada e nem conta para a numeração das páginas da Monografia, Dissertação ou Tese. Deve obedecer a cor determinada pela coordenação do curso para aquele ano lectivo.
- A folha de rosto é o segundo elemento identificador do trabalho científico e contém alguns elementos da capa, acrescidos de uma breve descrição do objectivo do trabalho.
- O cabeçalho pode ser utilizado em substituição à capa e folha de rosto, e nunca junto deles. Os itens devem ser apresentados em espaço simples e fonte no tamanho 12.

4.1.3. Elementos essenciais para elaboração do Pré-Projecto

Figura 16 : Projecto de pesquisa



Fonte: Cabral, 2019

- 1- Introdução;
- 2- Problema;
- 3- Pergunta de Partida;
- 4- Hipóteses;
- 5- Justificativa;
- 6- Delimitação;
- 7- Objectivos / Geral e Específicos;
- 8- Resultado Esperado;
- 9- Fundamentação Teórica;
- 10- Metodologia da Pesquisa;
- 11- Cronograma;
- 12- Referências.

- **Tema**

O tema de pesquisa deve articular a (s) áreas (s) e/ou conceito (s) que compõem a temática de pesquisa.

- **Introdução**

Tal como já foi referenciado, a introdução é a apresentação rápida do assunto abordado e seu mérito. É uma secção na qual se aguça a curiosidade do leitor, na qual se tenta vender-lhe o projecto. É adequado terminar com a formulação do problema, sob a forma de pergunta. Problematização é a

transformação de uma necessidade humana em problema. Segundo Fragnière (2016), toda discussão científica deve surgir com base em um problema ao qual se deve oferecer uma solução provisória a que se deve criticar, de modo a eliminar o erro. É uma questão não resolvida, é algo para o qual se vai buscar resposta, via pesquisa.

- (Tamanho 12 cm, fonte Times ou Arial sem negrito);
- (entrelinhas 1,5 cm);
- (entre parágrafos 1,5 cm). Lendo a introdução, o leitor deve sentir-se esclarecido a respeito do teor da problematização do tema do trabalho, assim como a respeito da natureza do raciocínio a ser desenvolvido. É um breve resumo introdutório sobre o tema que será abordado. Como todo trabalho doravante, não deve ser cópia dos livros, mas uma síntese de diversos autores, parafraseados e devidamente citados conforme normas metodológicas.

- **Problema de Pesquisa ou Problematização**

De acordo França (2014), o problema é algo para o qual não se tem resposta definida, problema deve ser: claro; preciso; objectivo; delimitado a uma dimensão viável; passível de solução; o problema deve ser narrado antes de formular a pergunta de partida e este problema é de acordo a sua delimitação, ou o local escolhido para estudo de campo.

Pergunta de Partida

O mesmo autor entende que a pergunta de partida de interesse pela escolha de um problema de pesquisa é determinado pelos mais diversos factores; o estudante deve, portanto, apresentar também as razões que justifiquem propor o problema um trabalho científico, não pode ter duas ou mais perguntas de partidas, apenas uma; o problema deve ser narrado antes de elaborar a pergunta. Exemplo: Quais os factores que influenciam o nível de autoritarismo de gerentes de pequenas empresas da zona sul de Luanda?

Figura 17: Problema de pesquisa



Problema

- Transformar o tema em problema.
- Elaborar uma pergunta relevante a ser respondida através da pesquisa a ser realizada.
- Deve-se redigir de forma interrogativa, clara, precisa e objectiva, a questão cuja solução viável possa se alcançada pela pesquisa.
- Um bom problema é elaborado após certo conhecimento prévio acerca do tema da pesquisa. Só temos dúvidas daquilo que já conhecemos um pouco. Dúvida é diferente de desconhecimento total !
- O problema revela o interesse do pesquisador. O norte da pesquisa.

Fonte: Udelar, 2010

Hipóteses

Hipótese é o estabelecimento de uma relação potencial entre duas ou mais variáveis; suposição; resposta provisória ao problema. As hipóteses são possíveis respostas que podem ser sim ou não.

Exemplo:

H1- O nível de autoritarismo relaciona-se ao nível de escolaridade. as hipóteses devem ser conceitualmente claras; específicas; devem ser testáveis; simples; relacionadas. As hipóteses podem ser validas ou não.

H2- ou H3

Figura 18: Elaboração de hipóteses

Hipóteses

- Consiste em ter resposta prévia sobre a pesquisa a ser realizada.
- Podemos ter hipóteses a partir da dedução do investigador, por analogia ou mesmo por experiência.
- O número de hipóteses deve ser resumido para não desconfigurar os resultados obtidos na pesquisa.

Fonte: Cintra, 2018

- **Justificativa**

Justificar é oferecer razão suficiente para a construção do trabalho. Responde a pergunta por que fazer o trabalho, procurando os antecedentes do problema e a relevância do assunto/tema, argumentando sobre a importância prática e teórica, colocando as possíveis contribuições esperadas. (Tamanho 12 cm, fonte Times ou Arial, sem negrito), (entrelinhas 1,5 cm), (entre parágrafos 1,5 cm). A justificativa de um projecto é a explicação das motivações para fazer aquela pesquisa científica. Como o próprio nome sugere, é o elemento do trabalho que justifica o próprio projecto de pesquisa, ou

seja, a justificativa é o porquê da escolha do tema. Citar a relevância – importância, oportunidade, viabilidade, benefícios do estudo para a aquisição de conhecimento ou resolução de problemas. O porquê a escolha do tema. (Tamanho 12 cm, fonte Times ou Arial) (todos os títulos em negrito).

Figura 19: Justificação da Pesquisa

Justificativa

Por que se deseja realizar a pesquisa?

- a) Informar o modo como se deu a escolha do tema em questão;
- b) Como surgiu o problema para qual se busca solução;
- c) Relação do problema estudado com o contexto;
- d) Motivos que justificam a pesquisa;
- e) Possíveis contribuições do resultado da pesquisa para o conhecimento humano;
- f) Viabilidade da execução da pesquisa;
- g) Originalidade da pesquisa;
- h) Informações sobre a escolha dos locais que serão pesquisados.

Fonte: Madeiros, 2021

- **Delimitação**

A delimitação do tema é especificação do tema de pesquisa; ou o ponto de vista pelo qual você vai analisar o seu tema da monografia, dissertação, teses. Em outras palavras, é o objecto de estudo ou afunilamento do tema. É por isto que se pode afirmar que o objecto de estudo é uma especificação que deriva de temáticas mais amplas, o foco da pesquisa. Via de regra, quando nos é requerida a delimitação do tema, espera-se que escolhamos, dentro de um tema, um dos seus eixos para que a pesquisa fique focada, uma vez que uma única pesquisa não dá conta de abordar todas as dimensões que perpassam um assunto, visto que o conhecimento é multidisciplinar e está sempre se renovando. Com a delimitação, reduz-se este tema. Você pode pensar neste processo como um funil, pois é justamente o que você irá fazer: afunilar este tema, o foco da pesquisa.

Objectivos

Refere-se a indicação do que é pretendido com a realização do estudo ou pesquisa e quais os resultados que se pretendem alcançar. Define o que se quer fazer na pesquisa. Os objectivos devem ser redigidos com verbos no infinitivo, exemplo: caracterizar, identificar, compreender, analisar, verificar. Objectivo é aquilo que está voltado para o próprio objecto, independentemente da nossa forma de pensar ou de sentir, isto é, das preferências individuais. Por exemplo: alguém coloca uma caixa em cima de uma balança e afirma que aquela pesa cinco quilos. Trata-se de um dado objectivo, pois não influencia a opinião do sujeito, uma vez que faz parte das leis da física para além de poder ser provado.

Objectivo pode ser usado como substantivo. O objectivo é aquilo que se pretende alcançar, ou seja, a meta.

- **Objectivo Geral**

Procura dar uma visão global e abrangente do tema, definindo de modo amplo, o que se pretende alcançar. Quando alcançado, dá a resposta ao problema.

O objectivo geral é a ideia central do trabalho, de forma afirmativa. Define o propósito da pesquisa. Assemelha-se ao problema, ao invés de ser elaborado em forma de pergunta, é constituído de uma afirmação com verbo no infinitivo.

- **Objectivos específicos**

Para Gates (2012), os objectivos específicos descrevem os resultados que se pretendem alcançar a partir da pesquisa. Por isso, são sempre descritos no plural. Tem função intermediária e instrumental, ou seja, tratam dos aspectos concretos que serão abordados na pesquisa e que vão contribuir para se atingir o objectivo geral. É com base nos objectivos específicos que o pesquisador vai orientar o levantamento de dados e informações.

Relacionar e descrever os objectivos do trabalho que no seu conjunto, “atingem” o objectivo geral, ao invés de apresentar os objectivos em forma de um texto, formular sentenças claras e curtas para cada um dos objectivos.

Exemplo:

Objectivo Geral: Elaborar um plano de cargos e salários para o departamento UMF.

Objectivos Específicos:

- Planear os cargos do departamento UMF;
- Descrever os cargos;
- Especificar os requisitos do ocupante;
- Avaliar e classificar os cargos;
- Pesquisar e confrontar com o mercado;
- Definir a estrutura salarial.

Com técnicas disponíveis, devem preferencialmente estar relacionadas com uma teoria.

Verbos para formulação de Objectivo Geral

| Conceituais | Procedimentos | Atitudinais |
|--------------------------------|-------------------------|--------------------------------|
| Adquirir conhecimentos para... | Demonstrar... | Apreciar |
| Adquirir autonomia para... | Desempenhar | Assumir atitudes para... |
| Analisar/avaliar | Discriminar | Colaborar para... |
| Compreender | Estabelecer relações... | Cumprir regras... |
| Concluir | Falar | Demonstrar responsabilidade... |
| Conhecer | Organizar | Escolher |
| Desenvolver capacidade para... | Ouvir | Habituar-se |
| Dominar | Planejar | Interiorizar |
| Focalizar | Produzir | Mostrar autonomia para... |
| Generalizar | Traduzir | Mostrar interesse em.. |
| Pensar sobre... | Usar | Socializar-se com... |
| Reconhecer | | valorizar |
| reflectir | | |

Verbos para a formulação de Objectivos Específicos – Área de Humanas: L.Port, Hist. e Geografia

| Conceituais | Procedimentos | Atitudinais |
|--------------------|-----------------------|---------------------------|
| Analisar | Abreviar/ Acentuar | Colaborar para... |
| Argumentar | Apresentar/ Articular | Compartilhar |
| Caracterizar | Assinalar/ coletar | Comunicar |
| Concluir | Compor/ Conjuguar | Contribuir |
| Criticar | Construir/ Copiar | Conversar (dialogar) |
| Definir | Descrever/ Discutir | Cumprir responsabilidades |
| Descrever | Dramatizar | Decidir |
| Determinar | Editar | Envolver-se |
| Diferenciar | Encontrar | Falar |
| Discriminar | Escrever | Interessar-se |
| Explicar | Expressar-se | Mostrar autonomia em... |
| Extrair | Ler | Ouvir |
| Identificar | listar | Participar |
| Inferir | Narrar | Prestar atenção |
| Interpretar | Parafrasear | Questionar |
| Justificar | Pesquisar | Refletir |
| Ler | Pontuar | Usar.. |
| Memorizar | Procurar | |
| sintetizar | Produzir | |
| | Pronunciar | |
| | Realizar | |
| | Recitar | |
| | Registrar | |
| | Reproduzir | |
| | Reescrever | |
| | Responder | |
| | Revisar | |
| | Saber fazer | |
| | Soletrar | |
| | Sublinhar | |
| | Utilizar | |

Verbos para a formulação de Objectivos Específicos – Áreas Exactas: Mat., Ciên., Fis. e Química

| Conceituais | Procedimentos | Atitudinais |
|----------------------|------------------------------|---------------------------|
| Avaliar | Calcular/ Comprovar | Colaborar para... |
| Comparar | Construir/ Controlar o tempo | Compartilhar |
| Comprovar | Criar/ Cultivar | Comunicar |
| Conceituais | Demonstrar/ Descobrir | Contribuir |
| Converter | Descobrir/ Dividir | Conversar (dialogar) |
| Deduzir | Efetuar/ Eliminar | Cumprir responsabilidades |
| Descobrir | Especificar/ Experimentar | Decidir |
| Estabelecer relações | Fazer gráficos/ Informar | Envolver-se |
| Estimar | Investigar/ Manipular | Falar |
| Explicar | Medir/ Multiplicar | Interessar-se |
| Provar | Multiplicar/ Observar | Mostrar autonomia em... |
| Simplificar | Pesar/ Pesquisar | Ouvir |
| | Provar/ Reduzir | Participar |
| | Registra/ Relatar | Prestar atenção |
| | Relatar/ Somar | Questionar |
| | Subtrair/ Verbalizar | |

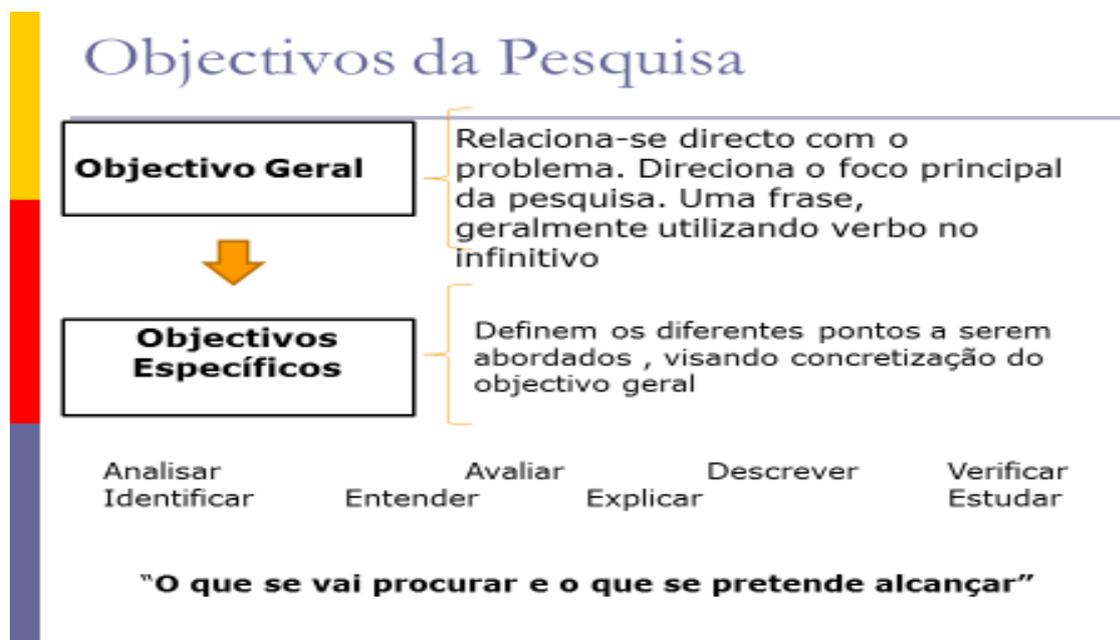
Verbos para a formulação de Objectivos Específicos – Área de Artes e Religião

| Conceituais | Procedimentos | Atitudinais |
|--------------------------|----------------------|------------------------------------|
| Avaliar | Colar/ Colocar | Admirar/ Ajudar |
| Reflectir | Colorir/ Combinar | Assumir/ Desculpar-se por |
| Conhecer | Compor/ Construir | Escolher/ Elogiar |
| Aplicar conhecimentos... | Cortar/ Decorar | Influenciar/ Interessar-se por... |
| Apreciar | Desenhar/ Dobrar | Auto avaliar-se/ Agradecer |
| Analisar | Edificar/ Entalhar | Ser: honesto, pontual, coerente... |
| Interpretar | Esculpir/ Executar | Compartilhar/ Cooperar |
| Identificar | Ilustrar /Lustrar | Envolver-se/ Esperar |
| | Misturar/ Modelar | Participar/ Pedir colaboração |
| | Ornamentar/ Perfurar | Praticar... / Respeitar |
| | Pintar/ Pontilhar | Trocar informação |
| | Recortar/ Traçar | |
| | Tracejar | |

Verbos para a formulação de Objectivos Específicos – Área de Educação Física

| Conceituar | Procedimentais | Atitudinais |
|-------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Criar regras | Arquear/ Arremessar | Ajudar/ Agradecer |
| Conhecer fundamentos... | Agarrar/ Atirar | Colaborar/ Compartilhar |
| Explicar... | Bater/ Rebater | Cooperar/ Cumprir regras |
| Criticar | Cobrir/ Correr | Desculpar-se |
| | Flutuar/ Lançar | Elogiar/ Esperar |
| | Dar cambalhotas/ Inclinat | Influenciar/ Participar |
| | Puxar/ Saltar | Respeitar/ Sorrir |
| | | Ser: paciente, bondoso... |
| | | Trocar informação |

Figura 20: Objectivos da Pesquisa



Fonte: Silva, 2018

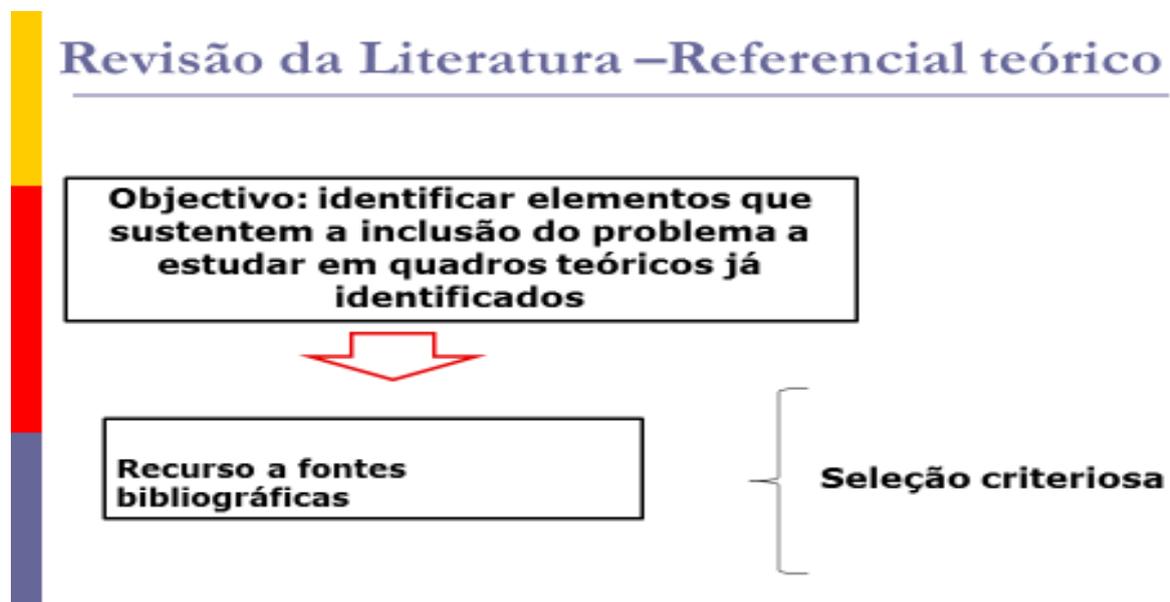
- **Resultados Esperados**

Os resultados esperados são a forma concreta como se podem alcançar os objectivos, portanto deve existir uma correspondência estreita entre estes aspectos. Os resultados esperados não devem ser repetições da justificativa do projecto.

- **Fundamentação Teórica**

A fundamentação teórica não deve ser confundida com a revisão de literatura, pois, apesar de ambas serem complementares, a revisão de literatura utiliza o material literário para realizar uma pesquisa e captar informações confiáveis para o Trabalho de Fim de Curso, artigo científico e até mesmo pesquisas científicas, teses e dissertações. Fundamentação teórica ou Referencial teórico é um dos elementos da pesquisa científica que consiste na revisão de textos, artigos, livros e todo material pertinente da área ou do assunto estudado. A fundamentação teórica também é importante porque serve de orientação para a análise e interpretação dos dados colectados para a pesquisa, uma vez que estes devem ser interpretados à luz do referencial teórico já existente. É uma parte obrigatória dos trabalhos académicos, que consiste na pesquisa e selecção de material de outros autores sobre o assunto do seu trabalho. É de suma importância para a elaboração dos trabalhos, pois traz outros pontos de vista do assunto para o estudo, enriquecendo o texto e agregando material. (GIL, 1994)

Figura 21: Revisão da literatura



Fonte: Asti, 2017

4.1.4. Ciência e a Tecnologia

Tecnologia produz técnica e Ciência produz conhecimento. Em relação à Ciência, pode-se dizer que a Tecnologia é um passo à frente em direcção à sociedade. Um estudo da interação da radiação com a matéria por Einstein, o levou a descrever as leis que fundamentam a acção laser, a invenção do primeiro laser artificial muitas décadas depois, também foi um grande avanço na Ciência. Já que a fabricação de um laser em escala industrial passou a ser um desafio tecnológico, actualmente, produzir lasers para aparelhos de CD é dominar uma tecnologia, e nada tem a ver com a Ciência.

Exemplo: Descobrir uma vacina que evite uma doença; Descobrir como se dá a formação da madeira; etc..

4.1.4.1. Conceito da Ciência

Ciência vem da palavra latina que é *scientia*, que significa conhecimento, é o esforço para descobrir e aumentar o conhecimento humano de como o universo funciona, a ciência refere-se ao sistema de adquirir conhecimento baseado no método científico. Também se pode dizer que a ciência é conhecimento científico provado; as teorias científicas são resultados de estudos com obtenção de dados adquiridos por observação e experimento de maneira rigorosa.

A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. É a sistematização de conhecimentos, ou seja, um conjunto de proposições lógicas correlacionadas sobre um comportamento de certos fenómenos que se deseja estudar”. (LAKATOS & MARCONI, 2001). Pode-se dizer também que é uma busca constante de explicações e soluções para os problemas que afligem e incomodam o ser humano.” A Ciência é o conhecimento, ou um sistema de conhecimento, que abarca verdades gerais ou a operação de leis gerais especialmente obtidas e testadas por meio do método científico.



“É uma investigação disciplinada, e não um conjunto de procedimentos não relacionados entre si; é realizada de forma sistemática e padronizada, ou seja, efectuada a partir de um método específico e controlado.” (GONÇALVES, 2017).

4.1.4.2. Objectivos da Ciência

- Melhoria da qualidade de vida intelectual;
- Melhoria da qualidade de vida material;
- Não é o objectivo da ciência responder todas as questões.

Funções da Ciência

- Novas descobertas;
- Novos produtos;
- Melhoria da qualidade de vida.

Locais da Ciência: Universidades e outras instituições de educação superior e de pesquisa (académicas/científicas), exs.: NASA, UNIVERSIDADES, INSTITUTOS SUPERIORES. Exs.: Indústria Química, Farmacêutica etc.

Classificação da Ciência:

Pura (básica) – O desenvolvimento de teorias. (GONÇALVES, 2017).

Aplicada- A aplicação de teorias às necessidades humanas.

Natural - O estudo da natureza ou mundo natural.

Exs.: Biologia, Física, Geologia, Química etc.

Social - O estudo do comportamento humano e da sociedade.

Exs.: História, Sociologia, Ciências Políticas etc.

Biológicas - Estudo do ser humano e dos fenómenos da natureza.

Exs.: Biologia, Medicina, Odontologia etc.

Exactas - Tem origem na física.

Exs.: Física, Matemática, Computação etc.

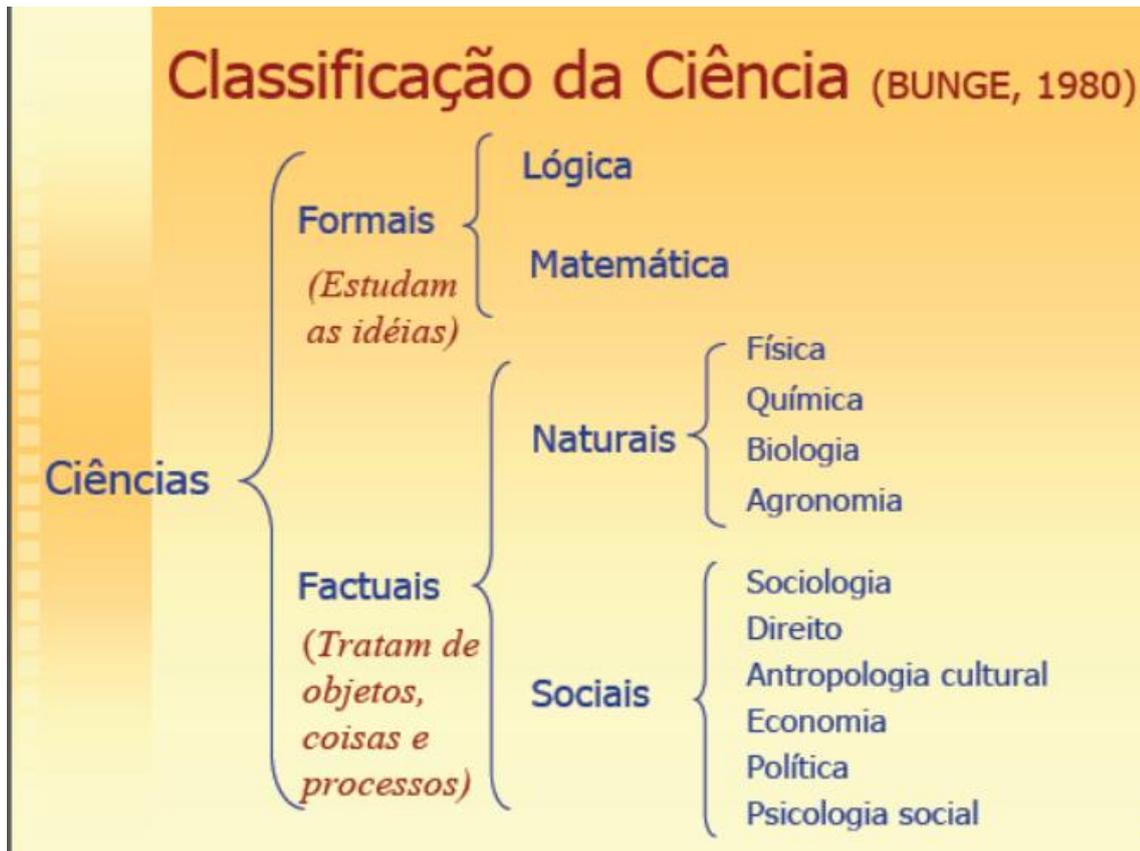
Humanas - Estudo social e comportamental do ser humano.

Exs.: Direito, Filosofia, Letras etc.

Agrárias – Estudo dos processos de produção animal e vegetal.

Exs.: Agronomia, Zootecnia, Eng. Florestal etc.

Figura 22: Classificação da Ciência

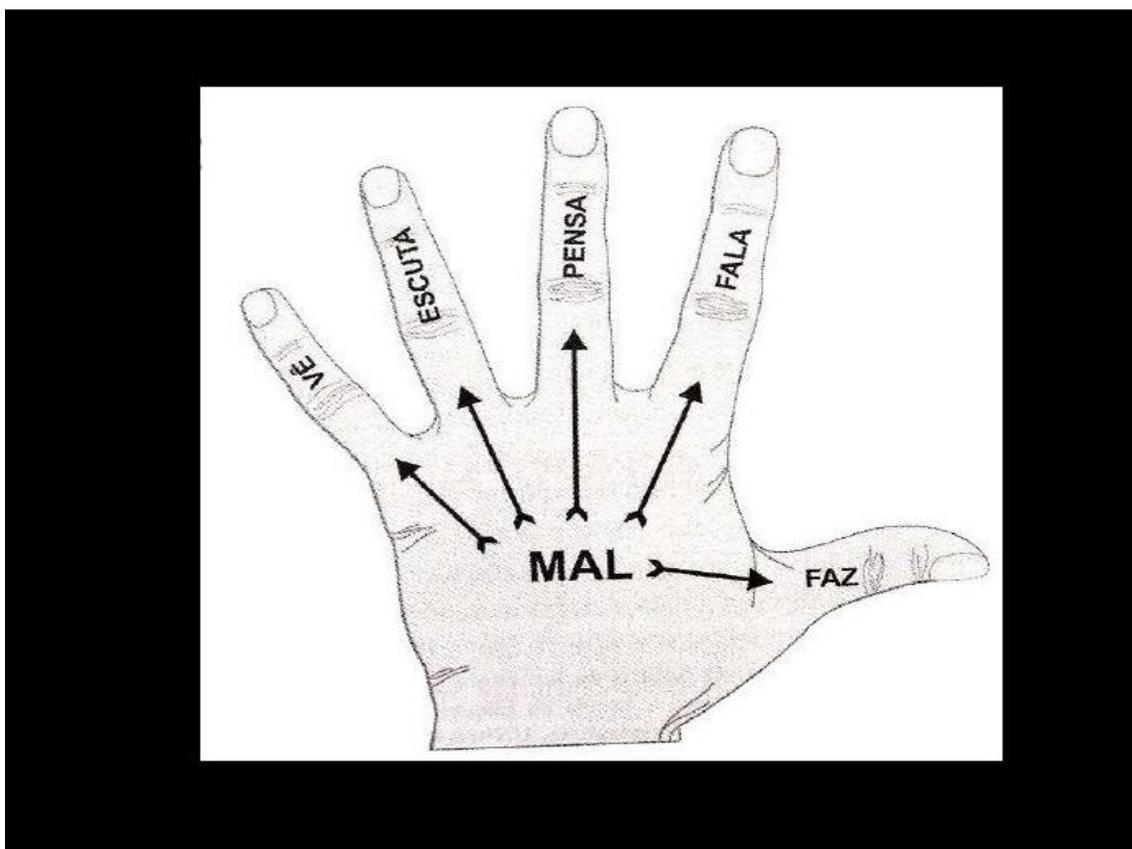


Fonte: Bastos, 2019

4.1.4.3. Aquisição do conhecimento

Para o Gonçalves (2017), o pesquisador é guiado por uma característica humana básica: “a curiosidade”. O autor está constantemente tentando explicar os “porquês” e os “comos” das coisas. Para a ciência, não existe verdade absoluta. Na Era da Informação é muito importante que os pesquisadores sejam amigos da leitura. Tipos de Leitura: entretenimento e cultura geral: Romance, jornais, revistas, livros, monografias, dissertações, teses e outros artigos científicos. Conhecer é incorporar um conceito novo, ou original, sobre um facto ou fenómeno qualquer. O conhecimento não nasce do vazio e sim das experiências que acumulamos em nossa vida cotidiana, através de experiências, dos relacionamentos interpessoais, das leituras de livros e artigos diversos. *Somos os únicos capazes de criar e transformar o conhecimento; Somos os únicos capazes de aplicar o que aprendemos, por diversos meios, numa situação de mudança do conhecimento*.

Figura 23: A minha pergunta você sabe ler? Quem não lê:



Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

4.1.4.4. Tipos de conhecimentos (Granja, 1997)

Filosófico – Reflexão crítica, com o objectivo de compreender a realidade.

Ex.: Baseada na experiência e não na experimentação. É fruto do raciocínio e da reflexão humana. É o conhecimento especulativo sobre fenómenos, gerando conceitos subjectivos. Busca dar sentido aos fenómenos gerais do universo, ultrapassando os limites formais da ciência.

Exemplo: "*O homem é a ponte entre o animal e o além-homem*" (Friedrich Nietzsche).

Teológico – Está ligado à fé. Conhecimento sistemático do mundo: origem, significado, destino, finalidade. Conhecimento revelado pela fé divina ou crença religiosa. Não pode, por sua origem, ser confirmado ou negado. Depende da formação moral e das crenças de cada indivíduo. Exemplo: Acreditar que alguém foi curado por um milagre; ou acreditar que ELE voltará; acreditar em reencarnação; acreditar em Espírito Santo etc.

Empírico Popular (senso comum) – pela vivência colectiva os conhecimentos são transmitidos de uma pessoa à outra, de geração em geração.

Ex.: Canja de galinha.

Conhecimento Popular (senso comum)

Resulta de repetidas experiências casuais de erro e acerto, sem observação metódica, nem verificação sistemática. Pode também resultar de simples transmissão de geração para geração e, assim, fazer parte das tradições de uma coletividade" (Conto, 2013). "... É o modo comum, espontâneo, pré-crítico de conhecer. É o conhecimento do povo que atinge os factos sem lhes inquirir as causas".

É o conhecimento obtido ao acaso, após inúmeras tentativas, ou seja, o conhecimento adquirido através de acções não planeadas.

Exemplo: A chave está emperrando na fechadura e, de tanto experimentarmos abrir a porta, acabamos por descobrir (conhecer) um jeitinho de girar a chave sem emperrar.

Científico – exige que o pesquisador seja crítico, objectivo, racional e imparcial. Pesquisa científica; Teste de hipóteses. É o conhecimento produzido pela investigação científica. Surge não apenas da necessidade de encontrar soluções para problemas de origem prática da vida diária, característica esta do conhecimento ordinário, mas do desejo de fornecer explicações sistemáticas que possam ser testadas e criticadas através de provas”. (VIRGILIO, 2019).

É o conhecimento racional, sistemático, exacto e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. Podemos então dizer que o Conhecimento Científico:

- É racional e objectivo;
- Atém-se aos factos;
- Transcende aos factos;
- É analítico;
- Requer exactidão e clareza;
- É comunicável;
- É verificável;
- Depende de investigação metódica;
- Busca e aplica leis;
- É explicativo;
- Pode fazer predições;
- É aberto;
- É útil.

Figura 24: Tipos de Conhecimento



Fonte: Andrade, 2022

Figura 25: Tipos de pesquisa

Tipo de Pesquisa: Quanto aos objectivos

- **Pesquisa exploratória:**
 - Proporcionar maior familiaridade com o problema/assunto
 - Levantamento bibliográfico ou entrevistas
 - Pesquisa bibliográfica ou estudo de caso
- **Pesquisa descritiva:**
 - Factos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador
 - Uso de técnicas padronizadas de coleta de dados (questionário e observação)
- **Pesquisa explicativa:**
 - pesquisa que registra factos, analisa-os, interpreta-os e identifica suas causas
 - Aprofundar o conhecimento dos factos ou realidade. Explicar o "porque" das coisas, apresentando recomendações

Fonte: Belo, 2012

4.1.5. Metodologia da Pesquisa

Metodologia significa estudo do método. Método é um procedimento, ou melhor, um conjunto de processos necessários para alcançar os fins de uma investigação. É o procedimento geral. É o caminho percorrido em uma investigação. Mostra como se vai responder aos objectivos estabelecidos. Deve se ajustar aos objectivos específicos. Envolve a definição de como é realizado o trabalho. A metodologia deve apresentar (GRANJA, 1993):

Figura 26: Plano metodológico

O Plano metodológico: Responderá

- Como se procederá a pesquisa?
- Quais os caminhos para se chegar aos objectivos propostos?
- Qual o tipo de pesquisa?
- Qual o universo da pesquisa?
- Será utilizado a amostragem? Como foi escolhida a amostra? Porque?
- Qual local da pesquisa? Porque?
- Quais os instrumentos de coleta de dados? Como foram construídos os instrumentos de pesquisa?
- Qual método será utilizado para a tabulação dos dados?

Fonte: Alves, 2021

4.1.6. Universo/ População e Amostra

A palavra população é frequentemente usada para descrever a população mundial humana ou o número total de pessoas que vivem em uma área geográfica. Em uma actividade de pesquisa, é o conjunto de elementos total que possui um parâmetro comum e não precisa ser necessariamente humana. Pode ser qualquer conjunto de parâmetro comum. Exemplo: O número todas as lojas de roupa em uma cidade.

Amostra

Segundo as leis estatísticas, amostra é um grupo menor ou um subconjunto dentro de uma população. No ramo das pesquisas, é uma parte pequena da população total que é seleccionada de acordo com suas características a fim de serem analisadas em um projecto de investigação. Esta selecção é feita através dos diferentes métodos: *amostragem probabilística* e amostragem não probabilística. As técnicas de selecção de amostragem variam de acordo com os tipos de pesquisa e a qualidade da informação requerida. Assim como existem diferentes maneiras para seleccioná-las, existem diferentes tipos de amostragem para pesquisa.

Exemplo: geralmente, as amostragens são grupos de pessoas, mas isso varia com a população. No exemplo acima, onde a população era o número total de lojas de roupa de uma cidade, a amostra poderia ser apenas as lojas de roupas para bebês dessa cidade.

Figura 27: Metodologia de pesquisa



Metodologia (continuação)

- **Universo da Pesquisa** – total de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo
- – **Amostra** – parte do universo
- – Instrumentos de Pesquisa – instrumentos de medidas ou instrumentos de coleta de dados.
- Uso de bibliografias que orientem escolhas.
- Instrumentos de pesquisa mais utilizados:
 - • Observação
 - • Entrevista
 - • Questionário – perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha
 - • Formulários

Fonte: Sousa, 2018

Figura 28: Modalidades de pesquisa

Modalidades de Pesquisa: Quanto aos procedimentos

□ **Pesquisa de campo:**

- É a observação dos factos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas.

□ **Experimental:**

- Objectiva criar condições para interferir no aparecimento ou na modificação dos factos, para poder explicar o que ocorre com fenómenos correlacionados.
- Experimentar , testar

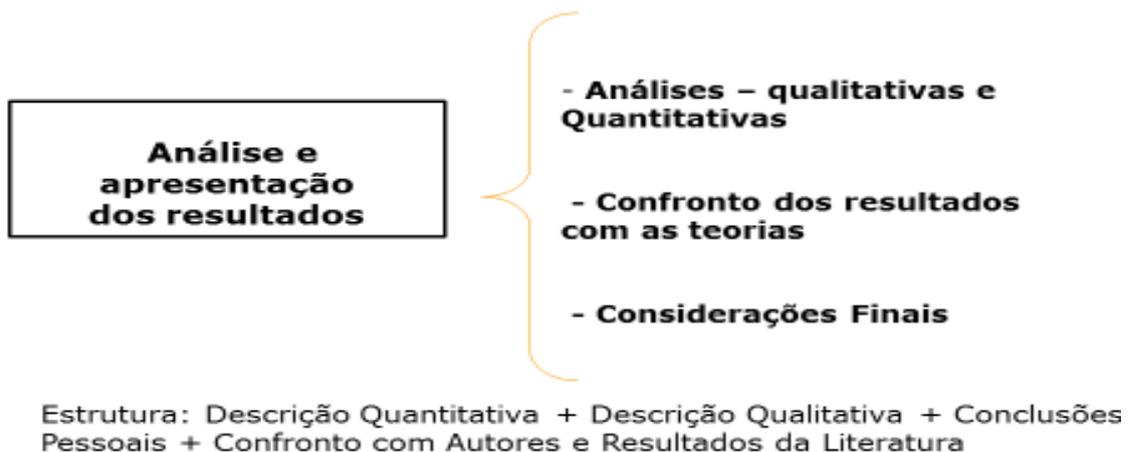
□ **Bibliográfica:**

- Recupera o conhecimento científico acumulado sobre um problema(utilização de textos para pesquisa)

Fonte: Silva, 2019

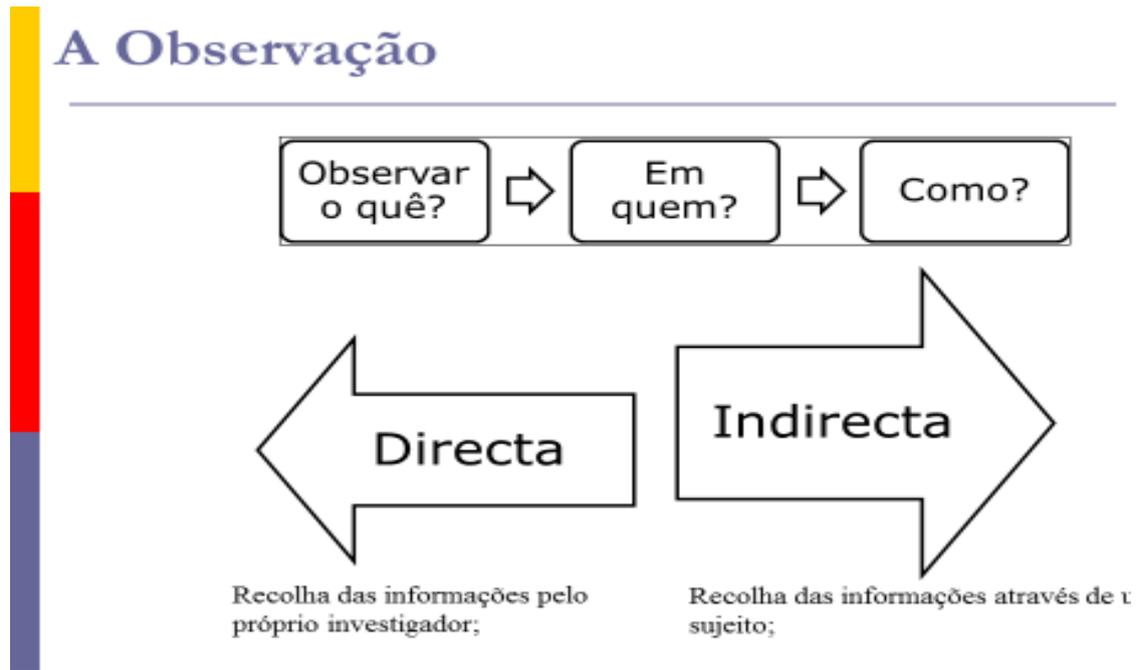
Figura 29: Análise de dados

Análise de Dados



Fonte: Morgan, 2020

Figura 30: Observação



Fonte: Carbonari, 2019

4.1.6.1. A importância de utilizar amostragens para pesquisas

Veja este exemplo: uma fabricante de comida para coelhos gostaria de listar apenas as lojas de animais que vendem este tipo de produto. A ideia é mais que apontar possíveis oportunidades de negociação, mas também envolvê-los em uma investigação de mercado para entender melhor o consumidor. Afinal, este fabricante não tem tanto acesso à estas informações quanto os varejistas. Esta empresa possui dados populacionais sobre o número total de lojas de animais em sua cidade, mas nem todas são convenientes. Seria necessário filtrar estas opções e, para isso, criar uma amostra de pesquisa on-line, seleccionando apenas lojas de animais que vendem comida para coelho (GUSMÃO, 1999).

4.1.6.2. Diferença entre população e amostra

População

- A característica mensurável da população, como a média ou o desvio padrão, é conhecida como um parâmetro.
- Os dados são completos e complexos.
- Uma pesquisa realizada em uma população inteira é mais precisa, sem margem de erro, excepto pela imprecisão humana nas respostas. No entanto, isto nem sempre é possível.
- O parâmetro de população é um elemento numérico ou mensurável que define o sistema do conjunto.

Amostra

- A característica mensurável da amostra é chamada de estatística.

- A amostra é um subconjunto da população obtido por amostragem.
- Uma pesquisa realizada com uma amostra da população produz resultados precisos, somente após factorar ainda mais a margem de erro e o intervalo de confiança.
- A estatística é o componente descritivo da amostra encontrada usando a média amostral ou a proporção da amostra.

4.1.6.3. Quatro motivos para utilizar uma amostra

1- É muito mais prático, com uma pequena amostragem bem seleccionada que represente bem uma população total, o pesquisador necessitará colectar um menor número de dados para analisar e ainda assim;

2 – Você pode tomar acções mais imediatas, quando se trata de uma investigação, o tempo disponível pode ser um factor definitivo para um estudo. Como a amostra é menor, o tempo investido também será menor.

3 – São económicas e lucrativas, realizar um estudo sobre uma amostra representativa requer menos recursos, como computadores, pesquisadores, entrevistados, servidores e centros de colecta de dados.

4– Confie nos dados colectados, as amostras são precisas, independente do método utilizado para determinar a amostragem, se o processo selectivo for bem realizado, os resultados serão mais eficazes. Será menor em número, porém maior em qualidade. Isto resulta na possibilidade de uma pesquisa mais direccionada que aumenta a taxa de resposta (diminuindo a margem de erro dos resultados), além de colectar dados do público que realmente importam. Você pode encontrar a amostra ideal para o seu projecto sem procurar muito. Tendo as características necessárias pré-definidas, você pode obter um painel qualificado de amostra de respondentes a poucos cliques de distância.

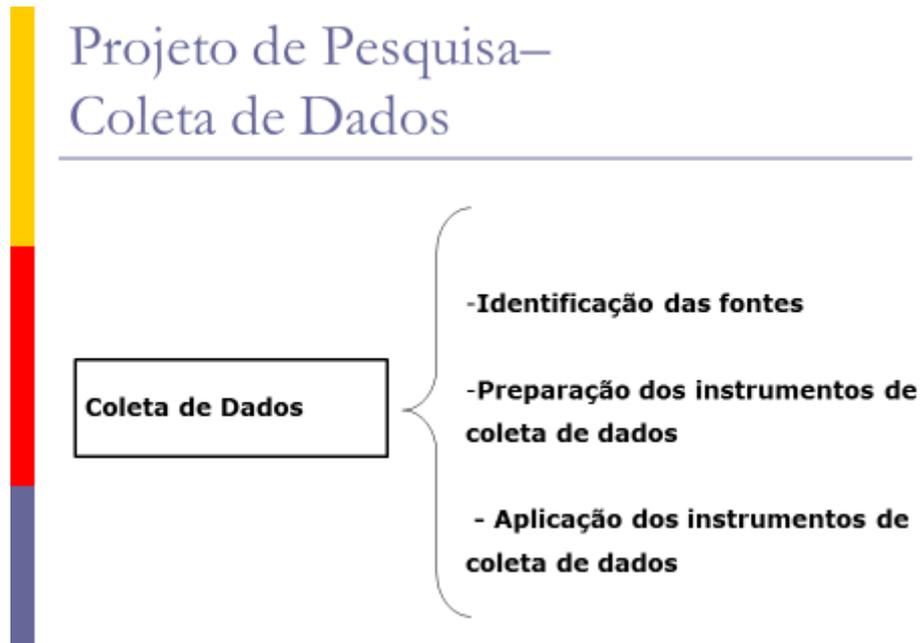
4.2. Instrumentos de colectas de dados

De acordo Fonseca *et al.* (2020), no tratamento dos dados, pode-se usar a organização dos esboços, gráficos, questionários mistos, entrevistas semi-estruturadas, um orientador para a aplicação destes procedimentos e materiais em geral, determinando estatisticamente o melhor desempenho da pesquisa.

4.2.1. Método de análise

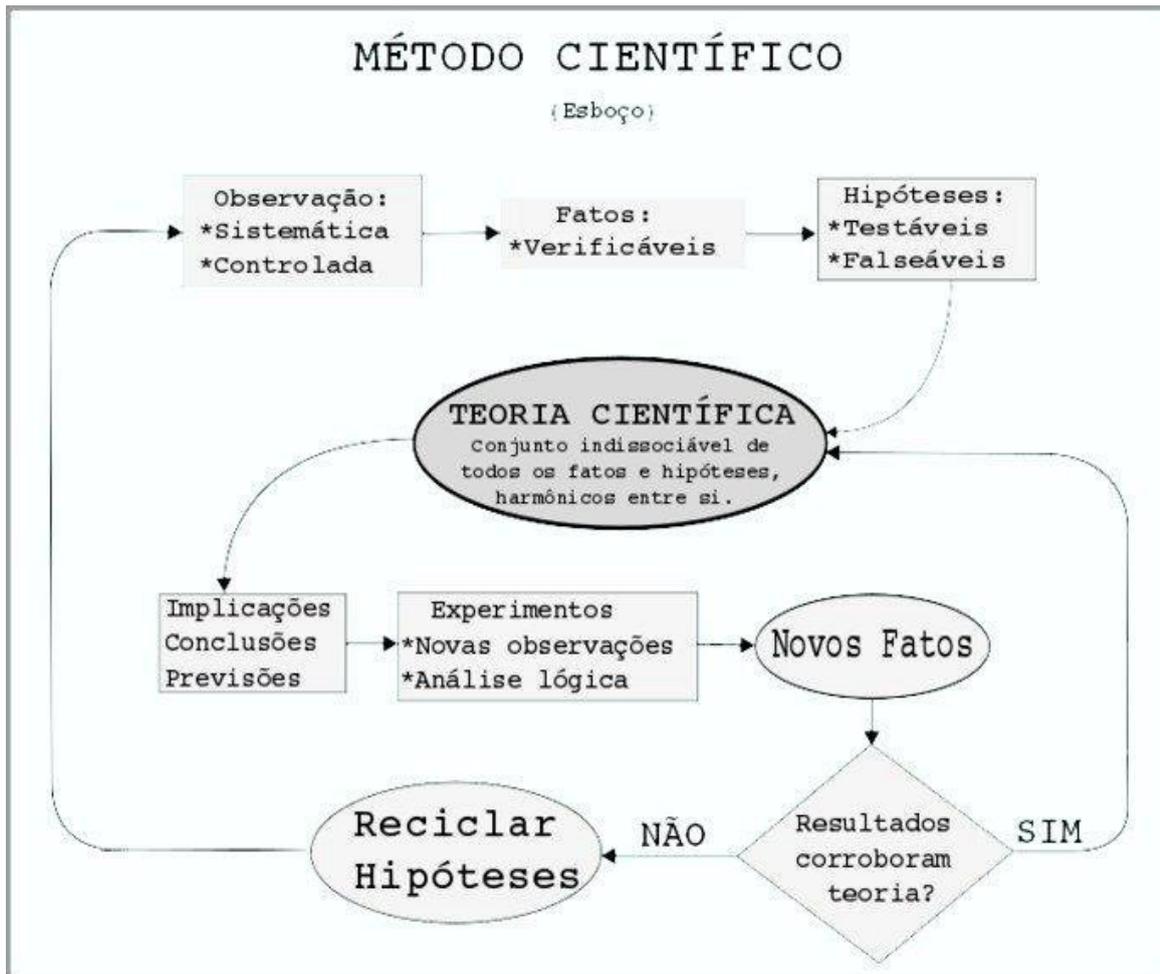
Explique como você vai iniciar sua pesquisa, através de que material ; quais são os procedimentos utilizados no processo de análise.

Figura 31: Projecto de pesquisa – Colecta de dados



Fonte: Cahen, 2020

Figura 32: Método Científico



Fonte: Tafner, 2020

4.2.2. Cronograma

O cronograma é a disposição gráfica do tempo que é gasto na realização de um trabalho ou projecto, de acordo com as actividades a serem cumpridas. Serve para auxiliar no gerenciamento e controlo deste trabalho, permitindo de forma rápida a visualização de seu andamento.

(Tamanho 12 cm, fonte Times ou Arial sem negrito)

(entrelinhas 1,5 cm) (entre parágrafos 1,5cm)

Exemplo:

| Actividades | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov |
|------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Pesquisa do tema | | | | | | | | | |
| Definição do tema | | | | | | | | | |
| Pesquisa bibliográfica | | | | | | | | | |
| Colecta de Dados | | | | | | | | | |
| Apresentação e discussão dos dados | | | | | | | | | |
| Elaboração do projecto | | | | | | | | | |
| Entrega do projecto | | | | | | | | | |

Figura 33: Cronograma para projecto de investigação

Exemplo de um cronograma para um projeto de investigação

Dimensionamento de cada etapa de desenvolvimento da pesquisa

| | Ago | Set. | Out. | Nov. | Dez. | Jan. | Fev. | Mar. |
|---|-----|------|------|------|------|------|------|------|
| Definição do Tema/ objectivo | X | X | | | | | | |
| Seleção de Literatura | | X | X | | | | | |
| Enquadramento Teórico - Revisão da Literatura | | | X | X | | | | |
| Elaboração do Questionário | | | | | X | | | |
| Aplicação do Questionário | | | | | | X | | |
| Recolha de Dados | | | | | | X | X | |
| Redacção do Documento Final | | | | | | | X | |
| Defesa da Dissertação | | | | | | | | X |

Fonte: Jesus, 2018

Referências

Conforme Inacio Filho (2019), nesta parte são relacionados os livros, sites, revistas, enfim, todo o material que foi consultado para elaboração do trabalho, e que esteja citado nele. Deve ser elaborado de acordo com as normas da ABNT, NBR, 6023 - informação e documentação – referências – elaboração. Exemplos de referência utilizadas no pré-projeto – SEMPRE EM ORDEM ALFABÉTICA (sobrenome). (Tamanho 12cm, fonte Times ou Arial, negrito e centralizado).

4.2.3. Conceito de Pesquisa

Conforme Seider (2018), é um conjunto de actividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento. “O objectivo da pesquisa científica é explicar, prever e / ou controlar um determinado facto ou fenómeno“ é uma investigação sistemática, cujo objectivo é adquirir conhecimento a respeito de um determinado assunto. Utiliza-se a pesquisa para buscar uma resposta ou solução de um problema (teórico ou prático), utilizando-se o método científico. Pesquisa é o mesmo que busca ou procura. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Em se tratar de Ciência, a pesquisa é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta. Fazer pesquisa é:

- Investigar assunto de interesse e relevância;
- Observar os acontecimentos;
- Conhecer com profundidade;
- Utilizar métodos científicos;
- Responder às questões que surgem no decorrer do estudo;
- Descobrir respostas;
- Ter curiosidade constante... Busca!

É verdade que a ciência tem um grande impacto em um mundo cada vez mais informatizado e adepto às inovações tecnológicas. No entanto, você sabe o que é pesquisa científica e como funciona esta prática que tem o objectivo de dar soluções aos problemas? Neste texto, saiba o que caracteriza a investigação conduzida por cientistas e produzida, em geral, em instituições de ensino superior.

Além disso, o post explica por que participar de um projecto de pesquisa científica quando entrar na faculdade e mostra qual é a importância de escolher um bom centro de formação académica para a sua *carreira*. Tem curiosidade sobre este tema? Continue a leitura e saiba mais!

4.2.3.1. O processo da pesquisa científica

Pesquisa científica é o processo sistemático, isto é, que segue um passo a passo metodológico bem definido, para construir o conhecimento humano, a partir do qual é possível ampliar, detalhar e até refutar dados e outras informações verificáveis. Neste sentido, a Associação Brasileira de Normas

Técnicas define o trabalho de investigação científica, caracterizado por ser um estudo objectivo (que foca na construção de um objecto a ser analisado), como uma publicação autoral que discute técnicas, métodos, ideias e resultados em uma determinada área do conhecimento (ISKANDAR, 2000).

Figura 34: Aspectos a considerar para uma boa pesquisa

ASPECTOS A CONSIDERAR PARA UMA BOA Pesquisa

- Não distorcer os dados para confirmar as hipóteses;
- Referir as perspectivas divergentes;
- Citar as fontes;
- Não alterar ou descontextualizar as citações;
- Não citar diretamente obras não consultadas;
- Não permitir que convicções fundamentais interfiram no processo de investigação;
- Realizar uma boa revisão bibliográfica.

Fonte: Fenelon, 2014

Figura 35: Linguagem

Linguagem

- Linguagem impessoal :
Eu pesquisei → a pesquisa realizada
Nós pesquisamos → o presente trabalho
Eu penso

Verbo na terceira pessoa

Meu projeto → **Este projeto**
Eu considero → **Considera-se**

Linguagem formal e culta = Palavras claras

Fonte: Figueiredo, 2021

4.2.3.2. Como funciona a pesquisa científica

O método de construção do conhecimento humano pode sofrer grande variação dentro da universidade, a depender da área na qual se faz a investigação ou do tipo de objecto a ser estudado. Contudo, de maneira geral, a pesquisa científica exige que o pesquisador responda ou tente encontrar soluções para uma questão, com a delimitação de objectivos e hipóteses. Em um segundo momento, é preciso detalhar a metodologia e o corpus palavra que define o conjunto de documentos sobre um tema específico, a partir dos quais o cientista deve analisar os dados ou reflectir sobre métodos e ideias, com o intuito de apresentar um resultado fundamentado. Qual o esquema geral de uma pesquisa? Formular a pergunta, realizar a pesquisa, interpretar resultados e por fim divulgar resultados. Fases da Investigação (LAKATOS E MARCONI, 2001).

| Fases de Investigação | Etapas de Desenvolvimento |
|------------------------------|---|
| Fase Concetual | 1. Selecionar e formular a questão de investigação principal; |
| | 2. Enunciar os objetivos/ hipóteses de investigação |
| | 3. Estudar a literatura com interesse, para sustentar o problema; |
| Fase metodológica | 1. Definir a amostra |
| | 2. Escolher os instrumentos de recolha e de análise de dados |
| | 3. Acautelar a ética na investigação |
| Fase Empírica | 1. Recolher os dados |
| | 2. Apresentar os dados |
| | 3. Interpretar os resultados |

Tabela 9 - Fases e etapas de desenvolvimento da investigação

Nerici (2018), apresenta alguns elementos que se deve levar em conta antes de iniciar a pesquisa:

Como iniciar uma pesquisa?

A elaboração de uma pesquisa é um processo em que, a partir de uma necessidade, se escolhe um tema e, gradativamente, define-se um problema e as formas de solucioná-lo

Quais os primeiros passos para realizar a pesquisa?

Delimitar o tema e selecionar as informações da pesquisa académica na Internet. Actualmente usa-se inúmeros sistemas de busca; o desafio é encontrar no meio de tanto material o que, de facto, é relevante e correcto.

Figura 36: Exemplo de sites de buscas



Fonte: França, 2014

Formatos de arquivos:

DOC ou.DOCX.PDF, .HTML .PPT, .XLS.AVI.JPG.GIF.TXT.MP3.MPEG

O que tem na web? Jornais eletrônicos, Bancos de dados bibliográficos, Textos, Páginas pessoais, Artigos/papers, Enciclopédias online, Revistas online, Wikipédia, Etc.

Morgan (2020) ressalta que o Papel do Buscador ou Pesquisador: não consultar muitas páginas; a maioria lê superficialmente; a maioria não sabe ou mesmo, desconhece outras fontes de informação; a maioria desconhece estratégias de busca; a maioria pesquisa somente no Google; “É mais fácil dizer que não existe nada na web sobre o assunto do que tentar garimpar informações”. Como a busca acontece? O sistema de busca não faz uma “varredura” pela Internet sobre 100% das informações; ele busca informações contidas em um banco de dados de palavras chaves; estas informações foram previamente seleccionadas por pessoas ou computadores (tags). Buscar somente num único lugar não permite que se encontre tudo que desejamos.

Busca por palavra-chave. A palavra chave ou uma combinação delas define o resultado da busca; evite frases longas ou perguntas; os sites de buscas não interpretam a linguagem natural. Exemplo: Frase longa: Quantas constituições foram criadas para organizar a vida em sociedade? Frase Curta: Constituições Brasileiras.

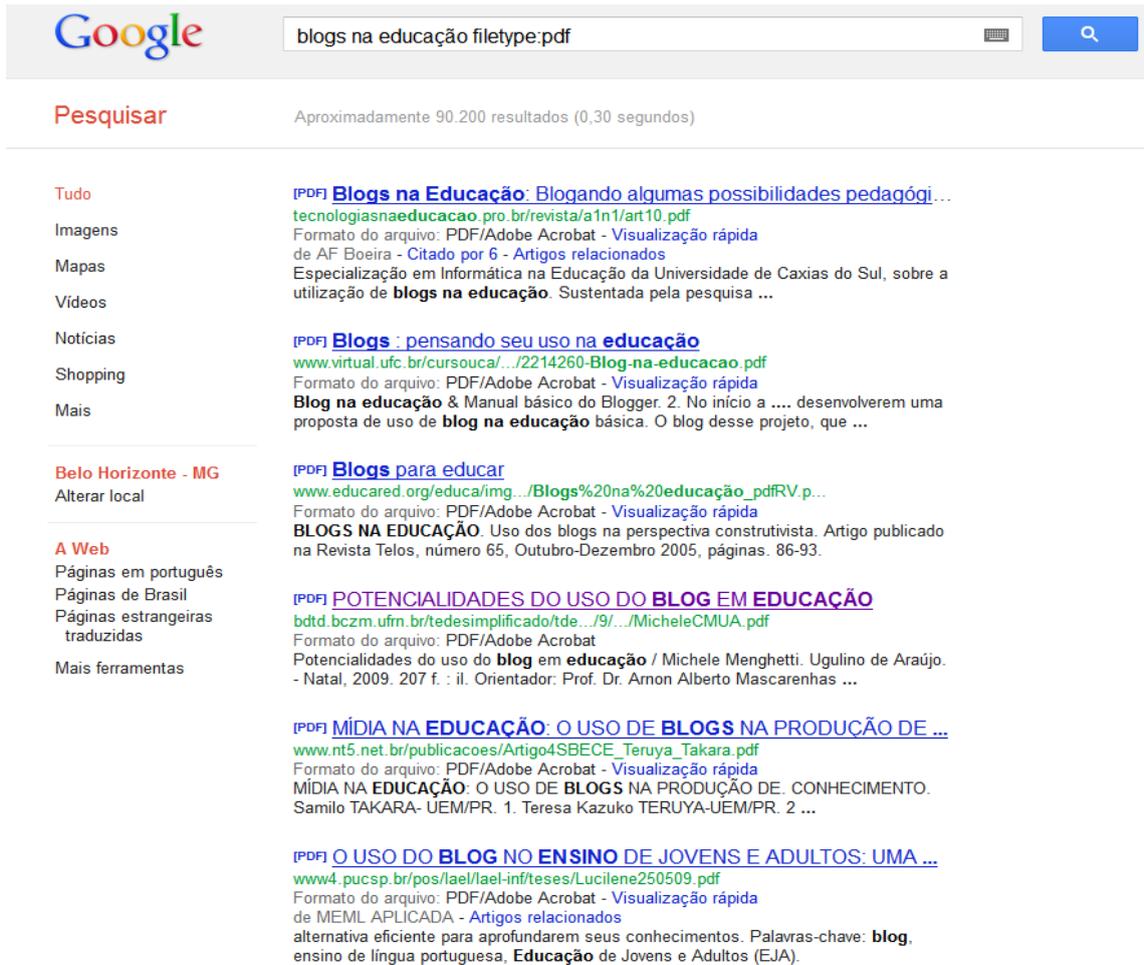
Seja específico, refine a sua busca; A escravidão não aconteceu só no Brasil, daí a importância de refinar a busca. Exemplo: Para onde iam os escravos quando fugiam na época da abolição? Fuga de Escravos no Brasil.

Pesquise um assunto por vez; Se necessário realize duas ou mais pesquisas separadamente. Exemplo: A articulação dos ossos nos ombros e joelhos. Articulação do ombro. Articulação do joelho.

Elimine palavras desnecessárias. Não é possível encontrar tudo sobre um determinado assunto; O termo desde quando sugere histórico de data e não da história de facto. Outros exemplos: frase longa: Paisagens que sofreram transformações por causa do aumento da população. Frase curta: Urbanização.

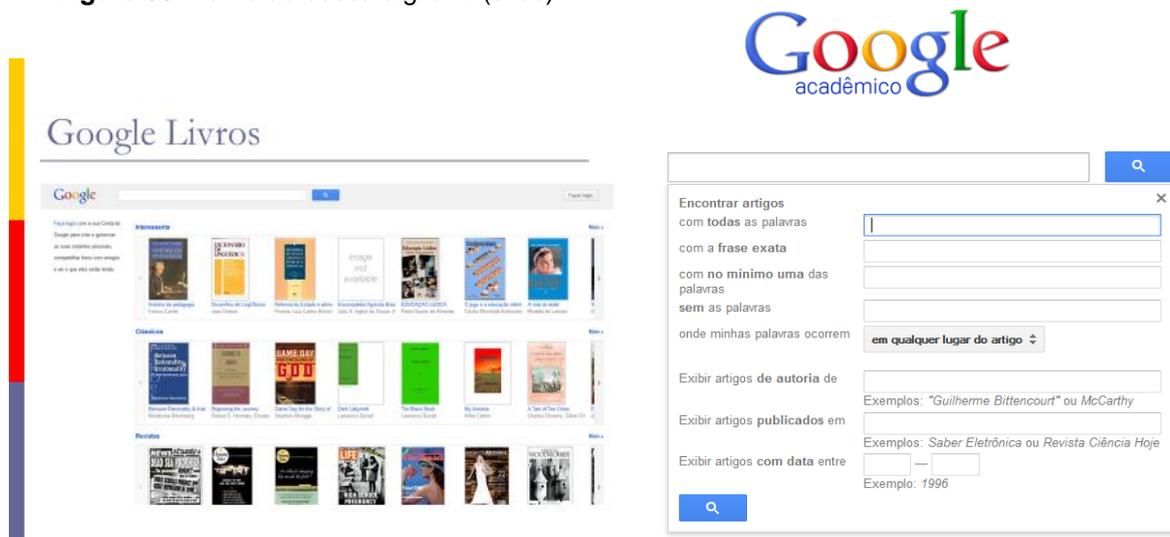
Seleccionando o formato do arquivo:

Figura 37: Fonte de busca digital 1 (sites)



Fonte: Nerci, 1999

Figura 38: Fonte de busca digital 2 (sites)



Fonte: Gil, 1994

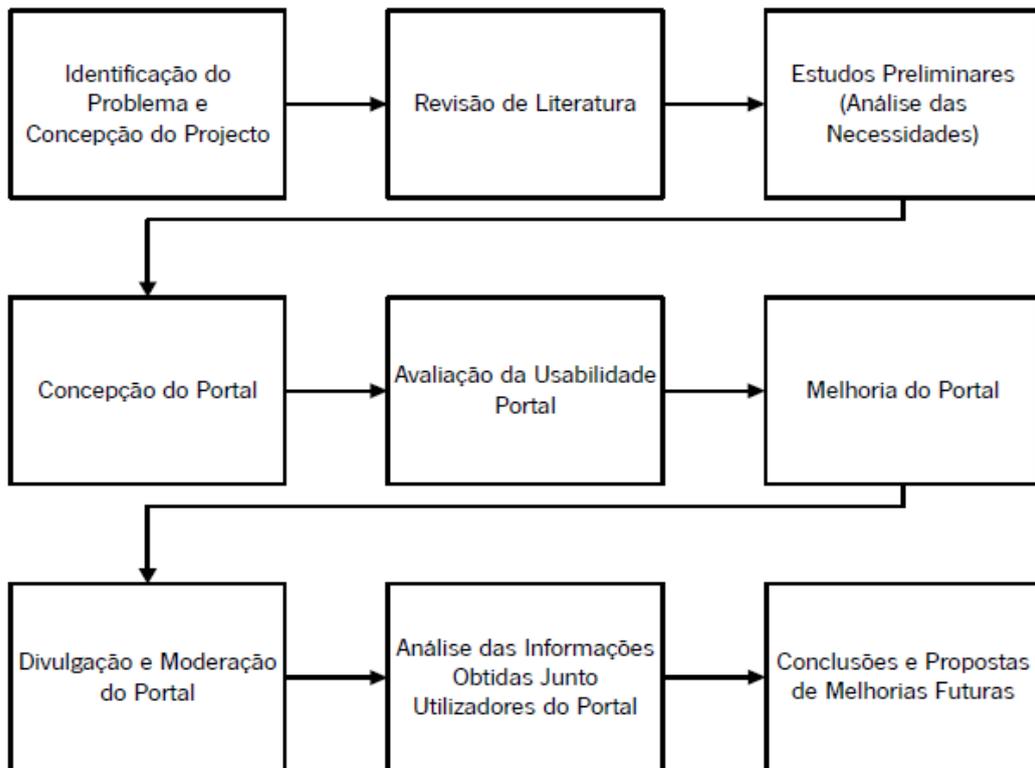
Figura 39: Fonte de busca digital



Fonte: Guattari, 2016

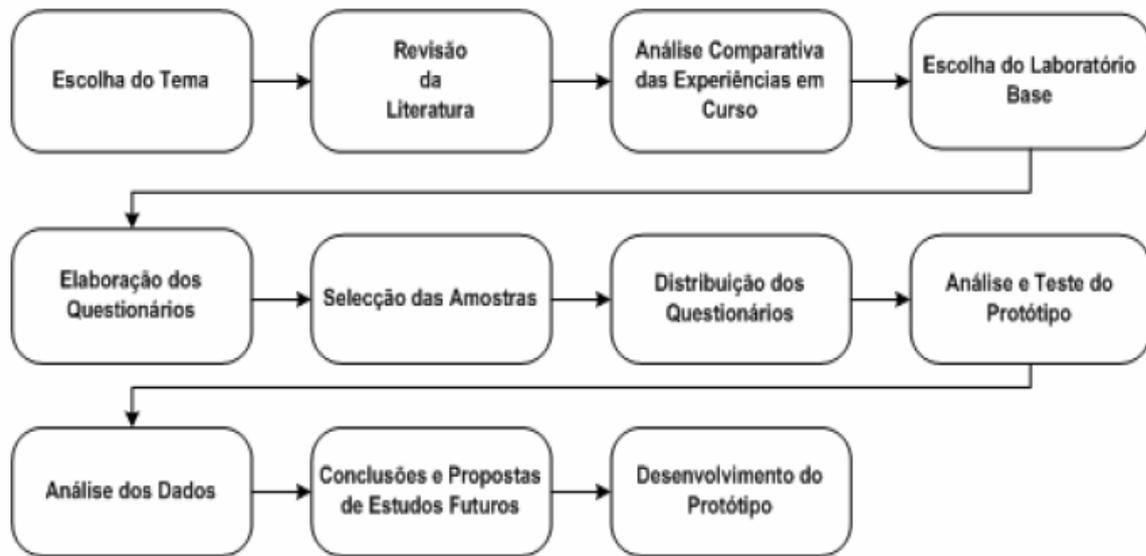
Pesquisa na Internet lembra. Plágio. A cópia não é permitida! "O plágio, na verdade, nada mais é do que você pegar o trabalho alheio, dar uma mascarada e com isso tirar proveito da propriedade intelectual de alguém", segundo Eduardo Senna. Precisamos, definir os sites de pesquisa. Frase para pensar; A Quantidade de Informação é infinita; o que devemos aprender é como filtrar e selecionar a informação correta. É preciso aprender sempre novas fontes e novas estratégias de busca.

Figura 40: Fases de estudo



Fonte: Figuerreiro, 2021

Figura 41: Esquema do plano de investigação



Fonte: França, 2014

1º Fase – Identificação do Problema e Concepção do Projecto

- Identificação do problema de investigação: inexistência de um Portal Educacional dedicado especificamente as WebQuests em Língua Portuguesa, que se encontre “activo” e que permita a comunicação e interacção de seus utilizadores;
- Desenho do projecto e plano de investigação a ser realizado;
- Levantamento bibliográfico na área das WebQuests, portais educativos e aprendizagem *online*.

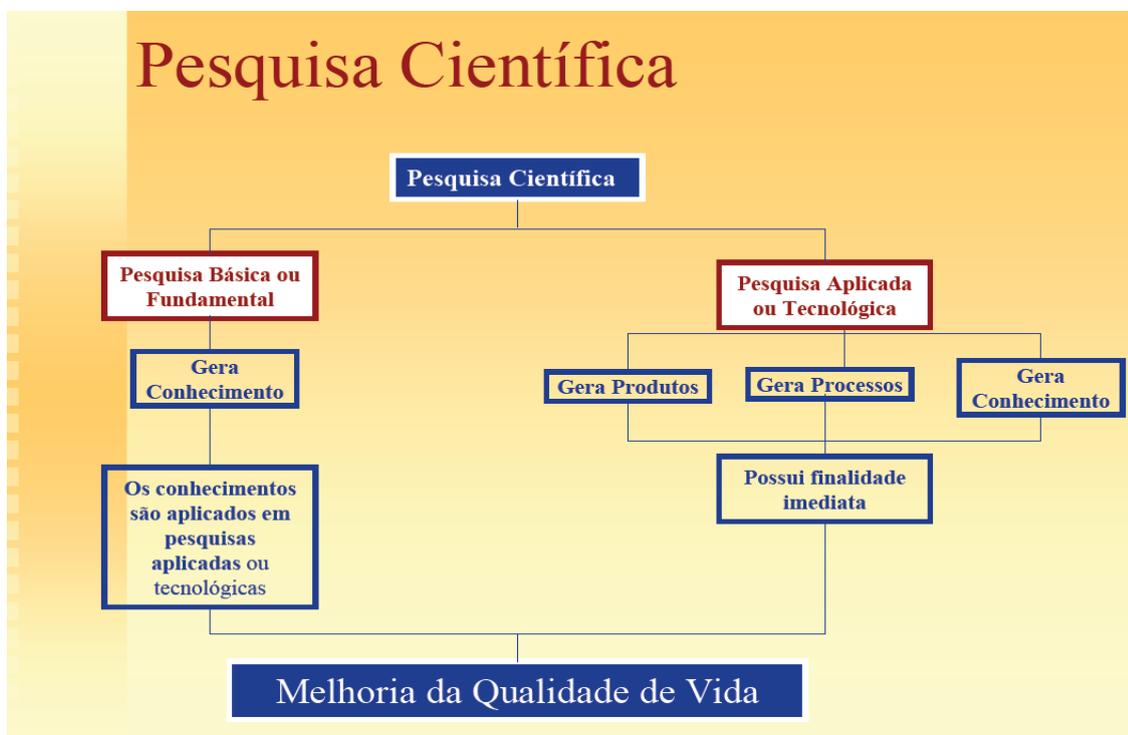
2º Fase – Revisão de Literatura

- Revisão de literatura sobre as teorias da aprendizagem e sobre os modelos de aprendizagem no século XXI (conectivismo, aprendizagem em redes sociais e em comunidades de pratica/virtuais);
- Revisão de literatura sobre a Internet, as suas ferramentas e evolução de paradigmas (*Web 1.0* para *Web 2.0*);

4.2.4. O Papel das Universidades na participação de um Projecto de Pesquisa Científica

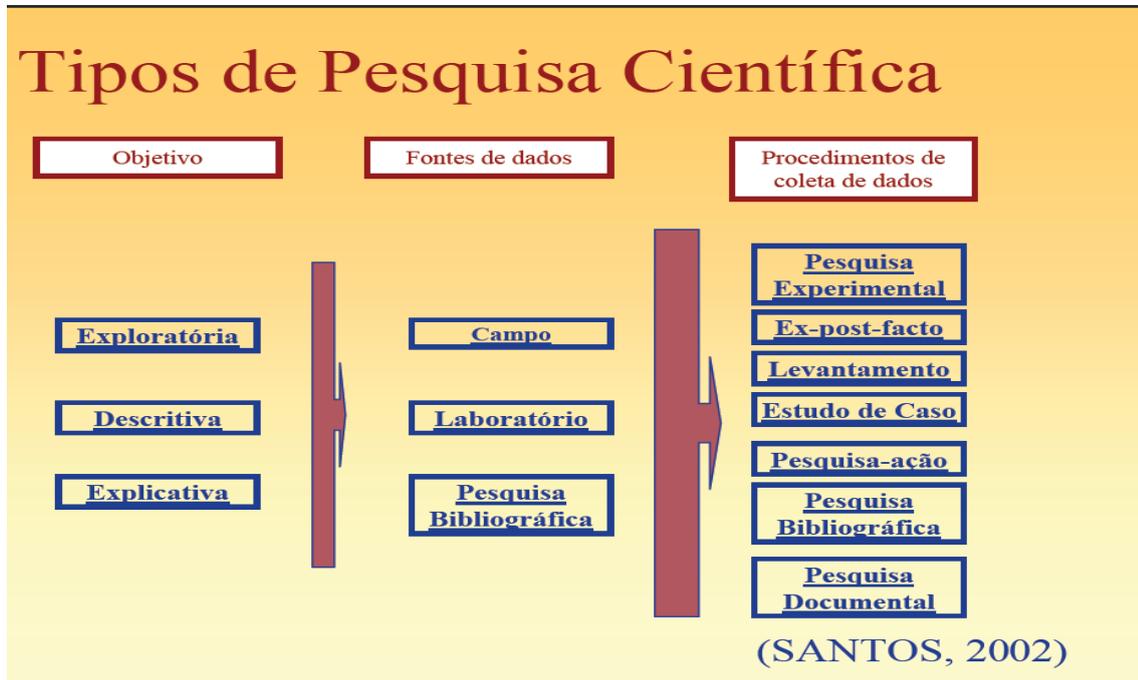
O papel das Universidades ou Faculdades/ Institutos de Ensino Superiores está baseado no tripé ensino (profissionalização), pesquisa (iniciação científica) e extensão (aplicação da ciência à sociedade), que deve garantir uma formação académica e profissional de qualidade para os estudantes. Por isso, é importante que o universitário participe de um *núcleo de pesquisa* em uma instituição de ensino superior, para aprofundar o conhecimento sobre uma determinada área do saber e ter mais opções de carreira para seguir após o término do curso. Desta forma, é imprescindível estudar em uma boa instituição de ensino superior, que ofereça a possibilidade de fazer pesquisas científicas de qualidade. Pode-se dizer que a pesquisa científica, apresenta um dos três pilares que constituem o ensino superior, além da formação académica e da extensão universitária. Por isso, a dica é participar dos projectos de investigação na Faculdade, buscando qualificar-se nesta área e aprofundar-se em temas técnicos e teóricos (MARSON, 2019).

Figura 42: Pesquisa Científica



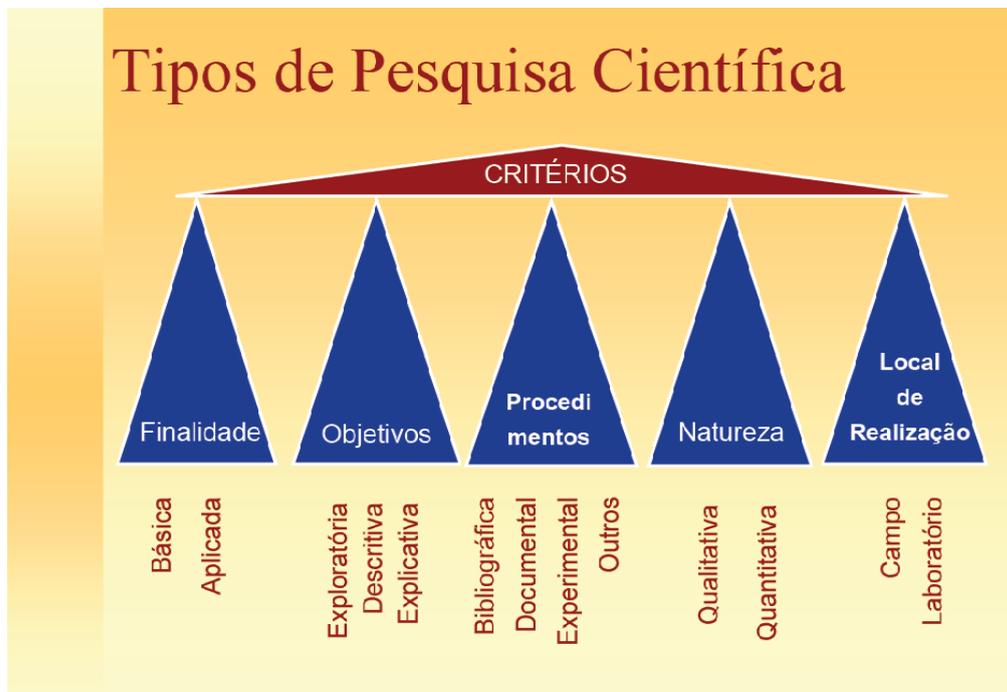
Fonte: Inácio, 2019

Figura 43: Tipos de pesquisa Científica



Fonte: Azevedo, 2021

Figura 44: Tipos de pesquisa Científica (critérios)



Fonte: Bastos, 2019

Figura 45: Exemplos de pesquisa

Exemplos de Pesquisa

- Pinga-se uma gota de ácido numa placa de metal para observar o resultado
➤ **Pesquisa Experimental**
- Saber como os peixes respiram
➤ **Pesquisa Exploratória**
- Saber quais os hábitos alimentares de uma comunidade específica
➤ **Pesquisa Social (Descritiva)**
- Saber de que forma se deu a Proclamação da República brasileira
➤ **Pesquisa Histórica (Descritiva)**
- Saber o que é a Neutralidade Científica
➤ **Pesquisa Teórica (Descritiva)**
- Saber como se desenvolveu o estudo do cancer de mama no Brasil
➤ **Pesquisa Bibliográfica (Exploratória)**

Fonte: Becker, 2022

4.2.5. Tipos de Pesquisa

Pesquisa bibliográfica: é desenvolvida a partir de materiais publicadas em livros, artigos, dissertações e teses. Ela pode ser realizada independentemente ou pode constituir parte de uma pesquisa descritiva ou experimental. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Pesquisa Bibliográfica: É desenvolvida com base em material já elaborado, ou seja, fontes bibliográficas. Muito utilizada na elaboração de Monografias, Dissertações e Teses etc.

Vantagem e desvantagem. Vantagem: Permitir pesquisar uma gama de fenómenos (em diversos países, por exemplo). Desvantagem: Conteúdos contraditórios, utilização de fontes não confiáveis. A Pesquisa bibliográfica é fundamentada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contacto com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa. (ANDRADE, 2021)

- Requer conhecimento de termos técnicos e sinónimos;
- Imprescindível para qualquer pesquisa científica;
- Registrar e organizar os dados bibliográficos referentes aos documentos obtidos e empregados na pesquisa científica;
- Objectivos: desvendar, recolher e analisar as principais contribuições sobre um determinado facto, assunto ou ideia.

Referências: Descrição precisa da fonte de informação, utilizando normas específicas, a exemplo de Associação Brasileira de Normas Técnicas –ABNT e APA.

Pesquisa descritiva: para Cervo, Bervian e da Silva (2007), este tipo de pesquisa ocorre quando se registra, analisa e correlaciona factos ou fenómenos, sem manipulá-los (BOSI, 2018). »Segundo Simpson e Leheld (2019), por meio de pesquisas descritivas, procura-se descobrir com que frequência um fenómeno ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações e conexões com outros fenómenos. De acordo com Cabral (2019), esta modalidade de pesquisa pode assumir diversas formas, como as destacadas a seguir: Estudos descritivos: estuda e descreve características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada; Pesquisa Descritiva: variáveis colhidas na própria realidade, procuram classificar, explicar e interpretar os fenómenos que ocorrem. Estudo das características, preferências, atitudes, estudo de caso (GUATTARI, 2016).

Pesquisa de opinião: procura descobrir as atitudes, pontos de vista e preferências das pessoas, a respeito de algum tema, com o objectivo de tomar decisões. Esta modalidade visa a identificar de falhas ou erros, descrever procedimentos, descobrir tendências, reconhecer interesses e outros comportamentos.

Pesquisa de motivação: tem o propósito de descobrir as razões inconscientes e ocultas que levam, por exemplo, uma pessoa a consumir determinado produto, ou que influenciam comportamentos e atitudes.

Estudo de caso: pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade, para analisar aspectos variados sobre sua vida.

Pesquisa documental: é realizada uma investigação, por meio de documentos, com o objectivo de descrever e comparar os costumes, comportamentos, diferenças e outras características, tanto da realidade presente, como do passado. Assemelha-se à pesquisa bibliográfica com a principal diferença: utiliza fontes que não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaboradas; arquivos públicos ou de instituições privadas, associações, igrejas, sindicatos, gravações memorandos, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros. Vantagens: A fonte documental é uma base rica e estável de dados, o custo da pesquisa é baixo pois demanda apenas tempo do pesquisador (o que pode ser vista também como uma desvantagem), para elaboração deste tipo de pesquisa não há necessidade de contacto com sujeitos da pesquisa. Desvantagens: A crítica mais frequente a pesquisa documental é a não representatividade e subjetividade dos documentos utilizados que deve ser contornada com maturidade e experiência do pesquisador.

Pesquisa experimental: ocorre quando se manipula directamente as variáveis relacionadas com o objecto de estudo. A manipulação de variáveis proporciona o estudo da relação entre as causas e os efeitos de determinado fenómeno (JESUS, 2019). Para Cahen (2020), “de modo geral, o experimento representa o melhor exemplo de pesquisa científica”. Esta pesquisa constitui o delineamento mais prestigiado no meio científico, consiste em determinar um objecto de estudo, seleccionar variáveis capazes de influenciá-lo e definir as formas de controlo e observação dos efeitos que as variáveis produzem no objecto. É toda pesquisa que envolve algum tipo de experimento. Exemplo: Pinga-se uma gota de ácido numa placa de metal para observar o resultado.

Pesquisa exploratória: esta pesquisa não requer a formulação de hipóteses para serem testadas, ela se restringe por definir objectivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, portanto, ela seria um passo inicial para o projecto de pesquisa. A pesquisa exploratória é

recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado. A Pesquisa Exploratória tem como objectivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. É realizada sobre um problema ou questão de pesquisa que geralmente são assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito. É toda pesquisa que busca constatar algo num organismo ou num fenómeno, é toda pesquisa que analisa uma determinada teoria. Exemplo: Saber como a árvore cresce ou saber o que é a Neutralidade Científica.

Pesquisa Explicativa: O principal objectivo é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de algum fato. Explica a razão, o por quê das coisas?

Pesquisa ex-post facto: Pesquisa realizada “a partir do facto passado”, determina o estudo após a ocorrência de variações na variável que já não está mais sob seu controlo, pois já aconteceu. É também conhecida como caso-controlo e muito utilizada em pesquisas na área de Ciências da Saúde.

Pesquisa Social: É toda pesquisa que busca respostas de um grupo social. Exemplo: Saber quais os hábitos alimentares de uma comunidade específica.

Pesquisa Histórica: É toda pesquisa que estuda o passado. Exemplo: Saber de que forma se deu a Proclamação da República Angolana.

Pesquisa Qualitativa: tem como principal objectivo interpretar o fenómeno que observa; seus objectivos são: a observação, a descrição, a compreensão e o significado; não existe hipótese pré-concebidas; suas hipóteses são construídas após a observação (ou seja, dá ênfase na indução); não existe “suposta certeza” do método experimental. Neste sentido, quem observa ou interpreta (o pesquisador) influencia e é influenciado pelo fenómeno pesquisado.

Pesquisa Quantitativa: A pesquisa quantitativa é um estudo estatístico que se destina a descrever as características de uma determinada situação, medindo numericamente as hipóteses levantadas a respeito de um problema de pesquisa. É especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística, as questões devem ser diretas e facilmente quantificáveis e a amostra deve ser grande o suficiente para possibilitar uma análise estatística confiável, a análise de dados quantitativos e dos cruzamentos entre as diversas informações coletadas vão produzir algo Qualitativo.

4.2.6. Métodos de Colecta de dados

Badoux (2020), entende por amostra Qualitativa: quando não há preocupação em projectar resultados à população. O número de entrevistados geralmente é pequeno. Quantitativa: exige um número maior de entrevistados para garantir maior exactidão nos resultados. Os dados são divulgados para a população. Entrevista Qualitativa: são feitas discussões em grupo, conhecidas também como mesa-redonda, e entrevistas em profundidade em que é feito um pré-agendamento do entrevistado e sua aplicação é individual. Quantitativa: o entrevistado identifica as pessoas que serão entrevistadas pelos seguintes critérios: sexo, idade, ramo de actividade, localização geográfica, etc. Questionário Qualitativo: geralmente as informações são coletadas por meio de um roteiro. As opiniões são gravadas e depois analisadas. Quantitativa: as informações são colhidas por meio de um questionário padronizado e uniformizado, com perguntas claras e objectivas. Relatório Qualitativo: as informações são analisadas de acordo com o roteiro aplicado e registadas em relatório, dando ênfase às opiniões,

comentários e frases. Quantitativa: além de interpretações e conclusões, deve mostrar tabelas de percentuais e gráficos.

Neste sentido, todo projecto de pesquisa deve conter quatro elementos fundamentais, de acordo com a Teoria Geral dos Sistemas que define a metodologia científica adequada para quem pretende fazer uma pesquisa profissional. São eles:

- Processo: um sistema próprio para a execução da pesquisa;
- Eficiência: que deve ser eficaz e chegar em uma conclusão;
- Prazos: tudo isso dentro de um período adequado;
- Meta: alcançando, ao final, os previamente definido.

| QUANTITATIVO | QUALITATIVO |
|--|--|
| Objetivo | Subjetivo |
| Testa a Teoria | Desenvolve a Teoria |
| Uma realidade: o foco é conciso e limitado | Múltiplas realidades: o foco é complexo e amplo |
| Redução, controle, precisão | Descoberta, descrição, compreensão, interpretação partilhada |
| Mensuração | Interpretação |
| Mecanicista: partes são iguais ao todo | Organicista: o todo é mais do que as partes |
| Possibilita análises estatísticas | Possibilita narrativas ricas, interpretações individuais |
| Os elementos básicos da análise são os números | Os elementos básicos da análise são palavras e ideias |
| O pesquisador mantém distância do processo | O pesquisador participa do processo |
| Sujeitos | Participantes |
| Independente do contexto | Depende do contexto |
| Teste de hipóteses | Gera ideias e questões para pesquisa |
| O raciocínio é lógico e dedutivo | O raciocínio é dialético e indutivo |
| Estabelece relações, causas | Descreve os significados, descobertas |
| Busca generalizações | Busca particularidades |
| Preocupa-se com as quantidades | Preocupa-se com a qualidade das informações e respostas |
| Utiliza instrumentos específicos | Utiliza a comunicação e observação |

Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

Estudo de corte: Refere-se a um estudo que observa, acompanha e analisa por um determinado tempo, o que acontece com um grupo de pessoas que têm alguma característica em comum, constituindo uma amostra, muito utilizada em pesquisas nas Ciências da Saúde.

Levantamento: Caracteriza-se pela interrogação directa das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Quando o levantamento recolhe informações de toda a população do universo estudado, chamamos de censo. Este tipo de estudo é mais utilizado nas áreas sociais. Caracteriza-se pela interrogação directa das pessoas, cuja opinião se quer conhecer, procedimento útil para pesquisas exploratórias e descritivas. Etapas: Seleção da amostra, aplicação de questionários, formulários ou entrevista, tabulação dos dados, análise com auxílio de ferramentas estatísticas. Vantagens: conhecimento directo da realidade; quantificação; economia e rapidez, limitações: ênfase nos aspectos perspectivos; pouca profundidade; limitada apreensão do processo de mudança.

Estudo de Campo: O estudo de campo focaliza uma comunidade e tende a utilizar técnicas de observação muito mais do que de interrogação. Desvantagem: Demanda muito tempo do pesquisador pois precisa estar presente na situação estudada para entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo e só a partir daí poderá desenvolver a análise. Este tipo de pesquisa é mais utilizado nas áreas de Sociologia, Educação, Saúde Pública e Administração.

Estudo de Caso: O estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Muito utilizado actualmente nas áreas de ciências Biomédicas e Sociais. Estudo aprofundado e exaustivo de um ou de poucos objectos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, é adequado para: Explorar situações da vida real; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; explicar as variáveis causais de determinado fenómeno em situações muito complexas.

4.2.7. Métodos Científicos

Estuda o método utilizado, a metodologia é o estudo detalhado dos métodos científicos utilizados na pesquisa científica. “Método é uma forma de seleccionar técnicas, forma de avaliar alternativas para acção científica... Assim, enquanto as técnicas utilizadas por um cientista são fruto de suas decisões, o modo pelo qual tais decisões são tomadas depende de suas regras de decisão”. Método é o “caminho pelo qual se chega a determinado resultado”. Método é o caminho trilhado pelos cientistas para atingir um determinado objectivo (busca da verdade). (Estratégia), Conjunto de diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa, é caminho ordenado e sistemático que se percorre na busca do conhecimento. “O método estabelece o que fazer” (MACHO, 2020).

Método científico:

- ✓ Regras básicas e comuns;
- ✓ Produção de conhecimento científico;
- ✓ Novo conhecimento;
- ✓ Integração de conhecimento;
- ✓ Correção;
- ✓ Expansão da área de abrangência de conhecimento pré-existente.

4.2.8. Métodos de Pesquisa

Pesquisa Directa: Busca os dados directamente na fonte, possibilitando conhecer a realidade na prática, por meio das leituras e reflexões, evidência da realidade, obtida com a observação e experimentação.

- Pesquisa de Campo;
- Pesquisa de Laboratório;
- Pesquisa-ação;

- Método Descritivo;
- Método Experimental.

4.2.9. Método Histórico

Envolve o estudo, compreensão e explanação de eventos do passado. O propósito da pesquisa histórica é chegar a conclusões relativas às causas, efeitos ou tendências de ocorrências passadas que podem ajudar a explicar os factos no presente, e antecipar o futuro. As *fontes primárias* de dados são constituídas pelos conhecimentos dos factos, através de suas testemunhas. Fontes secundárias envolvem pessoas relacionadas a estas testemunhas ou documentos. As etapas do Método Histórico envolvem:

- A definição do problema;
- A formulação de hipóteses ou questões a serem respondidas;
- Colecta sistemática de dados;
- Avaliação objectiva dos dados;
- Confirmação ou não das hipóteses.

O investigador não pode manipular factos ou eventos ocorridos no passado, nem controlar algumas de suas variáveis, pode aplicar objectividade científica em tentar determinar exactamente o que aconteceu no passado, no Método Histórico, a revisão de literatura e os procedimentos do estudo constituem partes do mesmo processo, não existindo instrumentos de medida, o método utiliza documentos legais, recordatórios, registos, minutos de reunião, cartas ou outros documentos.

Para determinar a precisão dos documentos, devem ser observados: o conhecimento e a competência do autor, o período de tempo entre o facto e o registo, viés e motivos do autor, a consistência dos dados, deve ser feita a análise lógica e objectiva dos fatos ocorridos, organizados e sintetizados, formando-se as conclusões, tomar cuidado com generalizações, a colecta e análise dos dados requer do investigador habilidade, experiência e fontes fidedignas.

4.3. Método Descritivo

O Método Descritivo envolve a colecta de dados a fim de testar hipóteses ou responder a questões referentes ao corrente status do indivíduo do estudo. O pesquisador deve seleccionar a amostra e colectar os dados cuidadosamente, visto que a população que tem a informação desejada nem sempre está disponível, a forma como os dados são colectados caracteriza o Método Descritivo, através de relatório pessoal ou observação, os instrumentos utilizados como questionários, entrevistas ou escalas padronizadas (CHRISTOFOLLETTI, 2020).

4.3.1. Tipos de Método Descritivo

Para o mesmo autor, entende que é a Pesquisa Exploratória (amostras da população), Censo (cada membro da população), Pesquisas Educacionais, Estudos de Desenvolvimento, Idade, crescimento ou maturação, Estudos *Follow up* e Após algum período de tempo.

4.3.2 Método Correlacional

O autor ainda ressalta que, o Método Correlacional envolve colecta de dados a fim de determinar se, e até que grau, uma relação existe entre duas ou mais variáveis mensuráveis, o facto de que existe uma relação entre duas variáveis não significa que uma é a causa da outra. O Estudo Correlacional sugere uma estimativa do quanto duas variáveis possuem relação uma com a outra. Se duas variáveis são fortemente relacionadas, um coeficiente de correlação próximo de 1 (ou -1) será obtido; se duas variáveis não possuem relação, este coeficiente será próximo de 0. Quanto maior a relação entre duas variáveis, maior será a precisão nas previsões baseadas nestas relações. Exemplos: Sentido directo: Relação entre a motivação e a aprendizagem ou Sentido inverso: relação entre o número de faltas às aulas e o rendimento escolar.

4.3.3. Método Causal Comparativo

No Método Causal Comparativo, o investigador procura determinar a causa ou a razão pela existência de diferenças no comportamento ou condição de grupos de indivíduos, a abordagem básica se inicia com o efeito e a procura pelas possíveis causas, o Método Causal Comparativo procura identificar relações de causa e efeito, neste método, a causa estudada já aconteceu, não sendo possível manipulá-la. Estudos envolvendo este método podem levar a estudos experimentais, apenas uma relação é estabelecida entre as variáveis, não necessariamente causais; a causa de um efeito observado pode ser o efeito, ou existir uma terceira variável que ocasionou a causa identificada e o efeito. Ex.: Rendimento escolar cai quando um estudante trabalha.

4.3.4. Método Experimental

No Método Experimental o pesquisador manipula deliberadamente algum aspecto da realidade, dentro de condições anteriormente definidas, a fim de observar se produz certos efeitos. Não existe pesquisa experimental sem experimento. O experimento é uma situação, criada em laboratório, com a finalidade de observar, sob controlo, a relação que existe entre fenómenos, a pesquisa experimental pretende estudar de que modo ou por que causas o fenómeno é produzido, quando bem conduzidos, os estudos experimentais produzem evidência referente às relações causa-efeito levantadas através das hipóteses, previsões baseadas em estudos experimentais são mais globais (“se você usar a abordagem x provavelmente obterá melhores resultados do que a abordagem y”). Etapas: Selecção e definição de um problema, selecção dos indivíduos e instrumentos de medida, delineamento do estudo, execução dos procedimentos, análise dos dados, conclusões/ considerações finais.

4.3.5. Método Exploratório

- Primeira aproximação com o tema;
- Visa conhecer os fatos e fenômenos relacionados ao tema;
- Recuperar as informações disponíveis;
- Descobrir os pesquisadores;

- É feita através de: Levantamentos bibliográficos; Entrevistas com profissionais da área; Visitas à instituições, empresas, etc. Web sites etc.

4.3.6. Tipos de Métodos Científicos

- Indutivo;
- Dedutivo;
- Hipotético-Indutivo;
- Hipotético-Dedutivo;
- Dialético.

4.3.7. Método Indutivo

Indução, processo mental que, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. O método indutivo realiza-se em três etapas:

- a) Observação dos fenómenos;
- b) Descoberta da relação entre eles;
- c) Generalização da relação.

Exemplo: Observo que Pedro, José, João etc. são mortais; verifico a relação entre ser homem e ser mortal; generalizo dizendo que todos os homens são mortais. A utilização de indução leva à formulação de duas perguntas:

- a) Qual a justificativa para as inferências indutivas?
- b) Qual a justificativa para a crença de que o futuro será como o passado?

Principal crítica ao método indutivo: alguns (observados, analisados, examinados) e todos (não-observados, inobserváveis).

Dedutivo: Todos os cães que foram observados tinham um coração, logo, todos os cães têm um coração. Todo mamífero tem um coração, ora, todos os cães são mamíferos, e logo, todos os cães têm um coração. as duas características básicas que distinguem os argumentos dedutivos dos indutivos são:

Dedutivos: Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão *deve* ser verdadeira e toda a informação ou conteúdo factual da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas.

Indutivo: Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão *deve* ser verdadeira e toda a informação ou conteúdo factual da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas. Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão é provavelmente verdadeira, mas não necessariamente verdadeira e a conclusão encerra informação que não estava, nem implicitamente, nas premissas. Argumentos Condicionais.

Dois argumentos condicionais válidos: “afirmação do antecedente” e “negação do consequente”. Afirmação do antecedente: Se José tirar nota inferior a 5, será reprovado. José tirou nota inferior a 5. José será reprovado. Negação do consequente: Se a água ferver, então a temperatura

alcança 100°. A temperatura não alcançou 100°. Então a água não ferverá. Se José for bem nos exames, então tinha conhecimento das matérias. Ora, José não tinha nenhum conhecimento das matérias. Então, José não foi bem nos exames.

4.3.7.1. Método Hipotético-Indutivo

O cientista observa inúmeros factos variando as condições da observação; elabora uma hipótese e realiza novos experimentos ou induções para confirmar ou negar a hipótese; se esta for confirmada, chega-se à lei do fenómeno estudado, também conhecido como método de tentativas e eliminação de erros, formado por 3 etapas:

- a) Problema - formulação de uma ou mais hipóteses a partir das teorias existentes;
- b) Solução - dedução de consequências na forma de proposições;
- c) Testes de faseamento - tentativas de refutação ou aceitação das hipóteses. É um método de tentativas e eliminação de erros, que não leva à certeza, pois o conhecimento absolutamente certo e demonstrável não é alcançado.

4.3.7.2. Método Dialético

O método dialético, por sua vez, parte da premissa de que, na natureza, tudo se relaciona, se transforma e há sempre uma contradição inerente a cada fenómeno. Neste tipo de método, para conhecer determinado fenómeno ou objecto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança.

4.3.8. Escolha do Tema de Pesquisa

A escolha do tema deverá obedecer o seguintes critérios:

- Interesse do pesquisador;
- Manejo de fontes de consulta bibliográfica;
- Os temas podem surgir:
 - Da observação do estudante;
 - Da vida profissional;
 - De programas de pesquisa;
 - De contacto e relacionamento com especialistas;
 - Do feedback de pesquisas já realizadas;
 - Do estudo de literatura especializada.

4.3.9. Características do pesquisador

O espírito científico é, antes de tudo, uma atitude ou disposição subjectiva do pesquisador que busca soluções sérias, com métodos adequados, para o problema que enfrenta. Cultiva a honestidade,

sensibilidade social, curiosidade, integridade intelectual, perseverança evitando assim plágio.

4.3.9.1. O que faz o investigador?

Revisa e analisa literatura específica sobre um tópico, assunto ou área de conhecimento, formula hipóteses, desenvolve um plano de pesquisa (design/projeto), selecciona e define amostras e avalia e selecciona instrumentos de medida. Selecciona um desenho experimental e esquematiza procedimentos experimentais, analisa estatisticamente os dados, prepara o relatório de pesquisa, aplica as habilidades e conhecimentos adquiridos no processo científico.

4.3.9.2. Motivações para fazer pesquisa

Para fazer uma boa pesquisa é preciso conhecer as razões de ordem intelectual (pesquisa pura), que é o conhecer pelo conhecer, razões de ordem prática (pesquisa aplicada), que é o conhecer para tornar algo mais eficiente, estas razões não são mutuamente exclusivas (problemas práticos podem implicar descobertas de princípios científicos e vice-versa).

4.3.9.3. Requerimentos para boa pesquisa: qualidades mínimas do pesquisador

Conhecimento do assunto a ser pesquisado, curiosidade, criatividade, integridade intelectual (imparcialidade), atitude auto-correctiva (senso crítico), sensibilidade social, imaginação disciplinada, perseverança e paciência, confiança na experiência, recursos humanos, materiais e financeiros.

4.3.9.4. Senso crítico do pesquisador

Para o Sousa (2018), o pesquisador deve sempre ter capacidade de analisar e discutir problemas de forma inteligente e racionalmente, sem aceitar, automaticamente, suas próprias opiniões (afirmações sem certeza) ou as dos outros. Ele caracteriza-se pelo pensar, pelo espírito indagador e pela autonomia (combate ao dogmatismo e à manipulação intelectual), envolvendo também a recusa em aceitar nossas próprias opiniões de forma automática, este processo requer tolerância e gosto por conflitos no conhecimento (a ansiedade por resposta correcta pode impedir a exploração mais completa do problema).

4.3.9.5. A vantagem do exercício sistemático da dúvida

O autor entende que, a vantagem do exercício sistemático da dúvida de encarar os problemas de vários ângulos (amadurecimento de trabalho intelectual e descoberta de múltiplas perspectivas), gera o pensar de ordem superior para: Julgar os diferentes aspectos do problema; Julgar o problema em termos de maior ou menor generalidade e julgar os critérios que usamos para fazer os julgamentos anteriores. Efeito do pensar crítico: Incerteza, pois não se conhece tudo relativo à tarefa em questão. Ex.: *"If we knew what it was we were doing, it would be not be called research, would it?"* A. Einstein.

4.3.9.6. Factores fundamentais ao estudo

Atenção, memória e associação de idéias.

a) Atenção

Capacidade de concentração da inteligência em um só objecto, factor psicológico: mecanismo de inibição – faz com que deixemos de lado algumas coisas e consideremos outras; e quanto maior é a turbulência ambiental, maior é o dispêndio de energia exigida para manter a atenção e maior é o desgaste do indivíduo. Princípios fundamentais para o desenvolvimento da atenção: Concentração normalmente fixa em um só ponto. Pode haver casos de se dividir entre dois objectos, embora com perda de eficiência, intermitência – A atenção não pode se manter fixa por longos períodos sem perder a eficácia – um período de atenção requer outro de descanso e interesse – Quanto maior é o interesse em uma determinada área, tanto maior será a facilidade de atenção.

b) Memória

Pode ser definida como a capacidade de retenção, conservação e lembrança de factos vivenciados pelo indivíduo, esta capacidade está sempre relacionada com o indivíduo e sua circunstância. Ela não precisa reaprender exactamente tudo.

- Decorar ≠ Memorizar

Decorar é reter a “forma material” e não o conteúdo de determinado conhecimento e memorizar é reter a “forma significativa” de um conteúdo inteligível, ou seja, reter sua compreensão.

Tipos de memória: Visual – facilidade em evocar as imagens daquilo que se viu. Auditiva – facilidade em evocar o que se ouviu. Motora – evocação rápida do que se fez. Afectiva – lembrança fácil de relações emotivas. Locativa – evocação fácil da região geográfica do objecto ou facto. Nominativa – facilidade de lembrar nomes ou palavras relacionadas

Leis da memória: Repetição – quanto maior a repetição de um facto ou impressão, melhor retenção na memória; **Atenção** – a velocidade de retenção é proporcional à atenção com que se estuda o facto; Emoção – a intensidade da emoção depende a facilidade de retenção; Interesse – a velocidade e a qualidade de retenção está em relação directa com o nível de interesse de um indivíduo; Estrutura – o relacionamento de factos, números, situações com outros conteúdos previamente retidos facilita a memorização. Entende-se que, a memória é de suma importância no ensino-aprendizagem. Ela pode ser desenvolvida em todos os seus tipos – para isso, identifique o seu tipo de memória mais acentuado (visual, auditiva, motora, afetiva) a partir deste tipo, exercite os outros tipos, de forma a desenvolvê-los.

c) Associação de ideias

Capacidade que possibilita ao indivíduo relacionar e evocar factos e ideias. Princípios da associação: Relação – dois factos ou ideias apresentam uma relação entre si, como causa-efeito (fogo-fumaça), substância- atributo (sangue-vermelho), semelhança (pessoa-apelido), contraste (pobre-milionário). Afectividade – quando um dos elementos se liga à afectividade (presente – pessoa que o deu). Espontaneidade e controle – a associação é independente da vontade, porém pode ser controlada. Infinitude – não há limite para o processo de associação. E Egocentrismo – é mais fácil associar ideias ou factos com experiências individuais, mecanismos que ajudam no hábito de estudar: Organização, Preparação e revisão e Estudos de Grupo (CONTO, 2013).

- ✓ Organização

“Tempo é questão de preferência” Quem quer estudar encontra tempo, abre espaço na sua

rotina diária, no tempo de estudo, aproveita com o máximo de concentração e atenção e para a formação de hábito, preferencialmente elege sempre os mesmos horários para estudo. É necessário organizar seu material de estudo e formação de acervo pessoal especializada: livros introdutórios, textos fornecidos pelo professor, revistas e enciclopédias especializadas, dicionários de línguas e técnicos e anotações de sala de aula. Local ou ambiente, é de suma importância ter um local apropriado ao estudo, Condições: Iluminação, arejamento, silêncio e ordem.

✓ Preparação e Revisão da Aula

● Preparação

- ✓ Realize uma leitura prévia – esta leitura permite ao estudante levantar dúvidas inteligentes durante a aula.

● Na aula

- ✓ Faça anotações pessoais e não simples transcrições dos esquemas utilizados pelo professor.

- ✓ Tenha compromisso com as aulas: frequência, pontualidade e atenção.

● Revisão

- ✓ Reconstrua os conteúdos de aula.

- ✓ Transcreva esquematicamente (para fichas ou cadernos) as anotações feitas em sala de aula.

- ✓ É mais produtivo estudar pouco durante muito tempo.

- Noites em claro em vésperas de prova nem sempre são muito produtivas.

✓ Estudos de Grupo

● Orientações práticas para grupos de estudo:

- Número de componentes: não deve exceder 5 elementos.

- Para evitar a dispersão e o parasitismo.

- Coordenação: alguém deve ter a responsabilidade de dirigir os trabalhos, marcar as reuniões e fazer as devidas cobranças.

● Orientações práticas para grupos de estudo:

- Responsabilidade: um trabalho em grupo só se efectiva quando tarefas são assumidas, os horários são respeitados, quando se decide aproveitar o tempo e o esforço de um modo comum.

Método de Estudo Pessoal

Diretrizes para a Leitura Analítica

- Comunicação: Transmissão de mensagem de um emissor para um receptor
 - Concepção – Codificação □ decodificação – compreensão.
 - Diretrizes
 - Delimitação da unidade de leitura; análise textual, temática, interpretativa, problematização; síntese pesso.

4.3.9.7. Tipos de trabalhos científicos

Segundo Fonseca (2020), tanto nos cursos de Graduação, quanto de Pós-Graduação *Latu/Stricto Senso*, utilizam vários tipos de trabalhos científicos. Eles podem ser classificados em três tipos conforme o seu porte, ou seja, conforme o número de páginas: em trabalhos de pequeno, médio e grande porte.

1. Os trabalhos de pequeno porte, como fichamentos (resenhas, resumos e esquemas) e produções textuais mais informais (como reacções, avaliações, análises e comentários) possuem de 1 a 10 páginas.
2. Os trabalhos de médio porte, como o artigo científico, o projecto (projecto de pesquisa de campo; projecto de acção social e ministerial; projecto de trabalho de conclusão de curso) e relatório (portfólio e relatório de estágio) possuem de 10 a 30 páginas
3. Os trabalhos de grande porte, como o Trabalho de Fim do Curso (**TFC**), Monografia, Dissertação e a Tese têm mais de 30 páginas.

4.3.9.8. Modelos de notas explicativas

- Categoria: Graduação (Licenciatura)

Trabalho de Fim do Curso apresentado ao Curso de da Universidade UNISUZ, como requisito parcial para obtenção do título Licenciado (a) em
Orientador: Prof. Dr.

- Categoria: Especialização

Trabalho de Fim do Curso de Especialização (ou MBA) apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* da Universidade-UNICA, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em
Orientador: Prof. Dr.

- Categoria: Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade-UNICA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em

Orientador: Prof. Doutor.

- Categoria: Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Suz — UNISUZ, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em

Orientador: Prof. Doutor.

4.3.9.9 . Ficha Catalográfica

Segundo Sousa (2018), é um elemento obrigatório para TFC, Dissertação e Tese. Deve ser impressa no verso da folha de rosto, ser confeccionada por um profissional bibliotecário e atender as normas do AACR – Código de Catalogação Anglo-Americano. A ficha catalográfica surgiu nas bibliotecas como um documento que ajuda a identificar, catalogar e localizar um livro dentro de um acervo. Inicialmente, feita em um papel resistente, a ficha contém as principais informações sobre um livro como o seu título, nome dos autores, número da edição, local de publicação, data da publicação, dentre outras. Todas as fichas catalográficas possuem um número de identificação único. Nos livros impressos, a ficha catalográfica contém as seguintes informações:

- Título e Subtítulo da Obra;
- Nome do autor;
- ISBN;
- Assuntos;
- Número da Edição;
- Editora;
- Local de Publicação;
- Número de Páginas;
- Classificação por assunto.

Já no livro digital, além das informações acima, é necessário acrescentar:

- Formato;
- Recurso Digital;
- Requisição do sistema;
- Modo de acesso.

4.4. Folha de Aprovação

A folha de aprovação é obrigatória e deve conter:

Nome do Autor: centralizado, em letras iniciais maiúsculas (Arial 14), e em negrito;

Título do Trabalho e Subtítulo (se houver): centralizado, em letras maiúsculas (Arial 14), em negrito e abaixo do nome do(s) autor(es); o subtítulo será precedido de dois pontos;

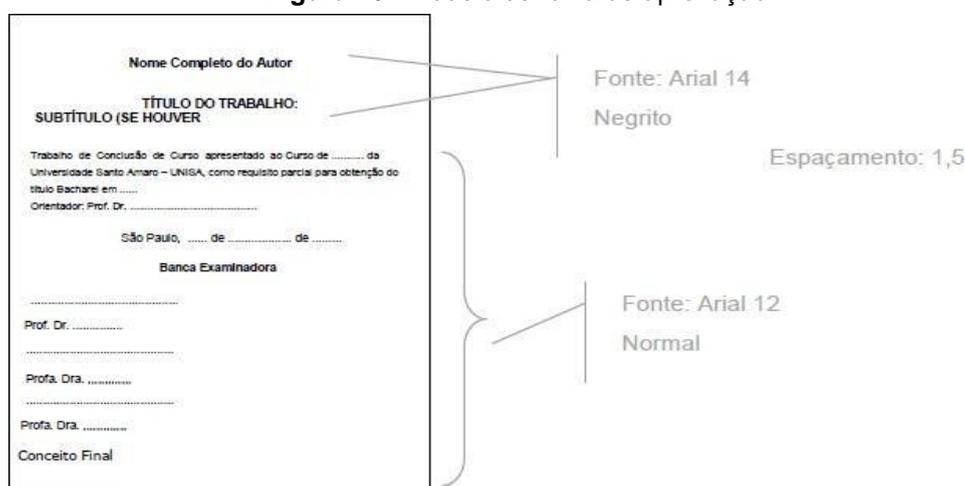
Nota explicativa (mesma nota explicativa da folha de rosto): Indicação da natureza do trabalho, letra inicial maiúscula, fonte Arial 12, espaçamento 1,5 cm, sem negrito e parágrafo justificado.

Data de aprovação (local, dia, mês, ano): Letras iniciais maiúsculas; Fonte Arial 12, sem negrito, espaçamento de 1,5 cm.

Banca examinadora: letras iniciais maiúsculas (Arial 12), abaixo da data de aprovação;

Conceito final: em letras iniciais maiúsculas (Arial 12), em negrito e junto à margem inferior da página;

Figura 46: Modelo de folha de aprovação



Fonte: Cahen, 2020

4.4.1. Errata

Seider (2018) explica que Errata é elemento opcional, seu fim é apresentar erros presentes no trabalho após já estar concluído. Todos os possíveis erros devem constar numa única errata, apresentado em folha avulsa contendo as referências de acordo com o padrão definido.

Modelo

| <p>PEREIRA, A. C. O tomador de decisões no século XXI. 2014. 50 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade , São Paulo, 2014.</p> <p style="text-align: center;">Errata</p> | | | | |
|--|-----------|-------|------------|---------|
| Folha | Parágrafo | Linha | Onde se lê | Leia-se |
| 13 | 6 | 8 | Tabela | Quadro |

CAPÍTULO V-

CITAÇÕES DOS AUTORES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA NORMA APA - AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION

Para Fonseca *et al.* (2020), a norma *American Psychology Association* [APA] (publicado pela primeira vez em 1929) compõe um estilo de escrita e formação para trabalhos acadêmicos, mais especificamente para Monografias, Dissertações, Teses e Artigos de Revistas Científicas.

5.1. Orientações Gerais (Formatação , uso de maiúsculas):

- a) Primeira palavra de uma oração completa;
- b) Palavras principais de títulos de livros e títulos de artigos citados no corpo do texto;
- c) Palavras principais nos títulos e nos subtítulos do texto;
- d) Palavras principais em títulos de tabelas e legendas de figuras;
- e) Referências a títulos ou a secções do mesmo texto;
- f) Nomes próprios, adjectivos e palavras usadas como nome próprio;
- g) Nomes de departamentos universitários específicos e nomes completos de disciplinas de um curso específico;
- h) Marcas e nomes comerciais de fármacos, equipamentos e alimentos;
- i) Substantivos seguidos de algarismos ou letras que indiquem um lugar específico em uma série numerada;
- j) Títulos exactos e completos de testes;
- k) Nome de condições ou de grupos de um experimento;
- l) Nomes de factores derivados de uma análise factorial.
(Uso de Abreviaturas)
 - a) Usar somente as conhecidas nacional ou internacionalmente - Por exemplo: OMS, ONU, INE, IES, MEC, CAPS;
 - b) Primeira vez em que uma abreviatura aparece no texto, deve ser precedida pelo nome por extenso; depois, usa-se somente a abreviatura. Na primeira menção da abreviatura, a mesma deve ser colocada entre parênteses;
(Uso de Itálico)
- a) Títulos de livros, periódicos, filmes, vídeos, programas de televisão e publicações em microfilme;
- b) Gênero, espécie e variedades;
- c) Introdução de um termo ou rótulo novo, técnico ou chave;
- d) Letra, palavra ou expressão citada como exemplo linguístico;

- e) Palavras que poderiam ser mal interpretadas;
- f) Palavras em língua estrangeira (mesmo que de uso consagrado na língua portuguesa).

5.1.1. Estruturas dos Trabalhos

As estruturas dos trabalhos académicos deverão seguir os seguintes padrões:

5.1.2. Projectos de Trabalho de Conclusão de Curso

- a) Capa;
- b) Folha de rosto;
- c) Sumário;
- d) Lista de Anexos (se houver);
- e) Lista de Tabelas (se houver);
- f) Lista de Figuras (se houver);
- g) Justificativa;
- h) Relevância;
- i) Tema, Problema e Objetivos (geral e específicos);
- j) Revisão da Literatura (incluir subtítulos se houver);
- k) Método (delineamento, participantes/fontes, instrumentos, procedimentos, referencial de análise);
- l) Referências;
- m) Anexos (se houver).

5.1.3. Justificativa

É elaborada na primeira pessoa do singular ou no impessoal, dependendo das recomendações do professor. Deve apresentar um breve resumo dos antecedentes científicos do problema de pesquisa escolhido, a importância da temática de pesquisa para a Psicologia e a articulação desta com a trajetória académica ou profissional do aluno. Não existe um número mínimo ou máximo de páginas para este item do projecto, mas sugere-se que não ultrapasse três páginas e que não tenha citações literais de autores.

5.1.3.1. Relevância

É elaborada na primeira pessoa do singular ou no impessoal, dependendo das recomendações do professor. Deve apresentar as possíveis contribuições da temática de pesquisa escolhida, abrangendo diferentes dimensões, tais como, pessoal, científica, social, entre outras. Não existe um

número mínimo ou máximo de páginas para este item do projecto, mas sugere-se que não ultrapasse três páginas e que não tenha citações literais de autores.

5.1.4.Tema

O tema de pesquisa deve articular a (s) áreas(s) e/ou conceito (s) que compõem a temática de pesquisa.

5.1.5. Problema

O problema de pesquisa deve ser elaborado em forma de pergunta e deve articular a(s) área (s) proposta(s) no tema de pesquisa.

5.1.6. Objectivo Geral

O objectivo geral deve ser escrito com o uso de verbo de acção adequado ao que propõe o problema de pesquisa. Deve utilizar os mesmos termos que compõem o problema de pesquisa.

5.1.7. Objectivos Específicos

Os objectivos específicos devem ser decorrentes do objectivo geral e auxiliar na contextualização e/ou na ampliação deste. Devem ser escritos com o uso de verbos de acção. Os projectos geralmente apresentam três objectivos específicos.

5.1.8. Revisão da Literatura

Segundo Vitor (2022), este item deve apresentar um breve panorama da produção científica sobre o problema de pesquisa investigado, bem como de suas áreas correlatas, de modo a contextualizá-lo e não respondê-lo. Sugere-se a utilização da estrutura apresentada nos objectivos específicos para a organização da revisão da literatura. Geralmente, divide-se em subtítulos conforme os diferentes assuntos abordados na pesquisa para melhor organizar as informações. Deve-se dar preferência para o uso de artigos científicos que apresentam uma produção mais actualizada. Podem também ser utilizados livros, capítulos de livros, resumos publicados em anos de congressos, documentos oficiais como anuários, processos, censos e entrevistas com profissionais da área investigada, publicadas em revistas científicas. Devem ser evitadas informações provenientes de revistas de circulação nacional, trabalhos de conclusão de curso e apostilas de disciplinas. Caso se utilize *sites*, é preciso cuidar para que sejam seguros, tais como os de organizações governamentais ou académicas (ministérios, universidades etc.) em lugar daqueles organizados por pessoas físicas.

O autor entende que a revisão não precisa esgotar o assunto, mas deve citar os autores ou as pesquisas mais relevantes, bem como as obras sobre a temática de pesquisa escolhida. O autor do projecto precisa mostrar que conhece o tema que está sendo tratado e precisa oferecer ao leitor as informações básicas para que este compreenda a perspectiva teórica que foi definida neste projecto. Citações literais longas e excesso de citações devem ser evitados. É importante conferir uma lógica ao texto, conectando os assuntos e apresentar os pontos em comum e as divergências entre os autores pesquisados. O texto da Revisão da Literatura não pode ter um aspecto de “corte e colagem”. Acima

de tudo, deve-se ter cuidado para não se apropriar indevidamente das ideias de outras pessoas, copiando/recortando textos ou “maquiando” frases para dar a impressão de que são do próprio autor do projecto. A reprodução de uma obra intelectual, no todo ou em sua parte, sem a autorização expressa do autor, constitui violação de direito autoral, ou seja, crime contra a Propriedade Intelectual. A Universidade de Caxias do Sul redigiu um documento orientativo a respeito da prática de plágio e de autoplágio, que pode ser acessado junto aos professores do curso de psicologia ou no ambiente virtual de aprendizagem das disciplinas.

5.1.9. Método

Neste item do projecto de trabalho de conclusão de curso, deve ser descritos as escolhas teóricas e os procedimentos referentes ao percurso de pesquisa. O método é dividido em Delineamento, Participantes/Fontes, Instrumentos, Procedimentos e Referencial de Análise.

5.1.9.1. Delineamento

O delineamento pode ser quantitativo, qualitativo ou misto. Tal delineamento pode ser transformado em uma pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa/interpretativa. É importante que se justifique a escolha do delineamento a partir dos objectivos do projecto.

5.1.9.2. Participantes ou Fontes

Neste item é descrito quem, ou o que, participa da pesquisa e os critérios que justificam sua escolha. Neste momento, não se deve se ater à quantidade de participantes/fontes, mas aos motivos que levam o autor do projecto a escolhê-los.

5.1.9.3. Instrumentos

Neste item são descritas a(s) técnica(s) de colecta de dados que são utilizada (s) no projecto. Para os projectos que envolvem a colecta de dados com seres humanos, é necessário descrever a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seja aquele apresentado para os indivíduos, seja para as instituições. Se o projecto envolver materiais, como gravadores, câmeras de vídeo, computadores ou similares, estes também devem ser citados neste item.

5.1.9.4. Procedimentos

Neste item são descritos os passos da investigação desde seu envio para a avaliação dos critérios éticos, quando necessário, até a interpretação dos dados colectados. Deve ser descrito o modo como os dados colectados são organizados, catalogados e/ou tabulados, dependendo da estratégia escolhida no item Instrumentos.

5.1.9.5. Referencial de Análise

Neste item, deve ser descrito o modo como os dados obtidos na investigação são analisados. Tal descrição pode ser realizada, para as pesquisas de delineamento qualitativo, a partir da opção

por uma das grandes vertentes de análise – análise temática, análise de estrutura, *grounded theory* – ou por uma técnica de análise específica, como a análise de conteúdo de Bardin, a análise de discurso de Foucault, a cartografia de Guattari e Deleuze, entre outras. Nas pesquisas de delineamento quantitativo, devem ser descritos os programas de estatística utilizados, bem como as técnicas de análise estatística e sua justificativa de escolha.

Ainda no Método, os projectos que envolvem a colecta de dados com seres humanos devem apresentar um Cronograma e um Orçamento.

5.1.10. Referências

Devem constar neste item todos os materiais utilizados na confecção do projecto que estão citados no texto. As referências devem ser redigidas e formatadas seguindo as normas do Manual de Publicação da APA em sua sexta edição.

5.1.11. Anexos

Este item apresenta o material complementar do projecto. Os anexos devem ser organizados na ordem em que são referidos ao longo do trabalho, utilizando-se para isso de ordenação alfabética (Anexo A, Anexo B, Anexo C etc.). No caso dos projectos que envolvam a colecta de dados com seres humanos, devem ser anexados esboços dos protocolos de entrevista, das fichas de observação e os termos de consentimento livre e esclarecido. Para os projectos envolvendo a colecta de dados bibliográficos, deve ser anexado um esboço da ficha de catalogação do material colectado, caso ela não conste do item Instrumentos.

5.2. Resultados e Discussão

Unir a apresentação dos resultados à discussão é comum em pesquisas qualitativas. Neste caso, os resultados são apresentados com excertos ou citações directas de falas, relatos de observação etc., e discutidos em seguida. O texto deve ser organizado numa lógica de apresentação e discussão. Na discussão, faz-se a interpretação dos dados à luz da teoria, mas este é, essencialmente, o espaço da autoria – o autor do trabalho coloca suas contribuições. Este capítulo pode ser dividido em subtítulos que agrupam os principais aspectos a serem discutidos para fins de clareza. Referências que não foram citadas no capítulo da Revisão da Literatura podem ser usadas, ampliando a discussão teórica.

5.2.1. Resultados

Quando a opção for por separar os capítulos dos Resultados e da Discussão, então neste momento não há espaço para interpretação. Uma linguagem clara e, acima de tudo, exemplos retirados dos dados devem fazer desta secção uma das mais ricas do trabalho. O uso de subtítulos também pode ser um recurso para ajudar a leitura do trabalho.

5.2.2. Discussão

Os dados descritos na secção acima são interpretados à luz das teorias existentes e as possibilidades de uma compreensão aparecem. Cuidado com o uso da expressão *hipótese*, pois esta é indicada para pesquisas quantitativas. Expressões como *diferença significativa*, ou outras similares, devem ser reservadas para trabalhos nos quais foi feito tratamento estatístico dos dados. Referências que não foram utilizadas no capítulo da Revisão da Literatura podem ser usadas, ampliando a discussão teórica.

5.3. Considerações

Neste capítulo, os resultados do trabalho devem ser retomados criticamente. É o momento de avaliar o trabalho como um todo: retomar os objectivos, apontar os pontos fracos e as dificuldades, mostrar os aspectos positivos e mais ricos do trabalho e dar sugestões para estudos futuros. Ao mostrar as limitações do próprio trabalho, o autor mostra-se ético. Ao mostrar os pontos positivos, o autor valoriza o esforço e a contribuição para o conhecimento.

5.4. Citações dos autores

a. Autor(es)

- Um autor: O sobrenome do autor deve ser escrito com a primeira letra maiúscula e as demais minúsculas, independente de estar fora ou dentro dos parênteses

Exemplos:

No texto: (Albuquerque, 2021) ou Albuquerque (2022)

Nas referências: Albuquerque, A. C. C. (2018). *Terceiro setor: história e gestão de organizações*. São Paulo, SP: Summus.

- Dois autores: Quando um trabalho tem dois autores, deve-se citar os sobrenomes seguidos pela data de publicação toda vez que for citado no texto.

Exemplos:

No texto: Soares e Pianto (2019) ou (Soares & Pianto, 2020)

Nas referências: Soares, S., & Pianto, D. M. (2021). *Metodologia e resultados da avaliação do programa de erradicação do trabalho infantil*. Rio de Janeiro, RJ: Ipea.

- Quatro ou mais autores: Quando um trabalho tem quatro ou mais autores, deve-se acrescentar todos os sobrenomes na primeira citação, seguidos pela data de publicação. Nas citações subsequentes, deve-se incluir apenas o sobrenome do primeiro autor seguido pela expressão latina "et al." e a data de publicação.

Exemplos:

1ª citação no texto: Barros, Cruz, Xavier, Carrieri e Lima (2020) ou (Barros, Cruz, Xavier, Carrieri & Lima, 2019)

Citações subsequentes no texto: Mendes *et al.* (2021) ou (Julio *et al.*, 2022)

Nas referências: Barros, A. N., Cruz, R. C., Xavier, W. S., Carrieri, A. P., & Lima, Gil. C. O. (2021). *Apropriação dos saberes administrativos: um olhar alternativo sobre o*

desenvolvimento da área. *Revista de Administração Mackenzie*, 12, 43-67.

Seis ou mais autores: Quando um trabalho tem seis autores ou mais, deve-se citar apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido pela expressão latina “*et al.*” e a data de publicação, e deve-se indicar os seis primeiros, inserir reticências e acrescentar o último autor nas referências.

Exemplos:

No texto: Binder *et al.* (2020)

Nas referências: Binder, J., Zagefka, H., Brown, R., Funke, F., Kessler, T., Mummendey, A. Leyens, J.-P. (2019). Does contact reduce prejudice or does prejudicereduce contact? A longitudinal test of the contact hypothesis among majority and minority groups in three european countries. *Journal of Personality and Social Psychology*,

b. Uso de “e” ou “&”

Quando os autores estiverem dentro dos parênteses, deve-se acrescentar “&” antes do último. Quando os autores estiverem fora dos parênteses, deve-se acrescentar “e” antes do último.

Exemplos:

No texto: (Brito & Silveira, 2017) ou Brito e Silveira (2019)

Nas referências: Brito, B. M. B., & Silveira, A. H. P. (2005). Parceria público-privada: compreendendo o modelo brasileiro. *Revista do Serviço Público*, 56 (1), 7-21.

c. Autor entidade

Nomes de corporações, associações, órgãos governamentais etc. devem ser escritos por extenso na primeira citação e abreviados a partir de então.

Exemplos:

1ª Citação no texto: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE] (2020) ou (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE], 2020).

Citações subsequentes no texto: OCDE (2017) ou (OCDE, 2020)

Nas referências: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2021). *Modernising government: the way forward*. Paris: Autor.

d. Autor editora

Quando o autor é a própria editora, deve-se indicar o nome no texto e no início da referência e incluir o termo “Autor” no final da referência (como no caso de autor entidade).

Exemplos:

No texto: Editora Abril (2019) ou (Editora Abril, 2018)

Nas referências: Editora Abril (2018). *Dossiê Superinteressante: civilizações perdidas*. São Paulo, SP: Autor.

e. Sem autor

Deve-se citar no texto as primeiras palavras do título (ou o título inteiro, se for curto), a data de publicação, a sinopse (se houver), o local de publicação e a abreviatura do estado ou o nome do país. Nas referências, o título ocupa a posição de autor.

Exemplos:

No texto: Lei n. 6.842 (2018)

Nas referências: *Lei n. 6.842, de 20 de Fevereiro de 1999.* (1999). Regula o processo administrativo no âmbito da administração pública federal. Brasília, DF. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9784.htm

f. *Fonte secundária*

Em citação de trabalho discutido em fonte secundária, deve-se indicar o autor da obra original e o ano, acrescentando em seguida “como citado em”, autor, ano e página da obra consultada. Nas referências, deve-se indicar apenas os dados da obra consultada para a citação. Em caso de citação directa, deve-se indicar o número da(s) página(s).

Exemplos:

No texto: Salanova, Hontangas e Peiró (1996 como citado em Zanelli, 2021)

Nas referências: Zanelli, J. C. (2022). *Psicologia, organizações e trabalho*. Porto Alegre, RS: Artmed.

g. Citações do mesmo autor no mesmo ano

Diversos trabalhos de um autor publicados no mesmo ano devem ser identificados após o ano pelos sufixos “a”, “b”, “c,” etc., sem espaçamento. Nas referências, deve-se ordenar estes trabalhos alfabeticamente (pelo título).

Exemplos:

No texto: Lefebvre (2017a, 2014b) ou (Lefebvre, 2017a, 2017b)

Nas referências: Lefebvre, H. (2017a). *Critique of everyday life*. London: Verso. Lefebvre, H. (2017b). *Everyday life in the modern world*. New York, NY: Harper & Row.

h. Sobrenomes com sufixos Júnior, Filho, Neto etc. no nome

Não se deve incluir na citação sufixos como “Júnior”, “Filho”, “Neto” etc. Nas referências, deve-se incluir o sufixo após o último nome abreviado, depois de vírgula.

Exemplos:

No texto: Almeida (2015) ou (Almeida, 2020)

Nas referências: Almeida, A. F., Jr. (2020). Parecer CFE n. 977/65, aprovado em 3 dez. 1965. *Revista Americana de Educação*, 30, 162-173.

i. Sobrenomes com artigos e preposições

Em sobrenome de autor que contém artigo ou preposição como “de”, “do”, “von”, etc., deve-se manter esta informação apenas se for relevante para ordenar as referências. Caso contrário, deve-se desconsiderá-la.

Exemplos:

No texto: Sordi, Meireles e Sanches (2019) ou (Sordi, Meireles, & Sanches, 2019)

Nas referências: Sordi, J. O.; Meireles, M.; & Sanches, C. (2019). Design science aplicada às pesquisas em administração: reflexões a partir do recente histórico de publicações

internacionais. *Revista de Administração e Inovação*, 8(1), 10-36.

j. Livros

Deve-se informar o ano de publicação.

Exemplos:

No texto: Denzin (2017) ou (Denzin, 2017)

Nas referências: Denzin, N. K. (2017). A note on emotionality, self and interaction. *The American Journal of Sociology*, 89, 402-409.

k. Pôsteres, revistas mensais e boletins

Em pôsteres apresentados em congressos, revistas mensais e boletins informativos, deve-se acrescentar o mês de publicação após o ano nas referências.

Exemplo:

No texto: Nascimento e Amorim (2018) ou (Nascimento & Amorim, 2018)

Nas referências: Nascimento, M. M., & Amorim, A. M. (2021, setembro). *Videoteca digital de psicologia: recursos audiovisuais a um passo do psicólogo*. Seção de Pôster apresentado no 8o Congresso Regional de Informação em Ciências da Saúde, Rio de Janeiro, RJ.

l. Publicações semanais e diárias

Acrescentar ano, mês e dia.

Exemplo:

No texto: Ades (2017) ou (Ades, 2017)

Nas referências: Ades, C. (2017, 15 de abril). Os animais também pensam: e têm consciência. *Jornal da Tarde*, p. 4

m. Trabalhos em processo de publicação

Em trabalho aceite para publicação, mas ainda não publicado, deve-se incluir na posição da data a expressão "no prelo". Não se deve indicar a data até que o trabalho tenha sido publicado.

Exemplo:

No texto: Ribeiro, Peixoto e Brito (no prelo) ou (Ribeiro, Peixoto, & Brito, no prelo) Nas referências: Ribeiro, E. M. B. A., Peixoto, A., & Brito, F. S. (no prelo) A análise de redes sociais informais e o estudo da diversidade nos grupos. In: A. V. B. Bastos, E. Loiola, & H. Régis. *Análise de redes sociais nos estudos organizacionais*. [s.l.]

n. Trabalhos não publicado

Nas referências: Malagrino, W. (2017). *Estudos preliminares sobre os efeitos de baixas concentrações de detergentes amfônicos na formação do bisso em Brachidontes solisianus (Manuscrito não publicado)*. [s.l.]: [s.n.].

5.4.1. Citações de Páginas

a) Páginas

No caso de citação direta, deve-se usar “pp.” se fonte consta em mais de uma página ou “p.” se a fonte consta em uma única página.

Exemplos:

Holanda, 2019, p. 28

Holanda, 2019, pp. 28-30

b) Mais de um trabalho dentro dos parênteses

A citação de dois ou mais trabalhos dentro dos mesmos parênteses deve ser apresentada na mesma ordem que aparece nas referências. A citação de trabalho em processo de publicação (no prelo) deve ficar no final.

Exemplo:

(Grandi & Marins, 2017, 2020, no prelo)

c) Autores com o mesmo sobrenome

Em casos de citação de diversos autores com o mesmo sobrenome, deve-se incluir as iniciais no texto, mesmo que o ano de publicação seja diferente.

Exemplos:

J. O. Silva (2017) e S. A. Silva (2019)

C. F. Santos e França (2015) e G. C. Santos e Tavares (2015)

5.4.2. Referências

a) Autores

Nas referências, todos os autores citados no texto do artigo científico, monografia, dissertação ou tese devem ser incluídos.

d) Uso de vírgula

Deve-se usar vírgula para separar os sobrenomes dos autores.

e) Apresentação do ano

O ano deve ser apresentado entre parênteses logo após o(s) autor(es), seguido por ponto final.

Exemplo:

Silva, J. (2017).

f) Títulos de livros, artigos e trabalhos acadêmicos

Deve-se usar a inicial maiúscula apenas na primeira palavra, excepto em nomes próprios e nomes institucionais.

5.4.3. Recurso tipográfico

O recurso tipográfico usado para destacar o título da publicação deve ser o itálico.

a) Páginas

Nas referências, as páginas devem ser apresentadas da seguinte forma: “p.” para indicar uma única página e “pp.” para indicar duas ou mais páginas.

b) Informações adicionais

Deve-se indicar, logo após o título e entre parênteses, informações adicionais relevantes fornecidas na publicação (número de edição, número de volume, tipo e número de publicação como

relatório, Working Paper, coleção etc.).

c) Edições

A primeira edição não deve ser mencionada, esta informação só é relevante a partir da segunda. O número da edição deve ser apresentado entre parênteses.

Exemplo:

(3a ed.) ou (2nd ed.).

d) Período de publicação

Deve-ser indicar os meses por extenso, no idioma original da publicação. Em português, a escrita dos meses e/ou estações do ano deve ser por extenso em letras minúsculas (dezembro); em inglês, deve ser por extenso em letras maiúscula (December).

e) Abreviaturas

O uso de pontos em abreviaturas referenciais deve seguir os exemplos indicados:

| Abreviaturas | Partes de livros e outras publicações |
|---------------------|--|
| ed. | edição |
| Rev. ed. | edição revisada |
| 3 ed. | terceira edição |
| Ed. (Eds.) | editor[es] |
| Trans. | tradutor[es] |
| n.d. | sem data |
| p. (pp.) | página[s] |
| Vol. | Volume [Vol. 3] |
| Vols. | Volumes [Vols. 1-7] |
| No. | número |
| Pt. | parte |
| Tech. Rep. | relatório técnico |
| Suppl. | suplemento |

f) Organização da lista de referências

Trabalhos do mesmo autor devem ser organizados por ano de publicação (o mais antigo primeiro). Exemplos:

Silveira, O. (2019)

Silveira, O. (2000)

Trabalhos de um autor precedem trabalhos de múltiplos autores que iniciam pelo mesmo sobrenome.

Exemplos:

Jones, A. (2019)

Jones, A., & Martim, B. (2020)

Trabalhos do mesmo primeiro autor com diferentes segundo e terceiro autores devem ser

ordenados pelo sobrenome do segundo autor.

Exemplos:

Lombardi, F. J. (1990)

Lombardi, F. J., & Ramos, C. M. (6) Lombardi,

F. J., Silva, M. B., & Zanini, M. (2018)

Trabalhos de diversos autores com o mesmo sobrenome devem ser ordenados alfabeticamente pela primeira inicial.

Exemplos:

Silva, A., Tavares, N., & Alves, G. (1989)

Silva, B., Vasconcelos, F., & Barros, R.

(1976)

CAPÍTULO VI- CITAÇÕES DOS AUTORES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA NORMA ABNT

Para Vitor (2022), os elementos pós-textuais são aqueles que complementam o trabalho. São eles: Referências, Apêndice(s) e Anexo(s).

6.1. Referências

O autor entende que referências são elementos obrigatórios. Conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual, (NBR 6023:2020). A referência de um trabalho acadêmico científico consiste na listagem com as informações sobre todas as fontes (livros, revistas, periódicos, meio eletrônico e legislação pertinente) de *autores mencionados* no trabalho.

As referências devem ser colocadas em ordem alfabética e devem ser digitadas em espaço simples, separadas entre si por dois espaços simples. Fonte tamanho 12, com alinhamento justificado. As expressões estrangeiras em referências bibliográficas não aparecem em destaque (nem em itálico, nem sublinhadas, nem entre aspas); quando não for possível determinar o local de publicação, adopta-se a abreviatura s.l., entre colchetes, do latim *sine loco*, que significa sem local.

Exemplo:

MORAIS, L. **Aventura no deserto**. 2. ed. [S.l.]: Pioneira, 1994;

Quando não for possível determinar a editora da publicação, adopta-se a abreviatura s.n., entre colchetes, do latim *sine nomine*, que significa sem editora. Exemplo:

MORAIS, L. **Estudo de caso**. Rio de Janeiro: [s.n], 1994;

Quando o local e o editor não aparecem na publicação, indica-se entre colchetes [s.l.: s.n.]. Exemplo:

MORAIS, L. **Aventura no deserto**. [s.l.: s.n], 1994.

É importante verificar se todos os autores citados na construção do trabalho estão realmente nela relacionados. Nas referências utiliza-se, quando necessário, a abreviatura dos meses do ano conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro – 6: Abreviatura dos meses

| |
|------|
| jan. |
| fev. |
| mar. |
| abr. |
| maio |
| jun. |
| jul. |
| ago. |

| |
|------|
| set. |
| out. |
| nov. |
| dez. |

Fonte: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2018

As referências das obras consultadas seguem a ordem descrita nas subseções abaixo apresentadas:

6.1.1. Modelo livro no todo

Modelo com um autor:

SOBRENOME, Prenome. **Título do livro (em negrito)**. Edição (este dado deve ser suprimido quando for primeira edição). Local de publicação: Editora, Ano de publicação.

Exemplo:

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

6.1.1.1. Modelo com dois ou três autores

Mencionam-se todos eles na ordem em que aparecem na obra, separados por ponto-e-vírgula, seguido de espaço.

Exemplo:

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

6.1.1.2. Modelo com mais de três autores

Menciona-se apenas o primeiro autor, acrescentando-se a expressão latina *et al*). SOBRENOME, Prenome. et al. **Título**. Edição. Local da Publicação: Editora, Ano.

Exemplo:

FREIRE, Paulo. et al. **Vivendo e aprendendo**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

6.1.1.3. Modelo com coletânea de vários autores

A entrada deve ser feita pelo nome do responsável, seguida da abreviação, no singular, do tipo de participação (organizador, compilador, editor, coordenador etc.) entre parênteses. Exemplo:

BOSI, Antonio. (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

6.1.1.4. Autoria repetida

Autoria repetida (substituída a indicação da autoria por um traço sublinear equivalente a 6 espaços *underline*).

Exemplo:

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Geomorfologia**. 2. ed. São Paulo: E. Blücher, 2010.
 _____(Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012

6.1.1.5. Obra sem autoria

Para o Sousa (2018), no caso de obra sem autoria definida deve-se iniciar a referência pelo próprio título da obra, indicando-se a primeira palavra significativa com todas as letras maiúsculas e as demais, minúsculas e maiúsculas. Referência de material com informações básicas: TÍTULO: subtítulo. Edição.

Local: Editora, ano.

GUIA de direitos humanos: fontes para jornalistas. São Paulo: Cortez, 2013.
MÍDIA dados 2004. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, 2014.

6.1.1.6. Código Comentado

JESUS, Damásio E. de. **Código penal anotado**. 19. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2019.

6.1.1.7. Com autoria específica

SOBRENOME, Prenome. **Título**. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Localização da parte referenciada.

6.1.1.8. Com autoria própria

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.63-70

SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. Título da parte. seguidos da expressão In: SOBRENOME, Prenome. **Título**. Edição. Local de publicação: Editora, data de publicação. Deve ser indicado a paginação ou capítulo referenciado.

Exemplo:

BADOUX, D. M. Bioestatística e biomecânica gerais. In: SISSON, S (org). **Anatomia dos animais domésticos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. p.47-49.

6.1.2. Legislação

Inclui legislação, jurisprudência (decisões judiciais e doutrinas), interpretação dos textos legais.

AUTORIA (JURISDIÇÃO OU ENTIDADE). Lei ou Decreto e número, data. Título: subtítulo. Número da edição (quando houver). Cidade: Editora, ano.

Exemplo:

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. 11. ed. atual. e aum. São Paulo: Saraiva, 2011.

6.1.2.1. Jurisprudência

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **Recurso Especial nº 912.865**, Sindicato de Hotéis Bares e Restaurantes de Brasília – SINDHOBAR. Relator: Min. Eliana Calmon. Brasília, DF, 14 de abril de 2009.

BRASIL. **Código de processo civil e Constituição federal**. 38. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

6.1.2.2. Constituição

JURISDIÇÃO (PAÍS OU ESTADO). Constituição (ano da promulgação). **Título:** subtítulo. Número da edição (quando houver). Cidade: Editora, ano.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1998.

6.1.3. Matéria de jornais

6.1.3.1. Jornais considerados no todo

TÍTULO DO JORNAL. Local de publicação: Entidade responsável, data.

Exemplo:

DIÁRIO DA REPÚBLICA. Luanda: GBS, 10 de Mai.2020.

6.1.3.2. Artigo ou matéria de jornal assinado

AUTORIA (PESSOA, ENTIDADE ou JURISDIÇÃO) do artigo. Título do artigo: subtítulo. **Título do Jornal**, Cidade, dia mês abreviado ano. Caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final do artigo.

Exemplos:

ALVES, Márcio Miranda. Venda da indústria cai pelo quarto mês. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 7 dez. 2020. Economia, p. 13-

PRATES, Luiz Carlos. Peso ou Equívoco? **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 fev. 2019, p. 2.

6.1.3.3. Artigo ou matéria não assinado

TÍTULO DO ARTIGO. **Título do Jornal**. Local: editor, ano do primeiro volume e do último, se a publicação terminou. Periodicidade (opcional). Notas especiais (títulos anteriores, ISSN etc.) (opcional).

Exemplo:

AS 500 maiores empresas do Brasil. **Conjuntura Econômica**. Rio de Janeiro: FGV, v. 38, n. 9, set. 1994.

6.1.4. Revistas

6.1.4.1. Revistas consideradas no todo

TÍTULO DA REVISTA. Local de publicação: Entidade responsável, data

Exemplo:

ANUÁRIO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE. São Paulo: Gessuli, 1996.

6.1.4.2. Revista considerada em parte/fascículos

TÍTULO DA REVISTA. Título do fascículo, suplemento ou número especial. Local (cidade): editora, volume, número, mês e ano.

6.1.4.3. Artigos de revistas

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. **Título da revista**. Local de publicação, número do volume, número do fascículo, página inicial-final do artigo, mês e ano de publicação.

Exemplos:

BUCCI, Eugênio. O palco da História: delírio ou barbárie? **Nova Escola**, São Paulo, ano 12, n. 156, p.10, out. 2012.

KATZENBACH, J. A disciplina das equipes. **HSM Management**, São Paulo, n. 17, p. 56-60, nov.-dez. 1999.

MACEDO, C. J. A vez do fogão industrial. **Veja**, São Paulo, ano 6, n. 1.246, p.38-45, 29 out. 1990.

6.1.5. Meios eletrônicos

Segundo Correa (2016), os documentos da internet, artigos, sites ou qualquer outro, são apresentados na citação da mesma forma que um material impresso. A diferença é na referência, pois é nela que será identificado que é um material da internet.

Por exemplo, se o site tiver um autor, deve-se colocar o nome do autor, se não tiver coloca-se o título do documento ou nome do site. Para os documentos eletrônicos que não possuem páginas colocar somente o ano de acesso ao documento. Segundo a Norma NBR 6023:2002, quando se tratar de obras consultadas *online*, deve-se apresentar o endereço eletrônico entre os sinais < >, precedido da expressão "Disponível em:" e a data de acesso ao documento, precedida da expressão "Acesso em:" Não se recomenda referenciar material eletrônico de curta duração nas redes. (ABNT, NBR 6023:2002). Verifique sempre a credibilidade das fontes consultadas.

6.1.5.1. Portais, sites e blogs

SOBRENOME, Prenome. **Título**. Data. Disponível em: <endereço completo>. Acesso em: dia mês ano.

Exemplos:

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Portal inovação**. 2017. Disponível em: <<http://www.portalinovacao.mct.gov.br/pi/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

LOPES, Adriano. **Formatação de trabalhos acadêmicos**. 2008. Disponível UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Portal da informação**. [2009]. Disponível em: <<http://www.portal.ufpr.br/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

6.1.5.2. Livro em meio eletrônico

ALENCAR, José de. **O garatuja**. [S.l.]: VirtualBooks, 2013. Disponível em: <<http://virtualbooks.terra.com.br>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

6.1.5.3. Artigos de revista em meio eletrônico

SOBRENOME, Prenome. Subtítulo (se houver). **Nome do periódico**, local de publicação, volume, número ou fascículo, mês (s) abreviado, ano. Disponível em: <<http://...>> (endereço da URL)
Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

Exemplo:

SILVA, M. Crimes da era digital. *.Net*, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção ponto de vista. Disponível em: <<http://www.brasilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2014.

6.1.5.4. DVD

TÍTULO: subtítulo. Diretor, produtor. Cidade, ano. Especificação do suporte em unidades físicas.

Exemplo:

A QUESTÃO dos paradigmas. Produção de Charthouse International Learning CO. São Paulo : SIAMAR, [19-?]. 1 DVD.

6.1.6. Entrevistas

ENTREVISTADO. **Título da entrevista**. Local. Data. Notas.

Exemplo:

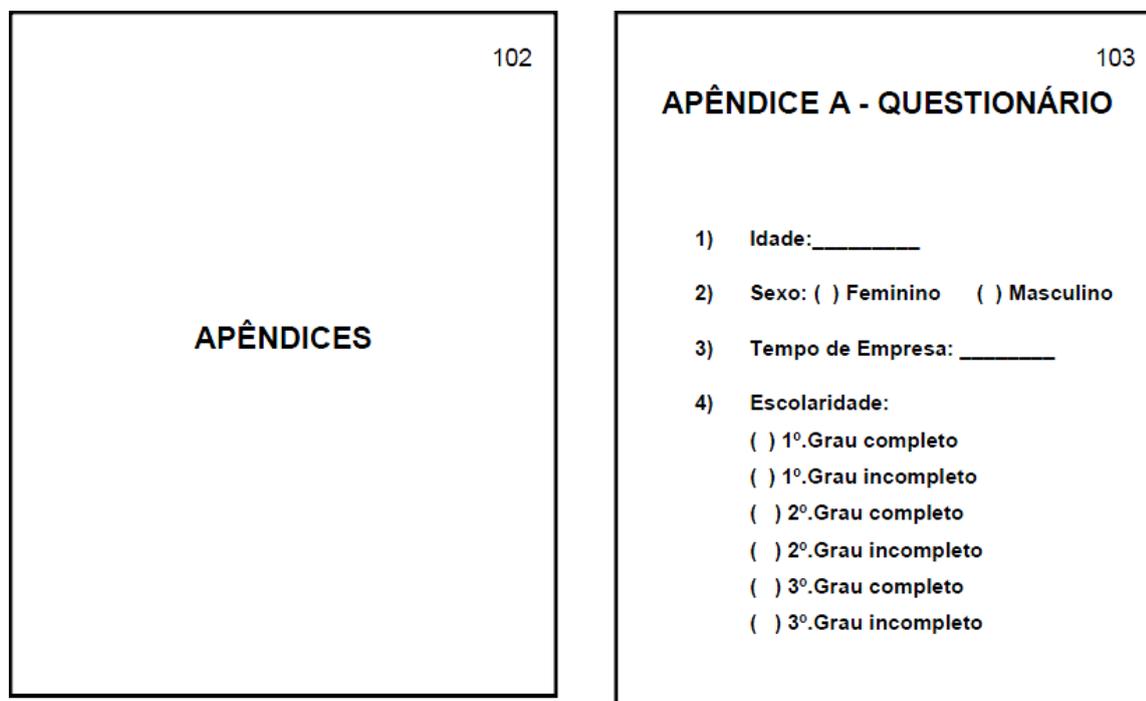
LITTIERE, Lucia. **Acessibilidade em bibliotecas universitárias**. Curitiba, 30 jun. 2008. Entrevista concedida a Adriano Lopes.

6.1.7. Apêndice(s)

Elemento opcional, (item 4.3.3, NBR 14724, agosto de 2005). Texto ou documento elaborado pelo autor, complementar ao seu trabalho, como organogramas, questionários etc. O (s) apêndice (s) é (são) identificado (s) por letras maiúsculas consecutivas, seguidas de travessão e o respectivo título.

Exemplo: APÊNDICE A – Roteiro de entrevista
APÊNDICE I – Questionário aplicado aos funcionários

Figura 47: Modelo de apêndice



Fonte: PUC-PR, 2010

6.1.8. Anexos

Elemento opcional, (item 4.3.4, NBR , 2021). Texto ou documento não elaborado pelo autor do trabalho, que complementa, comprova ou ilustra o seu conteúdo, como leis, normas, esclarecimentos ou documentação. O (s) anexo (s) é (são) identificado (s) por letras maiúsculas consecutivas, seguidas de travessão e respectivo título.

Exemplo: ANEXO A – Estrutura organizacional da
Empresa X. ANEXO B – Formulário de cadastro da

6.1.9. Citações

Conto (2013) explica que todas as citações directas devem possuir a fonte (autor, ano de publicação e página), indicada de acordo com as normas da ABNT. As citações indirectas devem indicar o autor e a data da publicação (e não a página). Observa-se que a citação indirecta, por se tratar de uma paráfrase (mistura das suas ideias com as do autor) sempre tem extensão maior do que a referida fonte. Todas as obras citadas na Fundamentação Teórica devem constar nas Referências (NBR 10520:2002).

Para o mesmo autor, é obrigatório indicar os dados completos das fontes de onde foram

extraídas as citações, seja em nota de rodapé ou e lista no fim do texto. As fontes devem ser indicadas ou pelo sistema autor-data (adoptado pela Faculdade AVANTIS) ou pelo sistema numérico. Nas citações, as chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título incluído na sentença devem ser em letras maiúsculas e minúsculas e, quando estiverem entre parênteses, devem ser em letras maiúsculas. Exemplos:

É neste cenário, que [...] a AIDS nos mostra a extensão que uma doença pode tomar no espaço público. Ela coloca em evidência de maneira brilhante a articulação do biológico, do político, e do social. (HERZLICH; PIERRET, 2017).

De acordo com Freitas (1989, p.37), “a cultura organizacional pode ser identificada e aprendida através de seus elementos básicos tais como: valores, crenças, rituais, estórias e mitos, tabus e normas”.

As citações podem ser de três tipos (segundo a NBR 10520:2012):

- a) Citação direta: transcrição textual dos conceitos do autor consultado;
- b) Citação indireta: transcrição livre do texto do autor consultado;
- c) Citação de citação: transcrição direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso original.

6.2. Dedicatória

Conforme o elemento opcional para homenagear alguém. O tipo e tamanho da letra são de livre escolha, e não se deve por título na página, nem palavra DEDICATÓRIA.

6.3. Agradecimentos

Elemento opcional. Seu fim é mencionar aqueles que contribuíram para a realização do trabalho. Tipo e tamanho da letra são de livre escolha.

6.4. Epígrafe

Elemento opcional. O autor escolhe uma citação relacionada ao tema abordado. Tipo e tamanho de letra são de livre escolha, e não se deve colocar nenhum título na página, nem a palavra EPÍGRAFE.

6.5. Resumo em língua portuguesa e estrangeira

Para Udelar (2010), o resumo é um elemento obrigatório e tem como objectivo fornecer elementos capazes de permitir ao leitor decidir sobre a necessidade de consulta ao texto original e/ou transmitir informações de carácter complementar. Deve ressaltar os objectivos, métodos e conclusão do trabalho. Segundo ABNT 6028, “Constituído por uma sequência de frases concisas e objectivas e não de uma simples enumeração de tópicos”. O resumo deve ser redigido na terceira pessoa do singular, verbo na voz activa, sucedido por palavras-chave/ keywords, e apresentado da seguinte

6.6. Palavras-chave / Keywords

São termos que representam assuntos abordados no documento. Segundo a ABNT (2021), as palavras-chave devem estar sob o resumo, precedidas da expressão. Palavras-chave / Keywords, separadas por ponto e finalizadas também por ponto. Devem ser listadas no mínimo 3 (três) e no máximo 5 (cinco) palavras-chave. As palavras-chave são definidas com base em vocabulários controlados voltados para suas respectivas áreas:

Para área da saúde é usado o vocabulário da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Para área da educação é usado o vocabulário do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Para área de Exatas / Humanas é usado o vocabulário SIBI/USP.

6.7. Listas de ilustrações

De acordo com o Correa (2016), lista de ilustrações é elemento opcional. É a relação de itens como gráficos, tabelas, desenhos, esquemas, fluxogramas, mapas, organogramas, plantas, quadros, entre outros. São representados em lista na ordem em que aparecem no texto, e identificados por título e número de páginas. Recomenda-se fazer uma lista por tipo de item sempre que a quantidade for superior a 5 (cinco) itens.

Modelo de lista

| Lista de Tabelas | |
|-----------------------|----|
| Tabela 1: Idade | 25 |
| Tabela 2: Gênero | 26 |
| Tabela 3: Religião | 29 |
| Tabela 4: Procedência | 35 |

6.8. Lista de abreviaturas e ou siglas

Elemento opcional. É uma relação de todas as abreviaturas e ou siglas usadas no texto, seguidas da respectiva forma por extenso, com espaçamento de 1 cm, indo da abreviatura para seu significado. Devem ser separadas por item e em ordem alfabética.

Obs.: No texto, na primeira vez que a sigla aparece, deve ser escrita por extenso, a seguir entre parênteses, e nas demais vezes pode ser mencionada apenas pela sigla correspondente. Devem ser separadas por item e a mesma deve estar em ordem alfabética.

Modelo de siglas no texto:

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Modelo de lista de siglas e / ou abreviaturas

| Lista de Abreviaturas | |
|-----------------------|-------------------------|
| Apo | A-IApolipoproteína A-I |
| CD36 | Cluster differentiation |
| CL | Colesterol livre |
| FE | Fitoesteróis |

6.9. Lista de símbolos

Elemento opcional. “Elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto com seu devido significado.” (ABNT, 2018).

Modelo de Lista de Símbolos

| Lista de símbolos | |
|-------------------|------------------|
| @ | Arroba |
| © | Copyrigh |
| ® | Marca Registrada |

6.10. Equações e fórmulas

Devem ser numeradas em algarismos arábicos entre parênteses e alinhadas à direita, na ordem em que aparecem no texto e devem ser separadas por uma entrelinha.

Figura 49: Modelo de equação

$$\begin{aligned} 2x+10-15+3x=5 \\ 2x+3x=5-10+15 \\ 5x=10 \\ x=\frac{10}{5} \\ x=2 \end{aligned}$$


6.11. Sumário

Para Correa (2016), sumário é um elemento obrigatório, o sumário é o último elemento pré-textual, onde são apresentados os seus capítulos e os subcapítulos, na mesma ordem e grafia em que decorrem o corpo do texto (ABNT, 2018).

- ✓ A palavra SUMÁRIO deve estar centralizada junto a margem superior da folha, em fonte Arial no tamanho 12;
- ✓ O indicativo numérico deve estar alinhado junto a margem esquerda, seguido de um espaço;
- ✓ Número da folha que consta ligado por linha pontilhada;

- ✓ Os elementos pré-textuais não são inseridos no sumário, porém as páginas são contadas;
- ✓ Elementos como: referências, glossário, apêndice e anexos aparecem no sumário, mas não são numerados como capítulo.

Figura 50: Modelo de Sumário

| SUMÁRIO | |
|---------|---------------------------------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... 9 |
| 2 | OBJETIVOS..... 14 |
| 3 | METODOLOGIA 15 |
| 4 | PRIMEIRA GERAÇÃO (1922-1930) 17 |
| 4.1 | Manifestos e Revistas 20 |
| 4.2 | Revista Klaxon 25 |
| | REFERÊNCIAS 30 |
| | APÊNDICE A – Título 34 |
| | APÊNDICE B – Título 35 |
| | ANEXO A – Título |
| | ANEXO B – Título |

Fonte: Andrade, 2022

6.12. Elementos Pós-Textuais

6.13. Referências

Referência é o “conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (ABNT, 2018).

É um item obrigatório, onde irá conter a relação das obras utilizadas no texto por meio de citações e/ou notas de rodapé.

A palavra “REFERÊNCIAS” deve comparecer em caixa alta, em negrito e centralizada, e não deve ser numerada, já que também não é considerada um capítulo.

Obs.: Não é permitida a apresentação de uma bibliografia consultada, composta por obras não citadas no texto; inserir somente as que fizeram parte da leitura citada pelo autor do trabalho.

6.14. Glossário

Elemento opcional. São palavras com sentido pouco conhecido.

Modelo de Glossário

Deslocamento: peso da água deslocada por um navio flutuando em águas tranquilas;

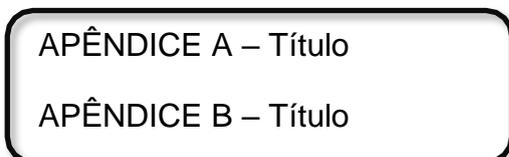
Duplo Fundo: robusto fundo interior no fundo da caverna.

6.15. Apêndice

Material ou texto elaborado pelo autor do trabalho acadêmico para complementar a sua argumentação. São reconhecidos pela palavra APÊNDICE seguidos de uma letra do alfabeto iniciada em A, e apresentadas da seguinte forma:

- ✓ Em letras maiúsculas, seguida de travessão;
- ✓ Fonte Arial tamanho 12;
- ✓ Paginação continuada a do texto principal.

Modelo de Apêndice

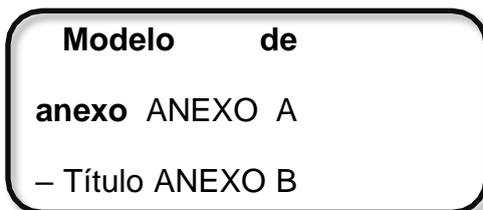


6.16. Anexo (s)

Elemento opcional. Texto ou documento que não foi produzido pelo autor do trabalho e que contribui para melhor entendimento do trabalho.

Identificadas pela palavra ANEXO e apresentadas da seguinte forma:

- ✓ Em letras maiúsculas, seguida de travessão;
- ✓ Fonte Arial tamanho 12;



6.17. Índice

Elemento opcional. Relação de palavras e/ou frases que são ordenadas conforme o critério determinado, remetem a informações inseridas no texto. (ABNT, 2004).

O índice deve ser impresso no final do documento, com a paginação consecutiva.

A elaboração do Índice é feita por meio da ABNT NBR: 6034:2004.

Figura 51: Modelo de Índice

| ÍNDICE | |
|-----------|---|
| Palavra 1 | 2 |
| Palavra 2 | 3 |
| Palavra 3 | 8 |

Fonte: Andrade, 2022

6.18. Elementos de apoio ao Texto

Para o Simpson (2019), a apresentação de dados sendo eles ilustrativos ou complementares podem ser feitas em forma de tabelas, gráficos, quadros figuras entre outros, a inserção destes dados pode ser feita próximo ao texto ou em forma de anexo, e deve ser representada da seguinte forma:

- ✓ Fonte Arial, tamanho 10 ou 11;
- ✓ Indicativo numérico e títulos separados por hífen indicados na parte superior e em negrito;
- ✓ Na parte inferior é obrigatório indicação da fonte, excepto quando for resultado elaborados pelo autor;
- ✓ O tamanho do item não deve ultrapassar as margens estabelecidas;

Modelo de Título

Tabela 1 – Óbitos ocorridos entre 1998 e 2008

Gráfico 3 – Demonstrativo de produção

Fonte: O autor

Fonte: (Chiavenato, 2011) ¹

Fonte: Adaptado de Chiavenato¹

6.19. Citações Padronizadas da ABNT

Citação: Segundo a NBR 10520, “citação é a menção de uma informação extraída de outra fonte”. (UDELAR, 2010).

As citações são classificadas em: directa (curta e longa), indirecta e citação da citação;

Directa: É a cópia fiel do texto ou parte dele, onde é obrigatório informar página e ano da obra consultada. Há 2 (dois) tipos de citação directa: a curta e a longa.

- ✓ Curta: Apresenta-se no texto em fonte normal, em até três linhas e entre aspas (“ ”).

Modelo de Citação Curta

Segundo Morin (2000, p. 56), “é na linguagem que o discurso ganha seu sentido, com relação a palavra”.

“É na linguagem que o discurso ganha seu sentido, com relação a palavra”.
(MORIN, 2000, p. 56).

- ✓ Longa: Apresenta-se no texto quando a citação ultrapassa 3 linhas, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento simples (1,0), sem aspas e digitada em fonte menor que o texto.

Modelo de Citação Longa

| |
|---|
| Ao começo da sentença |
| Eco (1998), questiona: O que é um jornal, se não um produto, formado de um número fixo de páginas, obrigado a sair uma vez por dia, e no qual as coisas ditas não serão mais unicamente determinadas pelas coisas a dizer (segundo uma necessidade absolutamente interior), mas pelo fato de que, uma vez por dia, se deverá dizer o tanto necessário para preencher tantas páginas? |
| Ao fim da sentença |

| |
|--|
| O que é um jornal, se não um produto, formado de um número fixo de páginas, obrigado a sair uma vez por dia, e no qual as coisas ditas não serão mais unicamente determinadas pelas coisas a dizer (segundo uma necessidade absolutamente interior), mas pelo fato de que, uma vez por dia, se deverá dizer o tanto necessário para preencher tantas páginas? (ECO, 1998). |
|--|

6.20. Citação indirecta

Adoptada em casos onde não há transcrição fiel do texto original, mas a reprodução da ideia é a mesma do documento do qual foi extraída, não se usa aspas, e a indicação da página consultada não é obrigatória.

Modelo de Citação Indirecta

| |
|---|
| As actividades a serem desenvolvidas são inúmeras e há somente um enfermeiro para se responsabilizar por elas, tornando-se difícil conciliá-las. A competência assistencial abrange a assistência de forma integral, incluindo o cuidado dos familiares, agentes participantes e ativos desse processo. Para outro enfermeiro, a assistência aos familiares insere-se na competência Gerencial e não Assistencial. (CAHEN, 2020). |
|---|

6.21. Citação de citação

É a citação de um documento cujo a obra original não foi consultada, e foi extraída de outro documento em que foi feita menção ao autor, logo, esta citação não é recomendada, pois dá margem a falsas interpretações. Pode ser indicada por **apud**, e deve-se indicar o documento consultado nas referências.

Modelo de Citação de Citação

| |
|------------------------------|
| Ao começo da sentença |
|------------------------------|

Vigotski (2001 apud ZANELLA, 2016): “Não ao adorno da vida, mas a elaboração criadora da realidade dos objetos e dos próprios movimentos”.

Ao fim da sentença

“Não ao adorno da vida, mas a elaboração criadora da realidade dos objetos e dos próprios movimentos”. (VIGOSTSKI 2011 apud ZANELLA, 2016, p. 43).

| | |
|-------------------|---|
| Referência | ZANELLA, A. V. (org.). Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e(m) experiência . Florianópolis: UFSC, 2006. |
|-------------------|---|

6.22. Citações com destaques, supressões e interpolações

Supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaques em citações devem ser representados conforme os modelos a seguir:

- ✓ Supressões [...]: indicadas no caso de palavras ou parte do texto citado;
- ✓ Interpolações, acréscimos ou comentários []: indicada quando necessário inserir alguma explicação no texto;
- ✓ Destaque, ênfase: usar “grifo nosso” em negrito.

Segundo Ficht (2004, p. 26) “[...] buscavam explicar o desempenho do indivíduo nas organizações”.

“[...] Prestes é o partido **comunista** e o partido é Prestes”. (ARRUDA, 1960, p. 31, grifo nosso).

6.23. Citação de comunicação pessoal

Caso seja necessária sua introdução no texto, deve-se usar o recurso da Nota de Rodapé, indicando no texto entre parênteses () a expressão, informação verbal conforme exemplo a seguir:

O novo medicamento estará disponível até o fim deste semestre (informação verbal) ².

²Informação fornecida por Ordem dos Contabilistas.

6.24. Tradução

As citações em língua estrangeira devem ser traduzidas e, após o nome do autor, data e página, adotar a expressão tradução nossa.

No texto

“Até esse momento havíamos tido sorte”. (PEREZ-REVERTE, 2020, tradução nossa).

6.25. Refêrências Padronizadas da ABNT

Conforme a ABNT, NBR 6023 (2018, p.3) a referência é “conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual”.

As referências são compostas por elementos fundamentais e, caso necessário, adicionar elementos que complementam a mesma:

As regras gerais são:

- ✓ Localizadas ao fim do trabalho, em folha independente;
- ✓ O título **REFERÊNCIAS** não é numerado;
- ✓ Fonte Arial, 12, e em negrito;
- ✓ Deve estar em ordem alfabética de autor e ou responsabilidade;
- ✓ Espaçamento simples (1,0) em cada obra;
- ✓ Separadas entre obras por 1 (um) espaços simples (1,0);
- ✓ Alinhadas a margem esquerda da folha;
- ✓ Quando a obra tiver edição, a mesma só aparece a partir da 2ª edição (2. ed.);
- ✓ Em obras com volume, acrescer o volume ao fim da referência, após o ano. (v. 1, em caso de um volume individual / 2 v., em caso de livro com mais de um volume).

6.26. Autores, organizadores, editores, coordenadores &c.

A indicação de autor é feita pelo nome do responsável, seguido pela abreviação no singular e deve estar entre parênteses ().

As abreviaturas devem estar da seguinte forma:

Quadro 7: Abreviação das responsabilidades

| RESPONSABILIDADE | ABREVIÇÃO |
|-------------------------|------------------|
| Editor | (ed.) |
| Organizador | (org.) |
| Coordenador | (coord.) |
| Compilador | (comp.) |
| Tradutor | (trad.) |

Fonte: Becker, 2022

6.27. Sobrenomes

Sobrenomes com indicativos de parentesco como: Filho, Júnior, Neto, Sobrinho e equivalentes estrangeiros são mencionados em seguida aos sobrenomes, por extenso:

Exemplo:

VIEIRA
SOBRINHOC
OSTA NETO,
G.
LOURENÇO
FILHO, F.
ALMEIDA
JÚNIOR, C.
GILSTRAP III,
L. C

6.28. Sobrenomes constituídos de palavras que formem uma expressão

Exemplo:

CASTELO
BRANCO, C.
ESPÍRITO
SANTO, H.
SANTA CRUZ,
A.

6.29. Nomes franceses com prefixos

A entrada do nome é feita pelo prefixo se este consistir de um artigo ou contração do artigo com a preposição:

Exemplo:

LA FONTAINE, J.

6.30. Obra sem autoria

Quando a autoria não for identificada, iniciar a referência pelo título e a primeira palavra deve aparecer em letras maiúsculas.

Modelo:

GLOSSÁRIO de termos técnicos, estatísticos educacionais. Florianópolis: SEC/UDI, 1974.

6.31. Entidades como autoria / normas técnicas

“As obras de responsabilidade de entidade (órgãos governamentais, empresas, associações, congressos etc.) têm entrada de modo geral pelo próprio nome por extenso”. (ABNT, 2018).

Modelo:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro: (ABNT, 2018).

6.32. Título

Título e subtítulo devem ser separados por dois pontos (:), e precisam ser reproduzidos de acordo com o documento consultado. Em casos em que títulos aparecem em mais de uma língua, é necessário que seja feito o registro do primeiro título e os demais separados por sinal de igualdade (=).

6.33. Edição

Nas referências, a edição só deve constar a partir da 2.^a edição (2. ed.), e precisam aparecer abreviadas e separadas por ponto (.) e um espaço após o ponto.

Modelo:

| |
|--------|
| 2. ed. |
|--------|

6.34. Local

“O nome do local (cidade) de publicação deve ser indicado tal como figura o documento”. (ABNT, 2018).

Caso não seja possível identificar o local, adotar a expressão *sine loco*, em itálico, e deve aparecer na seguinte forma: [s. l.].

6.35. Editora

A editora deve ser indicada da forma que está no documento. Quando possuir duas editoras em locais diferentes, é necessário indicar ambas, separadas por ponto e vírgula (;). No caso de três ou mais editoras, informar a editora que está em destaque.

Caso não seja identificado a editora, adotar a expressão *sine nomine*, em itálico, da seguinte forma: [s. n.]. Quando local da publicação e editora não forem identificados, registra-se: [S. l.: s. n.].

6.36. Data

Para Carbonari (2019), a data da publicação deve constar na referência e em algarismos indo-arábicos. Recomenda-se sempre indicar uma data, sendo a de publicação, impressão, *copyright*, entre outras. Caso não haja nenhuma data no documento, registra-se entre colchetes ([]) uma data aproximada:

Quadro 8: Datas aproximadas

| | |
|---------------------|---------------------------------|
| [2009 ou 2011] | Um ano ou outro |
| [2016?] | Data provável |
| [2017] | Data certa não indicada no item |
| [entre 2020 e 2022] | Intervalos menores de 20 anos |
| [ca. 2019] | Data aproximada |
| [201-] | Década certa |

| | |
|---------|-----------------|
| [201-?] | Década provável |
| [20--] | Século certo |
| [20--?] | Século provável |

Fonte: Adaptada da NBR 6023 (ABNT, 2018)

6.37. Referências por tipo de Documento

Laursen *et al.* (2012), este capítulo orienta as formas de estruturação das referências por tipo de material, como livros, periódicos, teses, entre outros. Em casos de materiais em meio eletrônico, seguir as orientações do capítulo 10 deste manual.

6.38. Referência de livro com 1 (um) autor

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | CHIAVENATO, I. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. 4. ed. São Paulo: Manole, 2012. |

6.39. Referência com até 3 (Três) autores

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome; SOBRENOME, Prenome; SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | IUDICIBUS, S.; KANITZ, S. C.; MARTINS, E. Contabilidade introdutória: livro de exercícios. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2006. |

6.40. Obras com mais de 4 (quatro) autores

Quando a obra reunir mais de 4 (quatro) autores, deve-se adotar a expressão *et al.* (em itálico):

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome <i>et al.</i> Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | HOWE, K. <i>et al.</i> Princípios de tratamento de água. São Paulo: Cengage, 2017. |

6.41. Parte do livro

Usado para indicar determinada parte da obra.

Na citação, indica-se o autor do capítulo. Nas referências, autor do capítulo e título, seguidos da palavra *In:* (em itálico).

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome (autor do capítulo). Título do capítulo: subtítulo se houver. In: SOBRENOME, Prenome (autor do livro). Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | PORTUGAL, F. T. Comparação a genealogia na psicologia inglesa no século XIX. In: FERREIRA, A. A. L. História da psicologia: rumos e recursos. 2. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 2007. |

6.42. Documentos diferentes do mesmo autor

Em casos onde o autor escreveu obras diferentes, é necessário padronizar os nomes e incluí-los na lista em ordem alfabética de título, conforme o exemplo a seguir:

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | PORTER, M. E. Competição: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999. PORTER, M. E. Vantagem competitiva das noções. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. |

6.43. Autores com a mesma opinião

Obras de autores que militam a mesma opinião, mas trabalhos diferentes, devem ser citados por ordem alfabética, seguidos da ordem cronológica.

| | |
|-------------------|---|
| NA CITAÇÃO | Braga (2003), Rodrigues (2009) e Xavier (2011) afirmam que... ou ... (BRAGA, 2003; RODRIGUES, 2009; XAVIER, 2011). |
| IMPORTANTE | Em caso de citação com vários autores com a mesma opinião, é imprescindível todas as referências de cada obra na lista. |

6.44. Documento sem autoria

Quando não há autoria, a citação é feita pela primeira palavra do título do documento, em letras maiúsculas, seguida por reticências (...).

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | TÍTULO: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Data. |
| Modelo | O CICLO do ouro negro: a ONU e os grandes problemas sociais do nosso tempo. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1966. |

6.45. Correspondências (Carta, bilhete, cartão &c.)

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | REMETENTE (autor). Título ou denominação ¹ . Destinatário (quando houver), precedido pela expressão Destinatário: local, data e descrição física (tipo). |
| Modelo | PILLAR, L. [Correspondência]. Destinatário: Moyses Velino. Porto Alegre, 6 jun. 1979. 1 cartão pessoal. |

6.46. Obras de responsabilidade jurídica

Fonseca *et al.* (2020), usa-se em casos de órgãos governamentais, empresas, associações &c. Na referência, pode ser escrita por extenso ou abreviada. Em casos de documentos diferentes da mesma entidade, é necessário padronizá-los na lista de referências e nas citações do texto. Inclui também Normas Técnicas.

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | NOME DO ÓRGÃO. Título : subtítulo (se houver). Local: Editora ou Órgão responsável, Ano. |
| Modelo | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 : informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. |

¹ Quando não há título, deve-se atribuir uma palavra ou frase que identifique o conteúdo do documento, entre colchetes.

6.47. Trabalhos acadêmicos (TFC, Teses, Dissertações &c.)

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título : subtítulo (se houver). Orientador: XXXXXXXX. Ano do depósito. Tipo do Trabalho (Grau de especialização e curso) — Universidade, Local e data de apresentação ou defesa. |
| Modelo | AGUIAR, A. A. Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina . Orientador: Max Grimberg. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) — Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. |

6.48. Verbetes de enciclopédia ou dicionário

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | VERBETE (palavra ou assunto consultado). In: SOBRENOME, Prenome (autor da obra). Título da obra : subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. Páginas do verbete. |
| Modelo | EUFENISMO: In: Mini Aurélio : dicionário de língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2009. p. 250. |

6.49. Evento

Conforme ABNT 6023 (2018, p. 16) “Inclui o conjunto de documentos resultantes de um evento”. (Anais, Simpósios, Actas, Proceedings &c.). Em casos de eventos em publicações periódicas, acrescentem-se dados do periódico.

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | NOME DO EVENTO, Numeração (se houver), Ano, Local (cidade) de realização. Título documento [...] (Anais, Resumos, &c.). Local: Editora, Ano. |
| Modelo | CONGRESSO INTERNACIONAL DO INES, 8; SEMINÁRIO DO INES, 14, 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2009. |
| | 160 p. Tema: Múltiplos Atores e Saberes na Educação de Surdos. |

6.50. Trabalho apresentado num evento

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título do trabalho. In: NOME DO EVENTO, Numeração (se houver). Ano, Local. Título [...] (Anais, Resumos &c.). Local: Editora, Ano. Páginas. |
| Modelo | GIRÃO, L. F. A.; PAULO, E. A competição por informações é capaz de reduzir o custo do capital próprio das empresas brasileiras?. In: XVI Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. 2016, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2016. p. 21–32. |

6.51. Artigo de periódico

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome do autor. Título do artigo. Título do periódico . Local, volume, número ou edição do fascículo, página inicial–página final do artigo, mês abreviado, ano de publicação. |
| Modelo | VASCONCELOS, I. C. O. Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo?. Ensaio : avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, v. 25, n. 97, p. 897– 917, out./dez. 2017. |

6.52. Artigo de periódico em meio eletrônico

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome do autor. Título do artigo. Título da revista . Local, volume, número do fascículo, página inicial– página final do artigo, mês abreviado, ano de publicação. Disponível em: link. Acesso em: dia mês (abreviado) ano. |
|-------------------------------|--|

| | |
|---------------|--|
| Modelo | TORRES, M. L. A importância de um conjunto de valores na orientação do processo ensino-aprendizagem. Revista Educação em Debate . Ceará, v. 39, n. 74, 9–18, jul./dez. 2017. Disponível em: |
|---------------|--|

| | |
|--|--|
| | http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/issue/view/59 . Acesso em: 04 abr. 2022. |
|--|--|

6.53. Periódico no todo

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | TÍTULO DA REVISTA. Local de publicação: editora, numeração do ano e/ou volume, número do fascículo, informações de períodos e data de publicação. ISSN (se houver). |
| Modelo | REVISTA VEREDAS. São Paulo: UNISA, 2018–. ISSN 2595-3508. |

6.54. Suplemento

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | Título do artigo: subtítulo (se houver), Local de publicação, editora, numeração do ano e/ou volume, número do fascículo, informações de períodos e data de publicação. |
| Modelo | DINHEIRO: revista semanal de negócios. São Paulo: Tres, n. 148, 28 jun. 2000. |

6.55. Artigo de jornal

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título do artigo. Título do jornal , Local de publicação, numeração do ano e/ou volume, número (se houver), data de publicação (dia, mês, ano). Número ou título do caderno, seção ou suplemento. Páginas iniciais–finais. |
| Modelo | FERRAZ, A. Alckmin aposta na transposição do Rio Tocantins para o Nordeste. O Estado de São Paulo , São Paulo, ano 131, n. 42656, 27 nov. 2017. Caderno A8, p. B1. |

6.56. Documentos jurídicos

6.56.1. Legislação

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | JURISDIÇÃO (País, Estado ou Cidade). Título (especificação da legislação, número e data). Ementa transcrita como publicada. Título da publicação oficial , local, volume, número, página, Ano. Informações adicionais (se necessário). |
| Modelo | BRASIL. Lei n. 11.705, de 19 de junho de 2008. Altera a Lei n ^o 9.503, de 23 de setembro de 1997, que ‘institui o Código de Trânsito Brasileiro’, e a Lei n ^o 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4 ^o do art. 220 da Constituição Federal, para inibir o consumo de bebida alcoólica por condutor de veículo automotor, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil , Brasília, 28 jun. 2008. |

6.56.2. Jurisprudência (decisões judiciais)

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | JURISDIÇÃO (País, Estado ou Cidade). Órgão Judiciário. Título (natureza da decisão ou ementa). Número, Partes envolvidas (se houver), relator, local data e dados de publicação. |
| Modelo | BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Súmula n ^o 333. Cabe mandado de segurança contra ato praticado em licitação promovida por sociedade de economia mista ou empresa pública. Diário da Justiça : seção 1, Brasília, DF, ano 82, p. 246, 14. Fev. 2007. |

6.56.3. Doutrina

| | |
|-------------------|--|
| Importante | Informações da fonte conforme o documento consultado. Seguir os itens 11.1 a 11.3, deste Manual. |
| Modelo | RODRIGUES JUNIOR. O. L. Dogmática e crítica da Jurisprudência : ou da vocação da doutrina em nosso tempo. São Paulo: RT. v. 891, jan. 2010. |

6.56.4. Documentos civis e de cartórios

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | JURISDIÇÃO. Nome do cartório ou órgão expedidor. Tipo de documento . Registro em: (data do registro). |
|-------------------------------|--|

| | |
|---------------|--|
| Modelo | SÃO PAULO. Cartório de Registro Civil das pessoas naturais do subdistrito de Santo Amaro. Certidão de nascimento [de] Maria da Silva. Registro em 29 set. 2000. |
|---------------|--|

6.56.5. Documento jurídico em meio eletrônico

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | NOME DO LOCAL (País, Estado ou Cidade). Título (especificação da legislação, número e data). Ementa. Título da publicação oficial , local, volume, número, página, Ano. Informações adicionais (se necessário). Disponível em: link. Acesso em: dia mes (abreviado) ano. |
| Modelo | BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil , Brasília, 19 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm . Acesso em: 04 abr. 2022. |

6.57. Outros materiais

6.57.1. Documento iconográfico

Figuras, pinturas, gravuras, fotografias, transparências e outros materiais denominados ilustrações. Não se enquadram gráficos, esquemas, tabelas, fluxogramas &c.

| | |
|---|---|
| IMPORTANTE | |
| Incluir a imagem junto ao texto, conforme as orientações do capítulo 8. | |
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Local: Editora (distribuidora), Data. Especificação do suporte. |
| Modelo | GOOGLE MAPS. Praça Floriano Peixoto. 2017. 1 fotografia. Disponível em: https://goo.gl/maps/RC8MkBGK8yyUFZhH6 . Acesso em: 04 abr. 2022. |

Outro exemplo:

| | |
|---|---|
| IMPORTANTE | |
| Incluir a imagem junto ao texto, conforme as orientações do capítulo 8. | |
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Data, especificação do suporte. |

| | |
|---------------|---|
| Modelo | GAZETA de Pinheiros. Reinaugurado o coreto da Praça Floriano Peixoto. 1 fotografia. Disponível em: http://www.gazetadepinheiros.com.br/cidades/reinaugurado-coreto-da-praca-floriano-peixoto-04-10-2012-htm . Acesso em: 21 nov. 2017. |
|---------------|---|

6.57.2. Documento cartográfico

(Atlas, globo, mapas, imagens aéreas, imagens de satélite &c.)

| | |
|-------------------------------|---|
| Nas referências | |
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Local: Editora, Data, especificação do suporte. Escala. |
| Modelo | PARQUES e terras indígenas. São Paulo: IBGE, 2015. Escala 1: 2.000.000. Disponível em: http://bit.ly/2AIk2Kd . Acesso em: 04 abr. 2022. |

6.57.3. Documento sonoro

(Engloba: CD, cassete, música, podcast &c.)

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | Título: subtítulo (se houver). Responsável pela autoria (compositor, intérprete e etc.). Local: Produtora, Data. Especificação do suporte. |
| Modelo | O que é educação. Na voz de Adriano Brandão e Danilo Silvestre. [S. l.]: Debate de Bolso, 2018. 1 podcast. |

6.57.4. Documentos audiovisuais

(Filmes, vídeos, DVD, BD (Blu-ray Disc), palestras, seminários, vídeos do YouTube.)

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | TÍTULO: subtítulo (se houver). Direção (nome do diretor e/ ou produtor). Local: Produtora, Data. Especificação do suporte. |
| Modelo | 9 maneiras de administrar seu tempo. Produção de Leandro Karnal. [S. l.], YouTube, 2017. 1 vídeo. |

6.57.5. Patente

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | ENTIDADE RESPONSÁVEL e ou AUTOR. Título: subtítulo (se houver). Nomes do depositante e/ou titular e do procurador (se houver). Número da patente, Data de depósito: (período de registro). Data de concessão (se houver). |
|-------------------------------|--|

| | |
|---------------|--|
| Modelo | PINHO, A. S. Sistema de propulsão para bicicletas. Mandatário: João Carlos Sardina de Barros. PT 91840 A. 29 fev. 1996. |
|---------------|--|

6.57.6. Partitura

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo (se houver). Instrumento. Local: Editora, Data. Designação específica do documento. |
| Modelo | CARLOS, R. Como é grande o meu amor por você. Violão. [S. l.: s. n.]. 2014. 1 partitura. |

6.57.7. Obra mediúcnica

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome (Espírito); SOBRENOME, PRENOME (AUTOR). Título: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano. |
| Modelo | Lucius (Espírito). Ninguém é de ninguém. Psicografado por Zíbia Gasparetto. 51. ed. São Paulo: Vida e Consciência, 2009. |

6.58. Documentos de acesso eletrônico

“Inclui bases de dados, lista de discussão, programas de computador, redes sociais, mensagens eletrônicas, entre outros” (ABNT, 2018).

Em documentos elaborados em meio eletrônico, os elementos fundamentais devem ser elaborados de acordo com as orientações por tipo de suporte, e é indispensável informar o formato/suporte (e-book, slides, DVD, DOI &c.). Quando o link estiver disponível, deve ser representado da seguinte forma: Disponível em: e a data de acesso ao documento.

6.59. Modelos de referências em meio eletrônico

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título da informação, serviço, produto, versão e edição (se houver). Local: Editora, ano. Suporte. Disponível em: link. Acesso em: dia mes (abreviado) ano. |
| Modelo | AMADEU, M. S. U. et al. Manual de normatização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. Curitiba: UFPR, 2015. E-book. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45654/Manual_de_normalizacao_UFPR.pdf . Acesso em: 04 abr. 2022. |

6.60. Base de dados

| | |
|-------------------------------|---|
| Elementos Fundamentais | NOME DA BASE DE DADOS. Local: Editora, Ano. Disponível em: (link). Acesso em: dia mês (abreviado) ano. |
| Modelo | BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. São Paulo: Bireme, [2017?]. Disponível em: http://brasil.bvs.br . Acesso em 04 abr. 2022. |

6.61. Website, webpage, facebook, twitter, linkedin, blog

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome (se houver). Título e ou nome do site (se houver). Local, Data. Nome do programa, rede social e &c. Disponível em: Acesso em: dia mês (abreviado) ano. |
| Modelo | BIBLIOTECA DE SÃO PAULO (Brasil). Programação de 1° de março . São Paulo. 1 mar. 2019. Facebook: bibliotecadesaopaulo. Disponível em: https://pt-br.facebook.com/BSPbiblioteca . Acesso em 02 mar. 2019. |

6.62. E-mail

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. [Tipo da mensagem]. Destinatário: (nome completo). Local, Ano. Descrição física. Disponível em: (link). Acesso em: dia mês abreviado e ano. |
| Modelo | SANTOS, J. T. [Mensagem Corporativa]. Destinatário: Mônica Sousa. [S. 1.], 2019. 1 E-mail. Disponível em: https://outlook.office.com/mail/inbox/id/AAQkADg2YjAyNTdmLTdkYzYtNDIxOS1iMmUwLWMYnZlINDVknjgzYgAQaEM%2B3EK8qhJGgnLwO3svy38%3D . Acesso em: 01 mar. 2019. |

6.63. Programas de computador, jogos &c.

| | |
|-------------------------------|--|
| Elementos Fundamentais | SOBRENOME, Prenome. Título da informação, serviço e ou produto. Versão e ou edição. Local, ano. Descrição. Disponível em: link. Acesso em: dia mês (abreviado) ano. |
| Modelo | ANGRY BIRDS 2. Versão 10. [S. 1.]. [2019?]. 1 jogo de computador. Disponível em: https://www.microsoft.com/pt-br/p/angry-birds-2/9ntpjw96tsc0 . Acesso em 04 abr. 2022. |

CONSIDERAÇÕES

A intenção na proposta deste trabalho foi fornecer subsídios suficientes para garantir o maior nível de qualidade nos trabalhos científicos a serem apresentados pelos estudantes universitários durante a sua vida académica. Como conclusão, este trabalho apresenta de maneira sintetizada a estruturação e os pontos mais relevantes para elaboração de um trabalho científico. No entanto, seu uso não dispensa outras bibliografias sobre o assunto em questão, os resultados obtidos são pertinentes e capazes de actuar como suporte no processo de desenvolvimento crítico e intelectual na formação de estudantes universitários. Além de actuar como uma ferramenta de padronização e uniformização de documentos científicos. O que importa é adquirir capacidade para organizar e estruturar logicamente a actividade pensante desenvolvida, seja ela qual for, e saber expressá-la numa linguagem igualmente apta a transmitir o conteúdo pensado. Não é preciso que o estudante “ritualize” mecanicamente a forma de se apresentar um seminário só por fidelidade a estas orientações didácticas. Como em todos os momentos da vida, o que importa são os fins, os objectivos e não os meios. E estas diretrizes metodológicas, como instrumental didáctico, querem ser apenas um caminho para a liberdade de acção do espírito em seu desenvolvimento intelectual.

De um modo geral, é na universidade que o estudante passa a ter o contacto directo com o mundo científico e, assim sendo, são grandes as dificuldades encontradas pelos alunos para desenvolverem actividades de pesquisa em suas universidades. Estas dificuldades se estendem desde a escolha do tema até a conclusão final orientada pela análise dos resultados obtidos. Este facto pode ser baseado em alguns fenómenos pré-universitários como, por exemplo, baixa qualidade na formação de alunos interessados, curiosos e exploradores que ingressam na comunidade académica, assim como, no próprio grau de especificidade técnica para desenvolvimento dos projectos propostos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo**. 2. ed.rev.atual. Rio de Janeiro: Campus, 2022.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação edocumentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS — ABNT. **Normalização da documentação no Brasil (PNB66)**. Rio de Janeiro: IBBD, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS — ABNT. **Normalização da documentação no Brasil (PNB66)**. Rio de Janeiro: IBBD. 2021.

ASTI L, J. **Metodologia da investigação científica**. Trad. Maria Helena Guedes e Beatriz Marques Magalhães. Porto Alegre: Globo, 2017. .

AZEVEDO, Israel B. de. **O prazer da produção científica**. Piracicaba: UNIMEP, 2019.

- AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica:** diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. São Paulo: Agnos, 2021.
- BADOUX, D. M. **Bioestatística e biomecânica gerais.** In: SISSON, S (org). Anatomia dos animais domésticos. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986. p.47-49
- BANASS, Robert. **Os cientistas precisam escrever.** Trad. Leila Novaes Hegenberg. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, s.d. 2020
- BANASS, Robert. **Os cientistas precisam escrever.** Trad. Leila Novaes Hegenberg. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, s.d. 29/22.
- BARROS, Aidil P. de; LEHFELD, Neide Ap. de S. **Fundamentos de metodologia:** um guia para a iniciação científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2017.
- BASTOS, Lília da Rocha e outros. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019. P. 188
- BECKER, Fernando; FARINA, Sérgio; SCHEID, Urbano. **Apresentação de trabalhos escolares.** Porto Alegre: Editora Formação, s.d. 52 p..
- BECKER, Fernando; FARINA, Sérgio; SCHEID, Urbano; BERNARDO, Luis. **Apresentação de trabalhos escolares.** Porto Alegre: Editora Formação, s.d. 2020.
- BELO, ZRragoza Lília da Rocha e outros. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações.* 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 188 p.
- BOSI, Antonio. (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo.** 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2018.
- BUARQUE,, L. E. **Guia práctica para la investigación y redacción de informes.** 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1997,. 188 p.
- CABRAL,M, J.. **O prazer da produção científica:** diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. São Paulo: Agnos, 2019.
- CAHEN, Israel B. de. **O prazer da produção científica.** Piracicaba: UNIMEP, 2020. 144 p.
- CARBONARI, Antônio César da; WEIDUSCHAT, Íris; TAFNER, José. **Metodologia do trabalho acadêmico.** 2. ed. Indaial: ASSELEVI, 2019.
- CARVALHO, M. C. M. (Org.). **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica.** Campinas: Papyrus, 2018.
- CASTRO, Cláudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas.** São Paulo: McGraw-Hill, 2016.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2019.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Geomorfologia.** 2. ed. São Paulo: E. Blücher, 2019.
- CINTRA, Anna Maria M. **Determinação do tema de pesquisa. Ciência da Informação.** Brasília, v. 11, n. 2, p. 13-16, 2018.
- CONTO, C, D. P.. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Manual para elaboração de trabalhos técnico-científicos:** de acordo com as normas da ABNT. 2010. Disponível em: www.pucpr.br/biblioteca. Acesso em 15 fev. 2013.
- 56.
- CINTRA, Anna Maria M. Determinação do tema de pesquisa. **Ciência da Informação.**

Brasília, v. 11, n. 2, p. 13-16, 1982.

CORREA, M. C. M. (Org.). **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica**. Campinas: Papyrus, 2016.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ESPÍRITO SANTO, Alexandre do. **Delineamentos de metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2019.

ESPÍRITO SANTO, Alexandre do. **Delineamentos de metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 1992.

FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1974. (Textos, 2). 212 p.

FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2014.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy Ed., 1974. 250 p.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy Ed., 2020.

FIGUEIREDO, Laura Maia de; CUNHA, Lélia Galvão Caldas de. **Curso de bibliografia geral: para uso dos alunos das escolas de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Record, [2021].

FONSECA, Laura Maia de; CUNHA, Lélia Galvão Caldas de. *Curso de bibliografia geral: para uso dos alunos das escolas de biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Record, 2020. 144 p.

FONSECA, L.B de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

FRAGATA, Júlio. **Noções de metodologia: para a elaboração de um trabalho científico**. Porto: Tavares Martins, 2017. 136 p.

FRAGNIÈRE, Jean-Pierre. **Así se escribe una monografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

FRANÇA, Júnia L.; VASCONCELLOS, Ana C. **Manual para normalização de publicações técnico- científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GATES, Jean K. **Como usar livros e bibliotecas**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Lidador, 2012.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Hortência de A. **Manual de resumos e comunicações científicas**. São Paulo: Avercamp, 2017.

GRANJA, Elza C. et al. **Citações no texto e notas de rodapé: manual de orientação**. São Paulo: 1997.

GRANJA, Elza; GRANDI, Márcia E. G. de. **Resumos: teoria e prática**. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP, 1993. 27 p..

GUSMÃO, Heloisa R.; CRUZ, Anamaria da C. **Relatórios técnico-científicos: NBR 10719**. Niterói: Intertexto, 1999.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis:

Vozes, 2016.

HÜBNER, M. Martha. **Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado**. São Paulo: Pioneira/Mackenzie, 1998..

INACIO FILHO, Geraldo. **A monografia nos cursos de graduação**. Uberlândia: Ed. da UFU, 2019..

ISKANDAR, Jamil I. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. Curitiba: Champagnat, 2000.

JESUS, Damásio E. de. **Código penal anotado**. 19. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2019.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. Caxias do sul. Univ. Caxias do Sul — Esc. Sup. Teol. S. Lourenço de Brindes, Porto Alegre: 1980. (Coleção Ciclo). 83 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001. 240 p.

MACHO, Roberto Gomes. **O formal e o funcional na teoria variacionista**. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogenidade e história. Rio de Janeiro: 2020. p. 55-65.

MADEIROS, Aidil P. de; LEHFELD, Neide Ap. de S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2021. 132 p.

MARSON, Fernando. **Metodologia da análise de textos**. São Paulo, Revista *Tema*, v. 1, n. 1, out. 2019.

MLODINO, VERA, Armando. **Metodologia da investigação científica**. Trad. Maria Helena Guedes e Beatriz Marques Magalhães. Porto Alegre: Globo, 2013,. 224 p.

MORGAN, Clifford T.; DEESE, James. **Como estudar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2020.

NERICI, Imídeo G. **Metodologia do ensino superior**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1999.

OSBONE, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. 162 p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Manual para elaboração de trabalhos técnico-científicos**: de acordo com as normas da ABNT. 2010. Disponível em: www.pucpr.br/biblioteca. Acesso em 15 fev. 2017.

56.

SEIDER, A. Luiz, PEDRO Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2018.

SILVA, Antônio César da; WEIDUSCHAT, Íris; TAFNER, José. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 2. ed. Indaial: ASSELVI, 2019.

SOUSA, U. L. **Trabalhos acadêmicos na Unisul**: apresentação gráfica para TCC, monografia, dissertação e tese / Universidade do Sul de Santa Catarina - Tubarão : Ed. Unisul, 2018.

TAFNER, José; SILVA, ANTONIO César da; WEIDUSCHAT, Íris. **Normas para apresentação de trabalhos**. 3. ed. Indaial: Ed. ASSELVI, 2020.

UDELAR, N.. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 2. ed.rev.atual. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

UNISUL. **Trabalhos acadêmicos na Unisul**: apresentação gráfica para TCC, monografia, dissertação e tese / Universidade do Sul de Santa Catarina - Tubarão : Ed. Unisul, 2020.

UNESCO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1999. . 188 p.

VIRGILIO José; Silva, ANTONIO César da; WEIDUSCHAT, Íris. **Normas para apresentação de trabalhos**. 3. ed. Indaial: Ed. ASSELVI, 2019.

_____. **NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação**. Rio de Janeiro, 2016.

_____. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2021.

_____. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2017. .

_____. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977. 156 p.

APÊNDICE

RESUMO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS DE METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

1 - Em relação ao conhecimento científico, assinale com V (verdadeira) para as alternativas verdadeiras e com (F) para as falsas e escolha a sequência correcta. (v) O conhecimento é uma forma de compreender a realidade. (f) O conhecimento científico tem como base o conhecimento teológico. (f) O conhecimento empírico surge das experiências em laboratório. (v) A ciência pode ser definida como uma forma de investigação metódica e organizada.

R.: V, F, F, V.

2 - O conhecimento popular, também denominado de vulgar, empírico ou senso comum, resulta do modo espontâneo e corrente de conhecer. Portanto, o conhecimento popular é sistemático, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teorias) e não conhecimentos disperso e desconexos. Neste sentido, podemos afirmar que: Ambas as afirmativas são verdadeiras.

R.: A 1ª afirmativa é verdadeira e a 2ª falsa.

3 - O conhecimento científico distingue-se do senso comum por ser:

R.: Objetivo, homogêneo, generalizador.

4 - Dentre as alternativas abaixo, é correcto afirmar que o conhecimento filosófico tem sua concepção?

R.: Especulativa, porque não oferece soluções definitivas para as questões formuladas.

5 - "O que é senso comum? Prefiro não definir. Talvez simplesmente dizer que senso comum é aquilo que não é ciência e isto inclui todas as receitas para o dia-a-dia, bem como os ideais e esperanças que constituem a capa do livro de receitas. E a ciência? Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controlo disciplinado do seu uso. Você é capaz de visualizar imagens? Então pense no senso comum como as pessoas comuns. E a ciência? Tome esta pessoa comum e hipertrofiar um dos seus órgãos, atrofiando os outros. Olhos enormes, nariz e ouvidos diminutos. A ciência é uma metamorfose do senso comum." Sem ele, ela não pode existir. E esta é a razão por que não existe. A partir da leitura do texto de Rubem Alves, assinale a opção que correctamente define a visão do autor sobre a relação entre senso comum e ciência:

R.: O senso comum antecede a ciência e permite a sua existência.

6 - O método é utilizado pela ciência para conhecer a realidade, formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais são formulados os problemas científicos e examinadas as hipóteses científicas.

São consideradas: **Aplicações do método científico.**

R.: Indutivo, dedutivo, dialéctico.

7 - A escolha de um método é fundamental para que o pesquisador execute os objectivos e chegue a resultados conclusivos. Assim, a forma correcta de se reconhecer um método científico é:

R.: Explicitar porque motivos o pesquisador escolheu determinados caminhos e como chegou a determinada conclusão.

8 - O cientista utiliza um método na apreensão da realidade. Através do método podemos descobrir como chegar a um objetivo. É uma forma de pensar para se chegar à natureza de determinado

problema. Neste sentido, denomina-se método:

R.: O conjunto de procedimentos através dos quais é possível conhecer determinada realidade.

9 - A técnica do fichamento consiste em transcrever anotações em fichas, para fins de estudo ou pesquisa. Distinguem-se três tipos básicos de fichamento: bibliográfico, de resumo ou conteúdo e de citações. O fichamento de resumo é:

R.: Uma síntese das ideias principais contidas numa obra, quando o pesquisador elabora a síntese com suas próprias palavras, não sendo necessário seguir a estrutura da obra.

10 - Escolhido o tema de pesquisa, o pesquisador deve consultar catálogos, anuários bibliográficos, repertórios bibliográficos gerais e especializados. Cada livro, artigo, documento ou texto deve ser lançado em ficha em que constará o autor, o título da obra, o número da edição, o local da edição, o nome da editora, a data da edição. Esta primeira fase da pesquisa corresponde:

R.: À elaboração do desenvolvimento da pesquisa.

11- De acordo com as Técnicas de Estudo, observe o texto abaixo e depois assinale a alternativa correcta. "A função da universidade está fundada no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, acções indissociáveis. Podemos classificá-la como uma organização social em que alunos e professores se responsabilizem por recolher, organizar e criar novos conhecimentos, sob a égide da ciência".
SILVA, Maria Stela Antunes et al. Metodologia da Pesquisa - um desafio em construção. Editora Luzes. Rio de Janeiro, 2013. p.23.

Para realizar uma resenha deste texto você deve:

R.: Resumir o texto e realizar críticas.

12 - Um antropólogo americano pesquisou por 1 (um) ano uma tribo indígena no interior da Amazônia, os Kawahiva, uma das últimas tribos que ainda vivem isoladas da civilização. Neste período observou aspectos do cotidiano e das práticas culturais dos Kawahiva. O antropólogo fez uso de qual procedimento de pesquisa:

R.: Estudo de caso.

13 - O planeamento é fundamental para a elaboração do trabalho científico porque:

R.: Contribui para a escolha do tema que pode levar seu trabalho a ter uma aplicação prática.

14 - Considerando que o artigo científico é um pequeno estudo que trata de uma questão científica e destina-se a publicações em revistas ou periódicos. Diferindo-se da monografia pela sua reduzida dimensão e conteúdo (RAMPAZZO, 2005). Ele também deve ser estruturado em três partes (NBR 6022): elementos pré-textuais; textuais e pós-textuais. Então podemos afirmar que no referido documento usamos os seguintes elementos pré-textuais:

R.: Título, autoria, resumo e palavras-chave.

15 - Para aquisição de um novo conhecimento, bem como aplicação de procedimentos e técnicas científicas necessitamos de fazer uso de:

R.: Metodologia Científica.

16 - Considere a seguinte situação: De manhã levanto as 6 horas. Faço uma oração pedindo proteção para o dia. Percebo que estou meio enjoado. Tomo um chá de boldo. Vou para o trabalho e aplico as fórmulas do balanço patrimonial nas rotinas contabilidade da minha empresa. No breve relato acima estão listados, respectivamente, quais tipos de conhecimento?

R.: Religioso, senso comum e científico.

17 - Ao analisarmos a utilidade de um método podemos afirmar que:

R.: Ajuda a perceber erros;

18 – Assinale **APENAS** as afirmações que contêm características pertinentes ao conhecimento científico. I. Lida com factos; II. Contingente, pois suas hipóteses têm a sua veracidade ou falsidade conhecida através da experimentação, III. Sistemático, pois o saber é ordenado logicamente; IV. Infalível em virtude de ser definitivo, absoluto ou final.

R.: As afirmativas I, II e III estão correctas.

19 - Marque a opção **INCORRETA** a respeito da definição de Ciência.

R.: O aspecto exacto e preciso do conhecimento científico está exactamente na independência dos métodos empregados em cada um dos momentos históricos: ele terá sempre o mesmo resultado, levando infalivelmente às mesmas conclusões.

20 - Que Método Científico está contido na seguinte premissa: "Todo molusco rasteja. A lesma é um molusco. Logo, a lesma rasteja":

R.: Método dedutivo.

21 - Segundo Eva Maria Lakatos (1992, p. 43), a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e constitui – se no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos. Podemos, assim, indicar três elementos que caracterizam a pesquisa: I - o levantamento de algum problema; II - a solução à qual se chega; III - os meios escolhidos para chegar a esta solução, como os instrumentos científicos e os procedimentos adequados. Então:

R.: Todos são verdadeiros.

22 - A pesquisa aplicada é aquela que objectiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Portanto, a pesquisa sobre o "Boom" do início do Universo é um exemplo típico de pesquisa aplicada uma vez que é motivada pelo interesse intelectual do pesquisador. Podemos afirmar que:

R.: A 1ª afirmativa é verdadeira e a 2ª falsa.

23 – De acordo com Chauí a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os factos, as situações, os valores, os comportamentos da nossa existência cotidiana, jamais aceitá-los sem antes havê-los investigados corresponde ao desenvolvimento:

R.: Conhecimento filosófico.

24 – No mundo académico, o conhecimento pode ser classificado em 4 grupos distintos. Assinale a opção que contém pelo menos 2 classificações correctas:

R.: Senso e conhecimento teológico.

25 – O pensamento místico, representa nas sociedades primitivas, a forma de pensar que a configurava hegemônica. A respeito desta forma de pensar é possível afirmar:

I) Todas as explicações das questões naturais eram atribuídas a deuses, pois havia outra maneira de se conhecer a realidade.

II) A chuva, os trovões, a peste, a própria gravidez da mulher, era uma dádiva ou um castigo dos deuses pelo comportamento dos homens.

III) A aceitação da dominação era algo que o povo questionava e por isso se rebelava contra os mitos.

R.: I e II verdadeiro.

R.: Apenas a alternativa III está incorrecta.

26 – Entendemos que o processo de conhecimento se dá pelas:

R.: Observações, perguntas, hipótese, experimentação, conclusão, documentação, desenvolvimento, novas perguntas e continuar aprendendo.

27– O sol é menor que a terra. Quem duvidar a disse se diariamente, vemos um pequeno círculo avermelhado percorrer o céu, indo de leste a oeste.

R.: O senso comum, ao contrário da ciência, detém-se. Sobre a realidade sensível, mas não ultrapassa as conclusões elaboradas pelas observações.

28 – Na ciência há um método que se baseia na premissa que parte sempre do conhecimento geral para o particular e que considera que se as premissas forem verdadeiras a conclusão também será. Este é denominado:

R.: Dedutivo. Se tiver um texto fala do método presente no conhecimento científico.

29 - O método que procura uma solução através de tentativas de eliminação de erros é o :

R.: Hipotético-dedutivo.

30 –Planeamento de uma pesquisa depende basicamente de 3 fases:

I) **Fase Decisória** : referente a escolha do tema, a definição e a delimitação do problema da pesquisa. **V**

II) **Fase Construtiva** : referente a construção de um plano de pesquisa e a execução da pesquisa propriamente dita. **V**

III) **Fase Redacional**: referente a coleta de dados e informações detidas na fase construtiva.

F

R.: I e II verdadeiras.

31 –Identifique e relacione as partes de uma resenha: (1) Identificação, (2) Resumo e (3) Apreciação crítica.

R.: (3) Levantamento da questão acerca da leitura documento.... (1) referência bibliográfica completa do texto (2) apresentação de ideias principais e as secundárias que sustentam...

32 - Para realizar um trabalho académico é necessário seguir vários passos como estudamos na aula 5....descreve revisão de literatura.

R.: Momento em que posicionamos o trabalho no campo do conhecimento já produzido e selecionamos conceitos, procedimentos e discussões relevantes ao trabalho.

33 - Um trabalho académico precisa seguir certas fases para seu êxito final...planeamento de uma pesquisa científica ou académica?

R.: Manter a preocupação com o tema, consultar bibliografia compatível, justificar o tema escolhido, compatibilizando com os problemas formulados.

34 - Análise temática é de grande relevância para estudos e trabalhos, ela consiste em:

R: Identificar o assunto, a tese do autor, sua abordagem e posicionamento.

35 - Um projecto de pesquisa deve conter informações como as citadas abaixo, MENOS uma:

R.: Partir obrigatoriamente do Senso comum.

36 - A primeira fase de qualquer trabalho de pesquisa está na definição do que é estudado. Esta escolha deverá levar em consideração se existe uma bibliografia razoável sobre o assunto e se esta é de fácil consulta. Além disso, deve-se definir claramente o problema e, em regra, apresentá-lo no formato de perguntas. Considerando as etapas acima como integrantes do processo de elaboração de um trabalho académico; assinale a opção correcta no que diz respeito ao planeamento da pesquisa:

R.: Agrega qualidade na formulação do problema científico e traz clareza para a definição dos objectivos, ampliando as chances de sucesso na pesquisa.

37 - Para você caminhar com mais segurança ao realizar o trabalho, aumentando inclusive as chances de terminá-lo no prazo sem passar apertos, é preciso:

R.: Planear o trabalho.

38 - A ABNT estabelece as regras e normas técnicas à pesquisa científica. Uma destas especificações, quanto à normalização do trabalho acadêmico ou científico, chamamos de Estrutura e Formatação. Para tanto, os elementos que contribuem para realizar os trabalhos acadêmicos são:

R.: Elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

39.1 - "Artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento" (ABNT. NBR 6022, 2003, p. 2). O artigo científico tem a mesma estrutura dos demais trabalhos científicos, como por exemplo, a monografia e, em sua composição obedece em ordem aos seguintes elementos:

R.: Pré-textuais, textuais e pós-textuais.

40 - Estruturação e a formatação dos trabalhos acadêmicos são orientadas pelas Normas da Associação Brasileira e Normas Técnicas (ABNT). Estes dois atributos são importantes para o resultado final de um trabalho acadêmico. Desta forma, assinale a opção abaixo que mais se identifica com a importância destas duas características:

R.: Atribui uma sequência lógica ao texto produzido e evita que cada indivíduo crie a sua formatação e organização textual.

41 - A ordem de sequência numa referência de livro prevê:

R.: Indicação do (s) autor (es), título, local da edição, editora, ano de publicação.

42 - Observe o texto: Korman (1968, citado por PASQUALI *et al.*, 1981), afirma que outra variável que tem importância especial como característica de personalidade é a autoestima, isto é, a extensão em que o indivíduo se percebe como competente, capaz e que pode prover a satisfação de suas necessidades. Pode-se dizer que no exemplo houve:

R.: Citação de citação.

43 - Identifique as expressões correspondentes às afirmações abaixo:

I - Termo utilizado para fazer referência subsequente de um mesmo autor.

II - Termo utilizado para referenciar um autor cujo pesquisador não teve acesso à obra original, mas encontrou o fragmento presente em um livro de outro autor.

III - Termo utilizado para fazer referência subsequente de um mesmo autor em uma página diferente.

IV - Termo utilizado para referenciar um mesmo autor após terem sido referenciados outros autores.

R.: Idem / apud / ibidem / op cit.

44 - A citação de citação pode ser definida como a:

R.: Citação de um texto a que tivemos acesso a partir de outro documento.

45 - As referências são um dos elementos obrigatórios do trabalho científico e constituem uma lista ordenada dos documentos efetivamente citados no texto ((NBR6023, 2000). Na lista abaixo o exemplo correcto de referência é:

R.: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.

46 - No exemplo: Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000, p. 59) afirmam que: "A argumentação é uma acção que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistentes.", identificamos, respectivamente:

R.: Citação directa breve com dois autores e sistema de chamada autor-data.

47 - O estudo de Thomas Kuhn, A estrutura das Revoluções Científicas, é o texto que trouxe à tona o uso do conceito de paradigma nos anos 1970/80, aplicado à história do fazer científico. Um primeiro aspecto que chama a atenção é o facto do autor dirigir sua análise sob a perspectiva de que a visão paradigmática tem como objectivo orientar a quem se prepara para ingressar na actividade científica. Diz explicitamente que "o estudo dos paradigmas [...] é o que prepara basicamente o estudante para ser membro da comunidade científica na qual actuará mais tarde". p. 31. A partir do texto acima, julgue as seguintes asserções. Isso significa que para Kuhn este candidato a cientista vai estudar modelos do campo científico de seu interesse, a fim de moldar-se nos fundamentos da "ciência normal". Porque permite a assimilação de um roteiro. Ao adquirir um paradigma, ele adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceite, é considerado como doptado de uma solução possível.

R.: As duas asserções são verdadeiras e a segunda é uma justificativa correctada primeira.

48 - A produção científica na universidade tem como objectivo o exercício da nossa capacidade de pensar e discernir, direccionados para análises de ambientes, dados e situações diversas. O que exige procedimentos intelectuais e técnicos (Gil, 1991). No procedimento técnico está incluída a pesquisa académica cujo objectivo é construir:

R.: Um conhecimento inteligível, simples, preciso, verificável e eficaz narealidade.

49 - Observe o exemplo abaixo e marque o tipo de citação a que ele se vincula: Jasperapud Santos (2011, p. 31) considera que "a lógica é a ciência das leis ideais do pensamento e, também a arte de aplicá-las correctamente à indagação da verdade".

R.: Citação de citação.

50 - Segundo GIL (1991), "A produção científica estimulada nas universidades tem como objectivo o exercício da nossa capacidade de pensar e discernir, direccionados para análises de ambientes, dados e situações diversas. O que exige procedimentos intelectuais e técnicos." Temos um exemplo desses procedimentos em:

R.: Publicar em revistas especializadas e/ou fóruns para debate público soluçãode problemas em diversas áreas de saber.

51 -Segundo Vasco Moreto, num projecto político pedagógico, o mais importante é o compromisso das instituições de ensino com uma reflexão sobre sua intencionalidade educativa. A partir desta concepção, pode-se concluir que:

R.: O projecto deve ser elaborado, considerando todos os agentes envolvidos: alunos, professores, coordenadores, comunidade etc.

52 - Universidade apresenta uma função primordial que busca educar pessoas para trabalhar com o saber, formando um lugar natural para o diálogo e inovações. Esta postura formadora de profissionais e pesquisadores em todas as áreas estimula a Universidade a desenvolver reflexões sobre suas práticas, missão e identidade. Todos estes atributos estão suportados por um instrumento de grande importância para a educação, qual seria este instrumento?

R.: Plano Político Pedagógico.

53- Na Universidade, cada curso expressa a sua leitura de mundo e deve contribuir, em seu conjunto, para uma discussão sobre os rumos da sociedade. É preciso, então, pensar a construção do conhecimento a fim de elaborar um saber sobre a prática que realiza. E esta é a função de um:

R.: Projecto político pedagógico

53 - O documento que detalha objectivos, diretrizes e acções do processo educativo a ser desenvolvido na instituição educacional, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino, os propósitos e expectativas da comunidade escolar.

R.: Projecto político pedagógico.

54 - Marque a opção que melhor defina o valor do conhecimento para a vida humana:

R: É o resultado das experiências que acumulamos em nossa vida cotidiana.

55 - Sobre a produção textual académica/científica é correcto afirmar:

R.: A capacidade que toda teoria científica deve ser testada e contestada.

56 - Segundo Popper, o critério da falseabilidade representa:

R.: A capacidade que toda teoria científica deve ser testada e contestada.

57 - Os métodos de abordagem são constituídos de procedimentos gerais, que norteiam o desenvolvimento das etapas fundamentais de uma pesquisa científica, permitindo, por isso, seu emprego em várias ciências, sendo os principais: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético, e fenómeno lógico a este respeito, analise as assertivas abaixo: I. O método dedutivo considera que o conhecimento é baseado na experiência e que a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e é elaborada a partir de constatações particulares. II. No raciocínio indutivo a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações. III. O raciocínio dedutivo tem o objectivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. IV. O raciocínio indutivo utiliza o silogismo: de duas premissas retira-se uma terceira logicamente decorrente. V. O método dedutivo parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, ou seja, unicamente em razão da lógica. A sequência com as afirmativas CORRECTAS é:

R.: II, III e IV

58 - Entendemos que o processo de conhecimento se dá pelas observações, perguntas, hipóteses, experimentações, conclusões, documentações, desenvolvimentos, novas perguntas e:

R.: Continuar aprendendo.

59 - Um projecto de pesquisa só pode ser definitivamente elaborado quando se tem o problema claramente formulado e delimitado a uma dimensão viável. Além das regras práticas sobre a formulação de problemas científicos, deve-se ter cuidado com aqueles que não são passíveis de tratamento científico, os chamados: problemas de engenharia e problemas de valor. Neste sentido, analise os problemas abaixo:

I. Como fazer para melhorar os transportes urbanos?

II. Até que ponto o treinamento específico para jogadores de futebol pode melhorar a capacidade aeróbica dos jogadores?

III. Em que medida a escolaridade determina a preferência político-partidária?

IV. É bom adotar jogos e simulações como técnicas didáticas?

V. A desnutrição poderia determinar o rebaixamento intelectual? A sequência correta é:

R: O conhecimento popular, também denominado de vulgar, empírico ou senso comum, resulta do modo espontâneo e corrente de conhecer.

60 - O conhecimento popular é sistemático, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teorias) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Neste sentido, podemos afirmar que:

R.: A 1ª afirmativa é verdadeira e a 2ª falsa.

61 - Chamamos de pesquisa pura:

R.: A actividade que objetiva produção de conhecimento sem aplicação prática prevista.

62 -De acordo com Chauí (2002, p.14) a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os factos, as situações, os valores, os comportamentos da nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado, corresponde ao conhecimento:

R.: Conhecimento filosófico.

63 – Assinale:

APENAS

As afirmações que contêm características pertinentes ao conhecimento científico.

I. Lida com fatos; II. Contingente, pois suas hipóteses têm a sua veracidade ou falsidade conhecida através da experimentação; III. Sistemático, pois o saber é ordenado logicamente; IV. Infalível em virtude de ser definitivo, absoluto ou final.

R.: As afirmativas I, II e III estão correctas.

64 - Entendemos que o processo de conhecimento se dá pelas Observações, perguntas, hipótese, experimentação, conclusão, documentação, desenvolvimento, novas perguntas:

R.: Continuar aprendendo.

65 - Leia a citação e, em seguida, responda ao que se pede. "O sol é menor do que a Terra. Quem duvida disso se diariamente, vemos um pequeno círculo avermelhado percorrer o céu, indo de leste a oeste".

R.: O senso comum, ao contrário da ciência, detém - se sobre a realidade sensível, mas não ultrapassa as conclusões elaboradas pela observação.

66 - Observe o problema sugerido no texto abaixo e marque a resposta que melhor expressa a ideia central apresentada pelo autor. Por onde se começa a solução de um problema? Imagine que você é um escoteiro este perdeu numa floresta. Seu problema é voltar ao acampamento. Qual seria seu procedimento? O que significa encontrar a solução para o problema? A solução é o caminho que o leva de onde você está ao lugar onde você deseja ir. Imagine que você não sabe para onde ir: não poderá fazer nada inteligente. Gritará, chorará andará a esmo. O procedimento inteligente é o seguinte: pegue seu mapa, identifique o ponto para onde ir, o ponto onde você se encontra e, a partir do primeiro, trace um caminho. A inteligência segue o caminho inverso da acção. E é somente isso que a torna inteligência. Começando do ponto ao qual se deseja chegar, evita-se o comportamento errático e desordenado a que se dá o nome de tentativa e erro."

R.: O texto fala do método presente no conhecimento científico.

67 - Aprendemos na aula sobre a estrutura dos trabalhos académicos. Vimos que estes trabalhos são compostos pelos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Assinale abaixo a alternativa que dispõe apenas elementos pré-textuais:

R.: Ficha catalográfica, resumo e lista de tabelas.

68 - Para se iniciar a construção de um trabalho científico é necessário cumprir previamente duas etapas para traçar um caminho mais eficiente na sua elaboração. Escolha nas alternativas abaixo aquela que está vinculada a esta definição:

R.: Planeamento e pesquisa sobre o tema.

69 - Imagine-se fazendo uma pesquisa e encontrando os livros organizados de formas diferentes: uns começando pelo desenvolvimento, seguido da conclusão e terminando com a introdução; outros começando pela conclusão, seguida da introdução e do desenvolvimento. Que confusão, não é mesmo? Para evitar estes caos:

R.: Normas da ABNT servem de padrão para as instituições de ensino no que diz respeito à apresentação de trabalhos académicos e científicos.

70 - Ao redigir um trabalho científico, é imperioso referenciar os autores utilizados. Assinale a opção em que a referência a uma obra está de acordo com as regras da ABNT:

R.: ABRANCHES, M. A cidade sustentável. 2.ed. Rio de Janeiro: Livre Pensar, 1999.

71 - Na organização da estrutura do Trabalho Científico, os Elementos Textuais devem seguir a ordem correcta de seus elementos conforme a seguinte disposição:

R.: Introdução, Desenvolvimento, Metodologia, Embasamento Teórico e Conclusão.

72 - Em que fase de um projecto de pesquisa, o pesquisador identifica o que já foi produzido sobre o fenómeno que pretende estudar?

R.: Fundamentação teórica.

73 - O projecto Político Pedagógico é o condutor dos profissionais da educação e pesquisadores, que no ensino superior, norteia as seguintes acções:

R.: Acção Pedagógica e Acção Transformadora.

74 - A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na norma NBR6023, indica que se utilizarmos o sistema, autor, data nas citações ao longo do texto, as referências devem ser:

R.: Reunidas no final do trabalho, em uma única ordem alfabética.

75 - No exemplo: Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000, p. 59) afirmam que: "A argumentação é uma acção que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente.", identificamos, respectivamente:

R.: Citação directa breve com dois autores e sistema de chamada autor-data.

76 - Assinale a opção abaixo que melhor define a proposta apresentada neste texto: o documento que detalha objectivos, diretrizes e acções do processo educativo a ser desenvolvido na instituição educacional, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar.

R.: Projeto Político-Pedagógico.

77 - O projecto político pedagógico é um instrumento norteador de uma instituição escolar que tem na sua caracterização o dinamismo, sempre consoante com o espaço cultural, social, geográfico, económico que a escola, universidade, instituto de educação, etc. que se insere. Leia as assertivas abaixo e marque a ÚNICA opção que não corresponde às finalidades do projecto político pedagógico:

R.: Servir como instrumento de inserção social, aproximando a academia das comunidades adjacentes.

78 – PARAFRASEAR significa:

R.: Referenciar as palavras de um texto por outras de sentido equivalente, mantendo, porém, as ideias originais.

79 - Sobre a produção textual académica/científica é correcto afirmar:

R.: Um texto académico apresenta discussão de ideias, métodos, técnicas, processos e resultados de investigações teóricas ou práticas.

80 - O senso comum é uma produção de conhecimento significativa e de grande abrangência societária. Podemos indicar como pressupostos básicos do senso comum: I. Crenças sobre os fenómenos naturais e sociais. II. Produção de valores transmitida pelas relações sociais. III. Conhecimento produzido através de rigorosa colecta de dados.

R.: Somente as opções I e II ESTÃO CORRETAS

81 - O conhecimento popular, também denominado de vulgar, empírico ou sensocomum,

resulta do modo espontâneo e corrente de conhecer.

PORTANTO

O conhecimento popular é sistemático, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teorias) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Neste sentido, podemos afirmar que:

R.: A 1ª afirmativa é verdadeira e a 2ª falsa.

82 - Estudamos em nossas aulas que o conhecimento científico difere das ideias do senso comum. Considerando a notícia abaixo, assinale a resposta correcta. Beijar bem é uma ciência, beijar emagrece e oxigena o cérebro, se depois daquele primeiro beijo alguém disser que rolou uma química entre vocês, não aperte o eject tão rapidamente. Apesar de surrada, a frase contém um pouco de verdade. Para a neurocientista americana Wendy Hill, a ciência do beijo (filematologia) ainda é uma área pouco estudada. Mas algumas coisas relacionadas com o beijo são conhecidas.(...) Beijar libera os mesmos neuro transmissores (mensagens químicas para o cérebro) que uma carga intensa de exercícios, como uma corrida de longa distância.(...) acelera o batimento cardíaco e dilata os vasos sanguíneos, favorecendo a absorção de oxigênio pelo corpo. Na pesquisa, Wendy analisou os níveis de cortisol e oxitocina - hormônios ligados ao estresse e ao prazer, respectivamente. (Adaptado de O Globo, Caderno Ciência, 22/02/2009).

R.: O senso comum é um saber fragmentado, superficial e subjectivo. Pode ser comprovado pelo conhecimento científico.

83 - Qual a parte do trabalho abaixo não é obrigatória no seu trabalho de pesquisa?

R.: Epígrafe.

84 - A NBR 14724 de 2011 especifica os princípios gerais para a elaboração de trabalhos académicos (teses, dissertações e outros), visando sua apresentação à instituição (banca, comissão examinadora de professores, especialistas designados/ou outros). Relativo às regras gerais de apresentação de um trabalho científico, marque a alternativa INCORRECTA.

R.: As margens, para trabalhos científicos, a fim de permitir uma encadernação e uma reprodução correctas devem ter: margem esquerda - 3 cm; margem direita -3 cm; margem superior - 2 cm; margem inferior - 2 cm.

85 - A Principal finalidade das regras de formatação dos trabalhos científicos consiste em:

R.: Garantir a eficiência da comunicação através da padronização.

86 - Segundo Mario Cortella, filósofo e professor de XXX, hoje em dia o estudante realiza uma pesquisa miojo. Ele utiliza a metáfora do macarrão instantâneo com a pesquisa igualmente rápida, realizada em sites na internet. Segundo o autor, a internet é apenas uma porta de entrada para a pesquisa. Sobre os cuidados que devemos ter ao realizar uma pesquisa na web (sites) é correcto afirmar:

R.: É fundamental observar a propriedade intelectual do material, analisando os dados pesquisados.

86 - Referência foi definida como um conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento. Assim, deve ser constituída de elementos. Que elementos seriam os citados nesta definição?

R.: Elementos essenciais e complementares, sendo o primeiro obrigatório e o segundo facultativo, respectivamente, na identificação do documento utilizado como fonte de informação.

87 - No trabalho científico é importante a apresentação das referências. É correcto afirmar

que referências:

R.: É um conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento que permite sua identificação individual.

88 - A Universidade tem o papel de fomentar à prática da pesquisa, ou seja, o estudante deve ser capaz de uma produção de conhecimento autônoma. Para tanto, o que deve ser privilegiado:

R.: A possibilidade de sistematizar e problematizar novas ideias, a partir dos conceitos e métodos estudados.

89 - A palavra Universidade provém do latim universitate e significa universalidade, totalidade, conjunto, corpo, companhia, corporação e comunidade. Porém, seu significado se expandiu e também serve para indicar o lugar de construção do conhecimento e da cultura. Configurando, assim, uma instituição que tem a tarefa de promover a ciência.

R.: Reflexão crítica da sociedade.

90 - Segundo a Lei 9394/94, a universidade deve exercer suas práticas educativas, com uma inserção social contextualizada. E para tal tarefa, deve observar padrões referenciais, focado no perfil de competências e habilidades. O que são competências e habilidades?

R.: São modalidades que estruturam a inteligência (ações e operações).

91 - Estudamos sobre projecto político pedagógico (PPP) na aula 10 e vimos que a inclusão da palavra político neste termo PPP expressa um conceito importante para a sociedade contemporânea. Qual é este conceito?

R.: Que a ação pedagógica no ensino superior precisa ser transformadora e preparar o universitário para o exercício da cidadania e de sua profissão.

92 - Do ponto de vista de seus objectivos Gil (1991), classifica as pesquisas em três categorias: exploratória, descritiva e explicativa. A pesquisa descritiva visa:

R.: Descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de colecta de dados como questionários e observação sistemática.

93 - Selecionar e delimitar o problema de pesquisa é importante para:

R.: Diminuir a extensão do assunto a ser abordado, evitando percorrer caminhos desnecessários, possibilitando o aprofundamento dentro dos aspectos que realmente são fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa.

94 - O resumo textual é um instrumento de estudos que possibilita uma releitura de um texto ou um livro. Sobre a elaboração de um resumo, é correcto afirmar:

R.: É de suma importância como técnica de estudo, pois possibilita ter acesso ao texto original, sem a necessidade de se feita uma outra leitura.

95 - São características do conhecimento popular:

R.: Valorativo, falível, inexacto.

96 - Contextualizar as idéias de um autor quanto ao quadro de ideias de uma época, comparar as ideias do texto com outras afins e assumir uma tomada de posição faz parte da:

R.: Análise interpretativa.

97 - O trabalho monográfico consiste:

R.: No tratamento estruturado e metódico de um único tema de pesquisa.

98 - Considerando que as informações estão confusas, marque a opção em que elas aparecem organizadas formando a referência de acordo com a ABNT: A divina comédia São Paulo: Círculo do Livro, [1983]. Tradução, prefácio e notas de Hernâni Donato. ALIGHIERI, D.

R.: ALIGHIERI, D. A divina comédia. Tradução, prefácio e notas de HernâniDonato. São Paulo: Círculo do Livro, [1983].100 -

99 - Indique qual das alternativas abaixo corresponde à ordenação correcta de uma referência bibliográfica:

R.: GOMES, L. Fernando. Novela e sociedade no Brasil. Niterói: EdUFF, 1998.

100 - A citação de citação pode ser definida como a:

R.: Citação de um texto a que tivemos acesso a partir de outro documento.

101 - A ordem de sequência numa referência de livro prevê:

R.: Indicação do(s) autor(es), título, local da edição, editora, ano de publicação.

102 - Uma teoria científica NÃO pode ser entendida como:

R.: Um sistema baseado em hábitos, preconceitos, tradições cristalizadas e sistematizadas pela exigência de coerência social, de forma a traduzir a verdade sobre a realidade existente.

103 - Considere as afirmações a respeito da abordagem qualitativa em pesquisa: I. A validade de um estudo relaciona-se, fundamentalmente, com frequência e duração das observações, tempo de permanência em campo e confiabilidade dos dados. II. Os julgamentos de valor do pesquisador não afectam a colecta e a análise de dados. III. A maior acuidade dos dados independentes do intervalo de tempo estabelecido entre uma observação realizada e seu registro escrito. IV. A categorização dos dados parte do arcabouço teórico da pesquisa e modifica-se ao longo do estudo pelo confronto constante entre teoria e material empírico.

Correcto: R.: I e IV.

104 - No exemplo que se segue, identificamos um determinado modelo de referência sugerido pela ABNT. Este modelo é aplicável a que tipo de documento? GRIZE, J. B. Psicologia genética e lógica. In: BANKS-LEITE, L. (Org.). Percursospiagetianos. São Paulo: Cortez, 1997. p. 63-76

R.: Livro.

105 - Todo trabalho científico organiza-se na forma de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Identifique, a seguir, o elemento pré-textual.

R.: Resumo.

106 - A actividade académica que tem como função principal disponibilizar à sociedade o saber produzido na universidade e ao mesmo tempo preparar o estudante para a vida profissional é:

R.: A extensão.

107 - O artigo científico tem como finalidade divulgar, em publicações especializadas, os resultados de uma pesquisa científica. Por mais modesto que ele seja, deve conter elementos essenciais e seguir determinados procedimentos. Assinale a única opção que NÃO está de acordo com as exigências de um artigo científico:

R.: Apresenta uma estrutura interna livre / aborda assuntos a partir de um enfoque consagrado.

108 - Considerando a estrutura de um artigo científico, marque a opção que apresenta a ordem correcta dos elementos:

R.: Título, resumo, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências.

109 - O seminário é uma técnica de pesquisa que se desenvolve através de:

R.: Pesquisa, discussão e debate.

110 - As citações podem ser identificadas por seu posicionamento no texto. A citação directa com mais de três linhas, de acordo com as normas da ABNT deve ter:

R.: Ter destaque de 4 cm do parágrafo, fonte menor do que o texto e espaçamento simples.

111 - Estudamos que ao elaborarmos uma citação directa, devemos tomar alguns cuidados. Neste aspecto, observe o exemplo abaixo e, em seguida responda ao que se pede:

R.: Citação directa, sistema autor-data, supressão.

112 - Estudamos as regras para citação. Aprendemos a fazer citações directas, indirectas se citações de citações. Neste sentido, marque a única opção correcta: I - Até três linhas ficará no corpo do seu parágrafo sem aspas duplas. II - A fonte da citação deve ser sempre referenciada. III - As aspas simples nunca devem ser usadas para indicar citação no interior da citação. IV - com mais de três linhas deve ser inserida no corpo do parágrafo entre aspas duplas.

R.: O item II está correcto.

113 - O trabalho monográfico consiste:

R.: No tratamento estruturado e metódico de um único tema de pesquisa.

114 - No exemplo: Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000, p. 59) afirmam que: "Aargumentação é uma acção que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente.", identificamos, respectivamente:

R.: Citação directa breve com dois autores e sistema de chamada autor-data.

115 - Fazem buscar um caminho a ser seguido, reunindo argumentos a favor de seu tema de pesquisa. Assim, analise as questões abaixo e assinale a que NÃO condiz com um elemento que esteja associado à justificativa de um trabalho de pesquisa científica.

R.: Conclusão.

116 - Referência é um conjunto de elementos que permitem a identificação de publicações, no todo ou em parte. Identifique a relação em que só há elementos essenciais que compõem as referências:

R.: Edição, local e editora.

117 - É uma entidade sem fins lucrativos que objectiva desenvolver um padrão de trabalhos académicos de forma a que possam adquirir normas comuns a toda comunidade de escritores e pesquisadores de áreas académicas. É importante que o graduando ou mesmo aquele que já está graduado possa utilizar-se de suas orientações, de forma a desenvolver melhor seu trabalho, estabelecendo uma formatação padrão. Estamos falando da:

R.: ABNT.

118 - Estudamos que existem regras específicas para citar um trecho de outro autor em nosso texto. Neste sentido, analise a citação abaixo, a partir das regras estudadas e, em seguida, marque a única opção que contém uma informação verdadeira. A literatura metodológica mostra que o conhecimento científico é adquirido pelo método científico e, sem interrupção, pode ser submetido a teste e aperfeiçoar-se, reformular-se ou até mesmo avantajarse mediante o mesmo método. Para melhor entendimento, segue exemplo da evolução científica na área da genética, especificamente no que se refere à clonagem, que é o processo da cópia idêntica de outro ser vivo produzido artificial e assexuadamente (FACHIN, 2006, p. 17).

R.: As citações directas com mais de três linhas devem figurar em parágrafo autónomo, com recuo de 4 cm da margem da esquerda, espaço simples e semaspas duplas.

119 - A pesquisa é uma actividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio do emprego de processos científicos. Ela parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso de método científico, busca uma resposta ou solução (CERVO, 2006). Assinale o trabalho

académico que atenda a esse conceito:

R.: Artigo científico.

120 - Analise as proposições a seguir e assinale a alternativa incorrecta:

R.: Na revisão bibliográfica devem aparecer apenas as obras que apoiem o caminho proposto pelo pesquisador, funcionando como uma base a partir da qual ele fundamenta seu trabalho.

121 - (Questão ENADE, 2002) Além de constituir uma exigência formal, contida inclusive na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o projecto pedagógico revela-se uma necessidade cotidiana das instituições educativas e um instrumento eficaz para a implementação de suas acções. Nesta perspectiva, o projecto pedagógico caracteriza-se, essencialmente, como:

R.: Um documento que se reflecte no currículo da universidade, construído e vivenciado por todos os envolvidos no processo educativo, que busca rumo, acção intencional e compromisso colectivo.

122 - Entende-se por citação a menção de uma informação extraída de outra fonte. Então, a citação pode ser:

R.: Directa ou indirecta.

123 - Ao preparar um trabalho de pesquisa, deve-se:

R.: Escolher bem o tema e problematizar a fim de obter soluções.

124 - De acordo com as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, para apresentação dos trabalhos académicos, a única opção incorrecta é:

R.: Na capa deve conter o nome do autor da pesquisa e do orientador.

125 - Sobre a relação entre pesquisa, extensão e ensino é correcto afirmar:

R.: Completam um circulo virtuoso entre inovação, aplicação e formação científica.

126 - Observe a referência e marque o que é considerado elemento complementar:

R.: GRASSI NETO, R. Curso de direito civil: parte geral. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997. 323 p. 323p.

127 - A elaboração do projecto político - pedagógico é um processo de consolidação da democracia e da autonomia da escola, com vistas à construção de sua identidade. É uma acção intencional, com um compromisso definido coletivamente, que reflecte a realidade, busca a superação do presente e aponta as possibilidades para o futuro. O projecto político-pedagógico é um documento que não se reduz à dimensão didático-pedagógica. Neste texto, o projecto político-pedagógico se constitui como:

R.: Definição de princípios e diretrizes que constituem o planeamento da instituição de ensino.

128 - Compreende, portanto a forma como a universidade pretende realizar seu ideal pedagógico e, assim, configura o material básico que direcciona a acção de todas as unidades académicas, orientando suas práticas pedagógicas. Neste instrumento são apresentados os currículos das diversas áreas com seus objectivos e especificidades. Assinale a opção abaixo que melhor define a proposta apresentada neste texto:

R.: PPP (Projeto Político Pedagógico)

129 - O projecto pedagógico de uma instituição de ensino é elaborado a partir de um conjunto de leituras e informações sobre as diretrizes que fundamentam os princípios e métodos da prática educativa, seu compromisso social de maneira contextualizada. São duas formas que podemos usar para designar o mesmo sentido de projectar, de lançar, de orientar, de dar direcção ou sentido a uma

ideia. De acordo com esta afirmação, a colocação da palavra Político, (Projecto Político Pedagógico), ressalta que: I - Não há acção pedagógica sem o compromisso com uma acção transformadora. II – Há uma preocupação com a formação para o exercício da cidadania. III - A universidade não tem compromisso social. IV - A universidade tem profissionais educados para atender os alunos.

R.: Apenas as opções I e II estão correctas.

130 - Considerando que: I - Metodologia significa, na origem do termo, estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. II - Método é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim. E metodologia (do grego *methodos* + *logia*) significa o "estudo do método". Podemos afirmar que:

R.: Todas as alternativas são verdadeiras.

131 - O Método Científico consiste na análise dos métodos de pesquisa, partindo do princípio de que existem quatro tipos de conhecimentos que embasam e formam o pensamento.

R.: Senso comum, filosófico, científico e religioso.

132 - Os métodos científicos mais comuns são o método indutivo e dedutivo. A este respeito, leia e analise, atentamente, as duas afirmativas abaixo: O método dedutivo é um método científico que considera que a conclusão está implícita nas premissas. Porque no argumento dedutivo, as conclusões seguem necessariamente as premissas: se o raciocínio dedutivo for válido e as premissas forem verdadeiras, a conclusão será verdadeira. Com base na análise feita, podemos afirmar que:

R.: As duas assertivas são verdadeiras, e a segunda completa a primeira.

133 - O conceito de Método Científico pode ser definido como:

R.: Conjunto de procedimentos por intermédio dos quais se propõe problemas científicos e colocam-se à prova as hipóteses científicas.

134 - Qual das seguintes afirmativas é verdadeira para a pesquisa quantitativa?

R.: Ela utiliza métodos estatísticos e traduz em números opiniões e informações para classificá-los e organizá-los.

135 - O professor de história WF, explicando os bairros da cidade do Rio de Janeiro, propôs uma pesquisa de campo aos seus estudantes. Mas ao falar em pesquisa, ressaltou que o aluno não poderia apenas consultar a internet ou observar a realidade, sem antes iniciar a pesquisa por:

R.: Investigação Planeada.

136 - Numa pesquisa realizada, por um grupo de estudantes de geografia, na Chapa dados Veadeiros (Goiás). O professor que liderava a pesquisa de campo fez a seguinte recomendação sobre a possibilidade de novas cavernas não catalogadas. Isto refere-se a que tipo de pesquisa:

R.: Pesquisa de Campo.

137 - O planeamento de uma pesquisa depende basicamente de três fases:

- I. **Fase decisória:** referente à escolha do tema, à definição e à delimitação do problema de pesquisa.
- II. **Fase construtiva:** referente à construção de um plano de pesquisa e à execução da pesquisa propriamente dita.
- III. **Fase redacional:** referente à colecta dos dados e informações obtidas na fase construtiva.

R.: As afirmativas I e II estão correctas.

138 - Na aula 4 destaca-se a importância da leitura. Tecnicamente é importante identificar os elementos de um livro para que a referência seja feita de forma correcta. Nesta obra: Narrativas da

cidade: perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea / Milton Julio Faccin, Maria Alice de Faria Nogueira, Élide Vaz(organizadores), pergunta-se: qual a forma correcta de referência aos organizadores?

R.: FACCIN, Milton; NOGUEIRA, Maria Alice de; VAZ, Élide (Org.). Narrativas da cidade: perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

139 - A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, quase a totalidade não sente esta sede. Nesta frase de Carlos Drummond de Andrade, conclui-se que:

R.: A leitura é a principal fonte de matéria-prima para o desenvolvimento do conhecimento.

140 - Durante a leitura, experimentamos um mundo totalmente novo ou melhoramos o nosso. De acordo com a aula, conclui-se que saber ler de maneira eficiente nos ajuda:

R.: A descobrir novos caminhos, fertiliza a inteligência, nos ajuda a compreender a vida e a viver melhor ao lado do outro.

141 - Antes de iniciar uma pesquisa você deve seguir os seguintes passos, excepto um. Assinale.

R.: Verificação da equipe.

142 - O Relatório é a parte final de uma pesquisa. Seu objectivo consiste em dar ao leitor o resultado completo do estudo, apresentando factos, dados, procedimentos utilizados, resultados obtidos, chegando a certas conclusões e recomendações (RAMPAZZO, 2005). Ele está estruturado em:

R.: Elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais.

143 - Qual é a primeira fase de um trabalho de pesquisa?

R.: Definição do que será estudado na pesquisa.

144 - Em relação aos trabalhos científicos, o que significa problematizar?

R.: Problematizar consiste em formular questões sobre o tema, ou seja, apresentar um questionamento que envolve o tema da pesquisa.

145 - Assinale a seguir a alternativa que NÃO apresenta um dos tipos de trabalhos académicos

R.: Colecta de dados.

146 - "Os termos pesquisa, trabalho científico, investigação científica são definidos como qualquer investigação metódica desenvolvida para fornecer informações que possam solucionar um problema" (VICKERY, 1972, p.33). O fragmento de texto acima expõe uma:

R.: Citação directa.

147 - Observe a estrutura correcta de uma referência: PATACO, Vera Lúcia P.; VENTURA, Magda Maria; RESENDE, Érica dos Santos.

Metodologia para trabalhos académicos e normas de apresentação gráfica.

4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 06 p. Nela, temos elementos essenciais e elementos opcionais. Assinale a alternativa que contém um exemplo de um elemento opcional.

R.: Número de páginas.

148 - Que função especial a Universidade desempenha na vida das pessoas?

R.: Educar pessoas para trabalhar com o saber, fornecendo as condições para que estas pessoas sejam capazes de utilizar o conhecimento em um mundo complexo que não raras vezes é pensado de maneira simplificada ou ingênua.

149 - O termo universidade provém do latim universitate e significa entre outros aspectos universalidade, totalidade, conjunto, corpo,. Esta concepção original evoluiu através dos tempos e na

actualidade representa: I. Lugar de construção do conhecimento e da cultura; II. Instituição que tem a tarefa de promover a reflexão crítica da sociedade; III. Local de formação privilegiada de recursos humanos para ciência e tecnologia.

R.: Todas as alternativas estão correctas.

150 - A produção científica estimulada nas universidades tem como objectivo o exercício da nossa capacidade de pensar e discernir, direccionados para análises de ambientes, dados e situações diversas. O que exige procedimentos intelectuais e técnicos (Gil, 1991). Assinale a ÚNICA alternativa que NÃO faz parte desse conceito:

R.: É o conjunto de actividades académicas desenvolvidas somente por docentes e que constituem os planos da aula a ser ministrada aos alunos.

151 - O ensino superior veiculado nas universidades e demais instituições educativas voltadas para esta formação tem por foco a construção do pensamento crítico do estudante. Assinale as principais características deste tipo de ensino: I. Implica no compromisso com o pensamento autónomo. II. Estimula uma conduta proativa e criativa. III. Fornece condições para a conscientização do que acontece na sociedade e no mundo. IV. Propicia a compreensão do processo de construção, expressão e articulação do conhecimento.

R.: Todas as alternativas estão correctas.

152 - A Plataforma Lattes é um sistema de informação curricular desenvolvido pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que integradados de currículos e instituições com o seguinte objectivo: I. Avaliar a competência de candidatos à obtenção de bolsas e auxílios; II. Selecionar consultores, membros de comitês e de grupos assessores para a produção científica; III, Subsidiar a avaliação da pesquisa e da pós-graduação brasileira.

R.: Todas as alternativas estão correctas.

153 - A Universidade encontra suas raízes na Europa medieval, por volta do século XII e XIII, tornando-se o lugar de debates e polémicas, sofrendo intervenções reais e eclesiásticas. No entanto, cada parte do mundo, desenvolveu um modelo específico. Assinale a alternativa que diz respeito ao modelo Europeu.

R.: Estas primeiras universidades eram frequentadas somente por pessoas que possuíam condições econômicas, além, é claro, da forte influência católica que estas pessoas tinham.

154 - Na actividade de planeamento do Projecto Político Pedagógico são definidas as finalidades e necessidades dos estudantes, professores, enfim, dos cursos de graduação. Por isso, não deve ser entendido como um documento acabado, mas em construção, considerando-se que, ao longo do tempo, algumas práticas precisam ser

R.: Revistas e modificadas.

155 - Sobre o projecto político-pedagógico (PPP) é correcto afirmar:

R. Trata-se de uma exigência legal para as instituições de ensino de todos os níveis de formação.

156 - A universidade apresenta uma função primordial que busca educar pessoas para trabalhar com o saber, formando um lugar natural para o diálogo e inovações. Esta postura formadora de profissionais e pesquisadores em todas as áreas estimula a universidade a desenvolver reflexões sobre suas práticas, sua missão e sua identidade. Todos estes atributos estão suportados por um instrumento de grande importância para a educação, qual seria este instrumento?

R.: Plano Político Pedagógico.

157 - Assinale nos elementos pré-textuais aqueles que são obrigatórios:

R.: Capa, folha de aprovação, sumário.

158 - Citação é um dos recursos utilizados em trabalhos científicos para trazer ao texto em elaboração uma informação extraída de outra fonte. A classificação permite dividi-la em três tipos, dos quais a citação directa é a mais aplicada. Qual das opções abaixo representa a correcta definição para a citação directa?

R.: Reprodução de parte do texto consultado e extraído do texto fonte, sem alterações de forma e conteúdo.

159 - Sistema utilizado por várias instituições de ensino superior e pela comunidade científica brasileira, com base em currículos que envolvem pesquisadores, estudantes, gestores e outros profissionais.

R.: Plataforma Lattes.

160 - O surgimento da universidade marcou um momento de transição na história da humanidade. Com o começo da vida urbana, do pensamento racional e da busca de novos paradigmas foi necessário criar espaços destinados à reflexão. Levando este facto em consideração podemos afirmar que a universidade encontra suas raízes:

R.: Na Europa medieval, por volta do século XII e XIII.

161 - A universidade surge na Europa, a partir dos séculos XII e XIII. Constituindo-se num espaço destinado ao debate e a produção de conhecimento. É papel da universalidade nos nossos dias:

R.: Educar o estudante com ênfase no pensamento crítico.

162 - A produção científica estimulada nas universidades tem como objectivo o exercício da nossa capacidade de pensar e discernir, direccionados para análises de ambientes, dados e situações diversas. O que exige procedimentos intelectuais etécnicos (Gil, 1991). Assinale a ÚNICA alternativa que NÃO faz parte desse conceito:

R.: É o conjunto de actividades académicas desenvolvidas somente por docente se que constituem os planos da aula a ser ministrada aos estudantes.

163 - Um dos maiores dilemas que se atravessa no curso universitário é a produção de textos técnico-científicos. Uma produção bem feita requer, além do domínio específico do tema e satisfatório conhecimento da língua instrumental (clareza, coesão, coerência) que o pesquisador saiba usar algumas técnicas facilitadoras, tais como: I. Fichamento, resumo, resenha. II. Internet: uso livre dos documentos encontrados. III. Consulta: livros, revistas, artigos científicos, sites. IV. Uso livre de imagens encontradas em meios eletrônicos.

R.: Estão corretas as opções I e III.

164 - É correcto afirmar, acerca de uma citação directa longa, segundo a NBR10520/2002 da ABNT:

R.: Visa fundamentar a escrita do autor e deve ser formatada com destaque de 4 cm da margem esquerda, espaço simples entre outros.

165 - Qual destes itens apresentam somente os elementos pré-textuais contidos nas normas de trabalhos científicos segundo a ABNT?

R.: Capa - Folha de Rosto - Lista de Siglas - Lista de tabelas – Sumário.

166 - Observe o trecho e identifique o tipo de citação expressa: De acordo com SILVA (2013, p.63) "O processo de pesquisa se dá em três etapas: o projecto de pesquisa (planeamento), a colecta e análise de dados (execução) e o relatório da pesquisa (apresentação dos resultados, redação

do texto final)".

R.: citação directa curta.

167 - As citações podem ser directas ou indirectas ou citações de citações. Assinale a opção que apresenta uma citação de citação:

R.: Segundo Vargas (apud ALMEIDA, 2004), é preciso ter credibilidade para ser verdadeiro.

168 - A estruturação e a formatação dos trabalhos académicos são orientadas pelas Normas da Associação Brasileira e Normas Técnicas (ABNT). Estes dois atributos são importantes para o resultado final de um trabalho académico. Desta forma, assinale a opção abaixo que mais se identifica com a importância dessas duas características:

R.: Atribui uma sequência lógica ao texto produzido e evita que cada indivíduo crie sua formatação e organização textual.

169 - Sabemos que o mais comum ao ouvirmos a palavra problema é pensarmos em obstáculo, contra tempo, situação difícil, conflito, e outras situações assim. Mas, no caso, quando o problema é científico caracteriza-se:

R.: Reflectir sobre um assunto que ainda não foi satisfatoriamente respondido.

170 - Ao escolher um tema para realização de um trabalho de pesquisa, devemos considerar não só o nosso interesse como também a:

- I- Originalidade do que tema que será pesquisado;
- II- Facilidade em encontrar uma bibliografia sobre o que está sendo pesquisado ;
- III- Segurança para desenvolver os argumentos que norteiam o trabalho;
- IV- Existência de uma bibliografia considerável sobre o assunto.

Estão correctos apenas os comentários:

R.: II, III e IV.

171 - Do ponto de vista da forma de abordagem do problema as pesquisas podem ser classificadas como:

R.: Quantitativa e qualitativa.

172- A Pesquisa é uma acção académica e por isso o pesquisador deve levar em conta determinadas condições e critérios para que seja validada. Diante disto podemos afirmar que a pesquisa deve ser um procedimento:

R.: Racional e sistemático que tem como objectivo proporcionar resposta aos problemas que são propostos.

173 - "De uma maneira geral, consiste em examinar e apresentar o conteúdo de obras prontas e publicadas, na maioria das vezes acompanhada de avaliação crítica. Embora possa conter uma crítica, o texto base já está pronto". O texto em questão refere-se à elaboração de:

R.: Resenha.

174 - Quanto à classificação, a pesquisa pode ser pura ou aplicada. Qual das definições a seguir explica a pesquisa pura.

R.: Envolve verdades e interesses universais sendo motivada basicamente pela curiosidade intelectual do pesquisador com o objectivo de gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista.

175 - Uma pesquisa só é considerada científica:

R. se for objeto de investigação planejada, desenvolvida e redigida conforme as normas metodológicas consagradas pela ciência.

176 - Uma pesquisa científica precisa observar o método. Porém, deve cuidar das etapas de cada processo, sua organização, que auxilia na construção do conhecimento. A partir deste

entendimento sobre a importância do método e as etapas de uma pesquisa, pode-se concluir que, a principal característica do Método Científico é:

R.: Sistematização.

177 - "O ministério da saúde adverte: Fumar faz mal à saúde". Você já leu isso em muitos jornais e revistas, já ouviu, com poucas variações, campanhas em rádio e televisão sobre esse mesmo assunto. Sobre que tipo de conhecimento se fundamenta a advertência do Ministério da Saúde?

R.: A advertência do Ministério da Saúde tem fundamento científico, porque o fumo é um dos causadores de doenças pulmonares e altamente cancerígeno.

178 - _____ é um conjunto de regras básicas de como se deve proceder a fim de produzir conhecimento científico. A alternativa que completa corretamente o conceito acima é:

R.: Método Científico.

GUIA PRÁTICO PARA

**ELABORAÇÃO DE PROJECTO DE
PESQUISA MONOGRAFIA,
DISSERTAÇÃO E TESE**

EDITORA RECIMA21
[HTTPS://RECIMA21.COM.BR](https://recima21.com.br)



ISBN -
978-65-998033-5-2

ANO, 2024

Doutor Francisco Alberto Mafuani